

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Campo Grande – MS
Agosto-2009

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosangela Villa da Silva.
Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS
Agosto-2009

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

APROVADA POR:

ROSANGELA VILLA DA SILVA, PÓS-DOCTORA (UFMS)

DERCIR PEDRO DE OLIVEIRA, DOUTOR (UFMS)

CELINA APARECIDA GARCIA DE SOUZA NASCIMENTO, DOUTORA (UFMS)

Campo Grande, MS, 25 de agosto de 2009.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde, força e coragem para lutar por um sonho.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens por seu por todo o apoio técnico.

À Professora Rosangela Villa da Silva, minha orientadora, pela compreensão e conselhos valiosos.

À professora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento por todas as orientações no exame de qualificação.

Ao Professor Dercir Pedro de Oliveira pelas sugestões e materiais que enriqueceram este trabalho.

Ao Professor Edson Carvalho que respondeu a todos os meus questionamentos estatísticos.

À Escola Estadual José Ferreira Barbosa, na pessoa da Professora Lúcia Costa, diretora no momento da pesquisa, pela acolhida e apoio, como amiga e profissional.

Aos meus alunos e informantes, que gentilmente atenderam ao meu pedido, pois sem eles este trabalho jamais existiria.

Ao meu esposo, que continuou ao meu lado, mesmo tudo parecendo tão difícil.

Às minhas companheiras de mestrado Andréa, Delinha, Eva e Maria Inês por todo o apoio, companheirismo e cumplicidade.

Às minhas amigas Sandra e Gerusa pelos conselhos e “puxões de orelhas”.

A todos aqueles que, mesmo tão distantes, me estimularam a persistir.

“Eu achu qui tudu na vida teim qui acontecê i... si a genti nãum errar na vida... a gente nãum sabi u qui vai acontecer depois... achu qui tudu qui aconteci na vida... passadu... presenti... até futuro... a genti teim qui passá... acontecer pra genti ver a realidadi... ou a genti ver algumas coisas... (risos)”

(Ari, informante sexo feminino, 17 anos, L290-293)

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 1: Características do tópico <i>versus</i> características do sujeito	31
Tabela nº 2: Distribuição de nº de falantes por idade, sexo e escolaridade	42
Tabela nº 3: Ausência e presença de tópico	51
Tabela nº 4: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda	53
Tabela nº 5: Elementos mórficos que constituem o tópico nas Construções de Tópico Anacoluto e Deslocamento à Esquerda	58
Tabela nº 6: Transitividade verbal	61
Tabela nº 7: Sujeito explícito <i>versus</i> sujeito implícito	62
Tabela nº 8: Presença do elemento contrastivo	64
Tabela nº 9: Elemento interferente	67
Tabela nº 10: Dimensão do tópico	69
Tabela nº 11: Número e pessoa do verbo na sentença-comentário	72
Tabela nº 12: Elementos mórficos que compõem Deslocamento à Esquerda	75
Tabela nº 13: Sexo do informante	76
Tabela nº 14: Faixa etária do informante	77
Tabela nº 15: Nível escolar do informante	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1: Percentagens de Construção de Tópico <i>versus</i> ordem Sujeito-Verbo-Complemento presentes na amostra	51
Gráfico nº 2: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à Esquerda	53

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
CAPÍTULO 1	
1 O Tópico e a Tradição Gramatical	17
1.1 O Pleonasma	17
1.2 O Anacoluto	18
1.3 A inversão	20
CAPÍTULO 2	
2 O Tópico, a Linguística Funcional e a Sociolinguística	24
2.1 Estudos e pesquisadores das Construções de Tópico	28
CAPÍTULO 3	
3 Procedimentos teórico-metodológicos	
3.1 Referencial teórico	37
3.2 Referencial metodológico	39
3.2.1 Critérios para seleção de dados	46
3.2.2 Critérios para uso do programa GoldVarb 2001	48
CAPÍTULO 4	
4 Descrição e interpretação dos dados	50
4.1 Variável dependente	50

4.2 Variáveis do Tópico	53
4.3 Análise de Anacoluto e Deslocamento à Esquerda	
4.3.1 Fatores Linguísticos	57
4.3.1.a Quanto ao elemento inicial	57
4.3.1.b Transitividade Verbal	59
4.3.1.c Sujeito explícito ou implícito	62
4.3.1.d Contrastividade	64
4.3.1.e Elemento de interferência no Deslocamento à Esquerda	66
4.3.1.f Dimensão do Tópico	68
4.3.1.g Número e pessoa do verbo	70
4.3.1.h Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda	73
4.3.2 Fatores Sociais	76
4.3.2.a Sexo do informante	76
4.3.2.b Faixa etária do informante	77
4.3.2.c Nível escolar do informante	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	90

LISTA DE ABREVIações

Anac – Anacoluto

C – complemento

CT – Construções de Tópico

DE – Deslocamento à esquerda

GT – Gramática Tradicional

oc – ocorrências

OD – Objeto direto

OI – Objeto Indireto

PR – Peso Relativo

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PN – pronome

Q – classes morfológicas como pronomes demonstrativos, indefinidos, possessivos.

S – Sujeito

SN – Sintagma Nominal

SV – Sintagma Verbal

SVC – Sujeito – Verbo – Complementos

T – tópico

Top – Topicalização

Tsuj – Tópico-sujeito

V – Verbo

VI – Verbo Intransitivo

VL – Verbo de Ligação

VTD – Verbo Transitivo Direto

VTI – Verbo Transitivo Indireto

VTI n-prep – Verbo Transitivo Indireto não preposicionado

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo das Construções de Tópico na fala dos alunos da Escola Pública Estadual José Ferreira Barbosa. Tem como objetivos averiguar com que frequência essa variante se manifesta na fala dos alunos; bem como qual de suas variáveis têm maior ocorrência (anacoluto, topicalização e deslocamento à esquerda); e verificar se há o predomínio das Construções de Tópico nas produções orais e se a ordem canônica da frase SVC (sujeito-verbo-complemento) é predominante, ou, ainda, observar se há o equilíbrio na coexistência dessas duas variações. Para a pesquisa em questão, usamos um cópulo constituído de gravações da modalidade falada da língua dos alunos da Escola Pública José Ferreira Barbosa, localizada na periferia da cidade de Campo Grande, MS, totalizando vinte e quatro informantes, de ambos os sexos. Nossa base teórica foi organizada a partir dos estudos de Kato *et alii* (2002), que classifica o Português como uma língua de tópico e de sujeito, e de Pontes (1987), que apontou o tópico como uma variante recorrente em todo o território nacional, se observada a fala espontânea, também tomamos como referências os trabalhos de Vasco (2006), Leite *et alii* (2002), Callou *et alii* (2002), Decat (1989) e Oliveira (1996), todos pesquisadores do tópico em Português falado no Brasil, seja sob um olhar sincrônico ou diacrônico. Na primeira parte do trabalho, tratamos da tradição gramatical e as regras de organização frasal; na segunda parte, abordamos o conceito do tópico e sua função dentro da língua, bem como pesquisadores que desenvolveram trabalhos em relação ao tópico e a sequência frasal dentro de uma perspectiva Sociolinguística e Funcional; na terceira parte, detalhamos a metodologia adotada para a coleta de dados, montagem do cópulo e critérios para análise do fenômeno; por fim, na quarta parte, apresentamos a descrição e análise das ocorrências do tópico na amostra. Assim, das tres mil, seiscentas e quarenta e quatro unidades sintáticas, seiscentas e oitenta e quatro apresentam sequência TSVC (tópico-sujeito-verbo-complementos), representando 18% do total da amostra, demonstrando que o Português do Brasil é uma língua sujeito-predicado, que admite o tópico como uma forma válida de organização sintática.

Palavras-chave: Português Brasileiro Falado, Sociolinguística, Sintaxe, Construções de Tópico.

ABSTRACT

This dissertation presents a Topic Construction study of the students' speech at José Ferreira Barbosa State Public School. It has as objectives to discover the frequency that variant shows in the students' speech; as well as which one of those variables has a greater occurrence (anacoluthon, topicalization and left displacement); and to verify if there is the prevalence of the Topic Constructions in the oral productions and if the canonical order of the sentence SVC (subject-verb-complement) is predominant, or, further, to observe if there is the balance in the coexistence of those two variations. For the research, it was used a constituted corpus of recordings of the students' speech at José Ferreira Barbosa State Public School, located in Campo Grande suburb, MS, totalizing twenty-four informers, of both sexes. Our theoretical base was organized from the studies of Kato et alii (2002), that classifies the Portuguese as a topic language and subject, and Pontes (1987), that pointed the topic a recurrent variant in the whole national territory, if the spontaneous speech was observed, we also took as references the works of Vasco (2006), Leite et alii (2002), Callou et alii (2002), Decat (1989) and Oliveira (1996), all the topic researchers in spoken Portuguese in Brazil, by a synchronous or diachronic look. In the first part of the work, we dealt with the grammatical tradition and the phrasal organization rules; in the second part it was approached the topic concept and its function inside the language, as well as the researchers that developed works in relation to the topic and the phrasal sequence inside a Functional and Sociolinguistics perspective; in the third part, we detailed the methodology adopted for the collection of data, corpus assembly and criteria for phenomenon analysis; finally, in the fourth part, we presented the description and analysis of the topic occurrences in the sample. Thus, from the three thousand, six hundred and forty four syntactic units, six hundred and eighty four present TSVC sequence (topic-subject-verb-complements), representing 18% of the sample total, demonstrating that the Portuguese from Brazil is a subject-predicate language, that admits the topic as a valid form of syntactic organization.

Key words: Spoken Brazilian Portuguese, Sociolinguistics, Syntax, Topic Constructions

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua materna é um meio de comunicação, por isso, costuma ser interpretada como fato social, ou seja, um produto e expressão da cultura de que faz parte, variando em função do tempo e do espaço, acompanhando a evolução da sociedade, refletindo seus padrões de comportamento. Neste sentido, a língua existe a partir da necessidade do homem de nomear o mundo que o rodeia.

O aspecto que mais destaca essa relação entre sociedade e linguagem é a variação linguística, que, segundo Calvet (2002), são duas ou mais formas de se dizer uma mesma coisa, em outras palavras, quando dois significantes têm o mesmo significado.

As variáveis linguísticas podem apresentar-se tanto no campo fonológico, morfológico, sintático, como no campo lexical. No campo fonológico, podemos citar exemplos como a troca da lateral [l] pela vibrante [r] em *bicicr~~e~~ta*, *bo~~r~~sa*, *cr~~a~~ro* e até mesmo a ausência da vibrante, como em *p~~o~~brema*¹. No campo morfológico, um caso de variação recorrente em Língua Portuguesa é a concordância no sintagma nominal, como em *as casas arrumada~~o~~ ou os gato~~o~~ amarelo~~o~~*². Em nível sintático, encontramos o pronome cópia como elemento de retomada ao tópico frasal, como em *A minha casa ela é azul com portão branco.*, ou ainda o uso de *nós* ou *a gente* para a primeira pessoa do plural³. No campo lexical podemos citar: *mandioca*, *aipim*,

¹ Para mais informações sobre o rotacismo, sugerimos os trabalhos de Costa (2006) e Cazarotto e Onofre (2009).

² Para mais estudos sobre a concordância no sintagma nominal, sugerimos os estudos de Tarallo (1999) e (2008).

³ Vários estudiosos dedicaram-se ao fenômeno do pronome-cópia e o uso de *nós* e *a gente*, entre eles, destacamos Omena e Duarte (2004), Muniz (2008) e Bueno (2003).

macaxeira; pálpebras, capa dos olhos, capela, entre outros amplamente estudados nos Atlas Linguísticos desenvolvidos em todo o território nacional⁴.

Assim, cabe à Sociolinguística o estudo das variedades linguísticas em relação à sociedade. Em sua fase inicial, tinha por objetivo descrever as diferentes variedades linguísticas que coexistem dentro de uma comunidade, sua relação com as estruturas sociais. Atualmente, engloba tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem em seu contexto sociocultural.

Nesta pesquisa, procuramos observar e analisar as Construções de Tópico (doravante CT), variações linguísticas que ocorrem no nível sintático, caracterizadas por apresentar um sintagma externo à sentença funcionando como mote frasal, chamando a atenção do interlocutor para o tema da mensagem.

Com base em estudos como de Kato *et alii* (2002), que classifica o Português como uma língua de tópico e de sujeito, e de Pontes (1987), que apontou o tópico como uma variante recorrente em todo o território nacional, se observada a fala espontânea, partimos da hipótese que alunos da periferia de Campo Grande usam as CT em produções orais, a fim de enfatizar o mote da mensagem. Para tanto, foram realizados vinte quatro inquéritos, com informantes de ambos os sexos, entre os seis e quarenta anos de idade, todos alunos da Escola Pública Estadual José Ferreira Barbosa, em Campo Grande (MS).

Essa escola foi escolhida por localizar-se em uma região afastada da área central da cidade e por atender alunos de baixa renda, ora filhos de trabalhadores do curtume, ora de trabalhadores de pequenas propriedades agrícolas da região, e fábricas do núcleo industrial. Acreditamos que, em virtude desses fatores, há um

⁴ Para mais estudos sobre o léxico, sugerimos a leitura de Oliveira (2007): ALMS, Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, trabalhos e artigos desenvolvidos pelo ALiB, disponíveis em <www.alib.ufba.br>, bem como as coletâneas de artigos organizados por Isquierdo (2001, 2004, 2007) em *As ciências do Léxico*.

menor acesso à variante padrão da língua (que se dá somente pela própria escola ou em raros programas de televisão) e o que tornará possível a identificação das CT na fala desse grupo.

Relacionamos três objetivos para o desenvolvimento deste trabalho: (1) verificar com que frequência as CT se manifestam na fala dos alunos; (2) levantar quais as construções mais recorrentes e (3) averiguar se há predomínio da ordem TSVC ou SVC, ou se ambas coexistem de maneira equilibrada na língua.

Tomamos como base o modelo laboviano de pesquisa, sob uma perspectiva sincrônica, que analisa grupo de indivíduos, levando em consideração o vernáculo⁵ e os aspectos sociais que interferem na fala, uma vez que a língua não é um produto individual, mas sim coletivo, um produto da comunidade de fala. Também nos apropriaremos em alguns conceitos da abordagem Funcionalista, que também concebem a língua como um meio de comunicação, analisando as estruturas gramaticais levando em consideração a situação comunicativa. Uma vez que, estes dois modelos não se negam, mas completam-se dentro dos estudos linguísticos.

A esta introdução seguem quatro capítulos, o primeiro, aborda o tópico dentro da visão tradicional, seu conceito e situações prescritas para seu uso; no segundo capítulo, apresentamos o tópico dentro dos estudos funcionalistas e sociolinguísticos; no terceiro, os pressupostos teórico-metodológicos que alicerçaram a análise; e por fim, no quarto capítulo, a descrição e interpretação dos dados; seguido das considerações finais.

⁵ “A fala corrente, do dia-a-dia, numa determinada comunidade. O termo [...] é mais geralmente usado em contraste com a *língua padrão*. [...] quando essa fala é percebida como diferente da forma padrão da língua.” (TRASK, 2004, p. 304).

CAPÍTULO 1

1 O Tópico e a Tradição Gramatical

Nossa tradição gramatical concebe o Português como uma língua de ordem Sujeito–Verbo–Complementos (SVC)⁶, o tópico é classificado como recurso comunicativo, dando ênfase à ideia contida na frase, ou empregado como figura de sintaxe, com função literária, neste caso a noção de tópico fica fora dos estudos referentes à estrutura sentencial da língua, sendo destacado somente seu valor enquanto recurso literário. Dentre essas figuras podemos citar a inversão, o anacoluto e o pleonasma.

A seguir, abordaremos alguns conceitos consoantes na GT sobre a ordem sintática e o fenômeno tópico, para tal consultamos três gramáticos: Cunha (1983), Rocha Lima (2006) e Bechara (2009).

1.1 O Pleonasma

Segundo Cunha (1983), o pleonasma é um recurso de ênfase e caracteriza-se pela repetição de um termo da oração para reiterar a ideia.

Dentre os vários tipos de pleonasma, classificados por Cunha (1983) está o *objeto pleonástico*, segundo o autor, “para dar maior realce ao objeto, é costume

⁶ Alguns autores adotam a terminologia SVO - sujeito-verbo-objeto (ROCHA LIMA, 2006, p. 236), para este trabalho, optamos pelo termo SVC - sujeito-verbo-complementos (BECHARA, 2009, p. 582), abrangendo aqui todas as categorias de complementação sintática, sejam eles integrantes ou acessórios, desta forma, incluem-se aqui os complementos verbais (objetos), nominais e adjuntos.

colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal.” (CUNHA, 1983, p. 581).

- (1) **Letras vencidas**, urge pagá-*las*, disse eu ao levantar-me. (Machado de Assis)

Para Bechara (2009, p. 594), no pleonasmos, o termo é repetido para mais clareza ou ênfase de uma idéia.

- (2) **Ao pobre** não *lhe* devo.

Em (2), o objeto indireto (ao pobre) é deslocado da sequência SVC para o início da frase, e retomado na sentença pelo pronome (*lhe*), assim como em (1), o objeto direto (letras vencidas) aparece na cabeça da sentença e é retomado posteriormente na forma do pronome oblíquo (*-las*).

1.2 O Anacoluto

Do grego *anakólouthous*, que significa sem sequência, caracteriza-se pela mudança da construção sintática, geralmente após uma pausa sensível. Segundo Cunha (1983, p. 581), é um fenômeno comum especialmente na língua falada.

- (3) **Aquela mina de ouro**, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos. (Camilo Castelo Branco)

Classificado por Rocha e Lima (2006) como um dos casos mais frequentes de *sintaxe afetiva*, o anacoluto consiste numa desconexão sintática, gerada pelo desvio da ordem frasal.

Quase sempre, o que determina o anacoluto é a colocação, no rosto do período, do elemento de maior relevo psicológico⁷. Nele se concentra por tal forma o nosso interesse, que não prestamos atenção a regularidade sintática e o deixamos valer por si, sem ligação com os demais membros da frase. (ROCHA LIMA, 2006, p. 490)

Assim, o anacoluto tem a função sintática de realce ou ainda pretende chamar atenção do interlocutor para determinado elemento da frase, recebendo destaque no início da sentença. Como podemos perceber nos exemplos citados por Rocha Lima (2006, *idem*):

- (4) **E o desgraçado**, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse. (Garrett)
- (5) Olha: **eu**, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana. (Guimarães Rosa)

Verificamos nos exemplos que o elemento que se deseja destacar vem ao início da sentença, acrescentando a ordem frasal um novo elemento, o tópico.

Bechara (2009, p. 595) afirma que, fora em situações especiais, aqueles que presam o falar e o escrever corretamente evitam o uso deste tipo de construção.

- (6) **Eu** que era branca e linda, eis-me medonha e escura. (Manuel Bandeira)

Bechara (2009, *idem*) também classifica como anacoluto as construções cujo elemento inicial é retomado durante a sentença em forma de pronome:

- (7) **A pessoa** que não sabe viver em sociedade, contra *ela* se põe a lei.
- (8) **Eu** parece-*me* que tudo vai bem.

Em (7), temos um período composto, no qual o tema (a pessoa) aparece na primeira oração, e é retomada na forma do pronome (ela) na segunda oração. Já em (8) temos uma sentença semelhante ao pleonasma, porém não é o objeto o

⁷ Daí o termo *sintaxe afetiva*.

elemento deslocado, mas o sujeito (eu) aparece duplicado na forma do oblíquo (-me).

1.3 A inversão

Bechara (2009, p. 582-583), ao abordar a *Sintaxe de colocação ou de ordem*, conceitua a inversão como qualquer ordem frasal que saia ao esquema SVC. A inversão que entra em choque com a norma geral de colocação é chamada de *anástrofe*:

(9) **De teus olhos** a cor vejo eu agora.

Vemos em (9) que, diferente do pleonasma, o mote frasal é deslocado para o início, porém não é retomado no decorrer da sentença, deixando uma categoria vazia após o verbo: “De teus olhos a cor eu vejo Ø.”, a sequência correta, mediante a ordem canônica, seria “Eu vejo a cor de teus olhos.”

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir *valor estilístico*. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional. Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. (BECHARA, 2009, p. 583 – grifo nosso)

No que se refere aos períodos compostos, Bechara (2009), ao abordar as *Figuras de Sintaxe* apresenta a **antecipação** que “é a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete” (BECHARA, 2009, p. 595):

(10) **O tempo** parece que vai piorar.

Em (10), temos a inversão dos termos dentro do período composto, no qual o sujeito da oração subordinada (o tempo) aparece no início da sentença.

Em Cunha (1983), a antecipação está conceituada junto com as demais Figuras de Sintaxe, denominada como *prolepse*. Assim como o pleonasma e o anacoluto, a prolepse tem função estilística, destacando um determinado elemento da frase e “consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra precedente, com a que se adquire excepcional realce.” (CUNHA, 1983, p. 583)

(11) **A Europa** dizem que é tão bonita, e a Itália principalmente. (Machado de Assis)

No exemplo (11), o autor inverte a ordem do período, no qual o sujeito da oração subordinada (a Europa), assim como em (10), é deslocado para o início da oração principal, deixando uma categoria vazia (**A Europa** dizem que Ø é tão bonita, e a Itália principalmente.).

Autores como Martins (2005, p. 34), Belford (2006, p. 13) e Vasco (2006, p. 25) ao tecerem comentários sobre o tópico na visão tradicional afirmaram que, de uma forma geral, as GT abordam o tópico como um recurso literário (*valor estilístico*), estudado juntamente com as figuras de linguagem, de sintaxe ou de estilo. Ao consultarmos Cunha (1983) e Rocha Lima (2006) confirmamos estas afirmações, pois somente localizamos o tópico como recurso estilístico. Porém, ao analisarmos a versão atualizada da *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara encontramos menções, mesmo que poucas, à topicalização de objeto, juntamente com os estudos sobre a estrutura frasal. Segundo o autor:

A transposição (*topicalização*) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto. (BECHARA, 2009, p. 417 – grifo nosso)

(12) **O lobo**, o caçador o viu. (BECHARA, 2009, *idem*)

Em (12) o objeto direto é deslocado para o início da sentença, ganhando destaque como mote frasal, seguido de uma sentença completa sem categoria vazia, pois o pronome oblíquo (o) atua como objeto fazendo referência ao mote (o lobo), este mesmo recurso aparece em outras gramáticas e é chamado de objeto pleonástico, porém Bechara (2009) usa a nomenclatura adotada pelos linguistas.

Da mesma maneira em orações com verbos transitivos indiretos, nas quais Bechara (2009), faz referência à topicalização ao abordar as possibilidades de uso do complemento indireto, afirma:

Acrescenta-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a *topicalizar-se*, isto é, a aparecer antecipado na oração (BECHARA, 2009, p. 422 – grifo nosso).

(13) **Ao aluno** sempre lhe dei muita atenção. (BECHARA, 2009, *idem*)

Vemos em (13) a topicalização do objeto indireto (ao aluno), sendo duplicado na sequência por meio do pronome (lhe).

No que tange ao tópico frasal na visão tradicional, observamos que não somente as gramáticas normativas abordam as CT como figuras de linguagem, como também algumas gramáticas escolares: “Quando ocorre a **inversão** da ordem dos termos da oração ou frase, o termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase” (INFANTE, 2004, p.720 – grifo do autor):

(14) **Professor** já não sou. (INFANTE, 2004, *idem*)

No exemplo (14), o predicativo do sujeito desvia-se da ordem canônica S-V-C e vai para a cabeça da sentença e, ao contrário do esquema de retomada que ocorre com o objeto pleonástico, deixa uma categoria vazia na sequência frasal.

Porém, algumas gramáticas escolares já apresentam alguma alteração se comparadas com as tradicionais, pois citam algumas pesquisas linguísticas atuais e abordam temas referentes à variação, ao regionalismo e ao preconceito linguístico, ou seja, levam em consideração também a língua em uso: “A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem” (INFANTE, 2004, *idem*).

Seguindo esta mesma tendência, Cereja e Magalhães (2005) abordam o objeto pleonástico:

Às vezes, para enfatizar o termo que funciona como objeto, costuma-se anuncia-lo por meio de um pronome obliquo com sentido e função equivalentes. A esse objeto de reforço dá-se o nome de **objeto pleonástico**. (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 275 – grifo dos autores)

(15) **Essas meninas**, já *as* vi em algum lugar.

(16) **Às minhas poesias**, mão *lhes* dava nenhuma atenção.

Porém, ao contrário de Bechara (2009), não é utilizada a nomenclatura *topicalização*.

Desta forma, nota-se que embora poucas gramáticas apresentem uma inovação quanto à variação linguística, a maioria dos gramáticos concorda com estes conceitos, abordando o tópico frasal como figura de linguagem, com função puramente estilístico-literária.

CAPÍTULO 2

2 O Tópico, a Linguística Funcional e a Sociolinguística

No século XX, surge dentro do estruturalismo um movimento que observava a linguagem a partir da sua multifuncionalidade, este novo olhar sobre os estudos linguísticos denominou-se Funcionalismo (LYONS, 1988, p. 207). Segundo a perspectiva funcional da sentença, determina-se a estrutura do enunciado de acordo com o seu contexto de uso.

Segundo Modesto (2006), “o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo”, dentro dessa concepção, o tópico não é visto como um desvio da língua (que deva ser evitado), mas um recurso usado pelo falante e determinado pelo contexto comunicativo.

Dentro desta perspectiva, a autora Orsini (2004), as CT caracterizam-se por apresentarem um “sintagma nominal anterior, externo à sentença, normalmente já ativado pelo contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de uma sentença-comentário”, sua função dentro da sentença é chamar a atenção do ouvinte destacando o tema da mensagem que o falante irá introduzir. Este esquema foge às regras SVC defendidas pela GT e estabelece uma nova ordem a TSVC:

(17) *A professora* ela é muito brava.

[[*A professora*] [[*ela*] [*é*] [*muito brava.*]]]
[[T] [[S][V][C]]]

(18) *O meu carro* roubaram a roda.

[[*O meu carro*] [[roubaram] [a roda Ø.]]]
[[T] [[V] [C]]

Em (17), temos o mote frasal [T] externo à sentença completa [SVC] sendo que o sujeito faz referência ao tópico por meio de um pronome (ela).

Já em (18), o tópico (*meu carro*) é deslocado do final da sentença, perdendo a preposição e a função de complemento (*Roubaram a roda do meu carro.*) e assumindo a função de mote frasal. A sentença comentário apresenta sujeito indeterminado (eles), porém respeita o esquema T(S)VC.

Tais construções não compõem um fenômeno linguístico novo, pesquisadores como Decat (1989) mostram registros datados de 1725 contendo elementos frasais topicalizados. Apesar disso, somente nos anos 70 do século XX, a partir dos estudos de Li & Thompson (1976)⁸, essa variação passou a despertar o interesse da comunidade acadêmica, tanto em estudos no nível sintático como no discursivo⁹.

De acordo com Linguística Funcional, as CT podem ser classificadas em quatro grupos em uso em PB, não como figura de linguagem em manifestações literárias, mas como organização sintática na fala espontânea. Essa classificação foi proposta por Pontes (1987) e retomada por Vasco (2006) e Orsini (2004):

a. Anacoluto: caracteriza-se por não apresentar nenhuma relação argumental, ou seja, vínculo sintático entre o tópico e o comentário, mas sim uma relação semântica, onde o falante anuncia o mote sobre o qual vai falar e depois faz

⁸ *Apud* Pontes (1987).

⁹ Callou (2002, p. 315) afirma que foi Ross (1967) a introduzir os estudos sobre as CT, porém para este trabalho tomamos como referência os estudos de Li & Thompson, citados em autores como Pontes (1987), Vasco (2006) e Belford (2006).

um comentário por meio de uma sentença completa (na gramática tradicional esse fenômeno também é chamado anacoluto). “De fato, tal tipo constitui a construção mais típica das línguas de tópico, até mesmo referido como verdadeiro tópico”, ao estilo chinês como mencionado por Chafe (1976, p.20, *apud* BELFORD, 2006, p.6 20).

(19) **Eu** agora, acabo a desculpa de concurso, né? (PONTES, 1987, p. 13)

(20) **Doce** eu gosto de gelatina, gosto de pudim... (ORSINI, 2004, p. 1)

Verificamos que os SN no início da sentença (eu / doce) não apresentam nenhum vínculo sintático com a sentença-comentário, sua relação é puramente semântica, onde o contexto contribuirá para um entendimento completo da sentença.

b. Topicalização: caracteriza-se pela existência de uma categoria vazia (\emptyset) dentro do comentário que poderia ser preenchida pelo tópico. Na visão dos gramaticistas é tradicionalmente chamada de inversão ou de antecipação (se em períodos compostos), pois os complementos verbais, objeto direto e indireto (OD e OI, respectivamente) são deslocados para o início da oração, invertendo a ordem canônica SVC:

(21) **Dessa cerveja** eu não bebo \emptyset . (PONTES, 1987, p. 12)

(22) **Aquilo** a Marinha ergueu \emptyset com um sacrifício brutal. (ORSINI, 2004, p. 1)

Em (21) e (22), constatamos que houve a movimentação dos OD (*dessa cerveja / aquilo*) do final da sentença para o início, deixando uma categoria vazia, assim a ordem tradicional seria: Eu não bebo *dessa cerveja*. e A Marinha ergueu *aquilo* com um sacrifício brutal.

c. Deslocamento à Esquerda: neste caso há a retomada do elemento inicial na sentença comentário, essa retomada acontece, em geral, por de um pronome, chamado de pronome-cópia ou pronome-lembrete, comumente 3ª pessoa *ele(s)*:

(23) **Os livros**, *eles* estão em cima da mesa. (PONTES, 1987, p. 12)

(24) **O avô do meu marido** *ele* é italiano. (ORSINI, 2004, p. 2)

Em (23) e (24), os tópicos (os livros / o avô do meu marido) foram retomados na sentença-comentário por meio do pronome pessoal, caracterizando o DE (conceituado na GT como *pleonasm*o).

d. Tópico-Sujeito: o tópico apresenta em si as funções de tópico frasal e de sujeito. Segundo Orsini (2005), “tópico e sujeito se fundem e o tópico passa a reunir traços de ambas as categorias”, uma das características compartilhadas é a concordância verbal.

Trata-se de um processo de gramaticalização, em que o tópico é reanalisado como sujeito, instaurando-se inclusive a concordância verbal, o que colabora para a manutenção da ordem canônica no Português do Brasil: SVO. É uma estratégia decorrente da tendência atual do PB de preencher o sujeito. (ORSINI, 2005, p.3).

Vejamos nos exemplos:

(25) **O Guaraná Antártica**, ___ é muito antigo. (VASCO, 2006, p.36)

(26) **A Tijuca** ___ já tem bastante prédio. (ORSINI, 2004, p. 2)

Dentro dos estudos do tópico, encontramos um conceito comum entre os autores, que o tópico-sujeito apresenta dificuldades de identificação e análise, pois,

num primeiro momento, pode-se confundi-lo com uma sentença SVC. (BELFORD, 2006, p.20).

Vasco (2006) em sua tese de doutoramento faz um estudo comparativo PB *versus* PE, ao exemplificar o tópico-sujeito, por ele chamado “topicalização de sujeito”, afirma que os excluiu das tabelas comparativas “pela dificuldade no reconhecimento destas CT a partir da distinção em relação às sentenças SVO”¹⁰, pois, numa primeira análise, há possibilidade de interpretar “O Guaraná Antártica” e “A Tijuca” como sujeitos da oração, pois essa CT apresenta semelhanças quanto a ordem dos elementos frasais, bem como sua concordância.

2.1 Estudos e pesquisadores das Construções de Tópico

Eunice Pontes, pioneira no estudo das CT em Língua Portuguesa no Brasil, analisa o português oral em paralelo com o escrito, onde na GT aparecem como figuras de linguagem, na verdade são CT. Sua obra, publicada nos anos 80, traz uma compilação de textos escritos com base nos resultados de seus estudos sobre CT, que também podem ser lidos individualmente. Seu *cópus* é composto por informantes da classe alta de Belo Horizonte, de nível universitário, entre 25 e 30 anos. Além de levantar a importância da CT na Língua Portuguesa, aponta sua semelhança com outras línguas. Pontes (1987) inicia seu trabalho abordando os estudos de Li & Thompson, reforçando a proposta da importância de uma classificação das línguas de acordo com as relações tópico-comentário ou sujeito-predicado. Segundo essas autoras, as línguas podem ser classificadas em quatro tipos (PONTES, 1987, p. 11):

¹⁰ VASCO, 2006, p. 36 (nota de rodapé).

a) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças segue a ordem sujeito-predicado (SVC). As línguas de origem indo-européias são exemplos de línguas com proeminência de sujeito;

b) línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como tópico-comentário (TSVC), como é o caso do chinês, por exemplo;

c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes vivendo harmonicamente. A língua japonesa é um exemplo de língua com proeminência de tópico e sujeito, assim o falante pode escolher entre uma ordem ou outra, de acordo com a mensagem;

d) línguas de proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclam e não se distinguem mais os dois tipos, como é o caso do tagalog, uma língua falada nas Ilhas Filipinas.

Segundo Pontes, o português sempre foi considerado uma língua com proeminência de sujeito, porém, com um olhar mais atento sobre o vernáculo, é possível perceber as ocorrências das CT, levantando, então, a hipótese de que a língua portuguesa esteja em outro grupo, o das línguas de proeminência de tópico e sujeito. Para a autora, ainda não são suficientes os estudos do português falado para que se possa determinar com exatidão a legitimidade dessa afirmação, mas quando passamos a observar a língua em seu uso diário, percebemos que as construções de tópico são recorrentes e ainda podem apresentar-se em vários tipos, tanto na língua oral como na escrita:

(27) **A Maria**, essa não quer nada com o serviço. (PONTES, 1987, p.12).

bem como na língua oral:

(28) Quanto a **mim**, estou me lixando. (PONTES, 1987, *idem*)

No estudo desenvolvido por Pontes (1987, p. 19-21), também é apresentado um levantamento das características das CT, com base na obra de Li & Thompson, características estas comparadas às do sujeito:

a) Definição: o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser definido ou indefinido;

b) Relações seletivas: o tópico não precisa ser relações seletivas (concordância) com o verbo, o sujeito obrigatoriamente necessita.

c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico, uma vez que o tópico não mantém relação com o verbo;

d) Papel funcional: uma vez que o sujeito nem sempre desempenha um papel semântico, pois muitas vezes pode ser uma categoria vazia, o tópico sempre traz em si o tema do discurso ou da sentença que segue;

e) Concordância verbal: relacionada com as características b e c, é raro encontrarmos um caso de tópico que concorde com o verbo;

f) Posição inicial na sentença: uma vez que sua função essencial é anunciar o discurso, o tópico sempre aparece no início da sentença, ao contrário do sujeito, que pode tanto aparecer no início, no meio, no final, ou ainda ser elíptico (quando está subentendido no contexto);

g) Processos gramaticais: como a reflexivização ou a passivação (verbos na voz reflexiva ou na voz passiva, respectivamente) não são possíveis em uma CT, pois o tópico é independente do sintagma, logo não pode governar tais processos gramaticais.

Tais características podem ser melhor visualizadas na tabela comparativa que segue:

Características	Tópico	Sujeito
Definição	+	-
Relações seletivas	-	+
Determinação pelo verbo	-	+
Papel funcional	+	-
Concordância verbal	-	+
Posição inicial na sentença	+	-
Processos gramaticais	-	+

Tabela nº 1: Características do tópico *versus* características do sujeito.

Em suma, o tópico é dependente do discurso, e tem liberdade para estender-se além dos limites frasais de acordo com o contexto de fala; enquanto que o sujeito é dependente da sentença, estando restrito às suas regras convencionadas na GT.

No que diz respeito às características das línguas com proeminência de tópico, Pontes (1987, p. 21-25) afirma:

1. a construção passiva é rara ou não existe (mas, segundo a autora, ainda não foram feitas pesquisas quanto ao uso da passiva na fala espontânea, fato este que dificulta a determinação do índice de ocorrências);

2. sujeitos vazios (como “*it*” em inglês ou “*il*” em francês) não são encontrados nas línguas de tópico, assim como em português que não há sujeito para frases existenciais pessoais ou que reflitam fenômenos da natureza;

3. presença do duplo-sujeito, os casos mais claros de construções do tipo tópico-comentário, de fácil identificação, não tem relação com o verbo;

4. controle de co-referência é feito pelo tópico e não pelo sujeito, ou seja, o tópico permite a presença do pronome-cópia;

5. nas línguas de tópico não há restrições quanto a qual elemento da sentença pode ou não, ser topicalizado: sujeito, objetos, adjuntos e predicativos, podem aparecer como tópicos em uma sentença;

6. sentenças básicas: as CT não devem ser consideradas transformações de outros tipos básicos de sentenças, mas elas mesmas são sentenças básicas, não podendo, assim, derivarem-se de outras.

Dessa forma, Pontes (1987, p. 25) demonstra, a importância da CT no português coloquial, concluindo seu trabalho classificando a língua portuguesa como sendo uma língua do tipo proeminência de tópico e sujeito, na qual tanto organizações sintáticas do tipo tópico-comentário e sujeito-predicado são coexistentes.

Sérgio Leitão Vasco (2006, p. 197-207) realizou pesquisas com as CT comparando a fala culta do PB e do Português Europeu (PE) e investigou as CT na fala popular carioca¹¹. Analisando as quatro variáveis das CT: anacoluto, deslocamento à esquerda, topicalização e tópico-sujeito (e suas variáveis) e discutindo a abordagem tradicional dos tópicos pelos gramáticos, Vasco (2006) levanta a questão: *PB: Língua de Tópico?* Buscando avaliar se o PB pode ser classificado como uma língua de proeminência de tópico dentro dos critérios elaborados por Li & Thompson (VASCO, 2006, p. 168).

¹¹ Tese de doutorado, UFRJ, 2006.

Seu *cópus* é composto por trinta falantes de ambos os sexos entrevistados em diversos bairros da área metropolitana do Rio de Janeiro, divididos em três faixas etárias, dos 15 aos 25 anos, dos 26 aos 49 anos e acima dos 50 anos de idade, sem curso superior. Das 1321 ocorrências de CT abstraiu os seguintes resultados:

Para Topicalização, 38% das ocorrências:

(29) **De infância** tenho... tenho uma amiga Ø...

(30) Porque **ditadura** só um manda Ø.¹²

Para Deslocamento à Esquerda obteve 34% dos dados da amostra:

(31) Olha, eu acho que **a violência**, *ela* nasce com cada um...

(32) **A gente**, às vezes de nós mesmos *nós* sabemos pouco.¹³

Anacoluto compõe 21% dos dados:

(33) ... mas agora **ser contra** eu não sou.

(34) **A gente** é bom ficar todo mundo ali junto.¹⁴

E tópico-sujeito somente 7%:

(35) **Essas casas** cabem muita gente.

(36) **Meus óculos** entraram água.¹⁵

Em sua conclusão, Vasco (2006, p. 207) dirige um olhar para o PB inserido em um contexto de mudança, analisando-o como uma variedade mais

¹² VASCO, 2006, p. 174-177.

¹³ VASCO, 2006, p. 151-155.

¹⁴ Exemplos de Anac, VASCO, 2006, 142-145.

¹⁵ Exemplos citados por VASCO, 2006, p. 185-186, para Tópico-sujeito.

próxima do tópico do que o PE, mas não caracterizou nossa variedade como língua de tópico pura.

Ainda no âmbito dos estudos da língua falada, porém sob uma perspectiva *sintaxe – fonologia*, estão os trabalhos de *Yonne Leite et alli* (2002) e *Dinah Callou et alli* (2002), que realizaram análises buscando averiguar a variação prosódica das CT. Assim, Leite (2002) realizou uma descrição das CT observando a curva entonacional, a pausa e a congruência sintática, bem como aspectos referentes á forma (número de sílabas, classe gramatical, oração finita ou reduzida, etc.) e funções semânticas. Callou (2002) buscou verificar se existem diferenças entre o nível sintático e o nível prosódico em Top e DE, observando fatores linguísticos, extralinguísticos e prosódicos, também comparados à estrutura sujeito-predicado.

Além dos estudos sincrônicos da CT na modalidade falada da língua, também tomamos como referência estudos da modalidade escrita da língua, como é o caso de *Maria Beatriz Nascimento Decat* (1989) que realizou um estudo diacrônico das CT com base em dados extraídos de correspondências (pessoais e oficiais) e diários dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX. As cartas e diários, neste tipo de trabalho, são escolhidas por sua natureza pessoal

(...) o que faz com que, mesmo escritos, se aproximem um pouco mais da oralidade, permitindo, por um lado, que se tenha uma possível recuperação dos padrões da língua falada em séculos anteriores ao nosso e, por outro lado, entrever aspectos que, já presentes na língua oral, estão sendo incorporados pela língua escrita de uma determinada época. (DECAT, 1989, p. 115).

Assim, com esta abordagem, a autora busca apontar as possíveis causas e mudanças no PB, e os fatores que corroboraram para estas alterações.

Em seu estudo, Decat (1989, p. 118 e 125) considera dois tipos de CT: as de sujeito e as de complemento (englobando aqui objeto direto, indireto e outros complementos pós-verbais). Assim, de um total de 244 textos, foram identificadas 99 CT, tais como:

- (37) **Os mares da Bahia** parece que foram escolhidos para o teatro das novas proezas.
- (38) **As fortalezas todas** achei Ø muito bem reedificadas.

Em (37), verificamos que as funções de tópico e sujeito se fundem, caracterizando a *CT de sujeito*. Já em (38) o objeto direto (as fortalezas todas) é deslocado para o início da sentença deixando uma categoria vazia após o verbo, caracterizando *CT de complemento*.

Na categoria *CT de complemento*, Decat (1989) também engloba os complementos topicalizados que foram retomados por meio de um pronome na sentença-comentário, com é o caso de:

- (39) **O corpo dos Ministros** achei-os em uma tal desunião, uma intriga entre si. (DECAT, 1989, p. 130)

No decorrer do seu trabalho, Decat (1989, p. 119, 124-125, 130-133) faz comparações entre as CT encontradas em seu corpus com as analisadas por Pontes (1987), verificando as construções frequentes em PB atual e as existentes nos dados diacrônicos, a fim de identificar as possíveis mudanças na organização sintática da língua.

Outro trabalho também realizado com a língua escrita sob uma perspectiva diacrônica é de autoria de *Dercir Pedro de Oliveira* (1996), com o objetivo de verificar se as CT recorrentes na modalidade oral, também são

frequentes em língua escrita, e se é possível, dessa forma, classificar PB como uma língua de proeminência de tópico.

Seu córpus é constituído por textos de origens e finalidades diversas, desde correspondências comerciais datadas da primeira metade do século XVIII, crônicas de Rosário Congro (Campo Grande/MS), páginas amarelas da Revista Veja e monografias da Especialização do Centro Universitário de Três Lagoas, visando averiguar a presença do tópico marcado (uma vez que o não-marcado confunde-se com o sujeito). Assim, da obra de Oliveira (1996, p. 155) podemos citar as seguintes ocorrências de CT:

(40) **da esposa**, ele nada mais sabia.

(41) **Casta e importante na sobriedade de suas linhas**, ele é um monumento.

Após análise das variáveis, Oliveira (1996) encontrou uma frequência de 9% para o tópico marcado, concluindo que PB é uma língua com predomínio de sujeito, porém admite o tópico.

CAPÍTULO 3

3 Procedimentos teórico-metodológicos

3.1 Referencial teórico

A Sociolinguística Variacionista, se comparada com as demais abordagens teórico-metodológicas, é muito nova, tendo início com os trabalhos de Willian Labov, nos anos 70 do século XX. Seu objetivo é o estudo da língua em uso, observando, descrevendo e sistematizando as variações da língua dentro de uma determinada comunidade de fala.

Entendemos a variação linguística como duas ou mais formas de dizer a mesma coisa dentro de um determinado contexto, cada uma dessas possibilidades ou formas constitui uma variante. O emprego da variante está relacionado a fatores intralinguísticos, também chamados de estruturais (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos) e extralinguísticos (que são as características sociais dos falantes como sexo, idade, escolaridade, classe social e grau de formalidade).

Assim, a Sociolinguística observa e descreve a língua em uso e identificando em quais situações os falantes optam por uma e outra variedade, demonstrando “a co-variação entre fenômenos linguísticos e sociais, procurando estabelecer entre eles uma relação de causa e efeito” (MARTINS, 2005, p. 82).

Também tomaremos como base alguns conceitos da Teoria Funcionalista que analisa a estrutura gramatical tomando como referência a situação comunicativa

(o propósito da fala, os falantes e contexto de fala), uma vez que estes elementos exercem grande influência sobre a estrutura linguística. Segundo Modesto (2006), a produção de um enunciado implica na interação de diversos fatores que contribuirão para o comunicar-se de maneira eficiente.

Desta forma, analisaremos três dos quatro tipos de CT identificadas no nosso corpus, levando em consideração fatores sociais e linguísticos, seguindo a classificação proposta por Pontes (1987), iniciando pelas construções nas quais o tópico apresenta somente vínculo semântico com a sentença-comentário, e não vínculo sintático que é o caso do **anacoluto (Anac)**:

(42) **O Titanic** eu gostei. (Son, I152)¹⁶

No exemplo (42), o tópico “eu” introduz o sintagma, seguido dele temos uma sentença-comentário (composta por uma sentença completa SVC) sobre o referido tópico. Entre a sentença-comentário e o tópico não há nenhum tipo de vínculo sintático, somente um vínculo semântico.

Em seguida veremos, a **topicalização (Top)** na qual há a mudança da ordem dos elementos da sentença:

(43) **Do primeiro casamento** dela ela tem dois filhos Ø. (Gab, I537)

Observamos que o objeto direto aparece no início da frase, seguido do verbo com o sujeito elíptico “eu”, assim, temos uma ordem TSVØ, que é diversa da canônica SVC.

¹⁶ O código “Son, I152” entre parênteses, corresponde ao nome do informante, que fora codificado para manter sua integridade, e ao nº da linha onde o dado aparece na transcrição do inquérito, respectivamente. Esta nomenclatura foi adotada para todos os informantes mencionados neste trabalho.

E o terceiro grupo analisado será o **deslocamento à esquerda (DE)**, que caracteriza-se pela retomada do tópico na sentença-comentário, por intermédio de um pronome.

(44) **Eu, a Marinês** né, *nóis* não esquentá não, deixo levar... (Mar, l346)

Neste exemplo, o SN “eu, a Marinês” inicia a frase indicando mote da mensagem, porém na sentença-comentário o falante retoma este mote por meio do pronome “nós”.

Nesta dissertação, optamos por não analisar o tópico-sujeito, seguindo as orientações de Vasco (2006) devido à dificuldade de identificação e análise desse tipo de tópico (como já mencionamos anteriormente).

3.2 Referencial metodológico

O *cópus* desta análise foi constituído por meio de gravações da modalidade falada da língua dos alunos de uma escola pública estadual da cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Por ser uma pesquisa de área urbana, decidimos realizá-la (delimitando dessa forma) com os alunos de uma escola pública de periferia, **Escola Estadual José Ferreira Barbosa**¹⁷.

Criada em 8 de julho de 1974¹⁸, a Escola Estadual José Ferreira Barbosa, a princípio oferecia ensino fundamental (na época chamado de 1º grau), hoje atende aproximadamente trezentas crianças e adolescentes, oferecendo-lhes não só o ensino fundamental, mas também o ensino médio. Destinada a atender a

¹⁷ A Escola Estadual José Ferreira Barbosa localiza-se na Rua Comandante Elias Ferreira, nº 55, Vila Bordon, Campo Grande - MS, CEP: 79104-695, telefone: (67) 3314 7057, e-mail: eejfb@sed.ms.gov.br.

¹⁸ Criada pelo Decreto nº 2.085 de 08 de julho de 1974, publicado no Diário Oficial de 12 de julho de 1974, do então estado de Mato Grosso.

comunidade da Vila Bordon - construída exclusivamente para os funcionários do curtume -, e região, Vila Popular, Vila Romana, Jardim Santa Mônica e Jardim Itália.

As entrevistas foram realizadas baseadas nas orientações de Tarallo (1999) de forma que os alunos falassem de assuntos do seu cotidiano da forma mais espontânea possível, emitindo opiniões e refletindo sobre temas que os levem a preocupar-se com o *que* falam, e não com o *como* falam, usando assim o vernáculo que é a fonte para os dados da pesquisa Sociolinguística.

Dentre as várias possibilidades temáticas para entrevistas gravadas escolhemos algumas das citadas por Villa da Silva (2004, p.41), em sua pesquisa realizada na comunidade corumbaense, dentre elas estão: perigo de vida, jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, medos, família, amigos, serviços públicos, violência nas ruas, o preço dos gêneros de primeira necessidade, escola e trabalho, interação com os outros membros da comunidade, viagens. Também consultamos o roteiro para entrevista elaborado por Martins (2005, p. 119) e o adaptamos a nossa realidade¹⁹.

Destacamos que os temas foram escolhidos de acordo com a faixa etária do informante, uma vez que, ao entrevistarmos uma criança de 6 anos, por exemplo, não poderíamos lhe fazer perguntas sobre trabalho, já que ainda não vivenciou essa experiência, e não há o que falar sobre o tema; da mesma forma que não perguntamos aos adultos e adolescentes sobre desenhos animados que assistem na televisão, uma vez que estão trabalhando e/ou já não se interessam mais por esse tipo de entretenimento. Assim, adaptações foram feitas, e para adolescentes e adultos utilizamos um roteiro fixo com perguntas multitemáticas (anexo nº4), para as crianças entre seis e nove anos simplificamos o roteiro (limitando-nos às perguntas

¹⁹ O roteiro usado para a entrevista com os informantes adolescentes e adultos está anexo a este trabalho.

do mundo infantil: desenhos animados, brincadeiras, família e escola) e utilizamos como recurso/apoio histórias em quadrinhos (anexos nº 1, 2 e 3), assim, em determinado momento do inquérito a criança tinha a liberdade de ler história e recontá-la com suas palavras.

A amostra em questão foi gravada nos meses de agosto e setembro de 2007, na Escola Estadual José Ferreira Barbosa, com alunos entre 6 e 40 anos²⁰, de ambos os sexos, totalizando vinte e quatro informantes. As entrevistas têm em média de 30 a 55 minutos e a transcrição dos textos foi realizada na íntegra, seguindo as normas para transcrição de entrevistas de pesquisas sociolinguísticas, adaptadas do Projeto NURC pelo Prof. Doutor Pedro Caruso²¹. Obviamente que, em alguns casos, os minutos iniciais de gravação são descartados, uma vez que o informante ainda está inibido pela situação de ser entrevistado.

Na tabela nº 2, apresentamos a distribuição dos falantes dentro das variantes sociais, uma vez que o número de falantes por grupo de fatores não é homogêneo. Estas diferenças são justificáveis, já que não é possível encontrarmos alunos com mais de vinte e cinco anos cursando o ensino fundamental regular, tampouco alunos com menos de quinze anos cursando o ensino médio. Na tabela em questão os códigos -15, 15-25 e +25, equivalem aos falantes com menos de quinze anos, de quinze anos a vinte e cinco anos, e mais de vinte e cinco anos, respectivamente; F1 corresponde aos alunos cursando a primeira etapa do ensino fundamental, F2 aos alunos que cursam a segunda etapa do ensino fundamental e EM são alunos do ensino médio:

²⁰ A Escola José Ferreira Barbosa oferece à comunidade a primeira e segunda etapas do Ensino Fundamental (correspondendo do 1º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 2º ano), como as salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram fechadas, a aproximadamente dois anos, é comum encontrarmos alunos com idade entre 30 e 40 anos retomando as atividades escolares, depois de muitos anos sem estudar.

²¹ Preti e Urbano (1990, p. 7-8).

Faixa etária	- 15		15 - 25		+ 25		Total
	M	F	M	F	M	F	
F1	4	3					7
F2	2	2					4
EM		1	3	4	2	3	13
total	6	6	3	4	2	3	24

Tabela nº 2: Distribuição de nº de falantes por idade, sexo e escolaridade.

Com os dados coletados, realizamos avaliações estatísticas a fim de medir a frequência do uso das CT na fala dos alunos, bem como quais as construções mais recorrentes. Esta avaliação foi possível, por meio do programa GoldVarb 2001²², versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul²³. Os grupos de fatores que compõem o Envelope de Variação são organizados em variáveis dependente e independente²⁴, sendo que esta última apresenta variantes linguísticas e extralinguísticas²⁵:

²² GoldVarb 2001 é um aplicativo .exe (programa formado por um único arquivo) de análise binomial, com base na versão anterior GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff (1990) para Macintosh. O GoldVarb 2001 foi desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação. (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001)

²³ Do inglês *Variable Rules analysis*, “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, 105).

²⁴ Existem dois tipos de variáveis: “as dependentes, que configuram o fenômeno variável, e as independentes, grupos de fatores, de natureza interna ou externa à língua e que podem exercer pressão sobre o fenômeno linguístico, determinando a frequência de sua ocorrência. São as variáveis, portanto, que vão condicionar positiva ou negativamente os parâmetros linguísticos indicadores de variação ou mudança linguística; são elas que, estando em competição na língua, no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra (NARO, 2003), possibilitam identificar uma série de categorias independentes que influem nas escolhas linguísticas.” (SALLES, 2004, p. 62)

²⁵ Para análise com o programa GoldVarb 2001, foi atribuído a cada fator um código aleatório, que aparece relacionado na frente do referido fator.

Variável dependente:

0 – ausência de tópico

1 – presença de tópico

1 Variantes Linguísticas:

1 Variantes das Construções de Tópico:

a – Tópico-anacoluto (Anac)

b – Topicalização (Top)

c – Deslocamento à esquerda (DE)

2 Quanto ao elemento inicial:

5 – SN composto por pronome

6 – SN composto por substantivo

7 – SN composto por outros

8 – SV (sintagma verbal)

3 Dimensão do SN:

1 – até três sílabas

2 – de 4 a 6 sílabas

3 – mais de 7 sílabas

4 Tipos de sujeito:

e – Explícito

i – Implícito

5 Quanto à transitividade verbal:

2 – verbo transitivo direto

3 – verbo transitivo indireto

4 – verbo de ligação

6 Número e pessoa do verbo na sentença-comentário

a – 1ª singular

b – 2ª singular (você)

c – 3ª singular

d – 1ª plural (nós)

e – 1ª plural (a gente)

f – 2ª plural

g – 3ª plural

7 Contrastividade:

c – presença de contraste

s – ausência de contraste

8 Elemento de interferência:

o – sem elemento de interferência

i – com elemento de interferência

9 Variante de Top - Classificação do objeto:

d – Top de objeto direto

i – Top de objeto indireto

10 Variante de DE - Estrutura do DE:

2 – pronome + pronome

3 – SN + pronome

4 – SN + SN

5 – SN + q (outra categoria não relacionada)

6 – (pronome + SN) + pronome

Variantes Sociais:

1 Faixa etária:

1 – menos de 15 anos

2 – entre 15 e 25 anos

3 – maiores de 25 anos

2 Sexo:

M – sexo masculino

F – sexo feminino

3 Grau de escolaridade:

1 – Primeira etapa do Ensino Fundamental

2 – Segunda etapa do Ensino Fundamental

3 – Ensino Médio

3.2.1 Critérios para seleção de dados

Ao analisarmos as vinte e quatro entrevistas, levamos em consideração um total de 3644 unidades sintáticas. Porém, antes de iniciarmos nosso estudo propriamente dito, faz-se importante esclarecer alguns pontos quanto à seleção dos dados que compõem a amostra: convencionamos que uma unidade sintática é uma sentença de sentido completo, independente da quantidade de verbos presentes, uma vez que encontramos CT, tanto em períodos simples, ou seja, sentenças compostas por uma única oração:

(45) **A minha filha de doze anos**, *ela* é terrível... (Mai, I299);

como também encontramos CT em períodos com mais de um verbo, como podemos perceber em

(46) **Embalá**, quase o mesmo né, *embalá* tem que ter muita agilidadi né, ou seja, tem que fazê muito rápido né... (Mai, I770)

Na sentença (46), temos o tópico constituído por um sintagma verbal SV (embalar) seguido por uma sentença-comentário, formada por duas orações, cujos núcleos verbais são diversos do SV que compõe o tópico (ter e fazer).

Outro ponto a esclarecer, é quanto ao núcleo do tópico. Seguindo alguns exemplos de Vasco (2006, p. 163), analisamos também CT cujo tópico é formado por SV, como podemos perceber no exemplo do referido autor:

(47) E só que aqui no Rio, **os pessoal que vem lá do Norte**, não sei o quê, *eles* chama tudo o pessoal de nana, né? (VASCO, 2006, p. 163)

Este tipo de sentença também foi encontrado nos dados da nossa amostra:

- (48) ... aí **você tem que esconder**, *escondo* o álco é tudinho escondido. (Fab, l194)²⁶

Seguindo exemplos do mesmo autor, também consideramos nesta análise, os tópicos cuja sentença-comentário aparece mais adiante numa oração subordinada ou coordenada:

- (49) **Muita liberdade**, [eu acho [que *muita liberdade* atrapalha qualquer jovem...]] (VASCO, 2006, p. 157).
- (50) **As duas mais novas**, [quando ia pra festa, [*elas às vezes acompanhavam né ela, [mas não era toda a vez não.]*]] (Mar, l252).

Em suma, consideramos neste trabalho, enunciados com sentido completo (independente se períodos simples ou compostos), contando como uma unidade sintática. Em contra partida, não consideramos como unidades sintáticas válidas para este trabalho, enunciados que não tenham em sua composição os elementos que compõem o tópico ou a sentença tradicional (TSVC ou SVC, salvo os casos do sujeito elidido). Com base nisso foram descartados enunciados truncados, em que o falante interrompe o discurso por algum motivo, geralmente para tentar lembrar ou para (re)organizar o enunciado, uma forma de auto-correção ou um policiamento na fala:

- (51) É... eu sou alegre mas assim.. um pouco alegre... um pouco... sei lá... (Mai, l58).

²⁶ Informante comentando sobre a convivência com alcoólatra.

Em (44), a informante apresenta dificuldade para explicar sua própria personalidade, então sua fala aparece truncada e um “sei lá” no final indicando sua insegurança em responder,

(52) Tem só eu... eu e a minha tia só... só minha mãe e minha tia só de parente (Raf, I34).

Já neste exemplo, o falante reorganiza sua fala três vezes para responder com exatidão a pergunta do inqueridor.

3.2.2 Critérios para uso do programa GoldVarb 2001

Antes que o capítulo quatro se inicie, com a apresentação dos resultados obtidos na análise, julgamos importante esclarecer alguns critérios para uso do programa GoldVarb 2001, de acordo com nossos objetivos e com fatos identificados durante o estudo.

Para atender nossos objetivos (1) e (3) fizemos uma rodada preliminar onde obtivemos as quantidades de ocorrências de TSVC *versus* SVC e as percentagens das mesmas; para atender nosso objetivo (2) excluímos todas as ocorrências de SVC em nossa amostra para que pudéssemos observar somente as variantes de CT, porém sendo três as variantes, não pudemos obter pesos relativos, uma vez que o programa GoldVarb 2001 não nos permite realizar análise multinomial, somente binomial. Sendo assim, para que pudéssemos prosseguir com a análise, selecionamos as duas variantes de CT mais recorrentes na amostra: Anacoluto e Deslocamento à esquerda. Outro fator que nos levou excluir as

ocorrências de SVC para a rodada final foram os *KnockOut*²⁷ em quase todos os grupos de fatores, uma vez que muitas características TSVC, não se aplicam à SVC.

Em suma, nossa análise e apresentação dos dados seguiram a ordem:

- i. Apresentação da variável dependente: presença e ausência de CT (item 4.1);
- ii. Apresentação das variantes das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à Esquerda (item 4.2);
- iii. Análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos levando em consideração Anacoluto e Deslocamento à Esquerda (item 4.3).

Solucionando, desta forma, os problemas encontrados durante a análise binomial.

²⁷ *KnockOut* ou *nocaute* é uma terminologia de análise do GoldVarb (utilizada em todos os programas da série VarbRul) “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). O nocaute é um problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que um grupo de fatores é zero, não há variação e o programa não tem com o *que* exprimir pesos e frequências.

CAPÍTULO 4

4 Descrição e interpretação dos dados

Analisar um fenômeno sob a luz da Sociolinguística é observar a língua como um instrumento social, adaptada a fatores internos e externos, ou seja, observar fatores linguísticos e sociais que podem influenciar a língua, criando assim novas variantes e variáveis, de acordo com o contexto de fala.

Como já mencionamos no referencial teórico-metodológico deste trabalho, analisamos a frequência do uso das CT, primeiramente, de uma forma geral, e em seguida a frequência de suas variantes Anac, Top e DE. Lembrando que a variante tópico-sujeito (Tsu), não foi analisada neste trabalho, uma vez que levanta muita polêmica e divergências em sua análise, devido a sua semelhança aparente com a sequência SVC (como já mencionamos anteriormente).

Ao analisarmos as vinte e quatro entrevistas, levamos em consideração um total de 3644 unidades sintáticas.

4.1 Variável dependente

Após observância dos critérios mencionados anteriormente, para as vinte e quatro (24) entrevistas, encontramos uma ocorrência de três mil, seiscentas e quarenta e quatro (3644) unidades sintáticas, sendo que seiscentas oitenta e quatro (684) com presença de tópico e duas mil, novecentas e sessenta (2960) seguindo a

ordem SVC. Apresentamos na tabela nº 3, os resultados totais obtidos pelo programa GoldVarb 2001, para presença e ausência de CT:

	oc	%	
Ausência de CT	2960	81	
Presença de CT	684	18	
Total da amostra	3644	100	<i>Input ,812</i>

Tabela nº 3: Ausência e presença de tópico.

Como é verificado a ausência de tópico, ou seja, a ordem SVC foi mais recorrente, com 81% de uso, sendo que as CT aparecem em menor número, ocupando somente 18% na fala dos informantes. Mesmo com uma percentagem relativamente baixa, a análise *binomial up/down*²⁸ nos forneceu um *input* de 0,812, demonstrando a relevância da variante popular na fala espontânea.

Também elaboramos um gráfico para melhor visualização das porcentagens referentes à realização de CT e SVC:

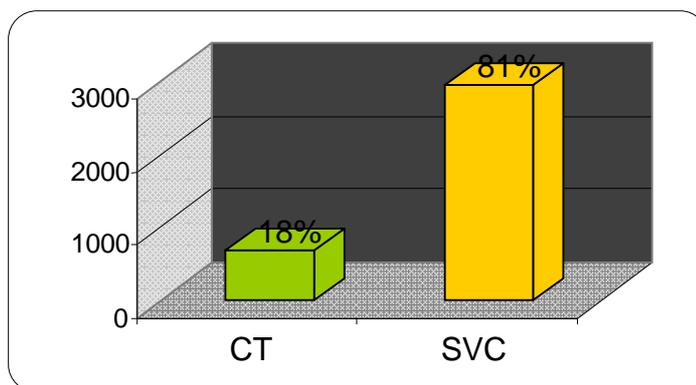


Gráfico nº 1: Percentagens de Construção de Tópico *versus* ordem Sujeito-Verbo-Complemento presentes na amostra.

²⁸ A opção *step* testa a significância de cada grupo de fatores, fornecendo informações sobre os “melhores” grupos de fatores (GUY & ZILLES, 2007, p. 164), ou seja, aqueles que favorecem a presença do fenômeno linguístico observado.

Ao observarmos dados de outras pesquisas também realizadas com as CT, encontramos percentagens relativamente próximas, como é o caso de Martins (2005, p. 74-75) que pesquisou o tópico na fala uberlandense e constatou que, de 2565 dados da amostra, 9% eram CT. Segundo a autora:

Os resultados obtidos, de acordo com o *cópus* investigado, parecem mais favoráveis a uma inferência de que o PB é uma língua que admite o uso de tópico, uma vez que as estruturas com sujeito foram significativamente mais frequentes. (MARTINS, 2005, p. 75)

Outros autores também apresentaram resultados semelhantes, nos quais o tópico não representa nem 20% da amostra: Salles (2004) ao realizar pesquisa sobre o uso do duplo sujeito, identificou uma frequência de 3%, de um total de 2400 sentenças. Martins (2005) ao pesquisar o Tópico *latu sensu* na cidade de Uberlândia, analisou um *cópus* constituído de 45 inquéritos, das 2565 sentenças abstraídas da amostra, 9% eram tópicos. Já Belford (2006) identificou em 22 inquéritos 15% DE (totalizando 230 oc) e 18% de Top (totalizando 328 oc). Vasco (2006), por sua vez, não colocou total de ausência e presença em percentagens, mas dos 30 inquéritos analisados, foram identificadas 1321 ocorrências de CT.

Com base nestes dados, constatamos que PB é uma língua que admite o tópico enquanto esquema de organização frasal, assim como Pontes (1987) e Vasco (2006) não classificaríamos PB como uma língua de tópico, mas como uma língua com orientação para o sujeito e o tópico (em menos escala).

4.2 Variáveis do Tópico

Para atender ao segundo objetivo da nossa pesquisa, averiguar qual das variantes de CT é mais recorrente na fala dos nossos alunos, fizemos uma rodada à parte com o programa GoldVarb 2001, na qual eliminamos as sentenças SVO, para que obtivéssemos somente as porcentagens de CT.

Como já mencionamos no capítulo 2, as CT são divididas em quatro grupos, porém para esta pesquisa nos limitamos somente a três: Anac, Top, e DE. Relacionamos, em forma de tabela e gráfico, os valores das porcentagens e total de ocorrências para esses grupos:

	oc	%
DE	352	51
Anac	263	38
Top	67	9
Total de CT	682	100

Tabela nº 4: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda.²⁹

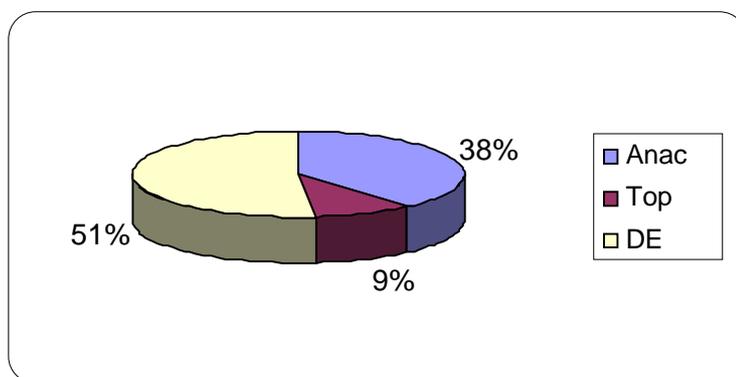


Gráfico nº 2: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda.

²⁹ Na tabela nº 4 não colocamos os pesos relativos, pois a versão GoldVarb 2001 somente executa análise binomial, e não foi divulgada a versão multinomial.

O gráfico nº 2 mostra a diferença entre as variáveis de CT. As informações do gráfico se complementam com as da tabela nº 4, nos quais apresentam 352 ocorrências para DE, compondo pouco mais da metade das ocorrências 51%; seguido de Anac com 263 ocorrências, compondo 38% do total; e por último com 67 ocorrências de Top, compondo 9% dos dados da amostra.

Outros autores, como já citados anteriormente, veem contribuindo com estudos sociolinguísticos sobre o tópico. Na pesquisa realizada por Vasco (2006), ao observar a distribuição das CT na fala carioca, das 1321 ocorrências de CT, 38% foram de Top, 34% DE, 21% Anac. Já em Orsini (2004), observamos dados analisados em dois períodos, a década de 70 e a década de 90, com base no acervo sonoro do Projeto NURC-RJ, nos quais 46% são Top, 42% são DE e 12% para Anac. Mesmo sendo da mesma metrópole, por serem informantes diferentes em épocas diferentes, as ocorrências oscilaram, porém Top permanece com maior índice em ambas amostras, o que não acontece nesta pesquisa.

Nossos resultados confrontam ambos trabalhos, apresentando DE como variante mais recorrente nas CT. Esta diversidade pode ser justificada se observada a própria estrutura do DE, uma vez que o falante tem necessidade em deixar claro o mote frasal, utiliza o tópico como recurso de ênfase e também o pronome-cópia como recurso sintático, reforçando mais uma vez o tema de que trata, como constatamos em

(53) **A mula-sem-cabeça** ela mata com o fogo da cabeça *dela*. (Luo, 1834)

No qual o informante usa o pronome para fazer referência ao mote. Esta preferência por DE também pode estar relacionada à tendência do preenchimento

do sujeito em PB, uma vez que, em determinados períodos, o mote não é o mesmo que o sujeito da sentença-comentário.

(54) **A mãe da minha mãe**, então eu sou mais apegada com *e/a* lá. (Pat, l266)

Em (54), o tópico (a mãe da minha mãe) não coincide com o sujeito do verbo da sentença-comentário (eu), assim a organização da sentença seguindo o esquema DE contribui para clareza da mensagem, evitando que o interlocutor não confunda tópico com sujeito.

Assim, ao utilizar estes recursos, o falante garante que será compreendido por seu interlocutor, como forma de assegurar a qualidade da sua mensagem.

Elencamos algumas sentenças como exemplos das variáveis de CT:

a) Deslocamento à esquerda:

(55) **Minha família** *nós* foi no rio que tem aí no lado da Pedreira. (Ali, l49)

(56) É... tem **o homem mau** *e/e* tem uma caverna, tem o passarinho e tem a... a mãe da fada. (Tam, l111)

(57) Mais **o meu primo Frango** *e/e* pegou o meu dvd do Power Ranger (Lui, l496)

Em (56) e (57), o tópico é retomado na sentença comentário na forma do pronome *e/e(s)*, porém a pessoa a que se refere o pronome pode variar de acordo com o contexto de fala, como em (55) no qual o falante se inclui no tópico e usa o pronome *nós* no momento da retomada.

b) Exemplos de Anacoluto:

- (58) **URV** naquela época tudo aumentava todo dia né. (Mai, l137)
- (59) **O SUS** eu não sei se faz.. e aquele tal dia você vai lá pegar o resultado. (Mar, l685)
- (60) **As gírias** às vezes do jeito que eu falo, ele implica muito (Gab, l271)

Em (58), (59) e (60), constatamos que o tópico estabelece relações semânticas com a sentença-comentário, sem apresentar quaisquer vínculos sintáticos.³⁰

c) Exemplos de Topicalização:

- (61) ...mas **aqui** eu pensei primeiro na minha mãe Ø né. (Seb, l141)
- (62) **Jogo dos palitos** que eu tenho Ø também. (Luo, l775)
- (63) ...**uma infância de conhecimento** eu considero Ø. (Ari, l368)

Em (61), (62) e (63), verificamos que um dos complementos desloca-se do final para o início da sentença, assumindo a função de tópico, deixando uma categoria vazia (Ø), que poderia ser substituída pelo próprio tópico: “Eu tenho *jogo dos palitos* também.”, por exemplo.

Neste ponto do trabalho, vemos que as três questões iniciais foram respondidas: (1) (3) os falantes usam o tópico como recurso linguístico para organização frasal, mas a ordem canônica é de preferência da maioria dos falantes

³⁰ Alguns casos em Anac, porém, não couberam nos critérios estabelecidos:

(a) **Filme** ‘O amor não tira férias’ e ‘Como se fosse a primeira vez’ (Gab, l70) - Neste exemplo, constatamos o tópico “filme”, mas em sua sequência a sentença-comentário não corresponde a uma oração, mas sim a outros dois sintagmas nominais (os nomes dos filmes).

(b) **Mensagem** ‘ó, tô em tal lugar... ó, vamu levar o neném no médico... vamo sai?’ (Gab, l708) - Neste caso, o tópico “mensagem” é referência para uma representação de diálogo utilizada pelo falante, para demonstrar o conteúdo da mensagem.

entrevistados, com 82% dos dados da amostra e (2) das três variáveis de CT, a mais recorrente foi DE, compondo 51% das CT da amostra.

Porém, após leituras como as obras de Vasco (2006) e de Belford (2006), constatamos que as variações de CT podem ser mais exploradas, com base nos conceitos Sociolinguísticos e Funcionalistas. Assim sendo, realizamos mais de uma rodada com os dados da amostra, a fim de verificar outras características dentro desse fenômeno linguístico.

Trata-se da terceira análise do programa GoldVarb 2001³¹, no qual consideramos somente as variáveis Anac e DE, uma vez que foram as variantes mais recorrentes. A análise em questão apresentou como resultado da etapa *step-up/down* os grupos de fatores: Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda, Número e pessoa do verbo da sentença-comentário, elemento inicial (classe morfológica do núcleo do tópico) e a faixa etária dos informantes.

4.3 Análise de Anacoluto e Deslocamento à Esquerda

4.3.1 Fatores Linguísticos

a) Quanto ao elemento inicial:

Nesta etapa da pesquisa, procuramos observar as estruturas mórficas que compõem o tópico, para tal, levamos em consideração a classificação morfológica do núcleo do tópico:

³¹ Anexo nº 8.

I) Núcleo constituído de SN composto por pronome:

(64) ...**eu** qualquer serviço [eu] desenvolvo... (Ger, I364)

II) Núcleo constituído de SN composto por substantivo:

(65) **Aí a porta**.. eles abriram *a porta* e tem aquelas grades né... (Faa, I198)

III) Núcleo constituído de SN composto por outras categorias gramaticais, como demonstrativos, possessivos, advérbios e adjetivos:

(66) **Isso** aí..eu não concordo com *isso* aí e eu to achando fraco... (Ger, 920)

IV) Núcleo constituído de SV (oração):

(67) **Fazer uma faculdade** eu fico contente. (Ger, I1170)

Obtivemos os seguintes resultados:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
SN composto por pronome	15	13	93	86	108	17	.86
SN composto por substantivo	167	42	230	57	397	64	.58
SN composto por outras categorias	33	71	13	28	46	7	.28
SV	79	74	17	25	66	10	.27
totais	264	42	353	57	617	100	

Tabela nº 5: Elementos mórficos que constituem o tópicos nas Construções de Tópico Anacoluto e Deslocamento à Esquerda.

A tabela nº 5 mostra que das 617 concorrências de Anac e DE, 64% dos tópicos apresentam como núcleo palavras substantivas, seguidas dos pronomes, com 17%; SV com 10% e tópicos compostos por outras categorias compõem 7% do total.

Ao atribuímos como valor de aplicação ao uso de DE, verificamos que os pesos indicam que o falante tende a utilizar mais o pronome como núcleo do tópico (.86) do que os substantivos (.58).

No que tange exclusivamente ao uso do SN e SV para compor o tópico, nossos resultados estão consoantes com a pesquisa realizada por Vasco (2006, p.142), cujo objetivo era, em uma das etapas do seu trabalho, identificar os elementos mais recorrentes constituindo o tópico de Anac, em sua análise constam 58% dos tópicos compostos por SN, apenas 9% compostos por pronomes pessoais e 9% por orações (SV).

A maior recorrência de SN como núcleo do tópico está relacionada à própria função do tópico dentro da sentença, uma vez que o tema está relacionado, em grande parte, à pessoas, coisas e/ou lugares aos quais o falante faz referência, é natural que sejam colocados em destaque no momento da comunicação, seguindo dos comentários, ações e situações nos quais estejam envolvidos.

b) Transitividade verbal:

No que diz respeito à transitividade verbal, observamos verbos intransitivos, transitivos diretos e indiretos, bem como os verbos de ligação. Porém, constatamos que os verbos transitivos indiretos, ora eram preposicionados, ora não-

preposicionados, então julgamos necessário categorizar a transitividade verbal seguindo os critérios abaixo:

I) Sentença composta por verbo de ligação (VL):

(68) **A minha mãe** *ela* é doméstica (Gab, I339)

II) Verbo transitivo direto (VTD):

(69) **Irmã** (eu) não tenho. (Seb, I 20)

III) Verbo transitivo indireto preposicionado (VTI):

(70) **Do meu pai** que (eu) ganho. (Mea, I269)³²

IV) Verbo transitivo indireto não-preposicionado (VTI n-prep.):

(71) ... que **esse hino** até hoje eu gosto... (Son, I56)

V) Verbo transitivo direto e indireto (VTDI):

(72) **Do Lobisomem**... toda quinta tem que comprar uma roupa pra... *pro lobisomem nova*" (Tam, I568)

A seguir apresentamos a tabela com o resultado deste grupo de fatores:

³² Informante falando sobre jogos e vídeo game.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	%	oc	
VTI	31	47	34	52	65	10	.69
VTD	77	34	147	65	224	36	.66
VL	47	38	76	61	123	19	.61
VTDI	4	44	5	55	9	1	.56
VI	87	51	83	48	170	27	.49
VTI n-prep.	18	69	8	30	26	4	.31

Tabela nº 6: Transitividade verbal.

Assim, o verbo transitivo indireto favorece a presença do DE, com peso .69, seguindo do verbo transitivo direto com peso .66. Porém, é relevante observar que independente do valor de aplicação que atribuímos (DE), se observamos de uma forma geral, VTD tem maior percentagem de ocorrências, com 36% dos dados analisados, seguido de VI com 27% dos dados da amostra.

Esta preferência por verbos transitivos e intransitivos é inerente à própria estrutura da sentença e à qualidade da mensagem (ou seja, a compreensão satisfatória por parte do interlocutor) . Segundo Rocha Lima (2006, p. 340) “O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que sua supressão torna o predicado incompreensível, por omissos ou incompleto.” (grifo do autor), assim, com o intuito de comunicar-se com clareza, o falante dá preferência aos verbos transitivos para que, por meio dos complementos, as ações verbais estejam claras e sejam bem compreendidas por seu interlocutor.

c) Sujeito explícito ou implícito:

Com este grupo de fatores, objetivamos identificar se a presença do sujeito favorece ou não a presença do DE. Para tanto, esse grupo é organizado em dois fatores:

I) Sujeito explícito:

(73) **Curitiba** eu gostaria de morar. (Ger, l567)

II) Sujeito implícito:

(74) **A cobra cega** [você] coloca um pano aqui... (Vit, l185)

Na tabela nº 7, visualizamos os resultados obtidos sobre o sujeito nas orações:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Sujeito explícito	206	37	337	62	543	88	.62
Sujeito implícito	58	78	16	21	74	11	.22

Tabela nº 7: Sujeito explícito *versus* sujeito implícito.

Com peso .62, os falantes entrevistados tendem a preencher o sujeito nas CT, para peso .22 do sujeito implícito. Esta preferência pelo preenchimento do sujeito nas CT, nos remete aos conceitos de tópico e sujeito, enquanto o tópico é o assunto a ser tratado na sentença, o sujeito é o ser que age sobre o verbo, logo, tópico e sujeito nem sempre são os mesmos. Dentro deste contexto, deixar o sujeito

explícito na sentença evita qualquer comprometimento com a qualidade da mensagem.

Nossos dados estão de acordo com a pesquisa realizada por Belford (2006), com peso relativo .58, segundo a autora:

A presença do sujeito nesse caso pode ser explicada, considerando-se que, ao explicar-se o sujeito na oração, evita-se a confusão com o tópico e sujeito. Num primeiro momento, ao pronunciar-se o SN, dúvidas poderiam surgir para identificá-lo como tópico ou sujeito. (BELFORD, 2006, p.67)

Dessa forma, à função de sujeito é acrescida uma nova propriedade, a colaboração ou manutenção da inteligibilidade da mensagem.

Outra justificativa para a grande quantidade de sentenças com sujeito explícito é a tendência do preenchimento do sujeito que tem se revelado em estudos da modalidade oral do PB. Segundo Oliveira (1989),

De certo modo, ao transmitir a mensagem, o destinador tem interesse em que destinatário compreenda a mensagem. Isso pode ser a razão de os referentes aparecem reiterados, explicitados, interpretados, criticados (em ambos os sentidos) e, ainda, preenchidos. (OLIVEIRA, 1989, p. 147)³³

Em sua pesquisa com informantes de três capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), Oliveira (1989) aponta resultados favoráveis à preferência do falante do PB em preencher o sujeito, com 77% dos dados.

³³ Outros pesquisadores que observaram o fenômeno do sujeito expletivo: Kato e Negrão (2000), Duarte (2003), Bravin dos Santos (2005).

d) Contrastividade:

Para o grupo de fatores d), nosso objetivo foi identificar se a presença da contrastividade, ou seja, a presença de um elemento de contraste (como a conjunção adversativa *mas*) ou ainda um contexto adversativo, por exemplo; está corroborando para a ocorrência de DE:

I) Presença de contraste:

(75) **Minha irmã** é... ele é feio, velho, cricri, sistemático, mas *ela* gosta dele. (Gab, 1779)

(76) **Os jogadores** [eu] colocaria jogadores bons no lugar dos jogadores ruins... (Kar, 1163)

A presença do contraste, marcado pela conjunção adversativa *mas* em (75), e o nível semântico, no caso da CT (76), na qual o falante contrasta sua opinião entre a saída dos jogadores atuais que são ruins, e a troca por jogadores, segundo ele, bons.

II) Ausência de contraste:

(77) **Minha mãe**, *minha mãe* não trabalha mais... (Pat, 1828)

(78) Não, **os meus pais** *eles* se separaram. (Luc, 139)

Ao observarmos a tabela nº 8, verificamos índices de presença e ausência da contrastividade nas CT:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Ausência de contraste	219	45	260	54	479	77	.54
Presença de contraste	45	32	93	67	138	22	.67

Tabela nº 8: Presença do elemento contrastivo.

As percentagens na tabela nº 8 apontam maior recorrência de CT com ausência de contrastividade, levando em consideração os totais, com 77% para ausência, e 22% de presença. Porém, ao marcarmos como valor de aplicação DE, o programa GoldVarb 2001 nos aponta a preferência pelo uso de DE quando CT for contrastiva, com peso relativo .67.

Nossos resultados estão em conformidade com a pesquisa de Belford (2006), que, ao analisar a fala carioca, encontrou peso relativo .68 para a marcação do contraste, demonstrando a relevância deste recurso.

A opção pelo uso do elemento contrastivo é um recurso coesivo recorrente em PB e que, Segundo Braga (2004), tem sido investigado sob a luz da Teoria da Variação. Independente da ausência/presença do conector, enunciados adversativos auxiliam o interlocutor, por meio de comparações e/ou relações, na compreensão da mensagem. A preferência pela estrutura tópica com elemento co-referencial (DE) está relacionada não só ao uso elemento contrastivo, mas também a extensão da sentença, uma vez que, ao criar um contexto de contraste, o falante usa períodos compostos, muitas vezes distanciam o mote da sentença-comentário, favorecendo a presença do pronome como recurso de recuperação/referência ao tópico.

e) Elemento de interferência no Deslocamento à Esquerda³⁴

Propusemos dois grupos de fatores nesse item. No qual nosso objetivo é verificar se a presença de elementos de interferência entre o tópico e a sentença-comentário favorece ou não a presença do pronome co-referencial, elemento que caracteriza DE.

Segundo Pontes (1987, p. 26), o pronome-cópia caracteriza-se como um co-referente ao sujeito da sentença e que, a princípio, parece redundante, mas contribui para caracterização do tópico. Para ela, o aparecimento do pronome co-referente também pode ser justificado se observada a distância entre o tópico e o verbo: quanto maior a distância entre estes elementos maior a necessidade de deixar claro o referente.

Diante do exposto, para este grupo selecionamos os seguintes fatores:

I) Ausência de elemento interferente entre o tópico e a sentença-comentário:

(79) aí **o homem** *e/le* tava drogado... (Faa, l64)

II) Presença de elemento interferente entre o tópico e a sentença-comentário:

(80) **a Juliana**, foi uma vez, no começo do ano, que eu discuti com *ela*... (Gab, l391)

Após a rodada do GoldVarb, obtivemos os seguintes resultados³⁵:

³⁴ Quanto ao termo, Salles (2004, 72-74) usa a nomenclatura “interveniente”, enquanto Belford (2006, 71-73) usa “interferente”, para essa dissertação adotamos a nomenclatura interferente.

	DE	
	oc	%
Ausência de elemento interferente	167	46
Presença de elemento interferente	186	71

Tabela nº 9: Elemento interferente.

Ao observarmos os dados da tabela nº 9, verificamos que as diferenças são consideráveis, no que diz respeito a presença e ausência do elemento interferente, pouco mais de 20 pontos. Uma vez que a presença deste elemento aumenta a distância entre o tópico e a sentença-comentário, favorece a presença co-referencial em DE.

O maior índice de ocorrências do pronome-cópia em períodos longos ou compostos, justifica-se pela preocupação do falante em se fazer entender por seu interlocutor, ou seja, o zelo pela qualidade da sua mensagem. O falante, ao perceber que o mote se distancia da sentença-comentário, faz com este um elo por meio do pronome, retomando o tema, evitando que seu interlocutor equivocadamente pense que mudou de assunto. Assim em sentenças compostas como

(81) **As pessoas** é.. pensando que aquilo é melhor, *elas* vão seguindo a novela. (Kar, l220),

o informante retoma o mote (as pessoas) por meio do pronome (elas) para que seu interlocutor não perca o referente.

³⁵ O pronome-lembrante é uma característica de DE e não aparece nas outras variáveis de CT, o que impossibilita a análise binomial do GoldVarb 2001, logo não colocamos pesos relativos para esta categoria.

Nossos resultados são consoantes com a pesquisa de Vasco (2006, p.160), na qual há uma frequência maior de CT com “material interveniente”, 60%; para somente 40% sem “material interveniente”, de um total de 334 sentenças com DEsubj.

Belford (2006, p. 72), ao estudar a relação do DE com presença *versus* ausência do elemento de interferência afirma que: “Tais resultados, bastante polarizados, comprovam que a presença de elementos interferentes entre o SN e a sentença-comentário favorece o aparecimento do elemento co-referencial”.

É relevante ressaltar aqui que em estudos referentes à língua falada, os resultados variam de acordo com o contexto de fala e sócio-cultural: na pesquisa desenvolvida por Salles (2004, p.72-74) sobre a presença ou ausência do elemento interveniente, com falantes da cidade de Cascavel/PR, os dados mostraram que é neutra a influência destes elementos, uma vez que o peso relativo está muito próximo a .50.

f) Dimensão do tópico:

Pretendemos, com esse grupo de fatores, determinar se há influência da extensão do SN³⁶ para a presença da CT. Seleccionamos três fatores para esse grupo, a saber:

I) SN com até três sílabas:

(82) **Meu pai e/e** tem mais filme... eu tenho um pouco de dvd... (Mea, I40)

³⁶ Medido aqui em sílabas, seguindo o modelo em Belford (2006, p. 74-75).

II) SN contendo de quatro a seis sílabas:

(83) ...aí **o Peter Pano** aí *e/e* saiu correnu... (Vit, l250)

III) SN com sete sílabas ou mais:

(84) ... **meu amigo lá do Rio de Janeiro**, *e/e* chama Sebastião também. (Seb, l166)

Assim, apresentamos os seguintes resultados:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Tópico até três sílabas	90	30	210	70	300	48	.70
Tópico de 4 a 6 sílabas	107	54	91	45	198	32	.46
Tópico com mais de 7 sílabas	67	56	52	43	119	19	.44

Tabela nº 10: Dimensão do tópico.

A tabela nº 10 mostra que o tamanho do sintagma que compõe o tópico não contribui para a presença da CT, pois os tópicos menores, com até três sílabas, são mais recorrentes nas CT, com peso relativo .70.

Pesquisas citadas indicam diferentes resultados, como é o caso de Belford (2006), que consideraram favorável a presença de DE quando o SN for mais longo, enquanto Vasco (2006, p. 88), por sua vez, considerou que no PB os DE não parecem estar vinculados ao tamanho do SN.

Em nossa análise, observamos que com o peso .44, os sintagmas longos não influenciam a ocorrência de CT.

g) Número e pessoa do verbo:

O objetivo da análise deste grupo de fatores é verificar qual o número e pessoa do discurso são mais recorrentes nos verbos da sentença-comentário da CT. Ressaltamos que este número é observado independente se o sujeito da sentença é expletivo ou elidido, conforme mencionamos no início deste capítulo (p. 63).

Para esse grupo selecionamos os seguintes fatores:

I) 1ª pessoa do singular:

(85) **Esse aí** eu não me lembro Ø... (Tai, I97)

II) 2ª pessoa do singular – você:

(86) Porque **conversinha** você fica de conversinha, conversinha, não dá certo, sabe, eu não gosto disso. (Pat, I334)³⁷

III) 3ª pessoa do singular:

(87) ... e **eles** o pneu *deles* furaram... (Faa, I175)

IV) 1ª pessoa do plural – nós:

(88) porque **a morte** [nós] temos que aceitar. (Ger, I801)

V) 1ª pessoa do plural – a gente:

(89) Não porque assim...**eu e meu pai** *agente* não tem diálogo (Gab, I363)

³⁷ Podemos observar que em (79), temos duas sentenças-comentário para o mesmo tópico “conversinha”, a primeira “você fica de conversinha” e a segunda “eu não gosto disso”, que também se refere ao mesmo tópico.

VI) 2ª pessoa do plural – vocês:

Pretendíamos investigar este item antes da primeira rodada com os dados, porém ao detectarmos que não houve nenhuma ocorrência com a segunda pessoa do plural, eliminamos este item do grupo de fatores.

VII) 3ª pessoa do plural:

(90) Aí ficam **a Fabiane e a Jéssica**... *e/as* ficam falando, comentando da Edilaine... (Fab, I280)

Neste grupo de fatores é relevante esclarecer que na variante popular da língua é comum somente no primeiro elemento do sintagma, seja ele verbal ou nominal, aparecer flexionado, como exemplificou Tarallo (1999) *as meninas bunitaØ* ou *as meninaØ bunitaØ*, no qual “o falante utiliza-se da variante não-padrão [Ø] nas duas posições finais do SN, retendo a marca de plural somente na posição inicial” (TARALLO, 1999, p. 9)³⁸. Neste caso, para análise deste grupo de fatores, optamos pelo número “contextualizado” do verbo, ou seja, mesmo que o verbo não esteja flexionado, mas seu sentido é plural, nós o classificamos no grupo plural. Assim sendo sentenças como:

(91) **Os Power Ranges do SBT** *e/e* lutam pela justiça. (Luo, I485)

foram classificadas como 3ª pessoa do plural, mesmo que o falante não tenha concordado o pronome, entendemos pelo tópico e pelo verbo que se trata de mais de uma pessoa.

Assim, abstraímos os seguintes valores da amostra:

³⁸ Outra pesquisadora que se dedicou aos estudos da variação na marcação do plural em SN foi Almeida (2008), que observou a fala dos moradores da comunidade ribeirinha de Corumbá/MS.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
1ª pessoa do plural (nós)	2	14	12	85	14	2	.86
3ª pessoa do singular (ele/ela)	126	34	239	65	365	59	.65
3ª pessoa do plural (eles/elas)	17	37	28	62	45	7	.62
1ª pessoa do plural (a gente)	10	45	12	54	22	3	.55
1ª pessoa do singular (eu)	99	61	61	38	160	25	.38
2ª pessoa do singular (você)	10	90	1	9	11	1	.09
2ª pessoa do plural (vocês)	-	-	-	-	-	-	-

Tabela nº 11: Número e pessoa do verbo na sentença-comentário.

A tabela nº 11 mostra que a 1ª pessoa do plural apresenta maior peso relativo, com .86, seguida da 3ª pessoa do singular, com peso .65.

Nota-se que a 1ª pessoa do plural está subdividida em nós e a gente, pois ambas variedades são válidas em PB. Segundo Muniz (2008), a forma *a gente* está concorrendo com a forma *nós* como representação da 1ª pessoa, mesmo que muitos gramáticos não reconheçam essa forma como expressão válida em PB, diversas pesquisas com o vernáculo atestam o uso das duas formas. Analisando os totais, em nossa amostra, houve uma sensível preferência pelo uso da variante *a gente* nas CT analisadas, corroborando com outros autores no que tange a alternância *nós / a gente*.³⁹

³⁹ Para saber mais sobre a variação entre *nós* e *a gente*, indicamos Bueno (2003), Muniz (2008), Braga (2003) e Lopes (1998).

h) Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda

O objetivo da análise deste grupo de fatores é observar quais elementos compõem a estrutura das CT do tipo DE, uma vez que se caracterizam pela retomada do tópico na sentença-comentário. Porém, ao selecionarmos todas as CT com DE, constatamos percebemos que, em algumas sentenças, o tópico poderia ser retomado, não somente por um pronome (seja pessoal ou demonstrativo), mas também por outro SN. Logo, para esse grupo, selecionamos os seguintes fatores, sendo que o primeiro elemento compõe o tópico e o segundo, a retomada na sentença-comentário:

I) Pronome e pronome (PN+PN)

- (92) ...porque **elas** *elas* jogaram bastante, só que não conseguiram e nem por isso desistiram. (Faa, l122)

Em (92), o tópico apresenta-se em forma de pronome (elas), que também é repetido na sentença-comentário.

II) Sintagma nominal e pronome (SN+PN)

- (93) ... e **a dona Teresinha** que *ela* não tem filha aí eu sou vizinha dela... (Tai, l177)

Neste segundo fator, o tópico é composto pelo SN (a dona Teresinha) que é retomado na sentença-comentário como pronome (ela).

III) Sintagma nominal e sintagma nominal (SN+SN)

- (94) **Gurizada no escuro** *uns doze guris* tudo cheirando maconha, tudo assim doze anos treze anos. (Ger, l528)

Neste exemplo, observamos que a retomada do tópico não ocorreu por meio do pronome, mas por outro SN.

IV) Pronome e sintagma nominal (PN + SN)

- (95) Agora **ele** *o Silvio Santos* inventou aquele que passa as pegadinhas lá, das provas. (Ale, l512)

V) Sintagma nominal e pronome indefinido (SN+Q)

- (96) Daí aquela hora que tocou **aquela parte** assim que... que ficou uma parte bem espiritual do filme que eu vi, em relação a toda a parte, eu vi uma parte espiritual *ali*. (Son, l64)

VI) Pronome e sintagma nominal e pronome ((PN+SN)+PN)

- (97) Mais com a Débora... **a Débora e eu**, *a gente* é muito legal. (Gab, l426)

Ressaltamos que, neste item, não colocamos peso relativos, pois DE é a única variável das CT que apresenta estrutura, logo não é possível compará-la à outra para exprimir sua probabilidade em forma de peso relativo.

	DE	
	oc	%
SN+PN	182	51
PN+PN	100	28
SN+SN	45	12
PN+SN	10	3
SN+Q	5	1
(PN+SN)+PN	6	1

Tabela nº 12: Elementos mórficos que compõem Deslocamento à Esquerda.

Os dados da tabela nº 12 indicam que a estrutura mais recorrente entre DE é composta por um SN constituindo o tópico, sendo retomado na sentença-comentário na forma de pronome, com 51% dos dados; seguido estrutura PN+PN, ou seja, tópico constituído de pronome, sendo retomado na sentença-comentário também por um pronome.

A preferência pelo substantivo como núcleo do tópico está relacionada à sua função de evocação do novo tema. Uma vez que, o substantivo nomeia seres, pessoas, objetos e lugares, o falante o usa como recurso para introdução de novos assuntos, ou seja, o tópico novo. Já o pronome como tópico da sentença, faz menção a um tema já evocado na mensagem ou numa sentença anterior, por exemplo.

Nossos resultados são consoantes com a pesquisa de Vasco (2006, p.151), referente ao sujeito da sentença-comentário em DE (DESuj), na qual 77% são compostas por pronomes do caso reto e 13% por outros elementos e 10% por

um SN idêntico. Já na pesquisa de Salles (2004, p. 81), a estrutura de DE apresenta maior incidência em PN+PN.

4.3.2 Fatores Sociais:

Quanto aos fatores sociais, selecionamos três grupos: sexo, idade e escolaridade, os quais apresentaram os resultados a saber:

a) Sexo do informante:

Ao observamos a tabela nº 14, constatamos que o sexo do falante não influencia muito pouco na presença ou na ausência da CT, pois seu peso relativo e percentagens são muito próximos e/ou equivalentes. No Deslocamento à Esquerda nota-se um leve favorecimento na construção do tópico, 57% e 56% para homens e mulheres, respectivamente.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Masculino	129	42	175	57	304	49	.57
Feminino	135	43	178	56	313	50	.57

Tabela nº 13: Sexo do informante.

É consenso entre estudiosos da língua que mulheres e homens têm falares diferentes, estas diferenças são visíveis independente do fenômeno linguístico que se estude, como em Monteiro (2000), Paiva (2004), Rocha e Onofre

(2009) e Cazarotto e Onofre (2009), falantes de sexo feminino tendem à variedade culta da língua e falantes do sexo masculino tendem à variedade inovadora.

Porém, nossos resultados apresentam-se equilibrados quanto ao uso das variedades observadas, nota-se a preferência pelo uso do DE, 57% para o gênero masculino e 56% para o gênero feminino. Em relação ao Anacoluto que apresentou percentuais menores de realização em nosso estudo.

Esta neutralidade foi encontrada nos dados de Salles (2004) e em Vasco (2006). Porém Vasco (*idem*, op. 138) destacou que sua amostra não era homogênea, o cópuz é constituído por entrevistas de treze homens e dezessete mulheres, em suas conclusões o autor relacionou as diferenças de ocorrências de CT, relacionadas às diferenças também na quantidade de informantes.

b) Faixa etária do informante:

Conforme mencionamos ao final do capítulo 3, dividimos os falantes entrevistados em três faixas etárias: informantes com menos de 15 anos, informantes entre 15 e 25 anos e informantes com mais de 25 anos de idade, como verifica-se na tabela nº 14:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Menos de 15 anos	84	30	189	69	273	44	.69
Entre 15 e 25 anos	60	41	84	58	144	23	.58
Mais de 25 anos	120	60	80	40	200	32	.40

Tabela nº 14: Faixa etária do informante.

Constatamos que as diferenças entre as faixas etárias não são muito grandes, sendo que falantes com idade inferior aos 15 anos tendem a utilizar CT com DE, com peso relativo .69; seguidos de falantes com idade entre 15 e 25 anos, com .58; e por último, com peso .40, falantes com mais de 25 anos de idade.

Esta preferência pela variedade padrão da língua na fase adulta está relacionada ao contato com a norma por intermédio da escola, meios de comunicação e/ou ambiente de trabalho (que tende a ser mais ou menos formal de acordo com o contexto), assim, o falante policia sua fala e tende a produzir enunciados mais próximos à norma.

c) Nível escolar do informante:

Para este grupo, selecionamos três níveis escolares: 1ª etapa do Nível Fundamental, que compreende do 1º ao 5º ano regular; 2ª etapa do Nível Fundamental, que compreende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; e Ensino Médio regular⁴⁰.

⁴⁰ A nomenclatura *regular* é comumente utilizada no ambiente escolar para distinguir o curso de doze anos (nove fundamental e três médio) dos cursos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), também conhecidos como aceleração, que tem menor duração, visando “recuperar” alunos que estão há muito tempo fora da escola. Porém, como a Escola José Ferreira não oferece mais salas de EJA, não incluímos este nível escolar dos dados da pesquisa.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
1ª etapa Ensino Fundamental	49	29	115	70	164	26	.70
2ª etapa Ensino Fundamental	17	37	28	62	45	7	.62
Ensino Médio	198	48	210	51	408	66	.51

Tabela nº 15: Nível escolar do informante.

Verificamos que os falantes iniciantes na vida escolar, tendem mais ao uso de DE como forma de organização frasal, com peso relativo .70; já falantes que estão cursando o Ensino Médio apresentam menor recorrência de DE, com peso .51.

Salles (2004) também constatou uma predominância do sujeito duplicado nos informantes de ensino fundamental.

Nossa análise mostrou que essas diferenças também estão relacionadas ao tempo de contato com a variedade padrão da língua, e com o papel social da escola, enquanto entidade difusora desta variedade linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho, analisamos o tópico na fala de alunos da Escola Estadual José Ferreira Barbosa. Partindo da hipótese que PB é uma língua com proeminência de tópico e de sujeito, verificamos a frequência do tópico na fala dos alunos; levantamos quais as construções mais recorrentes, averiguamos se há predomínio da ordem TSVC ou SVC, ou se ambas coexistem de maneira equilibrada na língua, e realizamos um estudo com Anacoluto e Deslocamento à Esquerda, as duas modalidades de tópico mais recorrentes em nosso corpus.

No que tange à organização da estrutura sintática dentro do grupo de falantes em questão, verificamos que as Construções de Tópico são recorrentes e compreendem 18% dos dados da amostra, porém há a predominância da ordem Sujeito-Verbo-Complementos, com 82% dos dados analisados.

Quanto às variáveis de CT, constatamos que as mais recorrentes são Deslocamento à Esquerda, com 51%, seguidos de Anacoluto, com 38%, e Topicalização em menor quantidade, com 9%. Como pontuamos nos capítulos anteriores, optamos por um estudo aprofundado das variáveis de CT mais recorrentes, uma vez que a versão GoldVarb 2001, nos permite somente análise binomial de dados linguísticos.

Quanto aos fatores linguísticos, observamos oito variáveis: classificação morfológica do tópico, transitividade verbal, sujeito explícito ou implícito, presença do elemento contrastivo, presença do elemento de interferência, dimensão do tópico, número e pessoa do verbo, e estrutura de DE.

Para o primeiro grupo, verificamos que substantivos e pronomes são mais recorrentes no tópico, sendo que os pronomes apresentam maior peso em DE, .89, e o substantivo apresenta peso relativo .58. Se observarmos o SN *versus* SV, verificamos que o SN é muito mais expressivo.

Quanto à transitividade verbal, VTD apareceram maiores percentagens (36%), seguido de VI (27%), mas ao atribuímos DE como valor de aplicação, constatamos que as sentenças-comentário cujo núcleo verbal é composto por VTI tendem mais à ocorrência de DE, com peso relativo .69, seguido de VTD com peso .66.

No grupo três, buscamos averiguar se o sujeito explícito ou o sujeito implícito favorece a presença de DE. Tanto em percentagens totais (88%) ou em peso relativo (.62), o sujeito explícito mostrou-se uma variante representativa para a ocorrência do fenômeno em questão. Este resultado está consoante com a tendência de preenchimento do sujeito recorrente em PB que tem se mostrado com base em estudos da modalidade falada.

Quanto à variável elemento contrastivo, é relevante notar que, de uma forma geral, a ausência de contraste, seja marcada sintática ou semanticamente, foi mais recorrente na fala dos nossos informantes, compreendendo 77% dos dados. Ao marcarmos DE como valor de aplicação, constatamos que a presença do elemento contrastivo favorece a presença de DE, com peso relativo .64.

No que diz respeito à variável elemento interferente, analisamos apenas DE, pois somente essa variável de CT apresenta em sua estrutura o pronome-lembrante ou pronome-cópia, assim nosso objetivo foi verificar se a distância entre o tópico e a sentença-comentário favorece a presença de DE, uma vez que o falante sente necessidade de fazer referência ao tópico para que o seu interlocutor não

perca o mote frasal. Constatamos que 71% de DE apresentavam elemento interferente, confirmando nossa hipótese de que a distância entre tópico e sentença-comentário favorece a variável DE.

Já a extensão do tópico não mostrou-se relevante para a presença de DE, pois tópicos menores com até três sílabas apresentaram peso relativo .70, tópicos de quatro a seis sílabas apresentaram peso .46, e os tópicos maiores representam a menor parte dos dados, com peso .44. Com isso, concluímos que tópicos menores favorecem DE e tópicos maiores favorecem Anac.

Quanto ao número e pessoa do verbo, verificamos que, de uma forma geral, a 3ª pessoa do singular é muito mais recorrente, compondo 59% dos dados, seguida da 1ª pessoa do singular, com 25%. Já os pesos relativos revelam que a 1ª pessoa do plural (nós) favorece a presença de DE (.89), seguida da 3ª pessoa do singular (.65).

Nosso último grupo de fatores linguísticos, refere-se à estrutura de DE. Nesta etapa constatamos que nem sempre o elemento de referência ao tópico que aparece na sentença-comentário é obrigatoriamente um pronome, em alguns casos o tópico foi retomado através de um SN. Porém, esta estrutura foi pouco recorrente (entre 12 e 3%). As duas estruturas mais encontradas foram SN+PN, em que o tópico é composto por um sintagma nominal retomado por um pronome (51%) e PN+PN (28%) em que o tópico é formado por um pronome que é retomado por outro pronome na sentença-comentário.

Quanto às variáveis sociais, percebemos que quanto menor o contato com a norma, maior é a ocorrência da variante popular. Assim os alunos que estão em seus primeiros anos do ensino fundamental tendem mais ao uso de DE, com peso relativo .70, os alunos na segunda etapa do ensino fundamental apresentam

peso .62, e os alunos do ensino médio, já com muitos anos de contato com a escola, apresentam menor tendência ao uso de DE, com peso relativo .51.

A variável faixa etária, acompanha o nível escolaridade no que tange à tendência de uso de DE, a variável de CT mais recorrente no grupo de falantes entrevistados. Os informantes menores de 15 anos, tendem mais ao uso de DE como estrutura organizadora da sentença; seguidos dos informantes com idade entre 5 e 25 anos, com peso relativo .58; os alunos que estão cursando o ensino médio, apresentaram peso relativo .40.

Já a variável sexo do informante, mostrou-se equilibrada, apresentando peso relativo .57, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. Diferente de outras pesquisas sociolinguísticas, as quais apontaram o uso maior da variedade padrão pelas mulheres e a variedade popular mais recorrente entre os homens.

Por fim, constatamos que a presença do tópico está relacionada à função da língua enquanto fato social: comunicar. Para que a comunicação aconteça com qualidade e a mensagem seja clara, o falante usa recursos linguísticos para destacar o tema a ser tratado e/ou retomá-lo em determinado momento da fala. Assim, a presença do tópico está relacionada a este destaque que o falante dá ao mote, colocando-o no início da sentença e sua retomada acontece por meio do pronome-lembrante, característica do DE, variável de CT mais recorrente em nossa amostra.

Acreditamos que é de suma importância a descrição das variações língua, para que estas possam subsidiar pesquisas e análises do idioma no futuro. A compreensão e a interpretação dos fenômenos da linguagem oral auxiliarão diretamente o professor no ensino da língua materna, pois já está comprovado que as variações linguísticas interferem no aprendizado da modalidade culta do idioma,

priorizada na educação escolar. Assim, esperamos que esta pesquisa contribua para a compreensão da língua enquanto instrumento de comunicação social por excelência, que reflete a sociedade em que está inserida, variando em tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Deusdélia Pereira de; VILLA da SILVA, Rosângela. *A linguagem dos pescadores de Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2008

BRAGA, Maria Luiza. *Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação*. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 101 - 116.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELFORD, Elaine de Moraes. *Topicalização de objetos e deslocamento e sujeito na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Dissertação de Mestrado em Linguística. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/eliaine_%20de_morais_belford.pdf> Acessado em: 01.11.2006.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. *O sujeito de 3ª pessoa: um estudo em tempo real*. Rio de Janeiro: Cadernos CNLF, série IX, nº 2, 2005. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/4/14.htm>>, acessado em 01.02.2009.

BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, a gente e o bóia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CALLOU, Dinah, et alii. *Topicalização e Deslocamento á esquerda: sintaxe e prosódia*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol. III. 3.ed. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 315-630.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Castelar de. *Saussure e a Língua Portuguesa*. UFRJ, ABF. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>>, acessado em 01.05.2008.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino do português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CAZAROTTO, Suely Aparecida; ONOFRE, Diana Pilatti. *Rotacismo: em final de sílaba, no interior da palavra: um estudo do comportamento linguístico de falantes da cidade de Angélica – MS*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. vol. 2: ensino médio. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 9 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Construções de Tópico em Português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal*. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p.113-139.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI *et alii* (orgs.) *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/fbonfim/biblioteca/artigos/O%20sujeito%20expletivo%20e%20as%20construcoes%20existenciais.pdf>>, acessado em 01.02.2009.

GUY, Gregory R. e ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa – instrumento de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e escritas*. São Paulo: Scipione, 2004.

KATO, Mary Aizawa. *et alii*. *Preenchimento sintático nas fronteiras de constituintes*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol. III. 3.ed. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 235-269.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Tradução José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

LEITE, Yonne, *et alii*. *Tópicos e adjuntos*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol IV. 2.ed. rev. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 313-330.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA* [on-line]. 1998, vol.14, n.2, p. 405-422. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006>, acessado em 02.02.2009.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MARTINS, Maria Luísa Aparecida Resende. *Uma análise sociolinguística das construções de tópico na fala uberlandense*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Uberlândia, MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2005, 130 p. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/dissertacoes/DISSERT181.PDF>>. Acessado em: 03.11.2006.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. *Abordagens Funcionalistas*. Revista Letra Magma: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 03, n. 04, 1º semestre de 2006. Disponível em <<http://www.letramagma.com/Abordagens.pdf>> acessado em 20.07.2009.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não-linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luíza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27 - 31.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUNIZ, Cleuza Andréa Garcia. *Nós e a gente: traços sociolinguísticos no assentamento*. Campo Grande (MS): UFMS, 2008. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *Constituintes Sentenciais: preenchimento, queda e ordenação*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1989.

_____. *O Tópico em Língua Escrita*. Uberlândia/MG: Revista Letras & Letras, v. 12, 1, 2, Jul./Dez. 1996, p. 149-161.

_____. (orgs) *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: UFMS, 2007.

_____. *A variação linguística no Brasil*. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, EdUFF, 2008, p. 93-100.

OMENA, Nelize Pires de, DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis Morfosintáticas. In MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 81 - 88.

ORRICO, Helio Ferreira, FERNANDES, Edicléia Mascarenhas. *Preconceito linguístico e exclusão social: a Sociolinguística como uma ciência inclusiva*. Cadernos do CNFL, série X, número 11, 2006. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/17/12.htm>>, acessado em 23.02.2009.

ORSINI, Mônica Tavares. *Análise entonacional das construções de tópico*. Rio de Janeiro: UFRJ, IX CNLF, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/06.html>>. Acessado em: 03.09.2008.

_____. *As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva em tempo real*. Rio de Janeiro: UFRJ, VIII CNLF, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-07.html>>. Acessado em: 01.11.2006.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33 - 42.

PEZATTI, Erolilde Goreti; CAMACHO, Roberto Gomes. Functional AspeCT of Order of Constituents. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01.06.2008.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986. (Ensaio 125)

PRETI, Dino. *Passado e presente na linguagem dos idosos: um problema de estruturação tópico discurso*. In: PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, ano?, p. 75-101.

_____. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: Editora nacional, 1987.

PRETI, Dino & URBANO, Hudnilson (orgs) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, FADESP, 1990, vol. IV.

RAND, David. & SANKOFF David. *GoldVarb: A variable rule application for Macintosh*. Manual on-line, 1990. Disponível em <<http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/GoldVarb/GoldManual.dir/index.html>>, acessado em 22.07.2009.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen & TAGLIAMONTE, Sali. *GoldVarb 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows*. User's manual. October 2001. Disponível em <<http://courses.essex.ac.uk/lq/lq654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>> acessado em 22.07.2009.

ROCHA, Ioneide Negromente de Vasconcelos, ONOFRE, Diana Pilatti. *Apagamento do /r/ final na fala de estudantes universitários na região da Grande Dourados*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 45 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SALLES, Adriana Amaral Flores. *O fenômeno "sujeito duplo" no PB*. Londrina: UEL, 2004. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000100651>>. Acessado em: 01.11.2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, [1975?], p. 139.

SILVA, Jair Barbosa da. *Sobre o tópico sentencial, algumas considerações*. Revista Letra Magna, Ano 03, nº 5, 2º semestre de 2006, ISSN 1807-5193. Disponível em <<http://www.letramagna.com/topico.pdf>> Acessado em 03.07.2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TOMANIN, Cássia Regina. *Fotografias da fala de Alto Araguaia – MT*. Campinas: Unicamp, Instituto de estudos da Linguagem, 2003. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000318257#search=%22TOMANIN%20C%20C3%81SSIA%20REGINA%20%22>>. Acessado em: 02.11.2006.

TONIOLI, Selma; BARUFFALDI, Vanda. *Sociolinguística: uso e norma na fala urbana*. Revista da Pós-Graduação, vol. 1, n. 2 (2007). Disponível em <<http://www.fieo.br/edifio/index.php/posgraduacao/article/viewFile/148/241>>, acessado em 02.02.2009.

TORRES-MORAIS, Maria Aparecida C.R.. *DELTA* [online]. 2001, vol.17, n.1, p. 155-168. Resenha: KATO, Mary Aizawa & Esmeralda Vailati NEGRÃO (eds.) (2000) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Vervuert – Iberoamericana. 270 pp. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100007>, acessado em 01.02.2009.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico na fala popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2006. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/VascoSL.pdf>> Acessado em: 03.07.2007

VILLA da SILVA, Rosângela. *Aspectos da pronúncia do <S> em Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2004.

ANEXOS

nº 1: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

nº 2: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

nº 3: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

Nº 4: Roteiro para entrevistas com informantes do nível F2 e EM.

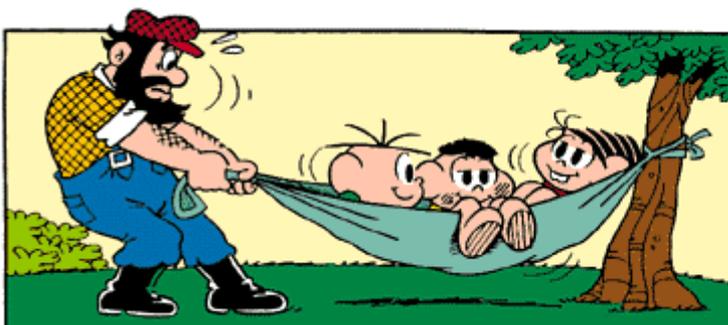
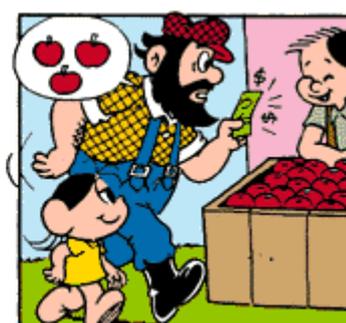
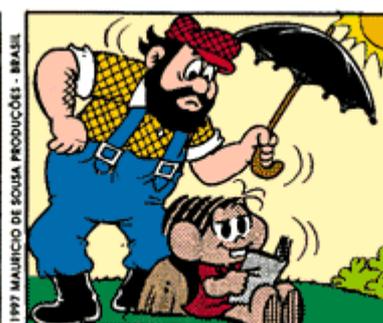
Nº 5: Relação de falantes entrevistados.

Nº 6: GoldVarb 2001 – Rodada 1.

Nº 7: GoldVarb 2001 – Rodada 2.

Nº 8: GoldVarb 2001 – Rodada 3 (final).

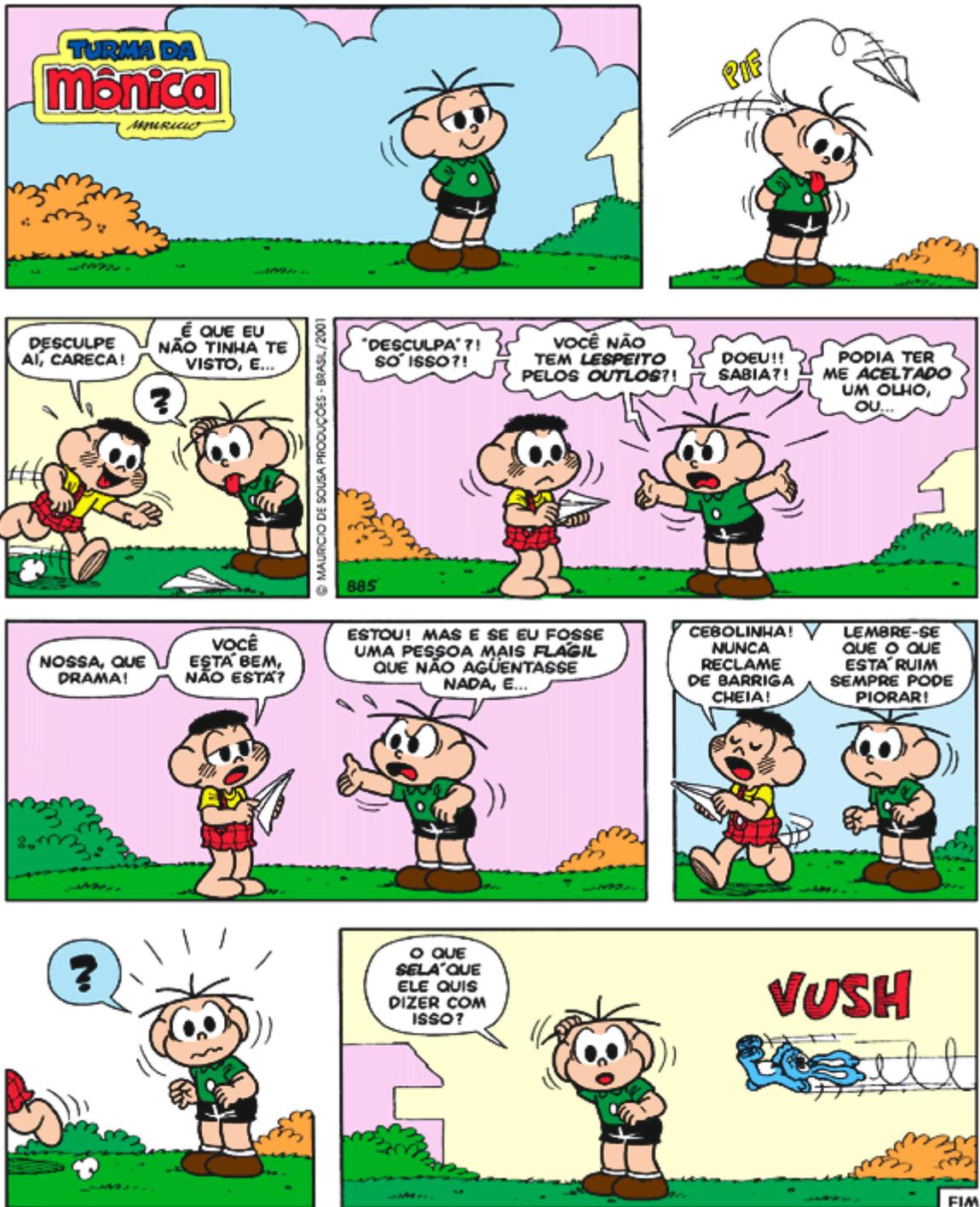
Anexo nº 1



Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tabloide/tab015.htm>>

Acessado em 05.08.2008.

Anexo nº 2

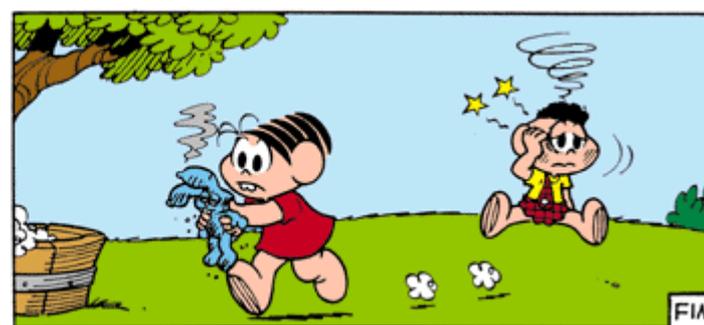
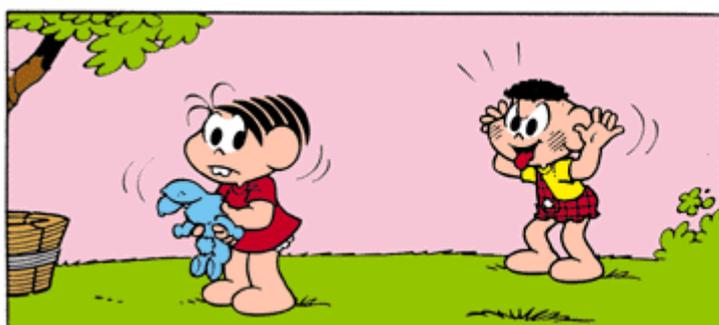


Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Disponível em <<http://tirinhastdm.blogspot.com/2007/09/cebolinha.html>>

Acessado em 05.08.2008.

Anexo nº 3



Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tabloide/tab006.htm>>

Acessado em 05.08.2009.

Anexo nº 4

Roteiro para entrevista⁴¹

1. Como você se vê ou se descreve?
2. Fale um pouco sobre sua família. Um fato que marcou ou alguma história engraçada?
3. O que você acha da situação econômica do país?
4. O que você acha do nosso presidente?
5. Se você fosse o Lula, o que faria?
6. O que você acha do jovem de hoje?
7. Você acha que as drogas ainda são um problema na sociedade? O que você faria para resolver esse problema?
8. E se você tivesse um filho que se envolvesse com drogas, o que faria?
9. Você já foi vítima de algum tipo de violência? Como você reagiu?
10. Se você pudesse mudar para outro lugar, para onde iria? Por quê?
11. Para quais cidades você já viajou?
12. Se você fosse dono de uma importante emissora de televisão, como seria a sua programação? O que você mudaria das emissoras atuais?
13. O que você faria se descobrisse que alguém está mentindo pra você?
14. Em que tipo de situação você mentiria?
15. Se você pudesse mudar alguma coisa do seu passado, o que mudaria?
16. Se você ganhasse sozinho na loteria, o que faria?
17. Se descobrisse que o mundo vai acabar em uma semana, o que você faria?

⁴¹ Adaptado de Martins (2005, anexos), com base em Villa da Silva (2004, p. 41).

18. Você gosta de esporte? Pratica algum tipo?
19. O que acha do desempenho da seleção nestas Olimpíadas?
20. Como foi sua infância? Existe algum fato que marcou sua vida quando era criança?
21. Você já se decepcionou com alguma pessoa muito conhecida? Ela pediu desculpas? Como você reagiu?
22. O que você acha que leva uma pessoa a cometer suicídio? Você conheceu alguém ou ouviu alguma história sobre isso?
23. Sobre segurança, você acha que nosso bairro é seguro? Qual sua opinião sobre o sistema penitenciário?
24. O que você acha da situação do idoso hoje?
25. Fale sobre algum filme que você gostou.
26. Você é uma pessoa supersticiosa? Você acredita em fantasmas?
27. Sonhos para o futuro...

Anexo nº 5

Relação de falantes entrevistados

Na tabela (A), apresentamos a relação de falantes entrevistados para este estudo. É importante observar aqui que os nomes apresentados na primeira coluna são fictícios, uma vez que buscamos resguardar a privacidade dos alunos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Na coluna dois, relacionamos a variante gênero: masculino ou feminino (representados por M e F, respectivamente); na terceira coluna relacionamos a idade do informante no momento da entrevista; e na quarta coluna relacionamos o nível escolar do informante: primeira etapa do ensino fundamental, de 1º ao 5º ano, segunda etapa do ensino fundamental, 6º ao 9º ano, e ensino médio (representado aqui por F1, F2 e EM, respectivamente).

Falante	Gênero	Idade	Escolaridade
1. Luo	M	06	F1
2. Mea	F	06	F1
3. Tai	F	06	F1
4. Vit	F	06	F1
5. Lui	M	06	F1
6. Fer / Tam	M	06	F1
7. Rod	M	10	F1
8. Kar	F	12	F2
9. Faa	F	12	F2

10. Joa	M	12	F2
11. Gab	F	13	EM
12. Raf	M	14	F2
13. Ari	F	16	EM
14. Luc	F	16	EM
15. Jes	F	16	EM
16. Ale	M	16	EM
17. Ali	M	17	EM
18. Pat	F	18	EM
19. Son	M	20	EM
20. Fab	F	30	EM
21. Ger	M	37	EM
22. Mar	F	39	EM
23. Seb	M	39	EM
24. Mai	F	40	EM

Tabela (A): Relação de falantes entrevistados para este trabalho.

Anexo nº 6

GoldVarb 2001 – Rodada 1

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodada_correto01.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

)

Number of cells: 36

Application value(s): 0

Total no. of factors: 12

Group	Apps	apps	Total	Non-	%

1 (2)					
a	N	1	263	264	7
	%	0	99		
c	N	1	353	354	9
	%	0	99		
b	N	1	67	68	1
	%	1	98		
s	N	2957	1	2958	81
	%	99	0		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

2 (3)					
1	N	1238	299	1537	42
	%	80	19		
2	N	808	159	967	26
	%	83	16		
3	N	914	226	1140	31
	%	80	19		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

3 (4)					
f	N	1663	344	2007	55
	%	82	17		
m	N	1297	340	1637	44
	%	79	20		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

```

-----
4 (5)
  1  N    782    181    963  26
     %     81     18

  2  N    182     47    229   6
     %     79     20

  3  N   1996    456   2452  67
     %     81     18

Total N   2960    684   3644
     %     81     18
-----
Total N   2960    684   3644
     %     81     18

```

Name of new cell file: Untitled.cel
CROSS TABULATION

=====
Cell file: Untitled.cel
Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.
Group #2 -- vertically.

	a	%	c	%	b	%	s	%	.	%
1 0:	1	1:	1	1:	1	4:	1235	100	1238	81
-:	84	99:	190	99:	24	96:	1	0	299	19
·:	85	:	191	:	25	:	1236		1537	
2 0:	0	0:	0	0:	0	0:	808	100	808	84
-:	60	100:	84	100:	15	100:	0	0	159	16
·:	60	:	84	:	15	:	808		967	
3 0:	0	0:	0	0:	0	0:	914	100	914	80
-:	119	100:	79	100:	28	100:	0	0	226	20
·:	119	:	79	:	28	:	914		1140	
· 0:	1	0:	1	0:	1	1:	2957	100	2960	81
-:	263	100:	353	100:	67	99:	1	0	684	19
·:	264	:	354	:	68	:	2958		3644	

Binomial Varbrul, 1 step
=====

Name of cell file: Untitled.cel
Using fast, less accurate method.
Averaging by weighting factors.

- One-level analysis only:One-level binomial analysis:

Run # 1, 36 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0,997

Group	Factor	Weight	App/Total	Input&Weight
1:	a	0,000	0,00	0,00

	c	0,000	0,00	0,00
	b	0,000	0,01	0,01
	s	0,941	1,00	1,00
2:	1	0,415	0,81	1,00
	2	0,596	0,84	1,00
	3	0,534	0,80	1,00
3:	f	0,684	0,83	1,00
	m	0,280	0,79	0,99
4:	1	0,882	0,81	1,00
	2	0,541	0,79	1,00
	3	0,309	0,81	0,99

Cell	Total	App'ns	Expected	Error
s3m3	340	340	339,662	0,338
s3f3	574	574	573,897	0,103
s2m3	388	388	387,700	0,300
s2f3	420	420	419,941	0,059
s1m2	106	106	105,935	0,065
s1m1	463	463	462,955	0,045
s1f3	274	274	273,921	0,079
s1f2	76	76	75,992	0,008
s1f1	317	316	316,994	179,591
c3m3	42	0	0,011	0,011
c3f3	37	0	0,055	0,055
c2m3	31	0	0,011	0,011
c2f3	53	0	0,102	0,102
c1m2	18	0	0,008	0,008
c1m1	83	0	0,230	0,230
c1f3	46	0	0,042	0,042
c1f2	10	0	0,024	0,024
c1f1	34	1	0,516	0,461
b3m3	16	0	0,028	0,028
b3f3	12	0	0,116	0,117
b2m3	10	0	0,022	0,023
b2f3	5	0	0,062	0,063
b1m2	2	0	0,006	0,006
b1m1	10	0	0,178	0,181
b1f3	7	0	0,042	0,042
b1f1	6	1	0,547	0,413
a3m3	55	0	0,029	0,029
a3f3	64	0	0,185	0,185
a2m3	24	0	0,016	0,016
a2m2	1	0	0,002	0,002
a2f3	35	0	0,130	0,130
a1m2	11	0	0,009	0,009
a1m1	37	0	0,198	0,199
a1f3	19	0	0,034	0,034
a1f2	5	0	0,023	0,024
a1f1	13	1	0,377	1,063

Total Chi-square = 184,0938

Chi-square/cell = 5,1137

Log likelihood = -24,988

Anexo nº 7

GoldVarb 2001 – Rodada 2

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodadaabc22.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

(13)

(14)

)

Number of cells: 601

Application value(s): abc

Total no. of factors: 45

Group		a	b	c	Total	%

1	(2)					
1	N	84	24	189	297	43
	%	28	8	63		
2	N	60	15	84	159	23
	%	37	9	52		
3	N	119	28	79	226	33
	%	52	12	34		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

2	(3)					
f	N	135	29	178	342	50
	%	39	8	52		
m	N	128	38	174	340	49
	%	37	11	51		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

3	(4)					
1	N	49	15	115	179	26
	%	27	8	64		
2	N	17	2	28	47	6
	%	36	4	59		

3	N	197	50	209	456	66
	%	43	10	45		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

4	(5)					
5	N	15	1	93	109	15
	%	13	0	85		
6	N	166	49	230	445	65
	%	37	11	51		
7	N	33	14	13	60	8
	%	55	23	21		
8	N	49	3	16	68	9
	%	72	4	23		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

5	(6)					
s	N	218	62	259	539	79
	%	40	11	48		
c	N	45	5	93	143	20
	%	31	3	65		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

6	(7)					
2	N	77	32	147	256	37
	%	30	12	57		
5	N	4	3	5	12	1
	%	33	25	41		
6	N	47	3	75	125	18
	%	37	2	60		
7	N	86	7	83	176	25
	%	48	3	47		
3	N	31	14	34	79	11
	%	39	17	43		
4	N	18	8	8	34	4
	%	52	23	23		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

7	(8)					
g	N	17	2	28	47	6
	%	36	4	59		
c	N	125	25	239	389	57
	%	32	6	61		

a	N	99	35	61	195	28
	%	50	17	31		
b	N	10	1	0	11	1
	%	90	9	0	* KnockOut *	
d	N	2	1	12	15	2
	%	13	6	80		
e	N	10	3	12	25	3
	%	40	12	48		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

8 (9)						
e	N	206	53	336	595	87
	%	34	8	56		
i	N	57	14	16	87	12
	%	65	16	18		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

9 (10)						
o	N	189	50	166	405	59
	%	46	12	40		
i	N	74	17	186	277	40
	%	26	6	67		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

10 (11)						
2	N	107	22	90	219	32
	%	48	10	41		
1	N	90	28	210	328	48
	%	27	8	64		
3	N	66	17	52	135	19
	%	48	12	38		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

11 (12)						
u	N	148	30	192	370	54
	%	40	8	51		
h	N	115	37	160	312	45
	%	36	11	51		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

12 (13)						
i	N	0	18	0	18	28
	%	0	100	0	* KnockOut *	

d	N	0	36	0	36	56
	%	0	100	0	* KnockOut *	
c	N	0	9	0	9	14
	%	0	100	0	* KnockOut *	
s	N	0	1	0	1	1
	%	0	100	0	* KnockOut *	
Total	N	0	64	0	64	
	%	0	100	0		

13	(14)					
3	N	3	0	182	185	51
	%	1	0	98	* KnockOut *	
1	N	1	0	10	11	3
	%	9	0	90	* KnockOut *	
2	N	3	0	99	102	28
	%	2	0	97	* KnockOut *	
4	N	1	0	45	46	12
	%	2	0	97	* KnockOut *	
6	N	1	0	6	7	1
	%	14	0	85	* KnockOut *	
5	N	0	0	5	5	1
	%	0	0	100	* KnockOut *	
Total	N	9	0	347	356	
	%	2	0	97		

Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

Name of new cell file: Untitled.cel

CROSS TABULATION

=====

Cell file: Untitled.cel

Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

	1	%	2	%	3	%	.	%
f a:	36	26:	35	38:	64	57	135	39
b:	12	9:	5	5:	12	11	29	8
c:	88	65:	53	57:	37	33	178	52
·:	136	:	93	:	113		342	
m a:	48	30:	25	38:	55	49	128	38
b:	12	7:	10	15:	16	14	38	11
c:	101	63:	31	47:	42	37	174	51

•:	161	:	66	:	113		340
+-----+							
• a:	84	28:	60	38:	119	53	263 39
b:	24	8:	15	9:	28	12	67 10
c:	189	64:	84	53:	79	35	352 52
•:	297	:	159	:	226		682

Anexo nº 8

GoldVarb 2001 – Rodada 3 (final)

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodadaab.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

(13)

(14)

)

Number of cells: 538

Application value(s): c

Total no. of factors: 41

Group	Apps	apps	Total	Non- %

1 (2)				
1	N	189	84	273
	%	69	30	44
2	N	84	60	144
	%	58	41	23
3	N	80	120	200
	%	40	60	32
Total	N	353	264	617
	%	57	42	

2 (3)				
f	N	178	135	313
	%	56	43	50
m	N	175	129	304
	%	57	42	49
Total	N	353	264	617
	%	57	42	

3 (4)				
1	N	115	49	164
	%	70	29	26
2	N	28	17	45
	%	62	37	7

3	N	210	198	408	66
	%	51	48		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

4	(5)				
5	N	93	15	108	17
	%	86	13		
6	N	230	167	397	64
	%	57	42		
7	N	13	33	46	7
	%	28	71		
8	N	17	49	66	10
	%	25	74		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

5	(6)				
s	N	260	219	479	77
	%	54	45		
c	N	93	45	138	22
	%	67	32		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

6	(7)				
2	N	147	77	224	36
	%	65	34		
3	N	34	31	65	10
	%	52	47		
5	N	5	4	9	1
	%	55	44		
6	N	76	47	123	19
	%	61	38		
7	N	83	87	170	27
	%	48	51		
4	N	8	18	26	4
	%	30	69		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

7	(8)				
g	N	28	17	45	7
	%	62	37		
a	N	61	99	160	25
	%	38	61		

c	N	239	126	365	59
	%	65	34		
b	N	1	10	11	1
	%	9	90		
e	N	12	10	22	3
	%	54	45		
d	N	12	2	14	2
	%	85	14		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

8 (9)					
e	N	337	206	543	88
	%	62	37		
i	N	16	58	74	11
	%	21	78		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

9 (10)					
o	N	167	189	356	57
	%	46	53		
i	N	186	75	261	42
	%	71	28		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

10 (11)					
2	N	91	107	198	32
	%	45	54		
1	N	210	90	300	48
	%	70	30		
3	N	52	67	119	19
	%	43	56		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

11 (12)					
u	N	193	148	341	55
	%	56	43		
h	N	160	116	276	44
	%	57	42		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

12 (13) * No Factors *

```

-----
13 (14)
  6  N      6      1      7  1
     %      85     14
-----
  2  N     100     1     103 28
     %      97      2
-----
  1  N      10      1     11  3
     %      90      9
-----
  3  N     182     1     185 51
     %      98      1
-----
  4  N      45      1     46 12
     %      97      2
-----
  5  N       5      1      6  1
     %      83     16
-----
Total N    348     7     358
     %      97      2
-----
Total N    353     264     617
     %      57      42
-----

```

Name of new cell file: Untitled.cel

CROSS TABULATION

=====

Cell file: Untitled.cel

Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

```

      1  %      2  %      3  %      .  %
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - -
f c:  88 71:  53 60:  37 37 | 178 57
-:   36 29:  35 40:  64 63 | 135 43
.:  124   :   88   :  101   | 313
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - -
m c:  101 68:  31 55:  43 43 | 175 58
-:   48 32:  25 45:  56 57 | 129 42
.:  149   :   56   :   99   | 304
+-----+-----+-----+-----+
. c:  189 69:  84 58:  80 40 | 353 57
-:   84 31:  60 42:  120 60 | 264 43
.:  273   :  144   :  200   | 617

```

Binomial Varbrul, 1 step

=====

Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.

Averaging by weighting factors.

- One-level analysis only:One-level binomial analysis:

Run # 1, 540 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0,929

Group Factor Weight App/Total Input&Weight

1:	1	0,720	0,69	0,97
	2	0,245	0,58	0,81
	3	0,385	0,40	0,89
2:	f	0,412	0,57	0,90
	m	0,589	0,57	0,95
3:	1	0,362	0,70	0,88
	2	0,707	0,62	0,97
	3	0,533	0,51	0,94
4:	5	0,797	0,86	0,98
	6	0,452	0,58	0,92
	7	0,187	0,28	0,75
	8	0,490	0,27	0,93
5:	s	0,475	0,54	0,92
	c	0,585	0,67	0,95
6:	2	0,608	0,66	0,95
	3	0,144	0,52	0,69
	5	0,106	0,56	0,61
	6	0,546	0,61	0,94
	7	0,577	0,49	0,95
	4	0,182	0,31	0,74
7:	g	0,399	0,62	0,90
	a	0,815	0,38	0,98
	c	0,325	0,65	0,86
	b	0,472	0,09	0,92
	e	0,702	0,55	0,97
	d	0,916	0,86	0,99
8:	e	0,557	0,62	0,94
	i	0,154	0,22	0,70
9:	o	0,474	0,47	0,92
	i	0,536	0,71	0,94
10:	2	0,466	0,46	0,92
	1	0,623	0,70	0,96
	3	0,263	0,44	0,82
11:	u	0,465	0,57	0,92
	h	0,543	0,58	0,94
12:	d	0,500	0,50	0,93
	i	0,500	0,50	0,93
13:	6	0,027	0,86	0,27
	2	0,179	0,95	0,74
	1	0,187	0,91	0,75
	3	0,719	0,98	0,97
	4	0,675	0,98	0,96
	5	0,341	0,83	0,87

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Campo Grande – MS
Agosto-2009

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosangela Villa da Silva.
Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS
Agosto-2009

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

APROVADA POR:

ROSANGELA VILLA DA SILVA, PÓS-DOCTORA (UFMS)

DERCIR PEDRO DE OLIVEIRA, DOUTOR (UFMS)

CELINA APARECIDA GARCIA DE SOUZA NASCIMENTO, DOUTORA (UFMS)

Campo Grande, MS, 25 de agosto de 2009.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde, força e coragem para lutar por um sonho.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens por seu por todo o apoio técnico.

À Professora Rosangela Villa da Silva, minha orientadora, pela compreensão e conselhos valiosos.

À professora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento por todas as orientações no exame de qualificação.

Ao Professor Dercir Pedro de Oliveira pelas sugestões e materiais que enriqueceram este trabalho.

Ao Professor Edson Carvalho que respondeu a todos os meus questionamentos estatísticos.

À Escola Estadual José Ferreira Barbosa, na pessoa da Professora Lúcia Costa, diretora no momento da pesquisa, pela acolhida e apoio, como amiga e profissional.

Aos meus alunos e informantes, que gentilmente atenderam ao meu pedido, pois sem eles este trabalho jamais existiria.

Ao meu esposo, que continuou ao meu lado, mesmo tudo parecendo tão difícil.

Às minhas companheiras de mestrado Andréa, Delinha, Eva e Maria Inês por todo o apoio, companheirismo e cumplicidade.

Às minhas amigas Sandra e Gerusa pelos conselhos e “puxões de orelhas”.

A todos aqueles que, mesmo tão distantes, me estimularam a persistir.

“Eu achu qui tudu na vida teim qui acontecê i... si a genti nãum errar na vida... a gente nãum sabi u qui vai acontecer depois... achu qui tudu qui aconteci na vida... passadu... presenti... até futuro... a genti teim qui passá... acontecer pra genti ver a realidadi... ou a genti ver algumas coisas... (risos)”

(Ari, informante sexo feminino, 17 anos, L290-293)

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 1: Características do tópico <i>versus</i> características do sujeito	31
Tabela nº 2: Distribuição de nº de falantes por idade, sexo e escolaridade	42
Tabela nº 3: Ausência e presença de tópico	51
Tabela nº 4: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda	53
Tabela nº 5: Elementos mórficos que constituem o tópico nas Construções de Tópico Anacoluto e Deslocamento à Esquerda	58
Tabela nº 6: Transitividade verbal	61
Tabela nº 7: Sujeito explícito <i>versus</i> sujeito implícito	62
Tabela nº 8: Presença do elemento contrastivo	64
Tabela nº 9: Elemento interferente	67
Tabela nº 10: Dimensão do tópico	69
Tabela nº 11: Número e pessoa do verbo na sentença-comentário	72
Tabela nº 12: Elementos mórficos que compõem Deslocamento à Esquerda	75
Tabela nº 13: Sexo do informante	76
Tabela nº 14: Faixa etária do informante	77
Tabela nº 15: Nível escolar do informante	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1: Percentagens de Construção de Tópico <i>versus</i> ordem Sujeito-Verbo-Complemento presentes na amostra	51
Gráfico nº 2: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à Esquerda	53

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
CAPÍTULO 1	
1 O Tópico e a Tradição Gramatical	17
1.1 O Pleonasma	17
1.2 O Anacoluto	18
1.3 A inversão	20
CAPÍTULO 2	
2 O Tópico, a Linguística Funcional e a Sociolinguística	24
2.1 Estudos e pesquisadores das Construções de Tópico	28
CAPÍTULO 3	
3 Procedimentos teórico-metodológicos	
3.1 Referencial teórico	37
3.2 Referencial metodológico	39
3.2.1 Critérios para seleção de dados	46
3.2.2 Critérios para uso do programa GoldVarb 2001	48
CAPÍTULO 4	
4 Descrição e interpretação dos dados	50
4.1 Variável dependente	50

4.2 Variáveis do Tópico	53
4.3 Análise de Anacoluto e Deslocamento à Esquerda	
4.3.1 Fatores Linguísticos	57
4.3.1.a Quanto ao elemento inicial	57
4.3.1.b Transitividade Verbal	59
4.3.1.c Sujeito explícito ou implícito	62
4.3.1.d Contrastividade	64
4.3.1.e Elemento de interferência no Deslocamento à Esquerda	66
4.3.1.f Dimensão do Tópico	68
4.3.1.g Número e pessoa do verbo	70
4.3.1.h Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda	73
4.3.2 Fatores Sociais	76
4.3.2.a Sexo do informante	76
4.3.2.b Faixa etária do informante	77
4.3.2.c Nível escolar do informante	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	90

LISTA DE ABREVIações

Anac – Anacoluto

C – complemento

CT – Construções de Tópico

DE – Deslocamento à esquerda

GT – Gramática Tradicional

oc – ocorrências

OD – Objeto direto

OI – Objeto Indireto

PR – Peso Relativo

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PN – pronome

Q – classes morfológicas como pronomes demonstrativos, indefinidos, possessivos.

S – Sujeito

SN – Sintagma Nominal

SV – Sintagma Verbal

SVC – Sujeito – Verbo – Complementos

T – tópico

Top – Topicalização

Tsuj – Tópico-sujeito

V – Verbo

VI – Verbo Intransitivo

VL – Verbo de Ligação

VTD – Verbo Transitivo Direto

VTI – Verbo Transitivo Indireto

VTI n-prep – Verbo Transitivo Indireto não preposicionado

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo das Construções de Tópico na fala dos alunos da Escola Pública Estadual José Ferreira Barbosa. Tem como objetivos averiguar com que frequência essa variante se manifesta na fala dos alunos; bem como qual de suas variáveis têm maior ocorrência (anacoluto, topicalização e deslocamento à esquerda); e verificar se há o predomínio das Construções de Tópico nas produções orais e se a ordem canônica da frase SVC (sujeito-verbo-complemento) é predominante, ou, ainda, observar se há o equilíbrio na coexistência dessas duas variações. Para a pesquisa em questão, usamos um cópulo constituído de gravações da modalidade falada da língua dos alunos da Escola Pública José Ferreira Barbosa, localizada na periferia da cidade de Campo Grande, MS, totalizando vinte e quatro informantes, de ambos os sexos. Nossa base teórica foi organizada a partir dos estudos de Kato *et alii* (2002), que classifica o Português como uma língua de tópico e de sujeito, e de Pontes (1987), que apontou o tópico como uma variante recorrente em todo o território nacional, se observada a fala espontânea, também tomamos como referências os trabalhos de Vasco (2006), Leite *et alii* (2002), Callou *et alii* (2002), Decat (1989) e Oliveira (1996), todos pesquisadores do tópico em Português falado no Brasil, seja sob um olhar sincrônico ou diacrônico. Na primeira parte do trabalho, tratamos da tradição gramatical e as regras de organização frasal; na segunda parte, abordamos o conceito do tópico e sua função dentro da língua, bem como pesquisadores que desenvolveram trabalhos em relação ao tópico e a sequência frasal dentro de uma perspectiva Sociolinguística e Funcional; na terceira parte, detalhamos a metodologia adotada para a coleta de dados, montagem do cópulo e critérios para análise do fenômeno; por fim, na quarta parte, apresentamos a descrição e análise das ocorrências do tópico na amostra. Assim, das tres mil, seiscentas e quarenta e quatro unidades sintáticas, seiscentas e oitenta e quatro apresentam sequência TSVC (tópico-sujeito-verbo-complementos), representando 18% do total da amostra, demonstrando que o Português do Brasil é uma língua sujeito-predicado, que admite o tópico como uma forma válida de organização sintática.

Palavras-chave: Português Brasileiro Falado, Sociolinguística, Sintaxe, Construções de Tópico.

ABSTRACT

This dissertation presents a Topic Construction study of the students' speech at José Ferreira Barbosa State Public School. It has as objectives to discover the frequency that variant shows in the students' speech; as well as which one of those variables has a greater occurrence (anacoluthon, topicalization and left displacement); and to verify if there is the prevalence of the Topic Constructions in the oral productions and if the canonical order of the sentence SVC (subject-verb-complement) is predominant, or, further, to observe if there is the balance in the coexistence of those two variations. For the research, it was used a constituted corpus of recordings of the students' speech at José Ferreira Barbosa State Public School, located in Campo Grande suburb, MS, totalizing twenty-four informers, of both sexes. Our theoretical base was organized from the studies of Kato et alii (2002), that classifies the Portuguese as a topic language and subject, and Pontes (1987), that pointed the topic a recurrent variant in the whole national territory, if the spontaneous speech was observed, we also took as references the works of Vasco (2006), Leite et alii (2002), Callou et alii (2002), Decat (1989) and Oliveira (1996), all the topic researchers in spoken Portuguese in Brazil, by a synchronous or diachronic look. In the first part of the work, we dealt with the grammatical tradition and the phrasal organization rules; in the second part it was approached the topic concept and its function inside the language, as well as the researchers that developed works in relation to the topic and the phrasal sequence inside a Functional and Sociolinguistics perspective; in the third part, we detailed the methodology adopted for the collection of data, corpus assembly and criteria for phenomenon analysis; finally, in the fourth part, we presented the description and analysis of the topic occurrences in the sample. Thus, from the three thousand, six hundred and forty four syntactic units, six hundred and eighty four present TSVC sequence (topic-subject-verb-complements), representing 18% of the sample total, demonstrating that the Portuguese from Brazil is a subject-predicate language, that admits the topic as a valid form of syntactic organization.

Key words: Spoken Brazilian Portuguese, Sociolinguistics, Syntax, Topic Constructions

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua materna é um meio de comunicação, por isso, costuma ser interpretada como fato social, ou seja, um produto e expressão da cultura de que faz parte, variando em função do tempo e do espaço, acompanhando a evolução da sociedade, refletindo seus padrões de comportamento. Neste sentido, a língua existe a partir da necessidade do homem de nomear o mundo que o rodeia.

O aspecto que mais destaca essa relação entre sociedade e linguagem é a variação linguística, que, segundo Calvet (2002), são duas ou mais formas de se dizer uma mesma coisa, em outras palavras, quando dois significantes têm o mesmo significado.

As variáveis linguísticas podem apresentar-se tanto no campo fonológico, morfológico, sintático, como no campo lexical. No campo fonológico, podemos citar exemplos como a troca da lateral [l] pela vibrante [r] em *bicicr~~e~~ta*, *bo~~r~~sa*, *cr~~a~~ro* e até mesmo a ausência da vibrante, como em *p~~o~~brema*¹. No campo morfológico, um caso de variação recorrente em Língua Portuguesa é a concordância no sintagma nominal, como em *as casas arrumada~~o~~ ou os gato~~o~~ amarelo~~o~~*². Em nível sintático, encontramos o pronome cópia como elemento de retomada ao tópico frasal, como em *A minha casa ela é azul com portão branco.*, ou ainda o uso de *nós* ou *a gente* para a primeira pessoa do plural³. No campo lexical podemos citar: *mandioca*, *aipim*,

¹ Para mais informações sobre o rotacismo, sugerimos os trabalhos de Costa (2006) e Cazarotto e Onofre (2009).

² Para mais estudos sobre a concordância no sintagma nominal, sugerimos os estudos de Tarallo (1999) e (2008).

³ Vários estudiosos dedicaram-se ao fenômeno do pronome-cópia e o uso de *nós* e *a gente*, entre eles, destacamos Omena e Duarte (2004), Muniz (2008) e Bueno (2003).

macaxeira; pálpebras, capa dos olhos, capela, entre outros amplamente estudados nos Atlas Linguísticos desenvolvidos em todo o território nacional⁴.

Assim, cabe à Sociolinguística o estudo das variedades linguísticas em relação à sociedade. Em sua fase inicial, tinha por objetivo descrever as diferentes variedades linguísticas que coexistem dentro de uma comunidade, sua relação com as estruturas sociais. Atualmente, engloba tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem em seu contexto sociocultural.

Nesta pesquisa, procuramos observar e analisar as Construções de Tópico (doravante CT), variações linguísticas que ocorrem no nível sintático, caracterizadas por apresentar um sintagma externo à sentença funcionando como mote frasal, chamando a atenção do interlocutor para o tema da mensagem.

Com base em estudos como de Kato *et alii* (2002), que classifica o Português como uma língua de tópico e de sujeito, e de Pontes (1987), que apontou o tópico como uma variante recorrente em todo o território nacional, se observada a fala espontânea, partimos da hipótese que alunos da periferia de Campo Grande usam as CT em produções orais, a fim de enfatizar o mote da mensagem. Para tanto, foram realizados vinte quatro inquéritos, com informantes de ambos os sexos, entre os seis e quarenta anos de idade, todos alunos da Escola Pública Estadual José Ferreira Barbosa, em Campo Grande (MS).

Essa escola foi escolhida por localizar-se em uma região afastada da área central da cidade e por atender alunos de baixa renda, ora filhos de trabalhadores do curtume, ora de trabalhadores de pequenas propriedades agrícolas da região, e fábricas do núcleo industrial. Acreditamos que, em virtude desses fatores, há um

⁴ Para mais estudos sobre o léxico, sugerimos a leitura de Oliveira (2007): ALMS, Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, trabalhos e artigos desenvolvidos pelo ALiB, disponíveis em <www.alib.ufba.br>, bem como as coletâneas de artigos organizados por Isquierdo (2001, 2004, 2007) em *As ciências do Léxico*.

menor acesso à variante padrão da língua (que se dá somente pela própria escola ou em raros programas de televisão) e o que tornará possível a identificação das CT na fala desse grupo.

Relacionamos três objetivos para o desenvolvimento deste trabalho: (1) verificar com que frequência as CT se manifestam na fala dos alunos; (2) levantar quais as construções mais recorrentes e (3) averiguar se há predomínio da ordem TSVC ou SVC, ou se ambas coexistem de maneira equilibrada na língua.

Tomamos como base o modelo laboviano de pesquisa, sob uma perspectiva sincrônica, que analisa grupo de indivíduos, levando em consideração o vernáculo⁵ e os aspectos sociais que interferem na fala, uma vez que a língua não é um produto individual, mas sim coletivo, um produto da comunidade de fala. Também nos apropriaremos em alguns conceitos da abordagem Funcionalista, que também concebem a língua como um meio de comunicação, analisando as estruturas gramaticais levando em consideração a situação comunicativa. Uma vez que, estes dois modelos não se negam, mas completam-se dentro dos estudos linguísticos.

A esta introdução seguem quatro capítulos, o primeiro, aborda o tópico dentro da visão tradicional, seu conceito e situações prescritas para seu uso; no segundo capítulo, apresentamos o tópico dentro dos estudos funcionalistas e sociolinguísticos; no terceiro, os pressupostos teórico-metodológicos que alicerçaram a análise; e por fim, no quarto capítulo, a descrição e interpretação dos dados; seguido das considerações finais.

⁵ “A fala corrente, do dia-a-dia, numa determinada comunidade. O termo [...] é mais geralmente usado em contraste com a *língua padrão*. [...] quando essa fala é percebida como diferente da forma padrão da língua.” (TRASK, 2004, p. 304).

CAPÍTULO 1

1 O Tópico e a Tradição Gramatical

Nossa tradição gramatical concebe o Português como uma língua de ordem Sujeito–Verbo–Complementos (SVC)⁶, o tópico é classificado como recurso comunicativo, dando ênfase à ideia contida na frase, ou empregado como figura de sintaxe, com função literária, neste caso a noção de tópico fica fora dos estudos referentes à estrutura sentencial da língua, sendo destacado somente seu valor enquanto recurso literário. Dentre essas figuras podemos citar a inversão, o anacoluto e o pleonasma.

A seguir, abordaremos alguns conceitos consoantes na GT sobre a ordem sintática e o fenômeno tópico, para tal consultamos três gramáticos: Cunha (1983), Rocha Lima (2006) e Bechara (2009).

1.1 O Pleonasma

Segundo Cunha (1983), o pleonasma é um recurso de ênfase e caracteriza-se pela repetição de um termo da oração para reiterar a ideia.

Dentre os vários tipos de pleonasma, classificados por Cunha (1983) está o *objeto pleonástico*, segundo o autor, “para dar maior realce ao objeto, é costume

⁶ Alguns autores adotam a terminologia SVO - sujeito-verbo-objeto (ROCHA LIMA, 2006, p. 236), para este trabalho, optamos pelo termo SVC - sujeito-verbo-complementos (BECHARA, 2009, p. 582), abrangendo aqui todas as categorias de complementação sintática, sejam eles integrantes ou acessórios, desta forma, incluem-se aqui os complementos verbais (objetos), nominais e adjuntos.

colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal.” (CUNHA, 1983, p. 581).

- (1) **Letras vencidas**, urge pagá-*las*, disse eu ao levantar-me. (Machado de Assis)

Para Bechara (2009, p. 594), no pleonasma, o termo é repetido para mais clareza ou ênfase de uma idéia.

- (2) **Ao pobre** não *lhe* devo.

Em (2), o objeto indireto (ao pobre) é deslocado da sequência SVC para o início da frase, e retomado na sentença pelo pronome (*lhe*), assim como em (1), o objeto direto (letras vencidas) aparece na cabeça da sentença e é retomado posteriormente na forma do pronome oblíquo (*-las*).

1.2 O Anacoluto

Do grego *anakólouthous*, que significa sem sequência, caracteriza-se pela mudança da construção sintática, geralmente após uma pausa sensível. Segundo Cunha (1983, p. 581), é um fenômeno comum especialmente na língua falada.

- (3) **Aquela mina de ouro**, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos. (Camilo Castelo Branco)

Classificado por Rocha e Lima (2006) como um dos casos mais frequentes de *sintaxe afetiva*, o anacoluto consiste numa desconexão sintática, gerada pelo desvio da ordem frasal.

Quase sempre, o que determina o anacoluto é a colocação, no rosto do período, do elemento de maior relevo psicológico⁷. Nele se concentra por tal forma o nosso interesse, que não prestamos atenção a regularidade sintática e o deixamos valer por si, sem ligação com os demais membros da frase. (ROCHA LIMA, 2006, p. 490)

Assim, o anacoluto tem a função sintática de realce ou ainda pretende chamar atenção do interlocutor para determinado elemento da frase, recebendo destaque no início da sentença. Como podemos perceber nos exemplos citados por Rocha Lima (2006, *idem*):

- (4) **E o desgraçado**, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse. (Garrett)
- (5) Olha: **eu**, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana. (Guimarães Rosa)

Verificamos nos exemplos que o elemento que se deseja destacar vem ao início da sentença, acrescentando a ordem frasal um novo elemento, o tópico.

Bechara (2009, p. 595) afirma que, fora em situações especiais, aqueles que presam o falar e o escrever corretamente evitam o uso deste tipo de construção.

- (6) **Eu** que era branca e linda, eis-me medonha e escura. (Manuel Bandeira)

Bechara (2009, *idem*) também classifica como anacoluto as construções cujo elemento inicial é retomado durante a sentença em forma de pronome:

- (7) **A pessoa** que não sabe viver em sociedade, contra *ela* se põe a lei.
- (8) **Eu** parece-*me* que tudo vai bem.

Em (7), temos um período composto, no qual o tema (a pessoa) aparece na primeira oração, e é retomada na forma do pronome (ela) na segunda oração. Já em (8) temos uma sentença semelhante ao pleonasma, porém não é o objeto o

⁷ Daí o termo *sintaxe afetiva*.

elemento deslocado, mas o sujeito (eu) aparece duplicado na forma do oblíquo (-me).

1.3 A inversão

Bechara (2009, p. 582-583), ao abordar a *Sintaxe de colocação ou de ordem*, conceitua a inversão como qualquer ordem frasal que saia ao esquema SVC. A inversão que entra em choque com a norma geral de colocação é chamada de *anástrofe*:

(9) **De teus olhos** a cor vejo eu agora.

Vemos em (9) que, diferente do pleonasma, o mote frasal é deslocado para o início, porém não é retomado no decorrer da sentença, deixando uma categoria vazia após o verbo: “De teus olhos a cor eu vejo Ø.”, a sequência correta, mediante a ordem canônica, seria “Eu vejo a cor de teus olhos.”

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir *valor estilístico*. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional. Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. (BECHARA, 2009, p. 583 – grifo nosso)

No que se refere aos períodos compostos, Bechara (2009), ao abordar as *Figuras de Sintaxe* apresenta a **antecipação** que “é a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete” (BECHARA, 2009, p. 595):

(10) **O tempo** parece que vai piorar.

Em (10), temos a inversão dos termos dentro do período composto, no qual o sujeito da oração subordinada (o tempo) aparece no início da sentença.

Em Cunha (1983), a antecipação está conceituada junto com as demais Figuras de Sintaxe, denominada como *prolepse*. Assim como o pleonasma e o anacoluto, a prolepse tem função estilística, destacando um determinado elemento da frase e “consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra precedente, com a que se adquire excepcional realce.” (CUNHA, 1983, p. 583)

(11) **A Europa** dizem que é tão bonita, e a Itália principalmente. (Machado de Assis)

No exemplo (11), o autor inverte a ordem do período, no qual o sujeito da oração subordinada (a Europa), assim como em (10), é deslocado para o início da oração principal, deixando uma categoria vazia (**A Europa** dizem que Ø é tão bonita, e a Itália principalmente.).

Autores como Martins (2005, p. 34), Belford (2006, p. 13) e Vasco (2006, p. 25) ao tecerem comentários sobre o tópico na visão tradicional afirmaram que, de uma forma geral, as GT abordam o tópico como um recurso literário (*valor estilístico*), estudado juntamente com as figuras de linguagem, de sintaxe ou de estilo. Ao consultarmos Cunha (1983) e Rocha Lima (2006) confirmamos estas afirmações, pois somente localizamos o tópico como recurso estilístico. Porém, ao analisarmos a versão atualizada da *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara encontramos menções, mesmo que poucas, à topicalização de objeto, juntamente com os estudos sobre a estrutura frasal. Segundo o autor:

A transposição (*topicalização*) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto. (BECHARA, 2009, p. 417 – grifo nosso)

(12) **O lobo**, o caçador o viu. (BECHARA, 2009, *idem*)

Em (12) o objeto direto é deslocado para o início da sentença, ganhando destaque como mote frasal, seguido de uma sentença completa sem categoria vazia, pois o pronome oblíquo (o) atua como objeto fazendo referência ao mote (o lobo), este mesmo recurso aparece em outras gramáticas e é chamado de objeto pleonástico, porém Bechara (2009) usa a nomenclatura adotada pelos linguistas.

Da mesma maneira em orações com verbos transitivos indiretos, nas quais Bechara (2009), faz referência à topicalização ao abordar as possibilidades de uso do complemento indireto, afirma:

Acrescenta-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a *topicalizar-se*, isto é, a aparecer antecipado na oração (BECHARA, 2009, p. 422 – grifo nosso).

(13) **Ao aluno** sempre lhe dei muita atenção. (BECHARA, 2009, *idem*)

Vemos em (13) a topicalização do objeto indireto (ao aluno), sendo duplicado na sequência por meio do pronome (lhe).

No que tange ao tópico frasal na visão tradicional, observamos que não somente as gramáticas normativas abordam as CT como figuras de linguagem, como também algumas gramáticas escolares: “Quando ocorre a **inversão** da ordem dos termos da oração ou frase, o termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase” (INFANTE, 2004, p.720 – grifo do autor):

(14) **Professor** já não sou. (INFANTE, 2004, *idem*)

No exemplo (14), o predicativo do sujeito desvia-se da ordem canônica S-V-C e vai para a cabeça da sentença e, ao contrário do esquema de retomada que ocorre com o objeto pleonástico, deixa uma categoria vazia na sequência frasal.

Porém, algumas gramáticas escolares já apresentam alguma alteração se comparadas com as tradicionais, pois citam algumas pesquisas linguísticas atuais e abordam temas referentes à variação, ao regionalismo e ao preconceito linguístico, ou seja, levam em consideração também a língua em uso: “A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem” (INFANTE, 2004, *idem*).

Seguindo esta mesma tendência, Cereja e Magalhães (2005) abordam o objeto pleonástico:

Às vezes, para enfatizar o termo que funciona como objeto, costuma-se anuncia-lo por meio de um pronome obliquo com sentido e função equivalentes. A esse objeto de reforço dá-se o nome de **objeto pleonástico**. (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 275 – grifo dos autores)

(15) **Essas meninas**, já *as* vi em algum lugar.

(16) **Às minhas poesias**, mão *lhes* dava nenhuma atenção.

Porém, ao contrário de Bechara (2009), não é utilizada a nomenclatura *topicalização*.

Desta forma, nota-se que embora poucas gramáticas apresentem uma inovação quanto à variação linguística, a maioria dos gramáticos concorda com estes conceitos, abordando o tópico frasal como figura de linguagem, com função puramente estilístico-literária.

CAPÍTULO 2

2 O Tópico, a Linguística Funcional e a Sociolinguística

No século XX, surge dentro do estruturalismo um movimento que observava a linguagem a partir da sua multifuncionalidade, este novo olhar sobre os estudos linguísticos denominou-se Funcionalismo (LYONS, 1988, p. 207). Segundo a perspectiva funcional da sentença, determina-se a estrutura do enunciado de acordo com o seu contexto de uso.

Segundo Modesto (2006), “o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo”, dentro dessa concepção, o tópico não é visto como um desvio da língua (que deva ser evitado), mas um recurso usado pelo falante e determinado pelo contexto comunicativo.

Dentro desta perspectiva, a autora Orsini (2004), as CT caracterizam-se por apresentarem um “sintagma nominal anterior, externo à sentença, normalmente já ativado pelo contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de uma sentença-comentário”, sua função dentro da sentença é chamar a atenção do ouvinte destacando o tema da mensagem que o falante irá introduzir. Este esquema foge às regras SVC defendidas pela GT e estabelece uma nova ordem a TSVC:

(17) *A professora* ela é muito brava.

[[*A professora*] [[*ela*] [*é*] [*muito brava.*]]]
[[T] [[S][V][C]]]

(18) *O meu carro* roubaram a roda.

[[*O meu carro*] [[roubaram] [a roda Ø.]]]
[[T] [[V] [C]]

Em (17), temos o mote frasal [T] externo à sentença completa [SVC] sendo que o sujeito faz referência ao tópico por meio de um pronome (ela).

Já em (18), o tópico (*meu carro*) é deslocado do final da sentença, perdendo a preposição e a função de complemento (*Roubaram a roda do meu carro.*) e assumindo a função de mote frasal. A sentença comentário apresenta sujeito indeterminado (eles), porém respeita o esquema T(S)VC.

Tais construções não compõem um fenômeno linguístico novo, pesquisadores como Decat (1989) mostram registros datados de 1725 contendo elementos frasais topicalizados. Apesar disso, somente nos anos 70 do século XX, a partir dos estudos de Li & Thompson (1976)⁸, essa variação passou a despertar o interesse da comunidade acadêmica, tanto em estudos no nível sintático como no discursivo⁹.

De acordo com Linguística Funcional, as CT podem ser classificadas em quatro grupos em uso em PB, não como figura de linguagem em manifestações literárias, mas como organização sintática na fala espontânea. Essa classificação foi proposta por Pontes (1987) e retomada por Vasco (2006) e Orsini (2004):

a. Anacoluto: caracteriza-se por não apresentar nenhuma relação argumental, ou seja, vínculo sintático entre o tópico e o comentário, mas sim uma relação semântica, onde o falante anuncia o mote sobre o qual vai falar e depois faz

⁸ *Apud* Pontes (1987).

⁹ Callou (2002, p. 315) afirma que foi Ross (1967) a introduzir os estudos sobre as CT, porém para este trabalho tomamos como referência os estudos de Li & Thompson, citados em autores como Pontes (1987), Vasco (2006) e Belford (2006).

um comentário por meio de uma sentença completa (na gramática tradicional esse fenômeno também é chamado anacoluto). “De fato, tal tipo constitui a construção mais típica das línguas de tópico, até mesmo referido como verdadeiro tópico”, ao estilo chinês como mencionado por Chafe (1976, p.20, *apud* BELFORD, 2006, p.6 20).

(19) **Eu** agora, acabo a desculpa de concurso, né? (PONTES, 1987, p. 13)

(20) **Doce** eu gosto de gelatina, gosto de pudim... (ORSINI, 2004, p. 1)

Verificamos que os SN no início da sentença (eu / doce) não apresentam nenhum vínculo sintático com a sentença-comentário, sua relação é puramente semântica, onde o contexto contribuirá para um entendimento completo da sentença.

b. Topicalização: caracteriza-se pela existência de uma categoria vazia (\emptyset) dentro do comentário que poderia ser preenchida pelo tópico. Na visão dos gramaticistas é tradicionalmente chamada de inversão ou de antecipação (se em períodos compostos), pois os complementos verbais, objeto direto e indireto (OD e OI, respectivamente) são deslocados para o início da oração, invertendo a ordem canônica SVC:

(21) **Dessa cerveja** eu não bebo \emptyset . (PONTES, 1987, p. 12)

(22) **Aquilo** a Marinha ergueu \emptyset com um sacrifício brutal. (ORSINI, 2004, p. 1)

Em (21) e (22), constatamos que houve a movimentação dos OD (*dessa cerveja / aquilo*) do final da sentença para o início, deixando uma categoria vazia, assim a ordem tradicional seria: Eu não bebo *dessa cerveja*. e A Marinha ergueu *aquilo* com um sacrifício brutal.

c. Deslocamento à Esquerda: neste caso há a retomada do elemento inicial na sentença comentário, essa retomada acontece, em geral, por de um pronome, chamado de pronome-cópia ou pronome-lembrete, comumente 3ª pessoa *ele(s)*:

(23) **Os livros**, *eles* estão em cima da mesa. (PONTES, 1987, p. 12)

(24) **O avô do meu marido** *ele* é italiano. (ORSINI, 2004, p. 2)

Em (23) e (24), os tópicos (os livros / o avô do meu marido) foram retomados na sentença-comentário por meio do pronome pessoal, caracterizando o DE (conceituado na GT como *pleonasm*o).

d. Tópico-Sujeito: o tópico apresenta em si as funções de tópico frasal e de sujeito. Segundo Orsini (2005), “tópico e sujeito se fundem e o tópico passa a reunir traços de ambas as categorias”, uma das características compartilhadas é a concordância verbal.

Trata-se de um processo de gramaticalização, em que o tópico é reanalisado como sujeito, instaurando-se inclusive a concordância verbal, o que colabora para a manutenção da ordem canônica no Português do Brasil: SVO. É uma estratégia decorrente da tendência atual do PB de preencher o sujeito. (ORSINI, 2005, p.3).

Vejamos nos exemplos:

(25) **O Guaraná Antártica**, ___ é muito antigo. (VASCO, 2006, p.36)

(26) **A Tijuca** ___ já tem bastante prédio. (ORSINI, 2004, p. 2)

Dentro dos estudos do tópico, encontramos um conceito comum entre os autores, que o tópico-sujeito apresenta dificuldades de identificação e análise, pois,

num primeiro momento, pode-se confundi-lo com uma sentença SVC. (BELFORD, 2006, p.20).

Vasco (2006) em sua tese de doutoramento faz um estudo comparativo PB *versus* PE, ao exemplificar o tópico-sujeito, por ele chamado “topicalização de sujeito”, afirma que os excluiu das tabelas comparativas “pela dificuldade no reconhecimento destas CT a partir da distinção em relação às sentenças SVO”¹⁰, pois, numa primeira análise, há possibilidade de interpretar “O Guaraná Antártica” e “A Tijuca” como sujeitos da oração, pois essa CT apresenta semelhanças quanto a ordem dos elementos frasais, bem como sua concordância.

2.1 Estudos e pesquisadores das Construções de Tópico

Eunice Pontes, pioneira no estudo das CT em Língua Portuguesa no Brasil, analisa o português oral em paralelo com o escrito, onde na GT aparecem como figuras de linguagem, na verdade são CT. Sua obra, publicada nos anos 80, traz uma compilação de textos escritos com base nos resultados de seus estudos sobre CT, que também podem ser lidos individualmente. Seu *cópus* é composto por informantes da classe alta de Belo Horizonte, de nível universitário, entre 25 e 30 anos. Além de levantar a importância da CT na Língua Portuguesa, aponta sua semelhança com outras línguas. Pontes (1987) inicia seu trabalho abordando os estudos de Li & Thompson, reforçando a proposta da importância de uma classificação das línguas de acordo com as relações tópico-comentário ou sujeito-predicado. Segundo essas autoras, as línguas podem ser classificadas em quatro tipos (PONTES, 1987, p. 11):

¹⁰ VASCO, 2006, p. 36 (nota de rodapé).

a) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças segue a ordem sujeito-predicado (SVC). As línguas de origem indo-européias são exemplos de línguas com proeminência de sujeito;

b) línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como tópico-comentário (TSVC), como é o caso do chinês, por exemplo;

c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes vivendo harmonicamente. A língua japonesa é um exemplo de língua com proeminência de tópico e sujeito, assim o falante pode escolher entre uma ordem ou outra, de acordo com a mensagem;

d) línguas de proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclam e não se distinguem mais os dois tipos, como é o caso do tagalog, uma língua falada nas Ilhas Filipinas.

Segundo Pontes, o português sempre foi considerado uma língua com proeminência de sujeito, porém, com um olhar mais atento sobre o vernáculo, é possível perceber as ocorrências das CT, levantando, então, a hipótese de que a língua portuguesa esteja em outro grupo, o das línguas de proeminência de tópico e sujeito. Para a autora, ainda não são suficientes os estudos do português falado para que se possa determinar com exatidão a legitimidade dessa afirmação, mas quando passamos a observar a língua em seu uso diário, percebemos que as construções de tópico são recorrentes e ainda podem apresentar-se em vários tipos, tanto na língua oral como na escrita:

(27) **A Maria**, essa não quer nada com o serviço. (PONTES, 1987, p.12).

bem como na língua oral:

(28) Quanto a **mim**, estou me lixando. (PONTES, 1987, *idem*)

No estudo desenvolvido por Pontes (1987, p. 19-21), também é apresentado um levantamento das características das CT, com base na obra de Li & Thompson, características estas comparadas às do sujeito:

a) Definição: o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser definido ou indefinido;

b) Relações seletivas: o tópico não precisa ser relações seletivas (concordância) com o verbo, o sujeito obrigatoriamente necessita.

c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico, uma vez que o tópico não mantém relação com o verbo;

d) Papel funcional: uma vez que o sujeito nem sempre desempenha um papel semântico, pois muitas vezes pode ser uma categoria vazia, o tópico sempre traz em si o tema do discurso ou da sentença que segue;

e) Concordância verbal: relacionada com as características b e c, é raro encontrarmos um caso de tópico que concorde com o verbo;

f) Posição inicial na sentença: uma vez que sua função essencial é anunciar o discurso, o tópico sempre aparece no início da sentença, ao contrário do sujeito, que pode tanto aparecer no início, no meio, no final, ou ainda ser elíptico (quando está subentendido no contexto);

g) Processos gramaticais: como a reflexivização ou a passivação (verbos na voz reflexiva ou na voz passiva, respectivamente) não são possíveis em uma CT, pois o tópico é independente do sintagma, logo não pode governar tais processos gramaticais.

Tais características podem ser melhor visualizadas na tabela comparativa que segue:

Características	Tópico	Sujeito
Definição	+	-
Relações seletivas	-	+
Determinação pelo verbo	-	+
Papel funcional	+	-
Concordância verbal	-	+
Posição inicial na sentença	+	-
Processos gramaticais	-	+

Tabela nº 1: Características do tópico *versus* características do sujeito.

Em suma, o tópico é dependente do discurso, e tem liberdade para estender-se além dos limites frasais de acordo com o contexto de fala; enquanto que o sujeito é dependente da sentença, estando restrito às suas regras convencionadas na GT.

No que diz respeito às características das línguas com proeminência de tópico, Pontes (1987, p. 21-25) afirma:

1. a construção passiva é rara ou não existe (mas, segundo a autora, ainda não foram feitas pesquisas quanto ao uso da passiva na fala espontânea, fato este que dificulta a determinação do índice de ocorrências);

2. sujeitos vazios (como “*it*” em inglês ou “*il*” em francês) não são encontrados nas línguas de tópico, assim como em português que não há sujeito para frases existenciais pessoais ou que reflitam fenômenos da natureza;

3. presença do duplo-sujeito, os casos mais claros de construções do tipo tópico-comentário, de fácil identificação, não tem relação com o verbo;

4. controle de co-referência é feito pelo tópico e não pelo sujeito, ou seja, o tópico permite a presença do pronome-cópia;

5. nas línguas de tópico não há restrições quanto a qual elemento da sentença pode ou não, ser topicalizado: sujeito, objetos, adjuntos e predicativos, podem aparecer como tópicos em uma sentença;

6. sentenças básicas: as CT não devem ser consideradas transformações de outros tipos básicos de sentenças, mas elas mesmas são sentenças básicas, não podendo, assim, derivarem-se de outras.

Dessa forma, Pontes (1987, p. 25) demonstra, a importância da CT no português coloquial, concluindo seu trabalho classificando a língua portuguesa como sendo uma língua do tipo proeminência de tópico e sujeito, na qual tanto organizações sintáticas do tipo tópico-comentário e sujeito-predicado são coexistentes.

Sérgio Leitão Vasco (2006, p. 197-207) realizou pesquisas com as CT comparando a fala culta do PB e do Português Europeu (PE) e investigou as CT na fala popular carioca¹¹. Analisando as quatro variáveis das CT: anacoluto, deslocamento à esquerda, topicalização e tópico-sujeito (e suas variáveis) e discutindo a abordagem tradicional dos tópicos pelos gramáticos, Vasco (2006) levanta a questão: *PB: Língua de Tópico?* Buscando avaliar se o PB pode ser classificado como uma língua de proeminência de tópico dentro dos critérios elaborados por Li & Thompson (VASCO, 2006, p. 168).

¹¹ Tese de doutorado, UFRJ, 2006.

Seu *cópus* é composto por trinta falantes de ambos os sexos entrevistados em diversos bairros da área metropolitana do Rio de Janeiro, divididos em três faixas etárias, dos 15 aos 25 anos, dos 26 aos 49 anos e acima dos 50 anos de idade, sem curso superior. Das 1321 ocorrências de CT abstraiu os seguintes resultados:

Para Topicalização, 38% das ocorrências:

(29) **De infância** tenho... tenho uma amiga Ø...

(30) Porque **ditadura** só um manda Ø.¹²

Para Deslocamento à Esquerda obteve 34% dos dados da amostra:

(31) Olha, eu acho que **a violência**, *ela* nasce com cada um...

(32) **A gente**, às vezes de nós mesmos *nós* sabemos pouco.¹³

Anacoluto compõe 21% dos dados:

(33) ... mas agora **ser contra** eu não sou.

(34) **A gente** é bom ficar todo mundo ali junto.¹⁴

E tópico-sujeito somente 7%:

(35) **Essas casas** cabem muita gente.

(36) **Meus óculos** entraram água.¹⁵

Em sua conclusão, Vasco (2006, p. 207) dirige um olhar para o PB inserido em um contexto de mudança, analisando-o como uma variedade mais

¹² VASCO, 2006, p. 174-177.

¹³ VASCO, 2006, p. 151-155.

¹⁴ Exemplos de Anac, VASCO, 2006, 142-145.

¹⁵ Exemplos citados por VASCO, 2006, p. 185-186, para Tópico-sujeito.

próxima do tópico do que o PE, mas não caracterizou nossa variedade como língua de tópico pura.

Ainda no âmbito dos estudos da língua falada, porém sob uma perspectiva *sintaxe – fonologia*, estão os trabalhos de *Yonne Leite et alli* (2002) e *Dinah Callou et alli* (2002), que realizaram análises buscando averiguar a variação prosódica das CT. Assim, Leite (2002) realizou uma descrição das CT observando a curva entonacional, a pausa e a congruência sintática, bem como aspectos referentes á forma (número de sílabas, classe gramatical, oração finita ou reduzida, etc.) e funções semânticas. Callou (2002) buscou verificar se existem diferenças entre o nível sintático e o nível prosódico em Top e DE, observando fatores linguísticos, extralinguísticos e prosódicos, também comparados à estrutura sujeito-predicado.

Além dos estudos sincrônicos da CT na modalidade falada da língua, também tomamos como referência estudos da modalidade escrita da língua, como é o caso de *Maria Beatriz Nascimento Decat* (1989) que realizou um estudo diacrônico das CT com base em dados extraídos de correspondências (pessoais e oficiais) e diários dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX. As cartas e diários, neste tipo de trabalho, são escolhidas por sua natureza pessoal

(...) o que faz com que, mesmo escritos, se aproximem um pouco mais da oralidade, permitindo, por um lado, que se tenha uma possível recuperação dos padrões da língua falada em séculos anteriores ao nosso e, por outro lado, entrever aspectos que, já presentes na língua oral, estão sendo incorporados pela língua escrita de uma determinada época. (DECAT, 1989, p. 115).

Assim, com esta abordagem, a autora busca apontar as possíveis causas e mudanças no PB, e os fatores que corroboraram para estas alterações.

Em seu estudo, Decat (1989, p. 118 e 125) considera dois tipos de CT: as de sujeito e as de complemento (englobando aqui objeto direto, indireto e outros complementos pós-verbais). Assim, de um total de 244 textos, foram identificadas 99 CT, tais como:

- (37) **Os mares da Bahia** parece que foram escolhidos para o teatro das novas proezas.
- (38) **As fortalezas todas** achei Ø muito bem reedificadas.

Em (37), verificamos que as funções de tópico e sujeito se fundem, caracterizando a *CT de sujeito*. Já em (38) o objeto direto (as fortalezas todas) é deslocado para o início da sentença deixando uma categoria vazia após o verbo, caracterizando *CT de complemento*.

Na categoria *CT de complemento*, Decat (1989) também engloba os complementos topicalizados que foram retomados por meio de um pronome na sentença-comentário, com é o caso de:

- (39) **O corpo dos Ministros** achei-os em uma tal desunião, uma intriga entre si. (DECAT, 1989, p. 130)

No decorrer do seu trabalho, Decat (1989, p. 119, 124-125, 130-133) faz comparações entre as CT encontradas em seu corpus com as analisadas por Pontes (1987), verificando as construções frequentes em PB atual e as existentes nos dados diacrônicos, a fim de identificar as possíveis mudanças na organização sintática da língua.

Outro trabalho também realizado com a língua escrita sob uma perspectiva diacrônica é de autoria de *Dercir Pedro de Oliveira* (1996), com o objetivo de verificar se as CT recorrentes na modalidade oral, também são

frequentes em língua escrita, e se é possível, dessa forma, classificar PB como uma língua de proeminência de tópico.

Seu córpus é constituído por textos de origens e finalidades diversas, desde correspondências comerciais datadas da primeira metade do século XVIII, crônicas de Rosário Congro (Campo Grande/MS), páginas amarelas da Revista Veja e monografias da Especialização do Centro Universitário de Três Lagoas, visando averiguar a presença do tópico marcado (uma vez que o não-marcado confunde-se com o sujeito). Assim, da obra de Oliveira (1996, p. 155) podemos citar as seguintes ocorrências de CT:

(40) **da esposa**, ele nada mais sabia.

(41) **Casta e importante na sobriedade de suas linhas**, ele é um monumento.

Após análise das variáveis, Oliveira (1996) encontrou uma frequência de 9% para o tópico marcado, concluindo que PB é uma língua com predomínio de sujeito, porém admite o tópico.

CAPÍTULO 3

3 Procedimentos teórico-metodológicos

3.1 Referencial teórico

A Sociolinguística Variacionista, se comparada com as demais abordagens teórico-metodológicas, é muito nova, tendo início com os trabalhos de Willian Labov, nos anos 70 do século XX. Seu objetivo é o estudo da língua em uso, observando, descrevendo e sistematizando as variações da língua dentro de uma determinada comunidade de fala.

Entendemos a variação linguística como duas ou mais formas de dizer a mesma coisa dentro de um determinado contexto, cada uma dessas possibilidades ou formas constitui uma variante. O emprego da variante está relacionado a fatores intralinguísticos, também chamados de estruturais (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos) e extralinguísticos (que são as características sociais dos falantes como sexo, idade, escolaridade, classe social e grau de formalidade).

Assim, a Sociolinguística observa e descreve a língua em uso e identificando em quais situações os falantes optam por uma e outra variedade, demonstrando “a co-variação entre fenômenos linguísticos e sociais, procurando estabelecer entre eles uma relação de causa e efeito” (MARTINS, 2005, p. 82).

Também tomaremos como base alguns conceitos da Teoria Funcionalista que analisa a estrutura gramatical tomando como referência a situação comunicativa

(o propósito da fala, os falantes e contexto de fala), uma vez que estes elementos exercem grande influência sobre a estrutura linguística. Segundo Modesto (2006), a produção de um enunciado implica na interação de diversos fatores que contribuirão para o comunicar-se de maneira eficiente.

Desta forma, analisaremos três dos quatro tipos de CT identificadas no nosso corpus, levando em consideração fatores sociais e linguísticos, seguindo a classificação proposta por Pontes (1987), iniciando pelas construções nas quais o tópico apresenta somente vínculo semântico com a sentença-comentário, e não vínculo sintático que é o caso do **anacoluto (Anac)**:

(42) **O Titanic** eu gostei. (Son, I152)¹⁶

No exemplo (42), o tópico “eu” introduz o sintagma, seguido dele temos uma sentença-comentário (composta por uma sentença completa SVC) sobre o referido tópico. Entre a sentença-comentário e o tópico não há nenhum tipo de vínculo sintático, somente um vínculo semântico.

Em seguida veremos, a **topicalização (Top)** na qual há a mudança da ordem dos elementos da sentença:

(43) **Do primeiro casamento** dela ela tem dois filhos Ø. (Gab, I537)

Observamos que o objeto direto aparece no início da frase, seguido do verbo com o sujeito elíptico “eu”, assim, temos uma ordem TSVØ, que é diversa da canônica SVC.

¹⁶ O código “Son, I152” entre parênteses, corresponde ao nome do informante, que fora codificado para manter sua integridade, e ao nº da linha onde o dado aparece na transcrição do inquérito, respectivamente. Esta nomenclatura foi adotada para todos os informantes mencionados neste trabalho.

E o terceiro grupo analisado será o **deslocamento à esquerda (DE)**, que caracteriza-se pela retomada do tópico na sentença-comentário, por intermédio de um pronome.

(44) **Eu, a Marinês** né, *nóis* não esquentá não, deixo levar... (Mar, l346)

Neste exemplo, o SN “eu, a Marinês” inicia a frase indicando mote da mensagem, porém na sentença-comentário o falante retoma este mote por meio do pronome “nós”.

Nesta dissertação, optamos por não analisar o tópico-sujeito, seguindo as orientações de Vasco (2006) devido à dificuldade de identificação e análise desse tipo de tópico (como já mencionamos anteriormente).

3.2 Referencial metodológico

O *cópus* desta análise foi constituído por meio de gravações da modalidade falada da língua dos alunos de uma escola pública estadual da cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Por ser uma pesquisa de área urbana, decidimos realizá-la (delimitando dessa forma) com os alunos de uma escola pública de periferia, **Escola Estadual José Ferreira Barbosa**¹⁷.

Criada em 8 de julho de 1974¹⁸, a Escola Estadual José Ferreira Barbosa, a princípio oferecia ensino fundamental (na época chamado de 1º grau), hoje atende aproximadamente trezentas crianças e adolescentes, oferecendo-lhes não só o ensino fundamental, mas também o ensino médio. Destinada a atender a

¹⁷ A Escola Estadual José Ferreira Barbosa localiza-se na Rua Comandante Elias Ferreira, nº 55, Vila Bordon, Campo Grande - MS, CEP: 79104-695, telefone: (67) 3314 7057, e-mail: eejfb@sed.ms.gov.br.

¹⁸ Criada pelo Decreto nº 2.085 de 08 de julho de 1974, publicado no Diário Oficial de 12 de julho de 1974, do então estado de Mato Grosso.

comunidade da Vila Bordon - construída exclusivamente para os funcionários do curtume -, e região, Vila Popular, Vila Romana, Jardim Santa Mônica e Jardim Itália.

As entrevistas foram realizadas baseadas nas orientações de Tarallo (1999) de forma que os alunos falassem de assuntos do seu cotidiano da forma mais espontânea possível, emitindo opiniões e refletindo sobre temas que os levem a preocupar-se com o *que* falam, e não com o *como* falam, usando assim o vernáculo que é a fonte para os dados da pesquisa Sociolinguística.

Dentre as várias possibilidades temáticas para entrevistas gravadas escolhemos algumas das citadas por Villa da Silva (2004, p.41), em sua pesquisa realizada na comunidade corumbaense, dentre elas estão: perigo de vida, jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, medos, família, amigos, serviços públicos, violência nas ruas, o preço dos gêneros de primeira necessidade, escola e trabalho, interação com os outros membros da comunidade, viagens. Também consultamos o roteiro para entrevista elaborado por Martins (2005, p. 119) e o adaptamos a nossa realidade¹⁹.

Destacamos que os temas foram escolhidos de acordo com a faixa etária do informante, uma vez que, ao entrevistarmos uma criança de 6 anos, por exemplo, não poderíamos lhe fazer perguntas sobre trabalho, já que ainda não vivenciou essa experiência, e não há o que falar sobre o tema; da mesma forma que não perguntamos aos adultos e adolescentes sobre desenhos animados que assistem na televisão, uma vez que estão trabalhando e/ou já não se interessam mais por esse tipo de entretenimento. Assim, adaptações foram feitas, e para adolescentes e adultos utilizamos um roteiro fixo com perguntas multitemáticas (anexo nº4), para as crianças entre seis e nove anos simplificamos o roteiro (limitando-nos às perguntas

¹⁹ O roteiro usado para a entrevista com os informantes adolescentes e adultos está anexo a este trabalho.

do mundo infantil: desenhos animados, brincadeiras, família e escola) e utilizamos como recurso/apoio histórias em quadrinhos (anexos nº 1, 2 e 3), assim, em determinado momento do inquérito a criança tinha a liberdade de ler história e recontá-la com suas palavras.

A amostra em questão foi gravada nos meses de agosto e setembro de 2007, na Escola Estadual José Ferreira Barbosa, com alunos entre 6 e 40 anos²⁰, de ambos os sexos, totalizando vinte e quatro informantes. As entrevistas têm em média de 30 a 55 minutos e a transcrição dos textos foi realizada na íntegra, seguindo as normas para transcrição de entrevistas de pesquisas sociolinguísticas, adaptadas do Projeto NURC pelo Prof. Doutor Pedro Caruso²¹. Obviamente que, em alguns casos, os minutos iniciais de gravação são descartados, uma vez que o informante ainda está inibido pela situação de ser entrevistado.

Na tabela nº 2, apresentamos a distribuição dos falantes dentro das variantes sociais, uma vez que o número de falantes por grupo de fatores não é homogêneo. Estas diferenças são justificáveis, já que não é possível encontrarmos alunos com mais de vinte e cinco anos cursando o ensino fundamental regular, tampouco alunos com menos de quinze anos cursando o ensino médio. Na tabela em questão os códigos -15, 15-25 e +25, equivalem aos falantes com menos de quinze anos, de quinze anos a vinte e cinco anos, e mais de vinte e cinco anos, respectivamente; F1 corresponde aos alunos cursando a primeira etapa do ensino fundamental, F2 aos alunos que cursam a segunda etapa do ensino fundamental e EM são alunos do ensino médio:

²⁰ A Escola José Ferreira Barbosa oferece à comunidade a primeira e segunda etapas do Ensino Fundamental (correspondendo do 1º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 2º ano), como as salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram fechadas, a aproximadamente dois anos, é comum encontrarmos alunos com idade entre 30 e 40 anos retomando as atividades escolares, depois de muitos anos sem estudar.

²¹ Preti e Urbano (1990, p. 7-8).

Faixa etária	- 15		15 - 25		+ 25		Total
	M	F	M	F	M	F	
F1	4	3					7
F2	2	2					4
EM		1	3	4	2	3	13
total	6	6	3	4	2	3	24

Tabela nº 2: Distribuição de nº de falantes por idade, sexo e escolaridade.

Com os dados coletados, realizamos avaliações estatísticas a fim de medir a frequência do uso das CT na fala dos alunos, bem como quais as construções mais recorrentes. Esta avaliação foi possível, por meio do programa GoldVarb 2001²², versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRuI²³. Os grupos de fatores que compõem o Envelope de Variação são organizados em variáveis dependente e independente²⁴, sendo que esta última apresenta variantes linguísticas e extralinguísticas²⁵:

²² GoldVarb 2001 é um aplicativo .exe (programa formado por um único arquivo) de análise binomial, com base na versão anterior GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff (1990) para Macintosh. O GoldVarb 2001 foi desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação. (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001)

²³ Do inglês *Variable Rules analysis*, “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, 105).

²⁴ Existem dois tipos de variáveis: “as dependentes, que configuram o fenômeno variável, e as independentes, grupos de fatores, de natureza interna ou externa à língua e que podem exercer pressão sobre o fenômeno linguístico, determinando a frequência de sua ocorrência. São as variáveis, portanto, que vão condicionar positiva ou negativamente os parâmetros linguísticos indicadores de variação ou mudança linguística; são elas que, estando em competição na língua, no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra (NARO, 2003), possibilitam identificar uma série de categorias independentes que influem nas escolhas linguísticas.” (SALLES, 2004, p. 62)

²⁵ Para análise com o programa GoldVarb 2001, foi atribuído a cada fator um código aleatório, que aparece relacionado na frente do referido fator.

Variável dependente:

0 – ausência de tópico

1 – presença de tópico

1 Variantes Linguísticas:

1 Variantes das Construções de Tópico:

a – Tópico-anacoluto (Anac)

b – Topicalização (Top)

c – Deslocamento à esquerda (DE)

2 Quanto ao elemento inicial:

5 – SN composto por pronome

6 – SN composto por substantivo

7 – SN composto por outros

8 – SV (sintagma verbal)

3 Dimensão do SN:

1 – até três sílabas

2 – de 4 a 6 sílabas

3 – mais de 7 sílabas

4 Tipos de sujeito:

e – Explícito

i – Implícito

5 Quanto à transitividade verbal:

2 – verbo transitivo direto

3 – verbo transitivo indireto

4 – verbo de ligação

6 Número e pessoa do verbo na sentença-comentário

a – 1ª singular

b – 2ª singular (você)

c – 3ª singular

d – 1ª plural (nós)

e – 1ª plural (a gente)

f – 2ª plural

g – 3ª plural

7 Contrastividade:

c – presença de contraste

s – ausência de contraste

8 Elemento de interferência:

o – sem elemento de interferência

i – com elemento de interferência

9 Variante de Top - Classificação do objeto:

d – Top de objeto direto

i – Top de objeto indireto

10 Variante de DE - Estrutura do DE:

2 – pronome + pronome

3 – SN + pronome

4 – SN + SN

5 – SN + q (outra categoria não relacionada)

6 – (pronome + SN) + pronome

Variantes Sociais:

1 Faixa etária:

1 – menos de 15 anos

2 – entre 15 e 25 anos

3 – maiores de 25 anos

2 Sexo:

M – sexo masculino

F – sexo feminino

3 Grau de escolaridade:

1 – Primeira etapa do Ensino Fundamental

2 – Segunda etapa do Ensino Fundamental

3 – Ensino Médio

3.2.1 Critérios para seleção de dados

Ao analisarmos as vinte e quatro entrevistas, levamos em consideração um total de 3644 unidades sintáticas. Porém, antes de iniciarmos nosso estudo propriamente dito, faz-se importante esclarecer alguns pontos quanto à seleção dos dados que compõem a amostra: convenciamos que uma unidade sintática é uma sentença de sentido completo, independente da quantidade de verbos presentes, uma vez que encontramos CT, tanto em períodos simples, ou seja, sentenças compostas por uma única oração:

(45) **A minha filha de doze anos**, *ela* é terrível... (Mai, I299);

como também encontramos CT em períodos com mais de um verbo, como podemos perceber em

(46) **Embalá**, quase o mesmo né, *embalá* tem que ter muita agilidade né, ou seja, tem que fazê muito rápido né... (Mai, I770)

Na sentença (46), temos o tópico constituído por um sintagma verbal SV (embalar) seguido por uma sentença-comentário, formada por duas orações, cujos núcleos verbais são diversos do SV que compõe o tópico (ter e fazer).

Outro ponto a esclarecer, é quanto ao núcleo do tópico. Seguindo alguns exemplos de Vasco (2006, p. 163), analisamos também CT cujo tópico é formado por SV, como podemos perceber no exemplo do referido autor:

(47) E só que aqui no Rio, **os pessoal que vem lá do Norte**, não sei o quê, *eles* chama tudo o pessoal de nana, né? (VASCO, 2006, p. 163)

Este tipo de sentença também foi encontrado nos dados da nossa amostra:

- (48) ... aí **você tem que esconder**, *escondo* o álco é tudinho escondido. (Fab, l194)²⁶

Seguindo exemplos do mesmo autor, também consideramos nesta análise, os tópicos cuja sentença-comentário aparece mais adiante numa oração subordinada ou coordenada:

- (49) **Muita liberdade**, [eu acho [que *muita liberdade* atrapalha qualquer jovem...]] (VASCO, 2006, p. 157).
- (50) **As duas mais novas**, [quando ia pra festa, [*elas às vezes acompanhavam né ela, [mas não era toda a vez não.]*]] (Mar, l252).

Em suma, consideramos neste trabalho, enunciados com sentido completo (independente se períodos simples ou compostos), contando como uma unidade sintática. Em contra partida, não consideramos como unidades sintáticas válidas para este trabalho, enunciados que não tenham em sua composição os elementos que compõem o tópico ou a sentença tradicional (TSVC ou SVC, salvo os casos do sujeito elidido). Com base nisso foram descartados enunciados truncados, em que o falante interrompe o discurso por algum motivo, geralmente para tentar lembrar ou para (re)organizar o enunciado, uma forma de auto-correção ou um policiamento na fala:

- (51) É... eu sou alegre mas assim.. um pouco alegre... um pouco... sei lá... (Mai, l58).

²⁶ Informante comentando sobre a convivência com alcoólatra.

Em (44), a informante apresenta dificuldade para explicar sua própria personalidade, então sua fala aparece truncada e um “sei lá” no final indicando sua insegurança em responder,

(52) Tem só eu... eu e a minha tia só... só minha mãe e minha tia só de parente (Raf, I34).

Já neste exemplo, o falante reorganiza sua fala três vezes para responder com exatidão a pergunta do inqueridor.

3.2.2 Critérios para uso do programa GoldVarb 2001

Antes que o capítulo quatro se inicie, com a apresentação dos resultados obtidos na análise, julgamos importante esclarecer alguns critérios para uso do programa GoldVarb 2001, de acordo com nossos objetivos e com fatos identificados durante o estudo.

Para atender nossos objetivos (1) e (3) fizemos uma rodada preliminar onde obtivemos as quantidades de ocorrências de TSVC *versus* SVC e as percentagens das mesmas; para atender nosso objetivo (2) excluimos todas as ocorrências de SVC em nossa amostra para que pudéssemos observar somente as variantes de CT, porém sendo três as variantes, não pudemos obter pesos relativos, uma vez que o programa GoldVarb 2001 não nos permite realizar análise multinomial, somente binomial. Sendo assim, para que pudéssemos prosseguir com a análise, selecionamos as duas variantes de CT mais recorrentes na amostra: Anacoluto e Deslocamento à esquerda. Outro fator que nos levou excluir as

ocorrências de SVC para a rodada final foram os *KnockOut*²⁷ em quase todos os grupos de fatores, uma vez que muitas características TSVC, não se aplicam à SVC.

Em suma, nossa análise e apresentação dos dados seguiram a ordem:

- i. Apresentação da variável dependente: presença e ausência de CT (item 4.1);
- ii. Apresentação das variantes das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à Esquerda (item 4.2);
- iii. Análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos levando em consideração Anacoluto e Deslocamento à Esquerda (item 4.3).

Solucionando, desta forma, os problemas encontrados durante a análise binomial.

²⁷ *KnockOut* ou *nocaute* é uma terminologia de análise do GoldVarb (utilizada em todos os programas da série VarbRul) “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). O nocaute é um problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que um grupo de fatores é zero, não há variação e o programa não tem com o *que* exprimir pesos e frequências.

CAPÍTULO 4

4 Descrição e interpretação dos dados

Analisar um fenômeno sob a luz da Sociolinguística é observar a língua como um instrumento social, adaptada a fatores internos e externos, ou seja, observar fatores linguísticos e sociais que podem influenciar a língua, criando assim novas variantes e variáveis, de acordo com o contexto de fala.

Como já mencionamos no referencial teórico-metodológico deste trabalho, analisamos a frequência do uso das CT, primeiramente, de uma forma geral, e em seguida a frequência de suas variantes Anac, Top e DE. Lembrando que a variante tópico-sujeito (Tsu), não foi analisada neste trabalho, uma vez que levanta muita polêmica e divergências em sua análise, devido a sua semelhança aparente com a sequência SVC (como já mencionamos anteriormente).

Ao analisarmos as vinte e quatro entrevistas, levamos em consideração um total de 3644 unidades sintáticas.

4.1 Variável dependente

Após observância dos critérios mencionados anteriormente, para as vinte e quatro (24) entrevistas, encontramos uma ocorrência de três mil, seiscentas e quarenta e quatro (3644) unidades sintáticas, sendo que seiscentas oitenta e quatro (684) com presença de tópico e duas mil, novecentas e sessenta (2960) seguindo a

ordem SVC. Apresentamos na tabela nº 3, os resultados totais obtidos pelo programa GoldVarb 2001, para presença e ausência de CT:

	oc	%	
Ausência de CT	2960	81	
Presença de CT	684	18	
Total da amostra	3644	100	<i>Input ,812</i>

Tabela nº 3: Ausência e presença de tópico.

Como é verificado a ausência de tópico, ou seja, a ordem SVC foi mais recorrente, com 81% de uso, sendo que as CT aparecem em menor número, ocupando somente 18% na fala dos informantes. Mesmo com uma percentagem relativamente baixa, a análise *binomial up/down*²⁸ nos forneceu um *input* de 0,812, demonstrando a relevância da variante popular na fala espontânea.

Também elaboramos um gráfico para melhor visualização das porcentagens referentes à realização de CT e SVC:

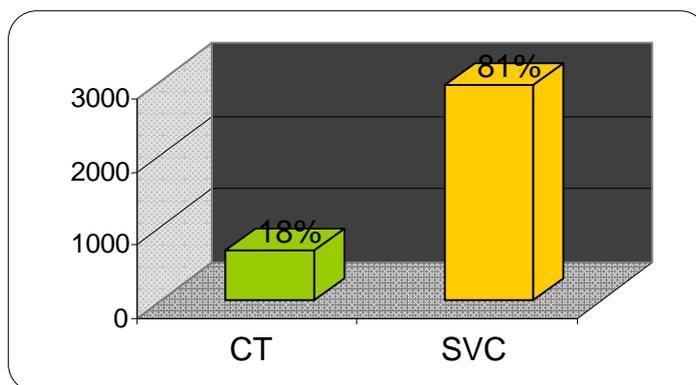


Gráfico nº 1: Percentagens de Construção de Tópico *versus* ordem Sujeito-Verbo-Complemento presentes na amostra.

²⁸ A opção *step* testa a significância de cada grupo de fatores, fornecendo informações sobre os “melhores” grupos de fatores (GUY & ZILLES, 2007, p. 164), ou seja, aqueles que favorecem a presença do fenômeno linguístico observado.

Ao observarmos dados de outras pesquisas também realizadas com as CT, encontramos percentagens relativamente próximas, como é o caso de Martins (2005, p. 74-75) que pesquisou o tópico na fala uberlandense e constatou que, de 2565 dados da amostra, 9% eram CT. Segundo a autora:

Os resultados obtidos, de acordo com o *cópus* investigado, parecem mais favoráveis a uma inferência de que o PB é uma língua que admite o uso de tópico, uma vez que as estruturas com sujeito foram significativamente mais frequentes. (MARTINS, 2005, p. 75)

Outros autores também apresentaram resultados semelhantes, nos quais o tópico não representa nem 20% da amostra: Salles (2004) ao realizar pesquisa sobre o uso do duplo sujeito, identificou uma frequência de 3%, de um total de 2400 sentenças. Martins (2005) ao pesquisar o Tópico *latu sensu* na cidade de Uberlândia, analisou um *cópus* constituído de 45 inquéritos, das 2565 sentenças abstraídas da amostra, 9% eram tópicos. Já Belford (2006) identificou em 22 inquéritos 15% DE (totalizando 230 oc) e 18% de Top (totalizando 328 oc). Vasco (2006), por sua vez, não colocou total de ausência e presença em percentagens, mas dos 30 inquéritos analisados, foram identificadas 1321 ocorrências de CT.

Com base nestes dados, constatamos que PB é uma língua que admite o tópico enquanto esquema de organização frasal, assim como Pontes (1987) e Vasco (2006) não classificaríamos PB como uma língua de tópico, mas como uma língua com orientação para o sujeito e o tópico (em menos escala).

4.2 Variáveis do Tópico

Para atender ao segundo objetivo da nossa pesquisa, averiguar qual das variantes de CT é mais recorrente na fala dos nossos alunos, fizemos uma rodada à parte com o programa GoldVarb 2001, na qual eliminamos as sentenças SVO, para que obtivéssemos somente as porcentagens de CT.

Como já mencionamos no capítulo 2, as CT são divididas em quatro grupos, porém para esta pesquisa nos limitamos somente a três: Anac, Top, e DE. Relacionamos, em forma de tabela e gráfico, os valores das porcentagens e total de ocorrências para esses grupos:

	oc	%
DE	352	51
Anac	263	38
Top	67	9
Total de CT	682	100

Tabela nº 4: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda.²⁹

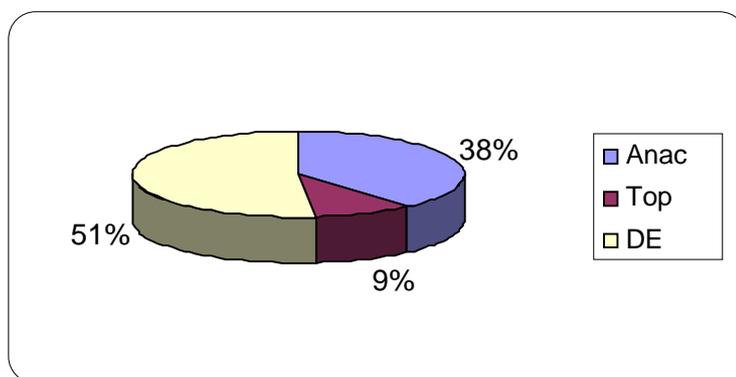


Gráfico nº 2: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda.

²⁹ Na tabela nº 4 não colocamos os pesos relativos, pois a versão GoldVarb 2001 somente executa análise binomial, e não foi divulgada a versão multinomial.

O gráfico nº 2 mostra a diferença entre as variáveis de CT. As informações do gráfico se complementam com as da tabela nº 4, nos quais apresentam 352 ocorrências para DE, compondo pouco mais da metade das ocorrências 51%; seguido de Anac com 263 ocorrências, compondo 38% do total; e por último com 67 ocorrências de Top, compondo 9% dos dados da amostra.

Outros autores, como já citados anteriormente, veem contribuindo com estudos sociolinguísticos sobre o tópico. Na pesquisa realizada por Vasco (2006), ao observar a distribuição das CT na fala carioca, das 1321 ocorrências de CT, 38% foram de Top, 34% DE, 21% Anac. Já em Orsini (2004), observamos dados analisados em dois períodos, a década de 70 e a década de 90, com base no acervo sonoro do Projeto NURC-RJ, nos quais 46% são Top, 42% são DE e 12% para Anac. Mesmo sendo da mesma metrópole, por serem informantes diferentes em épocas diferentes, as ocorrências oscilaram, porém Top permanece com maior índice em ambas amostras, o que não acontece nesta pesquisa.

Nossos resultados confrontam ambos trabalhos, apresentando DE como variante mais recorrente nas CT. Esta diversidade pode ser justificada se observada a própria estrutura do DE, uma vez que o falante tem necessidade em deixar claro o mote frasal, utiliza o tópico como recurso de ênfase e também o pronome-cópia como recurso sintático, reforçando mais uma vez o tema de que trata, como constatamos em

(53) **A mula-sem-cabeça** ela mata com o fogo da cabeça *dela*. (Luo, 1834)

No qual o informante usa o pronome para fazer referência ao mote. Esta preferência por DE também pode estar relacionada à tendência do preenchimento

do sujeito em PB, uma vez que, em determinados períodos, o mote não é o mesmo que o sujeito da sentença-comentário.

(54) **A mãe da minha mãe**, então eu sou mais apegada com *ela* lá. (Pat, l266)

Em (54), o tópico (a mãe da minha mãe) não coincide com o sujeito do verbo da sentença-comentário (eu), assim a organização da sentença seguindo o esquema DE contribui para clareza da mensagem, evitando que o interlocutor não confunda tópico com sujeito.

Assim, ao utilizar estes recursos, o falante garante que será compreendido por seu interlocutor, como forma de assegurar a qualidade da sua mensagem.

Elencamos algumas sentenças como exemplos das variáveis de CT:

a) Deslocamento à esquerda:

(55) **Minha família** *nós* foi no rio que tem aí no lado da Pedreira. (Ali, l49)

(56) É... tem **o homem mau** *e/le* tem uma caverna, tem o passarinho e tem a... a mãe da fada. (Tam, l111)

(57) Mais **o meu primo Frango** *e/le* pegou o meu dvd do Power Ranger (Lui, l496)

Em (56) e (57), o tópico é retomado na sentença comentário na forma do pronome *e/le(s)*, porém a pessoa a que se refere o pronome pode variar de acordo com o contexto de fala, como em (55) no qual o falante se inclui no tópico e usa o pronome *nós* no momento da retomada.

b) Exemplos de Anacoluto:

- (58) **URV** naquela época tudo aumentava todo dia né. (Mai, l137)
- (59) **O SUS** eu não sei se faz.. e aquele tal dia você vai lá pegar o resultado. (Mar, l685)
- (60) **As gírias** às vezes do jeito que eu falo, ele implica muito (Gab, l271)

Em (58), (59) e (60), constatamos que o tópico estabelece relações semânticas com a sentença-comentário, sem apresentar quaisquer vínculos sintáticos.³⁰

c) Exemplos de Topicalização:

- (61) ...mas **aqui** eu pensei primeiro na minha mãe Ø né. (Seb, l141)
- (62) **Jogo dos palitos** que eu tenho Ø também. (Luo, l775)
- (63) ...**uma infância de conhecimento** eu considero Ø. (Ari, l368)

Em (61), (62) e (63), verificamos que um dos complementos desloca-se do final para o início da sentença, assumindo a função de tópico, deixando uma categoria vazia (Ø), que poderia ser substituída pelo próprio tópico: “Eu tenho *jogo dos palitos* também.”, por exemplo.

Neste ponto do trabalho, vemos que as três questões iniciais foram respondidas: (1) (3) os falantes usam o tópico como recurso linguístico para organização frasal, mas a ordem canônica é de preferência da maioria dos falantes

³⁰ Alguns casos em Anac, porém, não couberam nos critérios estabelecidos:

(a) **Filme** ‘O amor não tira férias’ e ‘Como se fosse a primeira vez’ (Gab, l70) - Neste exemplo, constatamos o tópico “filme”, mas em sua sequência a sentença-comentário não corresponde a uma oração, mas sim a outros dois sintagmas nominais (os nomes dos filmes).

(b) **Mensagem** ‘ó, tô em tal lugar... ó, vamu levar o neném no médico... vamo sai?’ (Gab, l708) - Neste caso, o tópico “mensagem” é referência para uma representação de diálogo utilizada pelo falante, para demonstrar o conteúdo da mensagem.

entrevistados, com 82% dos dados da amostra e (2) das três variáveis de CT, a mais recorrente foi DE, compondo 51% das CT da amostra.

Porém, após leituras como as obras de Vasco (2006) e de Belford (2006), constatamos que as variações de CT podem ser mais exploradas, com base nos conceitos Sociolinguísticos e Funcionalistas. Assim sendo, realizamos mais de uma rodada com os dados da amostra, a fim de verificar outras características dentro desse fenômeno linguístico.

Trata-se da terceira análise do programa GoldVarb 2001³¹, no qual consideramos somente as variáveis Anac e DE, uma vez que foram as variantes mais recorrentes. A análise em questão apresentou como resultado da etapa *step-up/down* os grupos de fatores: Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda, Número e pessoa do verbo da sentença-comentário, elemento inicial (classe morfológica do núcleo do tópico) e a faixa etária dos informantes.

4.3 Análise de Anacoluto e Deslocamento à Esquerda

4.3.1 Fatores Linguísticos

a) Quanto ao elemento inicial:

Nesta etapa da pesquisa, procuramos observar as estruturas mórficas que compõem o tópico, para tal, levamos em consideração a classificação morfológica do núcleo do tópico:

³¹ Anexo nº 8.

I) Núcleo constituído de SN composto por pronome:

(64) ...**eu** qualquer serviço [eu] desenvolvo... (Ger, I364)

II) Núcleo constituído de SN composto por substantivo:

(65) **Aí a porta**.. eles abriram *a porta* e tem aquelas grades né... (Faa, I198)

III) Núcleo constituído de SN composto por outras categorias gramaticais, como demonstrativos, possessivos, advérbios e adjetivos:

(66) **Isso** aí..eu não concordo com *isso* aí e eu to achando fraco... (Ger, 920)

IV) Núcleo constituído de SV (oração):

(67) **Fazer uma faculdade** eu fico contente. (Ger, I1170)

Obtivemos os seguintes resultados:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
SN composto por pronome	15	13	93	86	108	17	.86
SN composto por substantivo	167	42	230	57	397	64	.58
SN composto por outras categorias	33	71	13	28	46	7	.28
SV	79	74	17	25	66	10	.27
totais	264	42	353	57	617	100	

Tabela nº 5: Elementos mórficos que constituem o tópico nas Construções de Tópico Anacoluto e Deslocamento à Esquerda.

A tabela nº 5 mostra que das 617 concorrências de Anac e DE, 64% dos tópicos apresentam como núcleo palavras substantivas, seguidas dos pronomes, com 17%; SV com 10% e tópicos compostos por outras categorias compõem 7% do total.

Ao atribuímos como valor de aplicação ao uso de DE, verificamos que os pesos indicam que o falante tende a utilizar mais o pronome como núcleo do tópico (.86) do que os substantivos (.58).

No que tange exclusivamente ao uso do SN e SV para compor o tópico, nossos resultados estão consoantes com a pesquisa realizada por Vasco (2006, p.142), cujo objetivo era, em uma das etapas do seu trabalho, identificar os elementos mais recorrentes constituindo o tópico de Anac, em sua análise constam 58% dos tópicos compostos por SN, apenas 9% compostos por pronomes pessoais e 9% por orações (SV).

A maior recorrência de SN como núcleo do tópico está relacionada à própria função do tópico dentro da sentença, uma vez que o tema está relacionado, em grande parte, à pessoas, coisas e/ou lugares aos quais o falante faz referência, é natural que sejam colocados em destaque no momento da comunicação, seguindo dos comentários, ações e situações nos quais estejam envolvidos.

b) Transitividade verbal:

No que diz respeito à transitividade verbal, observamos verbos intransitivos, transitivos diretos e indiretos, bem como os verbos de ligação. Porém, constatamos que os verbos transitivos indiretos, ora eram preposicionados, ora não-

preposicionados, então julgamos necessário categorizar a transitividade verbal seguindo os critérios abaixo:

I) Sentença composta por verbo de ligação (VL):

(68) **A minha mãe** *ela* é doméstica (Gab, I339)

II) Verbo transitivo direto (VTD):

(69) **Irmã** (eu) não tenho. (Seb, I 20)

III) Verbo transitivo indireto preposicionado (VTI):

(70) **Do meu pai** que (eu) ganho. (Mea, I269)³²

IV) Verbo transitivo indireto não-preposicionado (VTI n-prep.):

(71) ... que **esse hino** até hoje eu gosto... (Son, I56)

V) Verbo transitivo direto e indireto (VTDI):

(72) **Do Lobisomem**... toda quinta tem que comprar uma roupa pra... *pro lobisomem nova*" (Tam, I568)

A seguir apresentamos a tabela com o resultado deste grupo de fatores:

³² Informante falando sobre jogos e vídeo game.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	%	oc	
VTI	31	47	34	52	65	10	.69
VTD	77	34	147	65	224	36	.66
VL	47	38	76	61	123	19	.61
VTDI	4	44	5	55	9	1	.56
VI	87	51	83	48	170	27	.49
VTI n-prep.	18	69	8	30	26	4	.31

Tabela nº 6: Transitividade verbal.

Assim, o verbo transitivo indireto favorece a presença do DE, com peso .69, seguindo do verbo transitivo direto com peso .66. Porém, é relevante observar que independente do valor de aplicação que atribuímos (DE), se observamos de uma forma geral, VTD tem maior percentagem de ocorrências, com 36% dos dados analisados, seguido de VI com 27% dos dados da amostra.

Esta preferência por verbos transitivos e intransitivos é inerente à própria estrutura da sentença e à qualidade da mensagem (ou seja, a compreensão satisfatória por parte do interlocutor) . Segundo Rocha Lima (2006, p. 340) “O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que sua supressão torna o predicado incompreensível, por omissos ou incompleto.” (grifo do autor), assim, com o intuito de comunicar-se com clareza, o falante dá preferência aos verbos transitivos para que, por meio dos complementos, as ações verbais estejam claras e sejam bem compreendidas por seu interlocutor.

c) Sujeito explícito ou implícito:

Com este grupo de fatores, objetivamos identificar se a presença do sujeito favorece ou não a presença do DE. Para tanto, esse grupo é organizado em dois fatores:

I) Sujeito explícito:

(73) **Curitiba** eu gostaria de morar. (Ger, l567)

II) Sujeito implícito:

(74) **A cobra cega** [você] coloca um pano aqui... (Vit, l185)

Na tabela nº 7, visualizamos os resultados obtidos sobre o sujeito nas orações:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Sujeito explícito	206	37	337	62	543	88	.62
Sujeito implícito	58	78	16	21	74	11	.22

Tabela nº 7: Sujeito explícito *versus* sujeito implícito.

Com peso .62, os falantes entrevistados tendem a preencher o sujeito nas CT, para peso .22 do sujeito implícito. Esta preferência pelo preenchimento do sujeito nas CT, nos remete aos conceitos de tópico e sujeito, enquanto o tópico é o assunto a ser tratado na sentença, o sujeito é o ser que age sobre o verbo, logo, tópico e sujeito nem sempre são os mesmos. Dentro deste contexto, deixar o sujeito

explícito na sentença evita qualquer comprometimento com a qualidade da mensagem.

Nossos dados estão de acordo com a pesquisa realizada por Belford (2006), com peso relativo .58, segundo a autora:

A presença do sujeito nesse caso pode ser explicada, considerando-se que, ao explicar-se o sujeito na oração, evita-se a confusão com o tópico e sujeito. Num primeiro momento, ao pronunciar-se o SN, dúvidas poderiam surgir para identificá-lo como tópico ou sujeito. (BELFORD, 2006, p.67)

Dessa forma, à função de sujeito é acrescida uma nova propriedade, a colaboração ou manutenção da inteligibilidade da mensagem.

Outra justificativa para a grande quantidade de sentenças com sujeito explícito é a tendência do preenchimento do sujeito que tem se revelado em estudos da modalidade oral do PB. Segundo Oliveira (1989),

De certo modo, ao transmitir a mensagem, o destinador tem interesse em que destinatário compreenda a mensagem. Isso pode ser a razão de os referentes aparecem reiterados, explicitados, interpretados, criticados (em ambos os sentidos) e, ainda, preenchidos. (OLIVEIRA, 1989, p. 147)³³

Em sua pesquisa com informantes de três capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), Oliveira (1989) aponta resultados favoráveis à preferência do falante do PB em preencher o sujeito, com 77% dos dados.

³³ Outros pesquisadores que observaram o fenômeno do sujeito expletivo: Kato e Negrão (2000), Duarte (2003), Bravin dos Santos (2005).

d) Contrastividade:

Para o grupo de fatores d), nosso objetivo foi identificar se a presença da contrastividade, ou seja, a presença de um elemento de contraste (como a conjunção adversativa *mas*) ou ainda um contexto adversativo, por exemplo; está corroborando para a ocorrência de DE:

I) Presença de contraste:

(75) **Minha irmã** é... ele é feio, velho, cricri, sistemático, mas *ela* gosta dele. (Gab, 1779)

(76) **Os jogadores** [eu] colocaria jogadores bons no lugar dos jogadores ruins... (Kar, 1163)

A presença do contraste, marcado pela conjunção adversativa *mas* em (75), e o nível semântico, no caso da CT (76), na qual o falante contrasta sua opinião entre a saída dos jogadores atuais que são ruins, e a troca por jogadores, segundo ele, bons.

II) Ausência de contraste:

(77) **Minha mãe**, *minha mãe* não trabalha mais... (Pat, 1828)

(78) Não, **os meus pais** *eles* se separaram. (Luc, 139)

Ao observarmos a tabela nº 8, verificamos índices de presença e ausência da contrastividade nas CT:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Ausência de contraste	219	45	260	54	479	77	.54
Presença de contraste	45	32	93	67	138	22	.67

Tabela nº 8: Presença do elemento contrastivo.

As percentagens na tabela nº 8 apontam maior recorrência de CT com ausência de contrastividade, levando em consideração os totais, com 77% para ausência, e 22% de presença. Porém, ao marcarmos como valor de aplicação DE, o programa GoldVarb 2001 nos aponta a preferência pelo uso de DE quando CT for contrastiva, com peso relativo .67.

Nossos resultados estão em conformidade com a pesquisa de Belford (2006), que, ao analisar a fala carioca, encontrou peso relativo .68 para a marcação do contraste, demonstrando a relevância deste recurso.

A opção pelo uso do elemento contrastivo é um recurso coesivo recorrente em PB e que, Segundo Braga (2004), tem sido investigado sob a luz da Teoria da Variação. Independente da ausência/presença do conector, enunciados adversativos auxiliam o interlocutor, por meio de comparações e/ou relações, na compreensão da mensagem. A preferência pela estrutura tópica com elemento co-referencial (DE) está relacionada não só ao uso elemento contrastivo, mas também a extensão da sentença, uma vez que, ao criar um contexto de contraste, o falante usa períodos compostos, muitas vezes distanciam o mote da sentença-comentário, favorecendo a presença do pronome como recurso de recuperação/referência ao tópico.

e) Elemento de interferência no Deslocamento à Esquerda³⁴

Propusemos dois grupos de fatores nesse item. No qual nosso objetivo é verificar se a presença de elementos de interferência entre o tópico e a sentença-comentário favorece ou não a presença do pronome co-referencial, elemento que caracteriza DE.

Segundo Pontes (1987, p. 26), o pronome-cópia caracteriza-se como um co-referente ao sujeito da sentença e que, a princípio, parece redundante, mas contribui para caracterização do tópico. Para ela, o aparecimento do pronome co-referente também pode ser justificado se observada a distância entre o tópico e o verbo: quanto maior a distância entre estes elementos maior a necessidade de deixar claro o referente.

Diante do exposto, para este grupo selecionamos os seguintes fatores:

I) Ausência de elemento interferente entre o tópico e a sentença-comentário:

(79) aí **o homem** *e/le* tava drogado... (Faa, l64)

II) Presença de elemento interferente entre o tópico e a sentença-comentário:

(80) **a Juliana**, foi uma vez, no começo do ano, que eu discuti com *ela*... (Gab, l391)

Após a rodada do GoldVarb, obtivemos os seguintes resultados³⁵:

³⁴ Quanto ao termo, Salles (2004, 72-74) usa a nomenclatura “interveniente”, enquanto Belford (2006, 71-73) usa “interferente”, para essa dissertação adotamos a nomenclatura interferente.

	DE	
	oc	%
Ausência de elemento interferente	167	46
Presença de elemento interferente	186	71

Tabela nº 9: Elemento interferente.

Ao observarmos os dados da tabela nº 9, verificamos que as diferenças são consideráveis, no que diz respeito a presença e ausência do elemento interferente, pouco mais de 20 pontos. Uma vez que a presença deste elemento aumenta a distância entre o tópico e a sentença-comentário, favorece a presença co-referencial em DE.

O maior índice de ocorrências do pronome-cópia em períodos longos ou compostos, justifica-se pela preocupação do falante em se fazer entender por seu interlocutor, ou seja, o zelo pela qualidade da sua mensagem. O falante, ao perceber que o mote se distancia da sentença-comentário, faz com este um elo por meio do pronome, retomando o tema, evitando que seu interlocutor equivocadamente pense que mudou de assunto. Assim em sentenças compostas como

(81) **As pessoas** é.. pensando que aquilo é melhor, *elas* vão seguindo a novela. (Kar, l220),

o informante retoma o mote (as pessoas) por meio do pronome (elas) para que seu interlocutor não perca o referente.

³⁵ O pronome-lembrado é uma característica de DE e não aparece nas outras variáveis de CT, o que impossibilita a análise binomial do GoldVarb 2001, logo não colocamos pesos relativos para esta categoria.

Nossos resultados são consoantes com a pesquisa de Vasco (2006, p.160), na qual há uma frequência maior de CT com “material interveniente”, 60%; para somente 40% sem “material interveniente”, de um total de 334 sentenças com DEsubj.

Belford (2006, p. 72), ao estudar a relação do DE com presença *versus* ausência do elemento de interferência afirma que: “Tais resultados, bastante polarizados, comprovam que a presença de elementos interferentes entre o SN e a sentença-comentário favorece o aparecimento do elemento co-referencial”.

É relevante ressaltar aqui que em estudos referentes à língua falada, os resultados variam de acordo com o contexto de fala e sócio-cultural: na pesquisa desenvolvida por Salles (2004, p.72-74) sobre a presença ou ausência do elemento interveniente, com falantes da cidade de Cascavel/PR, os dados mostraram que é neutra a influência destes elementos, uma vez que o peso relativo está muito próximo a .50.

f) Dimensão do tópico:

Pretendemos, com esse grupo de fatores, determinar se há influência da extensão do SN³⁶ para a presença da CT. Selecionamos três fatores para esse grupo, a saber:

I) SN com até três sílabas:

(82) **Meu pai e/le** tem mais filme... eu tenho um pouco de dvd... (Mea, I40)

³⁶ Medido aqui em sílabas, seguindo o modelo em Belford (2006, p. 74-75).

II) SN contendo de quatro a seis sílabas:

(83) ...aí **o Peter Pano** aí *e/e* saiu correnu... (Vit, l250)

III) SN com sete sílabas ou mais:

(84) ... **meu amigo lá do Rio de Janeiro**, *e/e* chama Sebastião também. (Seb, l166)

Assim, apresentamos os seguintes resultados:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Tópico até três sílabas	90	30	210	70	300	48	.70
Tópico de 4 a 6 sílabas	107	54	91	45	198	32	.46
Tópico com mais de 7 sílabas	67	56	52	43	119	19	.44

Tabela nº 10: Dimensão do tópico.

A tabela nº 10 mostra que o tamanho do sintagma que compõe o tópico não contribui para a presença da CT, pois os tópicos menores, com até três sílabas, são mais recorrentes nas CT, com peso relativo .70.

Pesquisas citadas indicam diferentes resultados, como é o caso de Belford (2006), que consideraram favorável a presença de DE quando o SN for mais longo, enquanto Vasco (2006, p. 88), por sua vez, considerou que no PB os DE não parecem estar vinculados ao tamanho do SN.

Em nossa análise, observamos que com o peso .44, os sintagmas longos não influenciam a ocorrência de CT.

g) Número e pessoa do verbo:

O objetivo da análise deste grupo de fatores é verificar qual o número e pessoa do discurso são mais recorrentes nos verbos da sentença-comentário da CT. Ressaltamos que este número é observado independente se o sujeito da sentença é expletivo ou elidido, conforme mencionamos no início deste capítulo (p. 63).

Para esse grupo selecionamos os seguintes fatores:

I) 1ª pessoa do singular:

(85) **Esse aí** eu não me lembro Ø... (Tai, I97)

II) 2ª pessoa do singular – você:

(86) Porque **conversinha** você fica de conversinha, conversinha, não dá certo, sabe, eu não gosto disso. (Pat, I334)³⁷

III) 3ª pessoa do singular:

(87) ... e **eles** o pneu *deles* furaram... (Faa, I175)

IV) 1ª pessoa do plural – nós:

(88) porque **a morte** [nós] temos que aceitar. (Ger, I801)

V) 1ª pessoa do plural – a gente:

(89) Não porque assim...**eu e meu pai** *agente* não tem diálogo (Gab, I363)

³⁷ Podemos observar que em (79), temos duas sentenças-comentário para o mesmo tópico “conversinha”, a primeira “você fica de conversinha” e a segunda “eu não gosto disso”, que também se refere ao mesmo tópico.

VI) 2ª pessoa do plural – vocês:

Pretendíamos investigar este item antes da primeira rodada com os dados, porém ao detectarmos que não houve nenhuma ocorrência com a segunda pessoa do plural, eliminamos este item do grupo de fatores.

VII) 3ª pessoa do plural:

(90) Aí ficam **a Fabiane e a Jéssica**... *e/as* ficam falando, comentando da Edilaine... (Fab, I280)

Neste grupo de fatores é relevante esclarecer que na variante popular da língua é comum somente no primeiro elemento do sintagma, seja ele verbal ou nominal, aparecer flexionado, como exemplificou Tarallo (1999) *as meninas bunitaØ* ou *as meninaØ bunitaØ*, no qual “o falante utiliza-se da variante não-padrão [Ø] nas duas posições finais do SN, retendo a marca de plural somente na posição inicial” (TARALLO, 1999, p. 9)³⁸. Neste caso, para análise deste grupo de fatores, optamos pelo número “contextualizado” do verbo, ou seja, mesmo que o verbo não esteja flexionado, mas seu sentido é plural, nós o classificamos no grupo plural. Assim sendo sentenças como:

(91) **Os Power Ranges do SBT** *e/e* lutam pela justiça. (Luo, I485)

foram classificadas como 3ª pessoa do plural, mesmo que o falante não tenha concordado o pronome, entendemos pelo tópico e pelo verbo que se trata de mais de uma pessoa.

Assim, abstraímos os seguintes valores da amostra:

³⁸ Outra pesquisadora que se dedicou aos estudos da variação na marcação do plural em SN foi Almeida (2008), que observou a fala dos moradores da comunidade ribeirinha de Corumbá/MS.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
1ª pessoa do plural (nós)	2	14	12	85	14	2	.86
3ª pessoa do singular (ele/ela)	126	34	239	65	365	59	.65
3ª pessoa do plural (eles/elas)	17	37	28	62	45	7	.62
1ª pessoa do plural (a gente)	10	45	12	54	22	3	.55
1ª pessoa do singular (eu)	99	61	61	38	160	25	.38
2ª pessoa do singular (você)	10	90	1	9	11	1	.09
2ª pessoa do plural (vocês)	-	-	-	-	-	-	-

Tabela nº 11: Número e pessoa do verbo na sentença-comentário.

A tabela nº 11 mostra que a 1ª pessoa do plural apresenta maior peso relativo, com .86, seguida da 3ª pessoa do singular, com peso .65.

Nota-se que a 1ª pessoa do plural está subdividida em nós e a gente, pois ambas variedades são válidas em PB. Segundo Muniz (2008), a forma *a gente* está concorrendo com a forma *nós* como representação da 1ª pessoa, mesmo que muitos gramáticos não reconheçam essa forma como expressão válida em PB, diversas pesquisas com o vernáculo atestam o uso das duas formas. Analisando os totais, em nossa amostra, houve uma sensível preferência pelo uso da variante *a gente* nas CT analisadas, corroborando com outros autores no que tange a alternância *nós / a gente*.³⁹

³⁹ Para saber mais sobre a variação entre *nós* e *a gente*, indicamos Bueno (2003), Muniz (2008), Braga (2003) e Lopes (1998).

h) Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda

O objetivo da análise deste grupo de fatores é observar quais elementos compõem a estrutura das CT do tipo DE, uma vez que se caracterizam pela retomada do tópico na sentença-comentário. Porém, ao selecionarmos todas as CT com DE, constatamos percebemos que, em algumas sentenças, o tópico poderia ser retomado, não somente por um pronome (seja pessoal ou demonstrativo), mas também por outro SN. Logo, para esse grupo, selecionamos os seguintes fatores, sendo que o primeiro elemento compõe o tópico e o segundo, a retomada na sentença-comentário:

I) Pronome e pronome (PN+PN)

- (92) ...porque **elas** *elas* jogaram bastante, só que não conseguiram e nem por isso desistiram. (Faa, l122)

Em (92), o tópico apresenta-se em forma de pronome (elas), que também é repetido na sentença-comentário.

II) Sintagma nominal e pronome (SN+PN)

- (93) ... e **a dona Teresinha** que *ela* não tem filha aí eu sou vizinha dela... (Tai, l177)

Neste segundo fator, o tópico é composto pelo SN (a dona Teresinha) que é retomado na sentença-comentário como pronome (ela).

III) Sintagma nominal e sintagma nominal (SN+SN)

- (94) **Gurizada no escuro** *uns doze guris* tudo cheirando maconha, tudo assim doze anos treze anos. (Ger, l528)

Neste exemplo, observamos que a retomada do tópico não ocorreu por meio do pronome, mas por outro SN.

IV) Pronome e sintagma nominal (PN + SN)

- (95) Agora **ele** *o Silvio Santos* inventou aquele que passa as pegadinhas lá, das provas. (Ale, l512)

V) Sintagma nominal e pronome indefinido (SN+Q)

- (96) Daí aquela hora que tocou **aquela parte** assim que... que ficou uma parte bem espiritual do filme que eu vi, em relação a toda a parte, eu vi uma parte espiritual *ali*. (Son, l64)

VI) Pronome e sintagma nominal e pronome ((PN+SN)+PN)

- (97) Mais com a Débora... **a Débora e eu**, *a gente* é muito legal. (Gab, l426)

Ressaltamos que, neste item, não colocamos peso relativos, pois DE é a única variável das CT que apresenta estrutura, logo não é possível compará-la à outra para exprimir sua probabilidade em forma de peso relativo.

	DE	
	oc	%
SN+PN	182	51
PN+PN	100	28
SN+SN	45	12
PN+SN	10	3
SN+Q	5	1
(PN+SN)+PN	6	1

Tabela nº 12: Elementos mórficos que compõem Deslocamento à Esquerda.

Os dados da tabela nº 12 indicam que a estrutura mais recorrente entre DE é composta por um SN constituindo o tópico, sendo retomado na sentença-comentário na forma de pronome, com 51% dos dados; seguido estrutura PN+PN, ou seja, tópico constituído de pronome, sendo retomado na sentença-comentário também por um pronome.

A preferência pelo substantivo como núcleo do tópico está relacionada à sua função de evocação do novo tema. Uma vez que, o substantivo nomeia seres, pessoas, objetos e lugares, o falante o usa como recurso para introdução de novos assuntos, ou seja, o tópico novo. Já o pronome como tópico da sentença, faz menção a um tema já evocado na mensagem ou numa sentença anterior, por exemplo.

Nossos resultados são consoantes com a pesquisa de Vasco (2006, p.151), referente ao sujeito da sentença-comentário em DE (DESuj), na qual 77% são compostas por pronomes do caso reto e 13% por outros elementos e 10% por

um SN idêntico. Já na pesquisa de Salles (2004, p. 81), a estrutura de DE apresenta maior incidência em PN+PN.

4.3.2 Fatores Sociais:

Quanto aos fatores sociais, selecionamos três grupos: sexo, idade e escolaridade, os quais apresentaram os resultados a saber:

a) Sexo do informante:

Ao observamos a tabela nº 14, constatamos que o sexo do falante não influencia muito pouco na presença ou na ausência da CT, pois seu peso relativo e percentagens são muito próximos e/ou equivalentes. No Deslocamento à Esquerda nota-se um leve favorecimento na construção do tópico, 57% e 56% para homens e mulheres, respectivamente.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Masculino	129	42	175	57	304	49	.57
Feminino	135	43	178	56	313	50	.57

Tabela nº 13: Sexo do informante.

É consenso entre estudiosos da língua que mulheres e homens têm falares diferentes, estas diferenças são visíveis independente do fenômeno linguístico que se estude, como em Monteiro (2000), Paiva (2004), Rocha e Onofre

(2009) e Cazarotto e Onofre (2009), falantes de sexo feminino tendem à variedade culta da língua e falantes do sexo masculino tendem à variedade inovadora.

Porém, nossos resultados apresentam-se equilibrados quanto ao uso das variedades observadas, nota-se a preferência pelo uso do DE, 57% para o gênero masculino e 56% para o gênero feminino. Em relação ao Anacoluto que apresentou percentuais menores de realização em nosso estudo.

Esta neutralidade foi encontrada nos dados de Salles (2004) e em Vasco (2006). Porém Vasco (*idem*, op. 138) destacou que sua amostra não era homogênea, o cópús é constituído por entrevistas de treze homens e dezessete mulheres, em suas conclusões o autor relacionou as diferenças de ocorrências de CT, relacionadas às diferenças também na quantidade de informantes.

b) Faixa etária do informante:

Conforme mencionamos ao final do capítulo 3, dividimos os falantes entrevistados em três faixas etárias: informantes com menos de 15 anos, informantes entre 15 e 25 anos e informantes com mais de 25 anos de idade, como verifica-se na tabela nº 14:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Menos de 15 anos	84	30	189	69	273	44	.69
Entre 15 e 25 anos	60	41	84	58	144	23	.58
Mais de 25 anos	120	60	80	40	200	32	.40

Tabela nº 14: Faixa etária do informante.

Constatamos que as diferenças entre as faixas etárias não são muito grandes, sendo que falantes com idade inferior aos 15 anos tendem a utilizar CT com DE, com peso relativo .69; seguidos de falantes com idade entre 15 e 25 anos, com .58; e por último, com peso .40, falantes com mais de 25 anos de idade.

Esta preferência pela variedade padrão da língua na fase adulta está relacionada ao contato com a norma por intermédio da escola, meios de comunicação e/ou ambiente de trabalho (que tende a ser mais ou menos formal de acordo com o contexto), assim, o falante polícia sua fala e tende a produzir enunciados mais próximos à norma.

c) Nível escolar do informante:

Para este grupo, selecionamos três níveis escolares: 1ª etapa do Nível Fundamental, que compreende do 1º ao 5º ano regular; 2ª etapa do Nível Fundamental, que compreende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; e Ensino Médio regular⁴⁰.

⁴⁰ A nomenclatura *regular* é comumente utilizada no ambiente escolar para distinguir o curso de doze anos (nove fundamental e três médio) dos cursos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), também conhecidos como aceleração, que tem menor duração, visando “recuperar” alunos que estão há muito tempo fora da escola. Porém, como a Escola José Ferreira não oferece mais salas de EJA, não incluímos este nível escolar dos dados da pesquisa.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
1ª etapa Ensino Fundamental	49	29	115	70	164	26	.70
2ª etapa Ensino Fundamental	17	37	28	62	45	7	.62
Ensino Médio	198	48	210	51	408	66	.51

Tabela nº 15: Nível escolar do informante.

Verificamos que os falantes iniciantes na vida escolar, tendem mais ao uso de DE como forma de organização frasal, com peso relativo .70; já falantes que estão cursando o Ensino Médio apresentam menor recorrência de DE, com peso .51.

Salles (2004) também constatou uma predominância do sujeito duplicado nos informantes de ensino fundamental.

Nossa análise mostrou que essas diferenças também estão relacionadas ao tempo de contato com a variedade padrão da língua, e com o papel social da escola, enquanto entidade difusora desta variedade linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho, analisamos o tópico na fala de alunos da Escola Estadual José Ferreira Barbosa. Partindo da hipótese que PB é uma língua com proeminência de tópico e de sujeito, verificamos a frequência do tópico na fala dos alunos; levantamos quais as construções mais recorrentes, averiguamos se há predomínio da ordem TSVC ou SVC, ou se ambas coexistem de maneira equilibrada na língua, e realizamos um estudo com Anacoluto e Deslocamento à Esquerda, as duas modalidades de tópico mais recorrentes em nosso corpus.

No que tange à organização da estrutura sintática dentro do grupo de falantes em questão, verificamos que as Construções de Tópico são recorrentes e compreendem 18% dos dados da amostra, porém há a predominância da ordem Sujeito-Verbo-Complementos, com 82% dos dados analisados.

Quanto às variáveis de CT, constatamos que as mais recorrentes são Deslocamento à Esquerda, com 51%, seguidos de Anacoluto, com 38%, e Topicalização em menor quantidade, com 9%. Como pontuamos nos capítulos anteriores, optamos por um estudo aprofundado das variáveis de CT mais recorrentes, uma vez que a versão GoldVarb 2001, nos permite somente análise binomial de dados linguísticos.

Quanto aos fatores linguísticos, observamos oito variáveis: classificação morfológica do tópico, transitividade verbal, sujeito explícito ou implícito, presença do elemento contrastivo, presença do elemento de interferência, dimensão do tópico, número e pessoa do verbo, e estrutura de DE.

Para o primeiro grupo, verificamos que substantivos e pronomes são mais recorrentes no tópico, sendo que os pronomes apresentam maior peso em DE, .89, e o substantivo apresenta peso relativo .58. Se observarmos o SN *versus* SV, verificamos que o SN é muito mais expressivo.

Quanto à transitividade verbal, VTD apareceram maiores percentagens (36%), seguido de VI (27%), mas ao atribuímos DE como valor de aplicação, constatamos que as sentenças-comentário cujo núcleo verbal é composto por VTI tendem mais à ocorrência de DE, com peso relativo .69, seguido de VTD com peso .66.

No grupo três, buscamos averiguar se o sujeito explícito ou o sujeito implícito favorece a presença de DE. Tanto em percentagens totais (88%) ou em peso relativo (.62), o sujeito explícito mostrou-se uma variante representativa para a ocorrência do fenômeno em questão. Este resultado está consoante com a tendência de preenchimento do sujeito recorrente em PB que tem se mostrado com base em estudos da modalidade falada.

Quanto à variável elemento contrastivo, é relevante notar que, de uma forma geral, a ausência de contraste, seja marcada sintática ou semanticamente, foi mais recorrente na fala dos nossos informantes, compreendendo 77% dos dados. Ao marcarmos DE como valor de aplicação, constatamos que a presença do elemento contrastivo favorece a presença de DE, com peso relativo .64.

No que diz respeito à variável elemento interferente, analisamos apenas DE, pois somente essa variável de CT apresenta em sua estrutura o pronome-lembrante ou pronome-cópia, assim nosso objetivo foi verificar se a distância entre o tópico e a sentença-comentário favorece a presença de DE, uma vez que o falante sente necessidade de fazer referência ao tópico para que o seu interlocutor não

perca o mote frasal. Constatamos que 71% de DE apresentavam elemento interferente, confirmando nossa hipótese de que a distância entre tópico e sentença-comentário favorece a variável DE.

Já a extensão do tópico não mostrou-se relevante para a presença de DE, pois tópicos menores com até três sílabas apresentaram peso relativo .70, tópicos de quatro a seis sílabas apresentaram peso .46, e os tópicos maiores representam a menor parte dos dados, com peso .44. Com isso, concluímos que tópicos menores favorecem DE e tópicos maiores favorecem Anac.

Quanto ao número e pessoa do verbo, verificamos que, de uma forma geral, a 3ª pessoa do singular é muito mais recorrente, compondo 59% dos dados, seguida da 1ª pessoa do singular, com 25%. Já os pesos relativos revelam que a 1ª pessoa do plural (nós) favorece a presença de DE (.89), seguida da 3ª pessoa do singular (.65).

Nosso último grupo de fatores linguísticos, refere-se à estrutura de DE. Nesta etapa constatamos que nem sempre o elemento de referência ao tópico que aparece na sentença-comentário é obrigatoriamente um pronome, em alguns casos o tópico foi retomado através de um SN. Porém, esta estrutura foi pouco recorrente (entre 12 e 3%). As duas estruturas mais encontradas foram SN+PN, em que o tópico é composto por um sintagma nominal retomado por um pronome (51%) e PN+PN (28%) em que o tópico é formado por um pronome que é retomado por outro pronome na sentença-comentário.

Quanto às variáveis sociais, percebemos que quanto menor o contato com a norma, maior é a ocorrência da variante popular. Assim os alunos que estão em seus primeiros anos do ensino fundamental tendem mais ao uso de DE, com peso relativo .70, os alunos na segunda etapa do ensino fundamental apresentam

peso .62, e os alunos do ensino médio, já com muitos anos de contato com a escola, apresentam menor tendência ao uso de DE, com peso relativo .51.

A variável faixa etária, acompanha o nível escolaridade no que tange à tendência de uso de DE, a variável de CT mais recorrente no grupo de falantes entrevistados. Os informantes menores de 15 anos, tendem mais ao uso de DE como estrutura organizadora da sentença; seguidos dos informantes com idade entre 5 e 25 anos, com peso relativo .58; os alunos que estão cursando o ensino médio, apresentaram peso relativo .40.

Já a variável sexo do informante, mostrou-se equilibrada, apresentando peso relativo .57, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. Diferente de outras pesquisas sociolinguísticas, as quais apontaram o uso maior da variedade padrão pelas mulheres e a variedade popular mais recorrente entre os homens.

Por fim, constatamos que a presença do tópico está relacionada à função da língua enquanto fato social: comunicar. Para que a comunicação aconteça com qualidade e a mensagem seja clara, o falante usa recursos linguísticos para destacar o tema a ser tratado e/ou retomá-lo em determinado momento da fala. Assim, a presença do tópico está relacionada a este destaque que o falante dá ao mote, colocando-o no início da sentença e sua retomada acontece por meio do pronome-lembrante, característica do DE, variável de CT mais recorrente em nossa amostra.

Acreditamos que é de suma importância a descrição das variações língua, para que estas possam subsidiar pesquisas e análises do idioma no futuro. A compreensão e a interpretação dos fenômenos da linguagem oral auxiliarão diretamente o professor no ensino da língua materna, pois já está comprovado que as variações linguísticas interferem no aprendizado da modalidade culta do idioma,

priorizada na educação escolar. Assim, esperamos que esta pesquisa contribua para a compreensão da língua enquanto instrumento de comunicação social por excelência, que reflete a sociedade em que está inserida, variando em tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Deusdélia Pereira de; VILLA da SILVA, Rosângela. *A linguagem dos pescadores de Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2008

BRAGA, Maria Luiza. *Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação*. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 101 - 116.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELFORD, Elaine de Moraes. *Topicalização de objetos e deslocamento e sujeito na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Dissertação de Mestrado em Linguística. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/eliaine_%20de_morais_belford.pdf> Acessado em: 01.11.2006.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. *O sujeito de 3ª pessoa: um estudo em tempo real*. Rio de Janeiro: Cadernos CNLF, série IX, nº 2, 2005. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/4/14.htm>>, acessado em 01.02.2009.

BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, a gente e o bóia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CALLOU, Dinah, et alii. *Topicalização e Deslocamento á esquerda: sintaxe e prosódia*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol. III. 3.ed. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 315-630.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Castelar de. *Saussure e a Língua Portuguesa*. UFRJ, ABF. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>>, acessado em 01.05.2008.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino do português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CAZAROTTO, Suely Aparecida; ONOFRE, Diana Pilatti. *Rotacismo: em final de sílaba, no interior da palavra: um estudo do comportamento linguístico de falantes da cidade de Angélica – MS*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. vol. 2: ensino médio. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 9 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Construções de Tópico em Português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal*. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p.113-139.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI *et alii* (orgs.) *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/fbonfim/biblioteca/artigos/O%20sujeito%20expletivo%20e%20as%20construcoes%20existenciais.pdf>>, acessado em 01.02.2009.

GUY, Gregory R. e ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa – instrumento de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e escritas*. São Paulo: Scipione, 2004.

KATO, Mary Aizawa. *et alii*. *Preenchimento sintático nas fronteiras de constituintes*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol. III. 3.ed. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 235-269.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Tradução José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

LEITE, Yonne, *et alii*. *Tópicos e adjuntos*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol IV. 2.ed. rev. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 313-330.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA* [on-line]. 1998, vol.14, n.2, p. 405-422. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006>, acessado em 02.02.2009.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MARTINS, Maria Luísa Aparecida Resende. *Uma análise sociolinguística das construções de tópico na fala uberlandense*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Uberlândia, MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2005, 130 p. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/dissertacoes/DISSERT181.PDF>>. Acessado em: 03.11.2006.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. *Abordagens Funcionalistas*. Revista Letra Magma: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 03, n. 04, 1º semestre de 2006. Disponível em <<http://www.letramagma.com/Abordagens.pdf>> acessado em 20.07.2009.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não-linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luíza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27 - 31.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUNIZ, Cleuza Andréa Garcia. *Nós e a gente: traços sociolinguísticos no assentamento*. Campo Grande (MS): UFMS, 2008. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *Constituintes Sentenciais: preenchimento, queda e ordenação*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1989.

_____. *O Tópico em Língua Escrita*. Uberlândia/MG: Revista Letras & Letras, v. 12, 1, 2, Jul./Dez. 1996, p. 149-161.

_____. (orgs) *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: UFMS, 2007.

_____. *A variação linguística no Brasil*. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, EdUFF, 2008, p. 93-100.

OMENA, Nelize Pires de, DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis Morfosintáticas. In MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 81 - 88.

ORRICO, Helio Ferreira, FERNANDES, Edicléia Mascarenhas. *Preconceito linguístico e exclusão social: a Sociolinguística como uma ciência inclusiva*. Cadernos do CNFL, série X, número 11, 2006. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/17/12.htm>>, acessado em 23.02.2009.

ORSINI, Mônica Tavares. *Análise entonacional das construções de tópico*. Rio de Janeiro: UFRJ, IX CNLF, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/06.html>>. Acessado em: 03.09.2008.

_____. *As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva em tempo real*. Rio de Janeiro: UFRJ, VIII CNLF, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-07.html>>. Acessado em: 01.11.2006.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33 - 42.

PEZATTI, Erolilde Goreti; CAMACHO, Roberto Gomes. Functional AspeCT of Order of Constituents. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01.06.2008.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986. (Ensaio 125)

PRETI, Dino. *Passado e presente na linguagem dos idosos: um problema de estruturação tópico discurso*. In: PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, ano?, p. 75-101.

_____. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: Editora nacional, 1987.

PRETI, Dino & URBANO, Hudnilson (orgs) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, FADESP, 1990, vol. IV.

RAND, David. & SANKOFF David. *GoldVarb: A variable rule application for Macintosh*. Manual on-line, 1990. Disponível em <<http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/GoldVarb/GoldManual.dir/index.html>>, acessado em 22.07.2009.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen & TAGLIAMONTE, Sali. *GoldVarb 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows*. User's manual. October 2001. Disponível em <<http://courses.essex.ac.uk/lq/lq654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>> acessado em 22.07.2009.

ROCHA, Ioneide Negromente de Vasconcelos, ONOFRE, Diana Pilatti. *Apagamento do /r/ final na fala de estudantes universitários na região da Grande Dourados*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 45 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SALLES, Adriana Amaral Flores. *O fenômeno "sujeito duplo" no PB*. Londrina: UEL, 2004. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000100651>>. Acessado em: 01.11.2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, [1975?], p. 139.

SILVA, Jair Barbosa da. *Sobre o tópico sentencial, algumas considerações*. Revista Letra Magna, Ano 03, nº 5, 2º semestre de 2006, ISSN 1807-5193. Disponível em <<http://www.letramagna.com/topico.pdf>> Acessado em 03.07.2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TOMANIN, Cássia Regina. *Fotografias da fala de Alto Araguaia – MT*. Campinas: Unicamp, Instituto de estudos da Linguagem, 2003. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000318257#search=%22TOMANIN%20C%20C3%81SSIA%20REGINA%20%22>>. Acessado em: 02.11.2006.

TONIOLI, Selma; BARUFFALDI, Vanda. *Sociolinguística: uso e norma na fala urbana*. Revista da Pós-Graduação, vol. 1, n. 2 (2007). Disponível em <<http://www.fieo.br/edifio/index.php/posgraduacao/article/viewFile/148/241>>, acessado em 02.02.2009.

TORRES-MORAIS, Maria Aparecida C.R.. *DELTA* [online]. 2001, vol.17, n.1, p. 155-168. Resenha: KATO, Mary Aizawa & Esmeralda Vailati NEGRÃO (eds.) (2000) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Vervuert – Iberoamericana. 270 pp. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100007>, acessado em 01.02.2009.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico na fala popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2006. Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/VascoSL.pdf>> Acessado em: 03.07.2007

VILLA da SILVA, Rosângela. *Aspectos da pronúncia do <S> em Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2004.

ANEXOS

nº 1: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

nº 2: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

nº 3: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

Nº 4: Roteiro para entrevistas com informantes do nível F2 e EM.

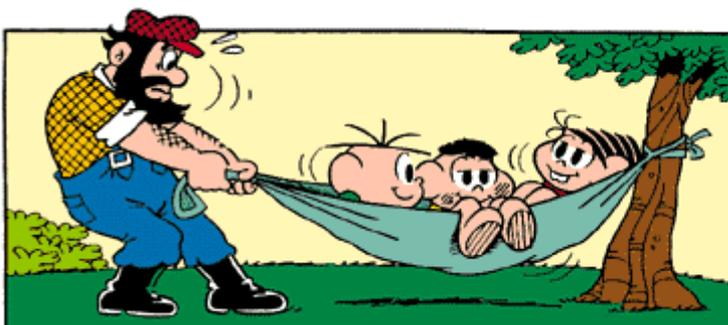
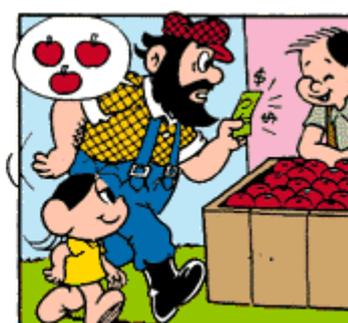
Nº 5: Relação de falantes entrevistados.

Nº 6: GoldVarb 2001 – Rodada 1.

Nº 7: GoldVarb 2001 – Rodada 2.

Nº 8: GoldVarb 2001 – Rodada 3 (final).

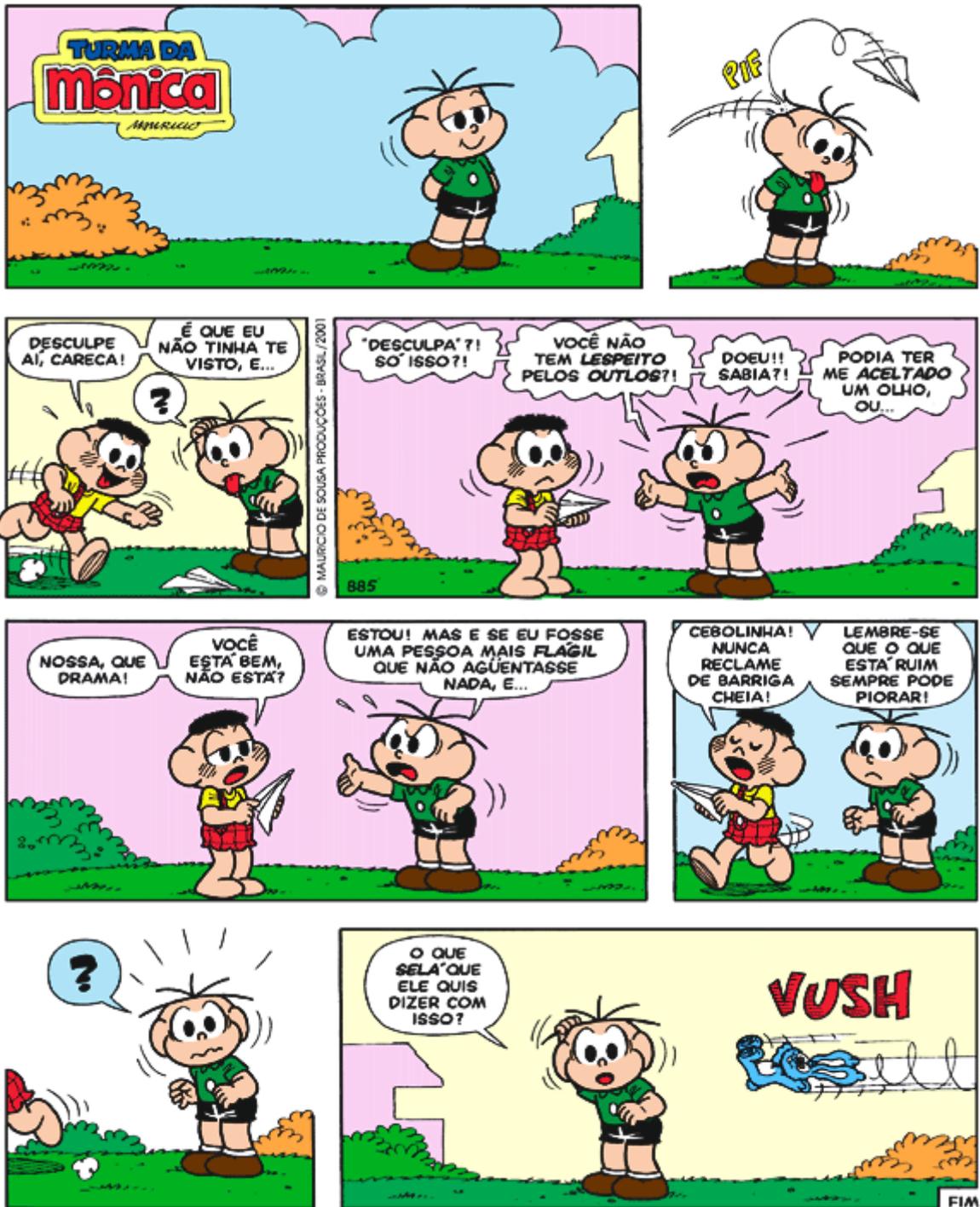
Anexo nº 1



Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tabloide/tab015.htm>>

Acessado em 05.08.2008.

Anexo nº 2

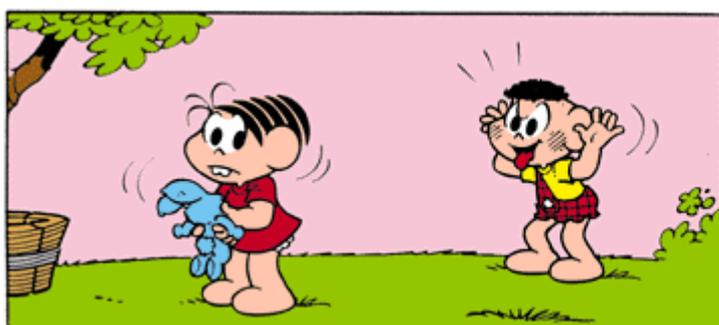


Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Disponível em <<http://tirinhastdm.blogspot.com/2007/09/cebolinha.html>>

Acessado em 05.08.2008.

Anexo nº 3



Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tabloide/tab006.htm>>

Acessado em 05.08.2009.

Anexo nº 4

Roteiro para entrevista⁴¹

1. Como você se vê ou se descreve?
2. Fale um pouco sobre sua família. Um fato que marcou ou alguma história engraçada?
3. O que você acha da situação econômica do país?
4. O que você acha do nosso presidente?
5. Se você fosse o Lula, o que faria?
6. O que você acha do jovem de hoje?
7. Você acha que as drogas ainda são um problema na sociedade? O que você faria para resolver esse problema?
8. E se você tivesse um filho que se envolvesse com drogas, o que faria?
9. Você já foi vítima de algum tipo de violência? Como você reagiu?
10. Se você pudesse mudar para outro lugar, para onde iria? Por quê?
11. Para quais cidades você já viajou?
12. Se você fosse dono de uma importante emissora de televisão, como seria a sua programação? O que você mudaria das emissoras atuais?
13. O que você faria se descobrisse que alguém está mentindo pra você?
14. Em que tipo de situação você mentiria?
15. Se você pudesse mudar alguma coisa do seu passado, o que mudaria?
16. Se você ganhasse sozinho na loteria, o que faria?
17. Se descobrisse que o mundo vai acabar em uma semana, o que você faria?

⁴¹ Adaptado de Martins (2005, anexos), com base em Villa da Silva (2004, p. 41).

18. Você gosta de esporte? Pratica algum tipo?
19. O que acha do desempenho da seleção nestas Olimpíadas?
20. Como foi sua infância? Existe algum fato que marcou sua vida quando era criança?
21. Você já se decepcionou com alguma pessoa muito conhecida? Ela pediu desculpas? Como você reagiu?
22. O que você acha que leva uma pessoa a cometer suicídio? Você conheceu alguém ou ouviu alguma história sobre isso?
23. Sobre segurança, você acha que nosso bairro é seguro? Qual sua opinião sobre o sistema penitenciário?
24. O que você acha da situação do idoso hoje?
25. Fale sobre algum filme que você gostou.
26. Você é uma pessoa supersticiosa? Você acredita em fantasmas?
27. Sonhos para o futuro...

Anexo nº 5

Relação de falantes entrevistados

Na tabela (A), apresentamos a relação de falantes entrevistados para este estudo. É importante observar aqui que os nomes apresentados na primeira coluna são fictícios, uma vez que buscamos resguardar a privacidade dos alunos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Na coluna dois, relacionamos a variante gênero: masculino ou feminino (representados por M e F, respectivamente); na terceira coluna relacionamos a idade do informante no momento da entrevista; e na quarta coluna relacionamos o nível escolar do informante: primeira etapa do ensino fundamental, de 1º ao 5º ano, segunda etapa do ensino fundamental, 6º ao 9º ano, e ensino médio (representado aqui por F1, F2 e EM, respectivamente).

Falante	Gênero	Idade	Escolaridade
1. Luo	M	06	F1
2. Mea	F	06	F1
3. Tai	F	06	F1
4. Vit	F	06	F1
5. Lui	M	06	F1
6. Fer / Tam	M	06	F1
7. Rod	M	10	F1
8. Kar	F	12	F2
9. Faa	F	12	F2

10. Joa	M	12	F2
11. Gab	F	13	EM
12. Raf	M	14	F2
13. Ari	F	16	EM
14. Luc	F	16	EM
15. Jes	F	16	EM
16. Ale	M	16	EM
17. Ali	M	17	EM
18. Pat	F	18	EM
19. Son	M	20	EM
20. Fab	F	30	EM
21. Ger	M	37	EM
22. Mar	F	39	EM
23. Seb	M	39	EM
24. Mai	F	40	EM

Tabela (A): Relação de falantes entrevistados para este trabalho.

Anexo nº 6

GoldVarb 2001 – Rodada 1

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodada_correto01.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

)

Number of cells: 36

Application value(s): 0

Total no. of factors: 12

Group	Apps	apps	Total	Non-	%

1 (2)					
a	N	1	263	264	7
	%	0	99		
c	N	1	353	354	9
	%	0	99		
b	N	1	67	68	1
	%	1	98		
s	N	2957	1	2958	81
	%	99	0		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

2 (3)					
1	N	1238	299	1537	42
	%	80	19		
2	N	808	159	967	26
	%	83	16		
3	N	914	226	1140	31
	%	80	19		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

3 (4)					
f	N	1663	344	2007	55
	%	82	17		
m	N	1297	340	1637	44
	%	79	20		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

```

-----
4 (5)
  1  N    782    181    963  26
     %     81     18
     .
     .
  2  N    182     47    229   6
     %     79     20
     .
     .
  3  N   1996    456   2452  67
     %     81     18
     .
     .
Total N   2960    684   3644
     %     81     18
-----
Total N   2960    684   3644
     %     81     18

```

Name of new cell file: Untitled.cel
CROSS TABULATION

=====
Cell file: Untitled.cel
Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.
Group #2 -- vertically.

	a	%	c	%	b	%	s	%	.	%
1 0:	1	1:	1	1:	1	4:	1235	100	1238	81
-:	84	99:	190	99:	24	96:	1	0	299	19
·:	85	:	191	:	25	:	1236		1537	
2 0:	0	0:	0	0:	0	0:	808	100	808	84
-:	60	100:	84	100:	15	100:	0	0	159	16
·:	60	:	84	:	15	:	808		967	
3 0:	0	0:	0	0:	0	0:	914	100	914	80
-:	119	100:	79	100:	28	100:	0	0	226	20
·:	119	:	79	:	28	:	914		1140	
· 0:	1	0:	1	0:	1	1:	2957	100	2960	81
-:	263	100:	353	100:	67	99:	1	0	684	19
·:	264	:	354	:	68	:	2958		3644	

Binomial Varbrul, 1 step
=====
Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.
Averaging by weighting factors.

- One-level analysis only:One-level binomial analysis:

Run # 1, 36 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0,997

Group	Factor	Weight	App/Total	Input&Weight
1:	a	0,000	0,00	0,00

	c	0,000	0,00	0,00
	b	0,000	0,01	0,01
	s	0,941	1,00	1,00
2:	1	0,415	0,81	1,00
	2	0,596	0,84	1,00
	3	0,534	0,80	1,00
3:	f	0,684	0,83	1,00
	m	0,280	0,79	0,99
4:	1	0,882	0,81	1,00
	2	0,541	0,79	1,00
	3	0,309	0,81	0,99

Cell	Total	App'ns	Expected	Error
s3m3	340	340	339,662	0,338
s3f3	574	574	573,897	0,103
s2m3	388	388	387,700	0,300
s2f3	420	420	419,941	0,059
s1m2	106	106	105,935	0,065
s1m1	463	463	462,955	0,045
s1f3	274	274	273,921	0,079
s1f2	76	76	75,992	0,008
s1f1	317	316	316,994	179,591
c3m3	42	0	0,011	0,011
c3f3	37	0	0,055	0,055
c2m3	31	0	0,011	0,011
c2f3	53	0	0,102	0,102
c1m2	18	0	0,008	0,008
c1m1	83	0	0,230	0,230
c1f3	46	0	0,042	0,042
c1f2	10	0	0,024	0,024
c1f1	34	1	0,516	0,461
b3m3	16	0	0,028	0,028
b3f3	12	0	0,116	0,117
b2m3	10	0	0,022	0,023
b2f3	5	0	0,062	0,063
b1m2	2	0	0,006	0,006
b1m1	10	0	0,178	0,181
b1f3	7	0	0,042	0,042
b1f1	6	1	0,547	0,413
a3m3	55	0	0,029	0,029
a3f3	64	0	0,185	0,185
a2m3	24	0	0,016	0,016
a2m2	1	0	0,002	0,002
a2f3	35	0	0,130	0,130
a1m2	11	0	0,009	0,009
a1m1	37	0	0,198	0,199
a1f3	19	0	0,034	0,034
a1f2	5	0	0,023	0,024
a1f1	13	1	0,377	1,063

Total Chi-square = 184,0938

Chi-square/cell = 5,1137

Log likelihood = -24,988

Anexo nº 7

GoldVarb 2001 – Rodada 2

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodadaabc22.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

(13)

(14)

)

Number of cells: 601

Application value(s): abc

Total no. of factors: 45

Group		a	b	c	Total	%

1	(2)					
1	N	84	24	189	297	43
	%	28	8	63		
2	N	60	15	84	159	23
	%	37	9	52		
3	N	119	28	79	226	33
	%	52	12	34		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

2	(3)					
f	N	135	29	178	342	50
	%	39	8	52		
m	N	128	38	174	340	49
	%	37	11	51		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

3	(4)					
1	N	49	15	115	179	26
	%	27	8	64		
2	N	17	2	28	47	6
	%	36	4	59		

3	N	197	50	209	456	66
	%	43	10	45		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

4	(5)					
5	N	15	1	93	109	15
	%	13	0	85		
6	N	166	49	230	445	65
	%	37	11	51		
7	N	33	14	13	60	8
	%	55	23	21		
8	N	49	3	16	68	9
	%	72	4	23		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

5	(6)					
s	N	218	62	259	539	79
	%	40	11	48		
c	N	45	5	93	143	20
	%	31	3	65		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

6	(7)					
2	N	77	32	147	256	37
	%	30	12	57		
5	N	4	3	5	12	1
	%	33	25	41		
6	N	47	3	75	125	18
	%	37	2	60		
7	N	86	7	83	176	25
	%	48	3	47		
3	N	31	14	34	79	11
	%	39	17	43		
4	N	18	8	8	34	4
	%	52	23	23		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

7	(8)					
g	N	17	2	28	47	6
	%	36	4	59		
c	N	125	25	239	389	57
	%	32	6	61		

a	N	99	35	61	195	28
	%	50	17	31		
b	N	10	1	0	11	1
	%	90	9	0	* KnockOut *	
d	N	2	1	12	15	2
	%	13	6	80		
e	N	10	3	12	25	3
	%	40	12	48		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

8 (9)						
e	N	206	53	336	595	87
	%	34	8	56		
i	N	57	14	16	87	12
	%	65	16	18		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

9 (10)						
o	N	189	50	166	405	59
	%	46	12	40		
i	N	74	17	186	277	40
	%	26	6	67		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

10 (11)						
2	N	107	22	90	219	32
	%	48	10	41		
1	N	90	28	210	328	48
	%	27	8	64		
3	N	66	17	52	135	19
	%	48	12	38		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

11 (12)						
u	N	148	30	192	370	54
	%	40	8	51		
h	N	115	37	160	312	45
	%	36	11	51		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

12 (13)						
i	N	0	18	0	18	28
	%	0	100	0	* KnockOut *	

d	N	0	36	0	36	56
	%	0	100	0	* KnockOut	*
c	N	0	9	0	9	14
	%	0	100	0	* KnockOut	*
s	N	0	1	0	1	1
	%	0	100	0	* KnockOut	*
Total	N	0	64	0	64	
	%	0	100	0		

13	(14)					
3	N	3	0	182	185	51
	%	1	0	98	* KnockOut	*
1	N	1	0	10	11	3
	%	9	0	90	* KnockOut	*
2	N	3	0	99	102	28
	%	2	0	97	* KnockOut	*
4	N	1	0	45	46	12
	%	2	0	97	* KnockOut	*
6	N	1	0	6	7	1
	%	14	0	85	* KnockOut	*
5	N	0	0	5	5	1
	%	0	0	100	* KnockOut	*
Total	N	9	0	347	356	
	%	2	0	97		

Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

Name of new cell file: Untitled.cel

CROSS TABULATION

=====

Cell file: Untitled.cel

Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

	1	%	2	%	3	%	.	%
f a:	36	26:	35	38:	64	57	135	39
b:	12	9:	5	5:	12	11	29	8
c:	88	65:	53	57:	37	33	178	52
·:	136	:	93	:	113		342	
m a:	48	30:	25	38:	55	49	128	38
b:	12	7:	10	15:	16	14	38	11
c:	101	63:	31	47:	42	37	174	51

•:	161	:	66	:	113		340
+-----+							
• a:	84	28:	60	38:	119	53	263 39
b:	24	8:	15	9:	28	12	67 10
c:	189	64:	84	53:	79	35	352 52
•:	297	:	159	:	226		682

Anexo nº 8

GoldVarb 2001 – Rodada 3 (final)

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodadaab.tkn
 Name of condition file: Untitled.cnd

(
 (1)
 (2)
 (3)
 (4)
 (5)
 (6)
 (7)
 (8)
 (9)
 (10)
 (11)
 (12)
 (13)
 (14)
)

Number of cells: 538
 Application value(s): c
 Total no. of factors: 41

Group	Apps	apps	Total	Non- %

1 (2)				
1	N	189	84	273
	%	69	30	44
2	N	84	60	144
	%	58	41	23
3	N	80	120	200
	%	40	60	32
Total	N	353	264	617
	%	57	42	

2 (3)				
f	N	178	135	313
	%	56	43	50
m	N	175	129	304
	%	57	42	49
Total	N	353	264	617
	%	57	42	

3 (4)				
1	N	115	49	164
	%	70	29	26
2	N	28	17	45
	%	62	37	7

3	N	210	198	408	66
	%	51	48		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

4	(5)				
5	N	93	15	108	17
	%	86	13		
6	N	230	167	397	64
	%	57	42		
7	N	13	33	46	7
	%	28	71		
8	N	17	49	66	10
	%	25	74		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

5	(6)				
s	N	260	219	479	77
	%	54	45		
c	N	93	45	138	22
	%	67	32		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

6	(7)				
2	N	147	77	224	36
	%	65	34		
3	N	34	31	65	10
	%	52	47		
5	N	5	4	9	1
	%	55	44		
6	N	76	47	123	19
	%	61	38		
7	N	83	87	170	27
	%	48	51		
4	N	8	18	26	4
	%	30	69		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

7	(8)				
g	N	28	17	45	7
	%	62	37		
a	N	61	99	160	25
	%	38	61		

c	N	239	126	365	59
	%	65	34		
b	N	1	10	11	1
	%	9	90		
e	N	12	10	22	3
	%	54	45		
d	N	12	2	14	2
	%	85	14		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

8 (9)					
e	N	337	206	543	88
	%	62	37		
i	N	16	58	74	11
	%	21	78		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

9 (10)					
o	N	167	189	356	57
	%	46	53		
i	N	186	75	261	42
	%	71	28		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

10 (11)					
2	N	91	107	198	32
	%	45	54		
1	N	210	90	300	48
	%	70	30		
3	N	52	67	119	19
	%	43	56		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

11 (12)					
u	N	193	148	341	55
	%	56	43		
h	N	160	116	276	44
	%	57	42		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

12 (13) * No Factors *

```

-----
13 (14)
  6  N      6      1      7  1
     %      85     14
     2  N     100     1     103  28
     %      97      2
     1  N      10      1     11   3
     %      90      9
     3  N     182      1     185  51
     %      98      1
     4  N      45      1     46  12
     %      97      2
     5  N       5      1      6   1
     %      83     16

Total N     348      7     358
     %      97      2
-----
Total N     353     264     617
     %      57      42

```

Name of new cell file: Untitled.cel

CROSS TABULATION

=====

Cell file: Untitled.cel

Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

	1	%	2	%	3	%	.	%
f c:	88	71:	53	60:	37	37	178	57
-:	36	29:	35	40:	64	63	135	43
·:	124	:	88	:	101		313	
m c:	101	68:	31	55:	43	43	175	58
-:	48	32:	25	45:	56	57	129	42
·:	149	:	56	:	99		304	
· c:	189	69:	84	58:	80	40	353	57
-:	84	31:	60	42:	120	60	264	43
·:	273	:	144	:	200		617	

Binomial Varbrul, 1 step

=====

Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.

Averaging by weighting factors.

- One-level analysis only:One-level binomial analysis:

Run # 1, 540 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0,929

Group Factor Weight App/Total Input&Weight

1:	1	0,720	0,69	0,97
	2	0,245	0,58	0,81
	3	0,385	0,40	0,89
2:	f	0,412	0,57	0,90
	m	0,589	0,57	0,95
3:	1	0,362	0,70	0,88
	2	0,707	0,62	0,97
	3	0,533	0,51	0,94
4:	5	0,797	0,86	0,98
	6	0,452	0,58	0,92
	7	0,187	0,28	0,75
	8	0,490	0,27	0,93
5:	s	0,475	0,54	0,92
	c	0,585	0,67	0,95
6:	2	0,608	0,66	0,95
	3	0,144	0,52	0,69
	5	0,106	0,56	0,61
	6	0,546	0,61	0,94
	7	0,577	0,49	0,95
	4	0,182	0,31	0,74
7:	g	0,399	0,62	0,90
	a	0,815	0,38	0,98
	c	0,325	0,65	0,86
	b	0,472	0,09	0,92
	e	0,702	0,55	0,97
	d	0,916	0,86	0,99
8:	e	0,557	0,62	0,94
	i	0,154	0,22	0,70
9:	o	0,474	0,47	0,92
	i	0,536	0,71	0,94
10:	2	0,466	0,46	0,92
	1	0,623	0,70	0,96
	3	0,263	0,44	0,82
11:	u	0,465	0,57	0,92
	h	0,543	0,58	0,94
12:	d	0,500	0,50	0,93
	i	0,500	0,50	0,93
13:	6	0,027	0,86	0,27
	2	0,179	0,95	0,74
	1	0,187	0,91	0,75
	3	0,719	0,98	0,97
	4	0,675	0,98	0,96
	5	0,341	0,83	0,87

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Campo Grande – MS
Agosto-2009

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosangela Villa da Silva.
Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS
Agosto-2009

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

APROVADA POR:

ROSANGELA VILLA DA SILVA, PÓS-DOCTORA (UFMS)

DERCIR PEDRO DE OLIVEIRA, DOUTOR (UFMS)

CELINA APARECIDA GARCIA DE SOUZA NASCIMENTO, DOUTORA (UFMS)

Campo Grande, MS, 25 de agosto de 2009.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde, força e coragem para lutar por um sonho.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens por seu por todo o apoio técnico.

À Professora Rosangela Villa da Silva, minha orientadora, pela compreensão e conselhos valiosos.

À professora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento por todas as orientações no exame de qualificação.

Ao Professor Dercir Pedro de Oliveira pelas sugestões e materiais que enriqueceram este trabalho.

Ao Professor Edson Carvalho que respondeu a todos os meus questionamentos estatísticos.

À Escola Estadual José Ferreira Barbosa, na pessoa da Professora Lúcia Costa, diretora no momento da pesquisa, pela acolhida e apoio, como amiga e profissional.

Aos meus alunos e informantes, que gentilmente atenderam ao meu pedido, pois sem eles este trabalho jamais existiria.

Ao meu esposo, que continuou ao meu lado, mesmo tudo parecendo tão difícil.

Às minhas companheiras de mestrado Andréa, Delinha, Eva e Maria Inês por todo o apoio, companheirismo e cumplicidade.

Às minhas amigas Sandra e Gerusa pelos conselhos e “puxões de orelhas”.

A todos aqueles que, mesmo tão distantes, me estimularam a persistir.

“Eu achu qui tudu na vida teim qui acontecê i... si a genti nãum errar na vida... a gente nãum sabi u qui vai acontecer depois... achu qui tudu qui aconteci na vida... passadu... presenti... até futuro... a genti teim qui passá... acontecer pra genti ver a realidadi... ou a genti ver algumas coisas... (risos)”

(Ari, informante sexo feminino, 17 anos, L290-293)

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 1: Características do tópico <i>versus</i> características do sujeito	31
Tabela nº 2: Distribuição de nº de falantes por idade, sexo e escolaridade	42
Tabela nº 3: Ausência e presença de tópico	51
Tabela nº 4: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda	53
Tabela nº 5: Elementos mórficos que constituem o tópico nas Construções de Tópico Anacoluto e Deslocamento à Esquerda	58
Tabela nº 6: Transitividade verbal	61
Tabela nº 7: Sujeito explícito <i>versus</i> sujeito implícito	62
Tabela nº 8: Presença do elemento contrastivo	64
Tabela nº 9: Elemento interferente	67
Tabela nº 10: Dimensão do tópico	69
Tabela nº 11: Número e pessoa do verbo na sentença-comentário	72
Tabela nº 12: Elementos mórficos que compõem Deslocamento à Esquerda	75
Tabela nº 13: Sexo do informante	76
Tabela nº 14: Faixa etária do informante	77
Tabela nº 15: Nível escolar do informante	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1: Percentagens de Construção de Tópico <i>versus</i> ordem Sujeito-Verbo-Complemento presentes na amostra	51
Gráfico nº 2: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à Esquerda	53

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
CAPÍTULO 1	
1 O Tópico e a Tradição Gramatical	17
1.1 O Pleonasma	17
1.2 O Anacoluto	18
1.3 A inversão	20
CAPÍTULO 2	
2 O Tópico, a Linguística Funcional e a Sociolinguística	24
2.1 Estudos e pesquisadores das Construções de Tópico	28
CAPÍTULO 3	
3 Procedimentos teórico-metodológicos	
3.1 Referencial teórico	37
3.2 Referencial metodológico	39
3.2.1 Critérios para seleção de dados	46
3.2.2 Critérios para uso do programa GoldVarb 2001	48
CAPÍTULO 4	
4 Descrição e interpretação dos dados	50
4.1 Variável dependente	50

4.2 Variáveis do Tópico	53
4.3 Análise de Anacoluto e Deslocamento à Esquerda	
4.3.1 Fatores Linguísticos	57
4.3.1.a Quanto ao elemento inicial	57
4.3.1.b Transitividade Verbal	59
4.3.1.c Sujeito explícito ou implícito	62
4.3.1.d Contrastividade	64
4.3.1.e Elemento de interferência no Deslocamento à Esquerda	66
4.3.1.f Dimensão do Tópico	68
4.3.1.g Número e pessoa do verbo	70
4.3.1.h Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda	73
4.3.2 Fatores Sociais	76
4.3.2.a Sexo do informante	76
4.3.2.b Faixa etária do informante	77
4.3.2.c Nível escolar do informante	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	90

LISTA DE ABREVIações

Anac – Anacoluto

C – complemento

CT – Construções de Tópico

DE – Deslocamento à esquerda

GT – Gramática Tradicional

oc – ocorrências

OD – Objeto direto

OI – Objeto Indireto

PR – Peso Relativo

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PN – pronome

Q – classes morfológicas como pronomes demonstrativos, indefinidos, possessivos.

S – Sujeito

SN – Sintagma Nominal

SV – Sintagma Verbal

SVC – Sujeito – Verbo – Complementos

T – tópico

Top – Topicalização

Tsuj – Tópico-sujeito

V – Verbo

VI – Verbo Intransitivo

VL – Verbo de Ligação

VTD – Verbo Transitivo Direto

VTI – Verbo Transitivo Indireto

VTI n-prep – Verbo Transitivo Indireto não preposicionado

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo das Construções de Tópico na fala dos alunos da Escola Pública Estadual José Ferreira Barbosa. Tem como objetivos averiguar com que frequência essa variante se manifesta na fala dos alunos; bem como qual de suas variáveis têm maior ocorrência (anacoluto, topicalização e deslocamento à esquerda); e verificar se há o predomínio das Construções de Tópico nas produções orais e se a ordem canônica da frase SVC (sujeito-verbo-complemento) é predominante, ou, ainda, observar se há o equilíbrio na coexistência dessas duas variações. Para a pesquisa em questão, usamos um cópulo constituído de gravações da modalidade falada da língua dos alunos da Escola Pública José Ferreira Barbosa, localizada na periferia da cidade de Campo Grande, MS, totalizando vinte e quatro informantes, de ambos os sexos. Nossa base teórica foi organizada a partir dos estudos de Kato *et alii* (2002), que classifica o Português como uma língua de tópico e de sujeito, e de Pontes (1987), que apontou o tópico como uma variante recorrente em todo o território nacional, se observada a fala espontânea, também tomamos como referências os trabalhos de Vasco (2006), Leite *et alii* (2002), Callou *et alii* (2002), Decat (1989) e Oliveira (1996), todos pesquisadores do tópico em Português falado no Brasil, seja sob um olhar sincrônico ou diacrônico. Na primeira parte do trabalho, tratamos da tradição gramatical e as regras de organização frasal; na segunda parte, abordamos o conceito do tópico e sua função dentro da língua, bem como pesquisadores que desenvolveram trabalhos em relação ao tópico e a sequência frasal dentro de uma perspectiva Sociolinguística e Funcional; na terceira parte, detalhamos a metodologia adotada para a coleta de dados, montagem do cópulo e critérios para análise do fenômeno; por fim, na quarta parte, apresentamos a descrição e análise das ocorrências do tópico na amostra. Assim, das tres mil, seiscentas e quarenta e quatro unidades sintáticas, seiscentas e oitenta e quatro apresentam sequência TSVC (tópico-sujeito-verbo-complementos), representando 18% do total da amostra, demonstrando que o Português do Brasil é uma língua sujeito-predicado, que admite o tópico como uma forma válida de organização sintática.

Palavras-chave: Português Brasileiro Falado, Sociolinguística, Sintaxe, Construções de Tópico.

ABSTRACT

This dissertation presents a Topic Construction study of the students' speech at José Ferreira Barbosa State Public School. It has as objectives to discover the frequency that variant shows in the students' speech; as well as which one of those variables has a greater occurrence (anacoluthon, topicalization and left displacement); and to verify if there is the prevalence of the Topic Constructions in the oral productions and if the canonical order of the sentence SVC (subject-verb-complement) is predominant, or, further, to observe if there is the balance in the coexistence of those two variations. For the research, it was used a constituted corpus of recordings of the students' speech at José Ferreira Barbosa State Public School, located in Campo Grande suburb, MS, totalizing twenty-four informers, of both sexes. Our theoretical base was organized from the studies of Kato et alii (2002), that classifies the Portuguese as a topic language and subject, and Pontes (1987), that pointed the topic a recurrent variant in the whole national territory, if the spontaneous speech was observed, we also took as references the works of Vasco (2006), Leite et alii (2002), Callou et alii (2002), Decat (1989) and Oliveira (1996), all the topic researchers in spoken Portuguese in Brazil, by a synchronous or diachronic look. In the first part of the work, we dealt with the grammatical tradition and the phrasal organization rules; in the second part it was approached the topic concept and its function inside the language, as well as the researchers that developed works in relation to the topic and the phrasal sequence inside a Functional and Sociolinguistics perspective; in the third part, we detailed the methodology adopted for the collection of data, corpus assembly and criteria for phenomenon analysis; finally, in the fourth part, we presented the description and analysis of the topic occurrences in the sample. Thus, from the three thousand, six hundred and forty four syntactic units, six hundred and eighty four present TSVC sequence (topic-subject-verb-complements), representing 18% of the sample total, demonstrating that the Portuguese from Brazil is a subject-predicate language, that admits the topic as a valid form of syntactic organization.

Key words: Spoken Brazilian Portuguese, Sociolinguistics, Syntax, Topic Constructions

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua materna é um meio de comunicação, por isso, costuma ser interpretada como fato social, ou seja, um produto e expressão da cultura de que faz parte, variando em função do tempo e do espaço, acompanhando a evolução da sociedade, refletindo seus padrões de comportamento. Neste sentido, a língua existe a partir da necessidade do homem de nomear o mundo que o rodeia.

O aspecto que mais destaca essa relação entre sociedade e linguagem é a variação linguística, que, segundo Calvet (2002), são duas ou mais formas de se dizer uma mesma coisa, em outras palavras, quando dois significantes têm o mesmo significado.

As variáveis linguísticas podem apresentar-se tanto no campo fonológico, morfológico, sintático, como no campo lexical. No campo fonológico, podemos citar exemplos como a troca da lateral [l] pela vibrante [r] em *bicicr~~e~~ta*, *bo~~r~~sa*, *cr~~a~~ro* e até mesmo a ausência da vibrante, como em *p~~o~~brema*¹. No campo morfológico, um caso de variação recorrente em Língua Portuguesa é a concordância no sintagma nominal, como em *as casas arrumada~~o~~ ou os gato~~o~~ amarelo~~o~~*². Em nível sintático, encontramos o pronome cópia como elemento de retomada ao tópico frasal, como em *A minha casa ela é azul com portão branco.*, ou ainda o uso de *nós* ou *a gente* para a primeira pessoa do plural³. No campo lexical podemos citar: *mandioca*, *aipim*,

¹ Para mais informações sobre o rotacismo, sugerimos os trabalhos de Costa (2006) e Cazarotto e Onofre (2009).

² Para mais estudos sobre a concordância no sintagma nominal, sugerimos os estudos de Tarallo (1999) e (2008).

³ Vários estudiosos dedicaram-se ao fenômeno do pronome-cópia e o uso de *nós* e *a gente*, entre eles, destacamos Omena e Duarte (2004), Muniz (2008) e Bueno (2003).

macaxeira; pálpebras, capa dos olhos, capela, entre outros amplamente estudados nos Atlas Linguísticos desenvolvidos em todo o território nacional⁴.

Assim, cabe à Sociolinguística o estudo das variedades linguísticas em relação à sociedade. Em sua fase inicial, tinha por objetivo descrever as diferentes variedades linguísticas que coexistem dentro de uma comunidade, sua relação com as estruturas sociais. Atualmente, engloba tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem em seu contexto sociocultural.

Nesta pesquisa, procuramos observar e analisar as Construções de Tópico (doravante CT), variações linguísticas que ocorrem no nível sintático, caracterizadas por apresentar um sintagma externo à sentença funcionando como mote frasal, chamando a atenção do interlocutor para o tema da mensagem.

Com base em estudos como de Kato *et alii* (2002), que classifica o Português como uma língua de tópico e de sujeito, e de Pontes (1987), que apontou o tópico como uma variante recorrente em todo o território nacional, se observada a fala espontânea, partimos da hipótese que alunos da periferia de Campo Grande usam as CT em produções orais, a fim de enfatizar o mote da mensagem. Para tanto, foram realizados vinte quatro inquéritos, com informantes de ambos os sexos, entre os seis e quarenta anos de idade, todos alunos da Escola Pública Estadual José Ferreira Barbosa, em Campo Grande (MS).

Essa escola foi escolhida por localizar-se em uma região afastada da área central da cidade e por atender alunos de baixa renda, ora filhos de trabalhadores do curtume, ora de trabalhadores de pequenas propriedades agrícolas da região, e fábricas do núcleo industrial. Acreditamos que, em virtude desses fatores, há um

⁴ Para mais estudos sobre o léxico, sugerimos a leitura de Oliveira (2007): ALMS, Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, trabalhos e artigos desenvolvidos pelo ALiB, disponíveis em <www.alib.ufba.br>, bem como as coletâneas de artigos organizados por Isquierdo (2001, 2004, 2007) em *As ciências do Léxico*.

menor acesso à variante padrão da língua (que se dá somente pela própria escola ou em raros programas de televisão) e o que tornará possível a identificação das CT na fala desse grupo.

Relacionamos três objetivos para o desenvolvimento deste trabalho: (1) verificar com que frequência as CT se manifestam na fala dos alunos; (2) levantar quais as construções mais recorrentes e (3) averiguar se há predomínio da ordem TSVC ou SVC, ou se ambas coexistem de maneira equilibrada na língua.

Tomamos como base o modelo laboviano de pesquisa, sob uma perspectiva sincrônica, que analisa grupo de indivíduos, levando em consideração o vernáculo⁵ e os aspectos sociais que interferem na fala, uma vez que a língua não é um produto individual, mas sim coletivo, um produto da comunidade de fala. Também nos apropriaremos em alguns conceitos da abordagem Funcionalista, que também concebem a língua como um meio de comunicação, analisando as estruturas gramaticais levando em consideração a situação comunicativa. Uma vez que, estes dois modelos não se negam, mas completam-se dentro dos estudos linguísticos.

A esta introdução seguem quatro capítulos, o primeiro, aborda o tópico dentro da visão tradicional, seu conceito e situações prescritas para seu uso; no segundo capítulo, apresentamos o tópico dentro dos estudos funcionalistas e sociolinguísticos; no terceiro, os pressupostos teórico-metodológicos que alicerçaram a análise; e por fim, no quarto capítulo, a descrição e interpretação dos dados; seguido das considerações finais.

⁵ “A fala corrente, do dia-a-dia, numa determinada comunidade. O termo [...] é mais geralmente usado em contraste com a *língua padrão*. [...] quando essa fala é percebida como diferente da forma padrão da língua.” (TRASK, 2004, p. 304).

CAPÍTULO 1

1 O Tópico e a Tradição Gramatical

Nossa tradição gramatical concebe o Português como uma língua de ordem Sujeito–Verbo–Complementos (SVC)⁶, o tópico é classificado como recurso comunicativo, dando ênfase à ideia contida na frase, ou empregado como figura de sintaxe, com função literária, neste caso a noção de tópico fica fora dos estudos referentes à estrutura sentencial da língua, sendo destacado somente seu valor enquanto recurso literário. Dentre essas figuras podemos citar a inversão, o anacoluto e o pleonasma.

A seguir, abordaremos alguns conceitos consoantes na GT sobre a ordem sintática e o fenômeno tópico, para tal consultamos três gramáticos: Cunha (1983), Rocha Lima (2006) e Bechara (2009).

1.1 O Pleonasma

Segundo Cunha (1983), o pleonasma é um recurso de ênfase e caracteriza-se pela repetição de um termo da oração para reiterar a ideia.

Dentre os vários tipos de pleonasma, classificados por Cunha (1983) está o *objeto pleonástico*, segundo o autor, “para dar maior realce ao objeto, é costume

⁶ Alguns autores adotam a terminologia SVO - sujeito-verbo-objeto (ROCHA LIMA, 2006, p. 236), para este trabalho, optamos pelo termo SVC - sujeito-verbo-complementos (BECHARA, 2009, p. 582), abrangendo aqui todas as categorias de complementação sintática, sejam eles integrantes ou acessórios, desta forma, incluem-se aqui os complementos verbais (objetos), nominais e adjuntos.

colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal.” (CUNHA, 1983, p. 581).

- (1) **Letras vencidas**, urge pagá-*las*, disse eu ao levantar-me. (Machado de Assis)

Para Bechara (2009, p. 594), no pleonasma, o termo é repetido para mais clareza ou ênfase de uma idéia.

- (2) **Ao pobre** não *lhe* devo.

Em (2), o objeto indireto (ao pobre) é deslocado da sequência SVC para o início da frase, e retomado na sentença pelo pronome (*lhe*), assim como em (1), o objeto direto (letras vencidas) aparece na cabeça da sentença e é retomado posteriormente na forma do pronome oblíquo (*-las*).

1.2 O Anacoluto

Do grego *anakólouthous*, que significa sem sequência, caracteriza-se pela mudança da construção sintática, geralmente após uma pausa sensível. Segundo Cunha (1983, p. 581), é um fenômeno comum especialmente na língua falada.

- (3) **Aquela mina de ouro**, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos. (Camilo Castelo Branco)

Classificado por Rocha e Lima (2006) como um dos casos mais frequentes de *sintaxe afetiva*, o anacoluto consiste numa desconexão sintática, gerada pelo desvio da ordem frasal.

Quase sempre, o que determina o anacoluto é a colocação, no rosto do período, do elemento de maior relevo psicológico⁷. Nele se concentra por tal forma o nosso interesse, que não prestamos atenção a regularidade sintática e o deixamos valer por si, sem ligação com os demais membros da frase. (ROCHA LIMA, 2006, p. 490)

Assim, o anacoluto tem a função sintática de realce ou ainda pretende chamar atenção do interlocutor para determinado elemento da frase, recebendo destaque no início da sentença. Como podemos perceber nos exemplos citados por Rocha Lima (2006, *idem*):

- (4) **E o desgraçado**, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse. (Garrett)
- (5) Olha: **eu**, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana. (Guimarães Rosa)

Verificamos nos exemplos que o elemento que se deseja destacar vem ao início da sentença, acrescentando a ordem frasal um novo elemento, o tópico.

Bechara (2009, p. 595) afirma que, fora em situações especiais, aqueles que presam o falar e o escrever corretamente evitam o uso deste tipo de construção.

- (6) **Eu** que era branca e linda, eis-me medonha e escura. (Manuel Bandeira)

Bechara (2009, *idem*) também classifica como anacoluto as construções cujo elemento inicial é retomado durante a sentença em forma de pronome:

- (7) **A pessoa** que não sabe viver em sociedade, contra *ela* se põe a lei.
- (8) **Eu** parece-*me* que tudo vai bem.

Em (7), temos um período composto, no qual o tema (a pessoa) aparece na primeira oração, e é retomada na forma do pronome (ela) na segunda oração. Já em (8) temos uma sentença semelhante ao pleonasma, porém não é o objeto o

⁷ Daí o termo *sintaxe afetiva*.

elemento deslocado, mas o sujeito (eu) aparece duplicado na forma do oblíquo (-me).

1.3 A inversão

Bechara (2009, p. 582-583), ao abordar a *Sintaxe de colocação ou de ordem*, conceitua a inversão como qualquer ordem frasal que saia ao esquema SVC. A inversão que entra em choque com a norma geral de colocação é chamada de *anástrofe*:

(9) **De teus olhos** a cor vejo eu agora.

Vemos em (9) que, diferente do pleonismo, o mote frasal é deslocado para o início, porém não é retomado no decorrer da sentença, deixando uma categoria vazia após o verbo: “De teus olhos a cor eu vejo Ø.”, a sequência correta, mediante a ordem canônica, seria “Eu vejo a cor de teus olhos.”

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir *valor estilístico*. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional. Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. (BECHARA, 2009, p. 583 – grifo nosso)

No que se refere aos períodos compostos, Bechara (2009), ao abordar as *Figuras de Sintaxe* apresenta a **antecipação** que “é a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete” (BECHARA, 2009, p. 595):

(10) **O tempo** parece que vai piorar.

Em (10), temos a inversão dos termos dentro do período composto, no qual o sujeito da oração subordinada (o tempo) aparece no início da sentença.

Em Cunha (1983), a antecipação está conceituada junto com as demais Figuras de Sintaxe, denominada como *prolepse*. Assim como o pleonasma e o anacoluto, a prolepse tem função estilística, destacando um determinado elemento da frase e “consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra precedente, com a que se adquire excepcional realce.” (CUNHA, 1983, p. 583)

(11) **A Europa** dizem que é tão bonita, e a Itália principalmente. (Machado de Assis)

No exemplo (11), o autor inverte a ordem do período, no qual o sujeito da oração subordinada (a Europa), assim como em (10), é deslocado para o início da oração principal, deixando uma categoria vazia (**A Europa** dizem que Ø é tão bonita, e a Itália principalmente.).

Autores como Martins (2005, p. 34), Belford (2006, p. 13) e Vasco (2006, p. 25) ao tecerem comentários sobre o tópico na visão tradicional afirmaram que, de uma forma geral, as GT abordam o tópico como um recurso literário (*valor estilístico*), estudado juntamente com as figuras de linguagem, de sintaxe ou de estilo. Ao consultarmos Cunha (1983) e Rocha Lima (2006) confirmamos estas afirmações, pois somente localizamos o tópico como recurso estilístico. Porém, ao analisarmos a versão atualizada da *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara encontramos menções, mesmo que poucas, à topicalização de objeto, juntamente com os estudos sobre a estrutura frasal. Segundo o autor:

A transposição (*topicalização*) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto. (BECHARA, 2009, p. 417 – grifo nosso)

(12) **O lobo**, o caçador o viu. (BECHARA, 2009, *idem*)

Em (12) o objeto direto é deslocado para o início da sentença, ganhando destaque como mote frasal, seguido de uma sentença completa sem categoria vazia, pois o pronome oblíquo (o) atua como objeto fazendo referência ao mote (o lobo), este mesmo recurso aparece em outras gramáticas e é chamado de objeto pleonástico, porém Bechara (2009) usa a nomenclatura adotada pelos linguistas.

Da mesma maneira em orações com verbos transitivos indiretos, nas quais Bechara (2009), faz referência à topicalização ao abordar as possibilidades de uso do complemento indireto, afirma:

Acrescenta-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a *topicalizar-se*, isto é, a aparecer antecipado na oração (BECHARA, 2009, p. 422 – grifo nosso).

(13) **Ao aluno** sempre lhe dei muita atenção. (BECHARA, 2009, *idem*)

Vemos em (13) a topicalização do objeto indireto (ao aluno), sendo duplicado na sequência por meio do pronome (lhe).

No que tange ao tópico frasal na visão tradicional, observamos que não somente as gramáticas normativas abordam as CT como figuras de linguagem, como também algumas gramáticas escolares: “Quando ocorre a **inversão** da ordem dos termos da oração ou frase, o termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase” (INFANTE, 2004, p.720 – grifo do autor):

(14) **Professor** já não sou. (INFANTE, 2004, *idem*)

No exemplo (14), o predicativo do sujeito desvia-se da ordem canônica S-V-C e vai para a cabeça da sentença e, ao contrário do esquema de retomada que ocorre com o objeto pleonástico, deixa uma categoria vazia na sequência frasal.

Porém, algumas gramáticas escolares já apresentam alguma alteração se comparadas com as tradicionais, pois citam algumas pesquisas linguísticas atuais e abordam temas referentes à variação, ao regionalismo e ao preconceito linguístico, ou seja, levam em consideração também a língua em uso: “A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem” (INFANTE, 2004, *idem*).

Seguindo esta mesma tendência, Cereja e Magalhães (2005) abordam o objeto pleonástico:

Às vezes, para enfatizar o termo que funciona como objeto, costuma-se anuncia-lo por meio de um pronome obliquo com sentido e função equivalentes. A esse objeto de reforço dá-se o nome de **objeto pleonástico**. (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 275 – grifo dos autores)

(15) **Essas meninas**, já *as* vi em algum lugar.

(16) **Às minhas poesias**, mão *lhes* dava nenhuma atenção.

Porém, ao contrário de Bechara (2009), não é utilizada a nomenclatura *topicalização*.

Desta forma, nota-se que embora poucas gramáticas apresentem uma inovação quanto à variação linguística, a maioria dos gramáticos concorda com estes conceitos, abordando o tópico frasal como figura de linguagem, com função puramente estilístico-literária.

CAPÍTULO 2

2 O Tópico, a Linguística Funcional e a Sociolinguística

No século XX, surge dentro do estruturalismo um movimento que observava a linguagem a partir da sua multifuncionalidade, este novo olhar sobre os estudos linguísticos denominou-se Funcionalismo (LYONS, 1988, p. 207). Segundo a perspectiva funcional da sentença, determina-se a estrutura do enunciado de acordo com o seu contexto de uso.

Segundo Modesto (2006), “o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo”, dentro dessa concepção, o tópico não é visto como um desvio da língua (que deva ser evitado), mas um recurso usado pelo falante e determinado pelo contexto comunicativo.

Dentro desta perspectiva, a autora Orsini (2004), as CT caracterizam-se por apresentarem um “sintagma nominal anterior, externo à sentença, normalmente já ativado pelo contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de uma sentença-comentário”, sua função dentro da sentença é chamar a atenção do ouvinte destacando o tema da mensagem que o falante irá introduzir. Este esquema foge às regras SVC defendidas pela GT e estabelece uma nova ordem a TSVC:

(17) *A professora* ela é muito brava.

[[*A professora*] [[*ela*] [*é*] [*muito brava.*]]]
[[T] [[S][V][C]]]

(18) *O meu carro* roubaram a roda.

[[*O meu carro*] [[roubaram] [a roda Ø.]]]
[[T] [[V] [C]]

Em (17), temos o mote frasal [T] externo à sentença completa [SVC] sendo que o sujeito faz referência ao tópico por meio de um pronome (ela).

Já em (18), o tópico (*meu carro*) é deslocado do final da sentença, perdendo a preposição e a função de complemento (*Roubaram a roda do meu carro.*) e assumindo a função de mote frasal. A sentença comentário apresenta sujeito indeterminado (eles), porém respeita o esquema T(S)VC.

Tais construções não compõem um fenômeno linguístico novo, pesquisadores como Decat (1989) mostram registros datados de 1725 contendo elementos frasais topicalizados. Apesar disso, somente nos anos 70 do século XX, a partir dos estudos de Li & Thompson (1976)⁸, essa variação passou a despertar o interesse da comunidade acadêmica, tanto em estudos no nível sintático como no discursivo⁹.

De acordo com Linguística Funcional, as CT podem ser classificadas em quatro grupos em uso em PB, não como figura de linguagem em manifestações literárias, mas como organização sintática na fala espontânea. Essa classificação foi proposta por Pontes (1987) e retomada por Vasco (2006) e Orsini (2004):

a. Anacoluto: caracteriza-se por não apresentar nenhuma relação argumental, ou seja, vínculo sintático entre o tópico e o comentário, mas sim uma relação semântica, onde o falante anuncia o mote sobre o qual vai falar e depois faz

⁸ *Apud* Pontes (1987).

⁹ Callou (2002, p. 315) afirma que foi Ross (1967) a introduzir os estudos sobre as CT, porém para este trabalho tomamos como referência os estudos de Li & Thompson, citados em autores como Pontes (1987), Vasco (2006) e Belford (2006).

um comentário por meio de uma sentença completa (na gramática tradicional esse fenômeno também é chamado anacoluto). “De fato, tal tipo constitui a construção mais típica das línguas de tópico, até mesmo referido como verdadeiro tópico”, ao estilo chinês como mencionado por Chafe (1976, p.20, *apud* BELFORD, 2006, p.6 20).

(19) **Eu** agora, acabo a desculpa de concurso, né? (PONTES, 1987, p. 13)

(20) **Doce** eu gosto de gelatina, gosto de pudim... (ORSINI, 2004, p. 1)

Verificamos que os SN no início da sentença (eu / doce) não apresentam nenhum vínculo sintático com a sentença-comentário, sua relação é puramente semântica, onde o contexto contribuirá para um entendimento completo da sentença.

b. Topicalização: caracteriza-se pela existência de uma categoria vazia (\emptyset) dentro do comentário que poderia ser preenchida pelo tópico. Na visão dos gramaticistas é tradicionalmente chamada de inversão ou de antecipação (se em períodos compostos), pois os complementos verbais, objeto direto e indireto (OD e OI, respectivamente) são deslocados para o início da oração, invertendo a ordem canônica SVC:

(21) **Dessa cerveja** eu não bebo \emptyset . (PONTES, 1987, p. 12)

(22) **Aquilo** a Marinha ergueu \emptyset com um sacrifício brutal. (ORSINI, 2004, p. 1)

Em (21) e (22), constatamos que houve a movimentação dos OD (*dessa cerveja / aquilo*) do final da sentença para o início, deixando uma categoria vazia, assim a ordem tradicional seria: Eu não bebo *dessa cerveja*. e A Marinha ergueu *aquilo* com um sacrifício brutal.

c. Deslocamento à Esquerda: neste caso há a retomada do elemento inicial na sentença comentário, essa retomada acontece, em geral, por de um pronome, chamado de pronome-cópia ou pronome-lembrete, comumente 3ª pessoa *ele(s)*:

(23) **Os livros**, *eles* estão em cima da mesa. (PONTES, 1987, p. 12)

(24) **O avô do meu marido** *ele* é italiano. (ORSINI, 2004, p. 2)

Em (23) e (24), os tópicos (os livros / o avô do meu marido) foram retomados na sentença-comentário por meio do pronome pessoal, caracterizando o DE (conceituado na GT como *pleonasm*o).

d. Tópico-Sujeito: o tópico apresenta em si as funções de tópico frasal e de sujeito. Segundo Orsini (2005), “tópico e sujeito se fundem e o tópico passa a reunir traços de ambas as categorias”, uma das características compartilhadas é a concordância verbal.

Trata-se de um processo de gramaticalização, em que o tópico é reanalisado como sujeito, instaurando-se inclusive a concordância verbal, o que colabora para a manutenção da ordem canônica no Português do Brasil: SVO. É uma estratégia decorrente da tendência atual do PB de preencher o sujeito. (ORSINI, 2005, p.3).

Vejamos nos exemplos:

(25) **O Guaraná Antártica**, ___ é muito antigo. (VASCO, 2006, p.36)

(26) **A Tijuca** ___ já tem bastante prédio. (ORSINI, 2004, p. 2)

Dentro dos estudos do tópico, encontramos um conceito comum entre os autores, que o tópico-sujeito apresenta dificuldades de identificação e análise, pois,

num primeiro momento, pode-se confundi-lo com uma sentença SVC. (BELFORD, 2006, p.20).

Vasco (2006) em sua tese de doutoramento faz um estudo comparativo PB *versus* PE, ao exemplificar o tópico-sujeito, por ele chamado “topicalização de sujeito”, afirma que os excluiu das tabelas comparativas “pela dificuldade no reconhecimento destas CT a partir da distinção em relação às sentenças SVO”¹⁰, pois, numa primeira análise, há possibilidade de interpretar “O Guaraná Antártica” e “A Tijuca” como sujeitos da oração, pois essa CT apresenta semelhanças quanto a ordem dos elementos frasais, bem como sua concordância.

2.1 Estudos e pesquisadores das Construções de Tópico

Eunice Pontes, pioneira no estudo das CT em Língua Portuguesa no Brasil, analisa o português oral em paralelo com o escrito, onde na GT aparecem como figuras de linguagem, na verdade são CT. Sua obra, publicada nos anos 80, traz uma compilação de textos escritos com base nos resultados de seus estudos sobre CT, que também podem ser lidos individualmente. Seu *cópus* é composto por informantes da classe alta de Belo Horizonte, de nível universitário, entre 25 e 30 anos. Além de levantar a importância da CT na Língua Portuguesa, aponta sua semelhança com outras línguas. Pontes (1987) inicia seu trabalho abordando os estudos de Li & Thompson, reforçando a proposta da importância de uma classificação das línguas de acordo com as relações tópico-comentário ou sujeito-predicado. Segundo essas autoras, as línguas podem ser classificadas em quatro tipos (PONTES, 1987, p. 11):

¹⁰ VASCO, 2006, p. 36 (nota de rodapé).

a) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças segue a ordem sujeito-predicado (SVC). As línguas de origem indo-européias são exemplos de línguas com proeminência de sujeito;

b) línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como tópico-comentário (TSVC), como é o caso do chinês, por exemplo;

c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes vivendo harmonicamente. A língua japonesa é um exemplo de língua com proeminência de tópico e sujeito, assim o falante pode escolher entre uma ordem ou outra, de acordo com a mensagem;

d) línguas de proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclam e não se distinguem mais os dois tipos, como é o caso do tagalog, uma língua falada nas Ilhas Filipinas.

Segundo Pontes, o português sempre foi considerado uma língua com proeminência de sujeito, porém, com um olhar mais atento sobre o vernáculo, é possível perceber as ocorrências das CT, levantando, então, a hipótese de que a língua portuguesa esteja em outro grupo, o das línguas de proeminência de tópico e sujeito. Para a autora, ainda não são suficientes os estudos do português falado para que se possa determinar com exatidão a legitimidade dessa afirmação, mas quando passamos a observar a língua em seu uso diário, percebemos que as construções de tópico são recorrentes e ainda podem apresentar-se em vários tipos, tanto na língua oral como na escrita:

(27) **A Maria**, essa não quer nada com o serviço. (PONTES, 1987, p.12).

bem como na língua oral:

(28) Quanto a **mim**, estou me lixando. (PONTES, 1987, *idem*)

No estudo desenvolvido por Pontes (1987, p. 19-21), também é apresentado um levantamento das características das CT, com base na obra de Li & Thompson, características estas comparadas às do sujeito:

a) Definição: o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser definido ou indefinido;

b) Relações seletivas: o tópico não precisa ser relações seletivas (concordância) com o verbo, o sujeito obrigatoriamente necessita.

c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico, uma vez que o tópico não mantém relação com o verbo;

d) Papel funcional: uma vez que o sujeito nem sempre desempenha um papel semântico, pois muitas vezes pode ser uma categoria vazia, o tópico sempre traz em si o tema do discurso ou da sentença que segue;

e) Concordância verbal: relacionada com as características b e c, é raro encontrarmos um caso de tópico que concorde com o verbo;

f) Posição inicial na sentença: uma vez que sua função essencial é anunciar o discurso, o tópico sempre aparece no início da sentença, ao contrário do sujeito, que pode tanto aparecer no início, no meio, no final, ou ainda ser elíptico (quando está subentendido no contexto);

g) Processos gramaticais: como a reflexivização ou a passivação (verbos na voz reflexiva ou na voz passiva, respectivamente) não são possíveis em uma CT, pois o tópico é independente do sintagma, logo não pode governar tais processos gramaticais.

Tais características podem ser melhor visualizadas na tabela comparativa que segue:

Características	Tópico	Sujeito
Definição	+	-
Relações seletivas	-	+
Determinação pelo verbo	-	+
Papel funcional	+	-
Concordância verbal	-	+
Posição inicial na sentença	+	-
Processos gramaticais	-	+

Tabela nº 1: Características do tópico *versus* características do sujeito.

Em suma, o tópico é dependente do discurso, e tem liberdade para estender-se além dos limites frasais de acordo com o contexto de fala; enquanto que o sujeito é dependente da sentença, estando restrito às suas regras convencionadas na GT.

No que diz respeito às características das línguas com proeminência de tópico, Pontes (1987, p. 21-25) afirma:

1. a construção passiva é rara ou não existe (mas, segundo a autora, ainda não foram feitas pesquisas quanto ao uso da passiva na fala espontânea, fato este que dificulta a determinação do índice de ocorrências);

2. sujeitos vazios (como “*it*” em inglês ou “*il*” em francês) não são encontrados nas línguas de tópico, assim como em português que não há sujeito para frases existenciais pessoais ou que reflitam fenômenos da natureza;

3. presença do duplo-sujeito, os casos mais claros de construções do tipo tópico-comentário, de fácil identificação, não tem relação com o verbo;

4. controle de co-referência é feito pelo tópico e não pelo sujeito, ou seja, o tópico permite a presença do pronome-cópia;

5. nas línguas de tópico não há restrições quanto a qual elemento da sentença pode ou não, ser topicalizado: sujeito, objetos, adjuntos e predicativos, podem aparecer como tópicos em uma sentença;

6. sentenças básicas: as CT não devem ser consideradas transformações de outros tipos básicos de sentenças, mas elas mesmas são sentenças básicas, não podendo, assim, derivarem-se de outras.

Dessa forma, Pontes (1987, p. 25) demonstra, a importância da CT no português coloquial, concluindo seu trabalho classificando a língua portuguesa como sendo uma língua do tipo proeminência de tópico e sujeito, na qual tanto organizações sintáticas do tipo tópico-comentário e sujeito-predicado são coexistentes.

Sérgio Leitão Vasco (2006, p. 197-207) realizou pesquisas com as CT comparando a fala culta do PB e do Português Europeu (PE) e investigou as CT na fala popular carioca¹¹. Analisando as quatro variáveis das CT: anacoluto, deslocamento à esquerda, topicalização e tópico-sujeito (e suas variáveis) e discutindo a abordagem tradicional dos tópicos pelos gramáticos, Vasco (2006) levanta a questão: *PB: Língua de Tópico?* Buscando avaliar se o PB pode ser classificado como uma língua de proeminência de tópico dentro dos critérios elaborados por Li & Thompson (VASCO, 2006, p. 168).

¹¹ Tese de doutorado, UFRJ, 2006.

Seu *cópus* é composto por trinta falantes de ambos os sexos entrevistados em diversos bairros da área metropolitana do Rio de Janeiro, divididos em três faixas etárias, dos 15 aos 25 anos, dos 26 aos 49 anos e acima dos 50 anos de idade, sem curso superior. Das 1321 ocorrências de CT abstraiu os seguintes resultados:

Para Topicalização, 38% das ocorrências:

(29) **De infância** tenho... tenho uma amiga Ø...

(30) Porque **ditadura** só um manda Ø.¹²

Para Deslocamento à Esquerda obteve 34% dos dados da amostra:

(31) Olha, eu acho que **a violência**, *ela* nasce com cada um...

(32) **A gente**, às vezes de nós mesmos *nós* sabemos pouco.¹³

Anacoluto compõe 21% dos dados:

(33) ... mas agora **ser contra** eu não sou.

(34) **A gente** é bom ficar todo mundo ali junto.¹⁴

E tópico-sujeito somente 7%:

(35) **Essas casas** cabem muita gente.

(36) **Meus óculos** entraram água.¹⁵

Em sua conclusão, Vasco (2006, p. 207) dirige um olhar para o PB inserido em um contexto de mudança, analisando-o como uma variedade mais

¹² VASCO, 2006, p. 174-177.

¹³ VASCO, 2006, p. 151-155.

¹⁴ Exemplos de Anac, VASCO, 2006, 142-145.

¹⁵ Exemplos citados por VASCO, 2006, p. 185-186, para Tópico-sujeito.

próxima do tópico do que o PE, mas não caracterizou nossa variedade como língua de tópico pura.

Ainda no âmbito dos estudos da língua falada, porém sob uma perspectiva *sintaxe – fonologia*, estão os trabalhos de *Yonne Leite et alli* (2002) e *Dinah Callou et alli* (2002), que realizaram análises buscando averiguar a variação prosódica das CT. Assim, Leite (2002) realizou uma descrição das CT observando a curva entonacional, a pausa e a congruência sintática, bem como aspectos referentes á forma (número de sílabas, classe gramatical, oração finita ou reduzida, etc.) e funções semânticas. Callou (2002) buscou verificar se existem diferenças entre o nível sintático e o nível prosódico em Top e DE, observando fatores linguísticos, extralinguísticos e prosódicos, também comparados à estrutura sujeito-predicado.

Além dos estudos sincrônicos da CT na modalidade falada da língua, também tomamos como referência estudos da modalidade escrita da língua, como é o caso de *Maria Beatriz Nascimento Decat* (1989) que realizou um estudo diacrônico das CT com base em dados extraídos de correspondências (pessoais e oficiais) e diários dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX. As cartas e diários, neste tipo de trabalho, são escolhidas por sua natureza pessoal

(...) o que faz com que, mesmo escritos, se aproximem um pouco mais da oralidade, permitindo, por um lado, que se tenha uma possível recuperação dos padrões da língua falada em séculos anteriores ao nosso e, por outro lado, entrever aspectos que, já presentes na língua oral, estão sendo incorporados pela língua escrita de uma determinada época. (DECAT, 1989, p. 115).

Assim, com esta abordagem, a autora busca apontar as possíveis causas e mudanças no PB, e os fatores que corroboraram para estas alterações.

Em seu estudo, Decat (1989, p. 118 e 125) considera dois tipos de CT: as de sujeito e as de complemento (englobando aqui objeto direto, indireto e outros complementos pós-verbais). Assim, de um total de 244 textos, foram identificadas 99 CT, tais como:

- (37) **Os mares da Bahia** parece que foram escolhidos para o teatro das novas proezas.
- (38) **As fortalezas todas** achei Ø muito bem reedificadas.

Em (37), verificamos que as funções de tópico e sujeito se fundem, caracterizando a *CT de sujeito*. Já em (38) o objeto direto (as fortalezas todas) é deslocado para o início da sentença deixando uma categoria vazia após o verbo, caracterizando *CT de complemento*.

Na categoria *CT de complemento*, Decat (1989) também engloba os complementos topicalizados que foram retomados por meio de um pronome na sentença-comentário, com é o caso de:

- (39) **O corpo dos Ministros** achei-os em uma tal desunião, uma intriga entre si. (DECAT, 1989, p. 130)

No decorrer do seu trabalho, Decat (1989, p. 119, 124-125, 130-133) faz comparações entre as CT encontradas em seu corpus com as analisadas por Pontes (1987), verificando as construções frequentes em PB atual e as existentes nos dados diacrônicos, a fim de identificar as possíveis mudanças na organização sintática da língua.

Outro trabalho também realizado com a língua escrita sob uma perspectiva diacrônica é de autoria de *Dercir Pedro de Oliveira* (1996), com o objetivo de verificar se as CT recorrentes na modalidade oral, também são

frequentes em língua escrita, e se é possível, dessa forma, classificar PB como uma língua de proeminência de tópico.

Seu corpus é constituído por textos de origens e finalidades diversas, desde correspondências comerciais datadas da primeira metade do século XVIII, crônicas de Rosário Congro (Campo Grande/MS), páginas amarelas da Revista Veja e monografias da Especialização do Centro Universitário de Três Lagoas, visando averiguar a presença do tópico marcado (uma vez que o não-marcado confunde-se com o sujeito). Assim, da obra de Oliveira (1996, p. 155) podemos citar as seguintes ocorrências de CT:

(40) **da esposa**, ele nada mais sabia.

(41) **Casta e importante na sobriedade de suas linhas**, ele é um monumento.

Após análise das variáveis, Oliveira (1996) encontrou uma frequência de 9% para o tópico marcado, concluindo que PB é uma língua com predomínio de sujeito, porém admite o tópico.

CAPÍTULO 3

3 Procedimentos teórico-metodológicos

3.1 Referencial teórico

A Sociolinguística Variacionista, se comparada com as demais abordagens teórico-metodológicas, é muito nova, tendo início com os trabalhos de Willian Labov, nos anos 70 do século XX. Seu objetivo é o estudo da língua em uso, observando, descrevendo e sistematizando as variações da língua dentro de uma determinada comunidade de fala.

Entendemos a variação linguística como duas ou mais formas de dizer a mesma coisa dentro de um determinado contexto, cada uma dessas possibilidades ou formas constitui uma variante. O emprego da variante está relacionado a fatores intralinguísticos, também chamados de estruturais (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos) e extralinguísticos (que são as características sociais dos falantes como sexo, idade, escolaridade, classe social e grau de formalidade).

Assim, a Sociolinguística observa e descreve a língua em uso e identificando em quais situações os falantes optam por uma e outra variedade, demonstrando “a co-variação entre fenômenos linguísticos e sociais, procurando estabelecer entre eles uma relação de causa e efeito” (MARTINS, 2005, p. 82).

Também tomaremos como base alguns conceitos da Teoria Funcionalista que analisa a estrutura gramatical tomando como referência a situação comunicativa

(o propósito da fala, os falantes e contexto de fala), uma vez que estes elementos exercem grande influência sobre a estrutura linguística. Segundo Modesto (2006), a produção de um enunciado implica na interação de diversos fatores que contribuirão para o comunicar-se de maneira eficiente.

Desta forma, analisaremos três dos quatro tipos de CT identificadas no nosso corpus, levando em consideração fatores sociais e linguísticos, seguindo a classificação proposta por Pontes (1987), iniciando pelas construções nas quais o tópico apresenta somente vínculo semântico com a sentença-comentário, e não vínculo sintático que é o caso do **anacoluto (Anac)**:

(42) **O Titanic** eu gostei. (Son, I152)¹⁶

No exemplo (42), o tópico “eu” introduz o sintagma, seguido dele temos uma sentença-comentário (composta por uma sentença completa SVC) sobre o referido tópico. Entre a sentença-comentário e o tópico não há nenhum tipo de vínculo sintático, somente um vínculo semântico.

Em seguida veremos, a **topicalização (Top)** na qual há a mudança da ordem dos elementos da sentença:

(43) **Do primeiro casamento** dela ela tem dois filhos Ø. (Gab, I537)

Observamos que o objeto direto aparece no início da frase, seguido do verbo com o sujeito elíptico “eu”, assim, temos uma ordem TSVØ, que é diversa da canônica SVC.

¹⁶ O código “Son, I152” entre parênteses, corresponde ao nome do informante, que fora codificado para manter sua integridade, e ao nº da linha onde o dado aparece na transcrição do inquérito, respectivamente. Esta nomenclatura foi adotada para todos os informantes mencionados neste trabalho.

E o terceiro grupo analisado será o **deslocamento à esquerda (DE)**, que caracteriza-se pela retomada do tópico na sentença-comentário, por intermédio de um pronome.

(44) **Eu, a Marinês** né, *nóis* não esquentá não, deixo levar... (Mar, l346)

Neste exemplo, o SN “eu, a Marinês” inicia a frase indicando mote da mensagem, porém na sentença-comentário o falante retoma este mote por meio do pronome “nós”.

Nesta dissertação, optamos por não analisar o tópico-sujeito, seguindo as orientações de Vasco (2006) devido à dificuldade de identificação e análise desse tipo de tópico (como já mencionamos anteriormente).

3.2 Referencial metodológico

O *cópus* desta análise foi constituído por meio de gravações da modalidade falada da língua dos alunos de uma escola pública estadual da cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Por ser uma pesquisa de área urbana, decidimos realizá-la (delimitando dessa forma) com os alunos de uma escola pública de periferia, **Escola Estadual José Ferreira Barbosa**¹⁷.

Criada em 8 de julho de 1974¹⁸, a Escola Estadual José Ferreira Barbosa, a princípio oferecia ensino fundamental (na época chamado de 1º grau), hoje atende aproximadamente trezentas crianças e adolescentes, oferecendo-lhes não só o ensino fundamental, mas também o ensino médio. Destinada a atender a

¹⁷ A Escola Estadual José Ferreira Barbosa localiza-se na Rua Comandante Elias Ferreira, nº 55, Vila Bordon, Campo Grande - MS, CEP: 79104-695, telefone: (67) 3314 7057, e-mail: eejfb@sed.ms.gov.br.

¹⁸ Criada pelo Decreto nº 2.085 de 08 de julho de 1974, publicado no Diário Oficial de 12 de julho de 1974, do então estado de Mato Grosso.

comunidade da Vila Bordon - construída exclusivamente para os funcionários do curtume -, e região, Vila Popular, Vila Romana, Jardim Santa Mônica e Jardim Itália.

As entrevistas foram realizadas baseadas nas orientações de Tarallo (1999) de forma que os alunos falassem de assuntos do seu cotidiano da forma mais espontânea possível, emitindo opiniões e refletindo sobre temas que os levem a preocupar-se com o *que* falam, e não com o *como* falam, usando assim o vernáculo que é a fonte para os dados da pesquisa Sociolinguística.

Dentre as várias possibilidades temáticas para entrevistas gravadas escolhemos algumas das citadas por Villa da Silva (2004, p.41), em sua pesquisa realizada na comunidade corumbaense, dentre elas estão: perigo de vida, jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, medos, família, amigos, serviços públicos, violência nas ruas, o preço dos gêneros de primeira necessidade, escola e trabalho, interação com os outros membros da comunidade, viagens. Também consultamos o roteiro para entrevista elaborado por Martins (2005, p. 119) e o adaptamos a nossa realidade¹⁹.

Destacamos que os temas foram escolhidos de acordo com a faixa etária do informante, uma vez que, ao entrevistarmos uma criança de 6 anos, por exemplo, não poderíamos lhe fazer perguntas sobre trabalho, já que ainda não vivenciou essa experiência, e não há o que falar sobre o tema; da mesma forma que não perguntamos aos adultos e adolescentes sobre desenhos animados que assistem na televisão, uma vez que estão trabalhando e/ou já não se interessam mais por esse tipo de entretenimento. Assim, adaptações foram feitas, e para adolescentes e adultos utilizamos um roteiro fixo com perguntas multitemáticas (anexo nº4), para as crianças entre seis e nove anos simplificamos o roteiro (limitando-nos às perguntas

¹⁹ O roteiro usado para a entrevista com os informantes adolescentes e adultos está anexo a este trabalho.

do mundo infantil: desenhos animados, brincadeiras, família e escola) e utilizamos como recurso/apoio histórias em quadrinhos (anexos nº 1, 2 e 3), assim, em determinado momento do inquérito a criança tinha a liberdade de ler história e recontá-la com suas palavras.

A amostra em questão foi gravada nos meses de agosto e setembro de 2007, na Escola Estadual José Ferreira Barbosa, com alunos entre 6 e 40 anos²⁰, de ambos os sexos, totalizando vinte e quatro informantes. As entrevistas têm em média de 30 a 55 minutos e a transcrição dos textos foi realizada na íntegra, seguindo as normas para transcrição de entrevistas de pesquisas sociolinguísticas, adaptadas do Projeto NURC pelo Prof. Doutor Pedro Caruso²¹. Obviamente que, em alguns casos, os minutos iniciais de gravação são descartados, uma vez que o informante ainda está inibido pela situação de ser entrevistado.

Na tabela nº 2, apresentamos a distribuição dos falantes dentro das variantes sociais, uma vez que o número de falantes por grupo de fatores não é homogêneo. Estas diferenças são justificáveis, já que não é possível encontrarmos alunos com mais de vinte e cinco anos cursando o ensino fundamental regular, tampouco alunos com menos de quinze anos cursando o ensino médio. Na tabela em questão os códigos -15, 15-25 e +25, equivalem aos falantes com menos de quinze anos, de quinze anos a vinte e cinco anos, e mais de vinte e cinco anos, respectivamente; F1 corresponde aos alunos cursando a primeira etapa do ensino fundamental, F2 aos alunos que cursam a segunda etapa do ensino fundamental e EM são alunos do ensino médio:

²⁰ A Escola José Ferreira Barbosa oferece à comunidade a primeira e segunda etapas do Ensino Fundamental (correspondendo do 1º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 2º ano), como as salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram fechadas, a aproximadamente dois anos, é comum encontrarmos alunos com idade entre 30 e 40 anos retomando as atividades escolares, depois de muitos anos sem estudar.

²¹ Preti e Urbano (1990, p. 7-8).

Faixa etária	- 15		15 - 25		+ 25		Total
	M	F	M	F	M	F	
F1	4	3					7
F2	2	2					4
EM		1	3	4	2	3	13
total	6	6	3	4	2	3	24

Tabela nº 2: Distribuição de nº de falantes por idade, sexo e escolaridade.

Com os dados coletados, realizamos avaliações estatísticas a fim de medir a frequência do uso das CT na fala dos alunos, bem como quais as construções mais recorrentes. Esta avaliação foi possível, por meio do programa GoldVarb 2001²², versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRuI²³. Os grupos de fatores que compõem o Envelope de Variação são organizados em variáveis dependente e independente²⁴, sendo que esta última apresenta variantes linguísticas e extralinguísticas²⁵:

²² GoldVarb 2001 é um aplicativo .exe (programa formado por um único arquivo) de análise binomial, com base na versão anterior GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff (1990) para Macintosh. O GoldVarb 2001 foi desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação. (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001)

²³ Do inglês *Variable Rules analysis*, “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, 105).

²⁴ Existem dois tipos de variáveis: “as dependentes, que configuram o fenômeno variável, e as independentes, grupos de fatores, de natureza interna ou externa à língua e que podem exercer pressão sobre o fenômeno linguístico, determinando a frequência de sua ocorrência. São as variáveis, portanto, que vão condicionar positiva ou negativamente os parâmetros linguísticos indicadores de variação ou mudança linguística; são elas que, estando em competição na língua, no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra (NARO, 2003), possibilitam identificar uma série de categorias independentes que influem nas escolhas linguísticas.” (SALLES, 2004, p. 62)

²⁵ Para análise com o programa GoldVarb 2001, foi atribuído a cada fator um código aleatório, que aparece relacionado na frente do referido fator.

Variável dependente:

0 – ausência de tópico

1 – presença de tópico

1 Variantes Linguísticas:

1 Variantes das Construções de Tópico:

a – Tópico-anacoluto (Anac)

b – Topicalização (Top)

c – Deslocamento à esquerda (DE)

2 Quanto ao elemento inicial:

5 – SN composto por pronome

6 – SN composto por substantivo

7 – SN composto por outros

8 – SV (sintagma verbal)

3 Dimensão do SN:

1 – até três sílabas

2 – de 4 a 6 sílabas

3 – mais de 7 sílabas

4 Tipos de sujeito:

e – Explícito

i – Implícito

5 Quanto à transitividade verbal:

2 – verbo transitivo direto

3 – verbo transitivo indireto

4 – verbo de ligação

6 Número e pessoa do verbo na sentença-comentário

a – 1ª singular

b – 2ª singular (você)

c – 3ª singular

d – 1ª plural (nós)

e – 1ª plural (a gente)

f – 2ª plural

g – 3ª plural

7 Contrastividade:

c – presença de contraste

s – ausência de contraste

8 Elemento de interferência:

o – sem elemento de interferência

i – com elemento de interferência

9 Variante de Top - Classificação do objeto:

d – Top de objeto direto

i – Top de objeto indireto

10 Variante de DE - Estrutura do DE:

2 – pronome + pronome

3 – SN + pronome

4 – SN + SN

5 – SN + q (outra categoria não relacionada)

6 – (pronome + SN) + pronome

Variantes Sociais:

1 Faixa etária:

1 – menos de 15 anos

2 – entre 15 e 25 anos

3 – maiores de 25 anos

2 Sexo:

M – sexo masculino

F – sexo feminino

3 Grau de escolaridade:

1 – Primeira etapa do Ensino Fundamental

2 – Segunda etapa do Ensino Fundamental

3 – Ensino Médio

3.2.1 Critérios para seleção de dados

Ao analisarmos as vinte e quatro entrevistas, levamos em consideração um total de 3644 unidades sintáticas. Porém, antes de iniciarmos nosso estudo propriamente dito, faz-se importante esclarecer alguns pontos quanto à seleção dos dados que compõem a amostra: convencionamos que uma unidade sintática é uma sentença de sentido completo, independente da quantidade de verbos presentes, uma vez que encontramos CT, tanto em períodos simples, ou seja, sentenças compostas por uma única oração:

(45) **A minha filha de doze anos**, *ela* é terrível... (Mai, I299);

como também encontramos CT em períodos com mais de um verbo, como podemos perceber em

(46) **Embalá**, quase o mesmo né, *embalá* tem que ter muita agilidadi né, ou seja, tem que fazê muito rápido né... (Mai, I770)

Na sentença (46), temos o tópico constituído por um sintagma verbal SV (embalar) seguido por uma sentença-comentário, formada por duas orações, cujos núcleos verbais são diversos do SV que compõe o tópico (ter e fazer).

Outro ponto a esclarecer, é quanto ao núcleo do tópico. Seguindo alguns exemplos de Vasco (2006, p. 163), analisamos também CT cujo tópico é formado por SV, como podemos perceber no exemplo do referido autor:

(47) E só que aqui no Rio, **os pessoal que vem lá do Norte**, não sei o quê, *eles* chama tudo o pessoal de nana, né? (VASCO, 2006, p. 163)

Este tipo de sentença também foi encontrado nos dados da nossa amostra:

- (48) ... aí **você tem que esconder**, *escondo* o álco é tudinho escondido. (Fab, l194)²⁶

Seguindo exemplos do mesmo autor, também consideramos nesta análise, os tópicos cuja sentença-comentário aparece mais adiante numa oração subordinada ou coordenada:

- (49) **Muita liberdade**, [eu acho [que *muita liberdade* atrapalha qualquer jovem...]] (VASCO, 2006, p. 157).
- (50) **As duas mais novas**, [quando ia pra festa, [*elas às vezes acompanhavam né ela, [mas não era toda a vez não.]*]] (Mar, l252).

Em suma, consideramos neste trabalho, enunciados com sentido completo (independente se períodos simples ou compostos), contando como uma unidade sintática. Em contra partida, não consideramos como unidades sintáticas válidas para este trabalho, enunciados que não tenham em sua composição os elementos que compõem o tópico ou a sentença tradicional (TSVC ou SVC, salvo os casos do sujeito elidido). Com base nisso foram descartados enunciados truncados, em que o falante interrompe o discurso por algum motivo, geralmente para tentar lembrar ou para (re)organizar o enunciado, uma forma de auto-correção ou um policiamento na fala:

- (51) É... eu sou alegre mas assim.. um pouco alegre... um pouco... sei lá... (Mai, l58).

²⁶ Informante comentando sobre a convivência com alcoólatra.

Em (44), a informante apresenta dificuldade para explicar sua própria personalidade, então sua fala aparece truncada e um “sei lá” no final indicando sua insegurança em responder,

(52) Tem só eu... eu e a minha tia só... só minha mãe e minha tia só de parente (Raf, I34).

Já neste exemplo, o falante reorganiza sua fala três vezes para responder com exatidão a pergunta do inqueridor.

3.2.2 Critérios para uso do programa GoldVarb 2001

Antes que o capítulo quatro se inicie, com a apresentação dos resultados obtidos na análise, julgamos importante esclarecer alguns critérios para uso do programa GoldVarb 2001, de acordo com nossos objetivos e com fatos identificados durante o estudo.

Para atender nossos objetivos (1) e (3) fizemos uma rodada preliminar onde obtivemos as quantidades de ocorrências de TSVC *versus* SVC e as percentagens das mesmas; para atender nosso objetivo (2) excluímos todas as ocorrências de SVC em nossa amostra para que pudéssemos observar somente as variantes de CT, porém sendo três as variantes, não pudemos obter pesos relativos, uma vez que o programa GoldVarb 2001 não nos permite realizar análise multinomial, somente binomial. Sendo assim, para que pudéssemos prosseguir com a análise, selecionamos as duas variantes de CT mais recorrentes na amostra: Anacoluto e Deslocamento à esquerda. Outro fator que nos levou excluir as

ocorrências de SVC para a rodada final foram os *KnockOut*²⁷ em quase todos os grupos de fatores, uma vez que muitas características TSVC, não se aplicam à SVC.

Em suma, nossa análise e apresentação dos dados seguiram a ordem:

- i. Apresentação da variável dependente: presença e ausência de CT (item 4.1);
- ii. Apresentação das variantes das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à Esquerda (item 4.2);
- iii. Análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos levando em consideração Anacoluto e Deslocamento à Esquerda (item 4.3).

Solucionando, desta forma, os problemas encontrados durante a análise binomial.

²⁷ *KnockOut* ou *nocaute* é uma terminologia de análise do GoldVarb (utilizada em todos os programas da série VarbRul) “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). O nocaute é um problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que um grupo de fatores é zero, não há variação e o programa não tem com o *que* exprimir pesos e frequências.

CAPÍTULO 4

4 Descrição e interpretação dos dados

Analisar um fenômeno sob a luz da Sociolinguística é observar a língua como um instrumento social, adaptada a fatores internos e externos, ou seja, observar fatores linguísticos e sociais que podem influenciar a língua, criando assim novas variantes e variáveis, de acordo com o contexto de fala.

Como já mencionamos no referencial teórico-metodológico deste trabalho, analisamos a frequência do uso das CT, primeiramente, de uma forma geral, e em seguida a frequência de suas variantes Anac, Top e DE. Lembrando que a variante tópico-sujeito (Tsu), não foi analisada neste trabalho, uma vez que levanta muita polêmica e divergências em sua análise, devido a sua semelhança aparente com a sequência SVC (como já mencionamos anteriormente).

Ao analisarmos as vinte e quatro entrevistas, levamos em consideração um total de 3644 unidades sintáticas.

4.1 Variável dependente

Após observância dos critérios mencionados anteriormente, para as vinte e quatro (24) entrevistas, encontramos uma ocorrência de três mil, seiscentas e quarenta e quatro (3644) unidades sintáticas, sendo que seiscentas oitenta e quatro (684) com presença de tópico e duas mil, novecentas e sessenta (2960) seguindo a

ordem SVC. Apresentamos na tabela nº 3, os resultados totais obtidos pelo programa GoldVarb 2001, para presença e ausência de CT:

	oc	%	
Ausência de CT	2960	81	
Presença de CT	684	18	
Total da amostra	3644	100	<i>Input ,812</i>

Tabela nº 3: Ausência e presença de tópico.

Como é verificado a ausência de tópico, ou seja, a ordem SVC foi mais recorrente, com 81% de uso, sendo que as CT aparecem em menor número, ocupando somente 18% na fala dos informantes. Mesmo com uma percentagem relativamente baixa, a análise *binomial up/down*²⁸ nos forneceu um *input* de 0,812, demonstrando a relevância da variante popular na fala espontânea.

Também elaboramos um gráfico para melhor visualização das porcentagens referentes à realização de CT e SVC:

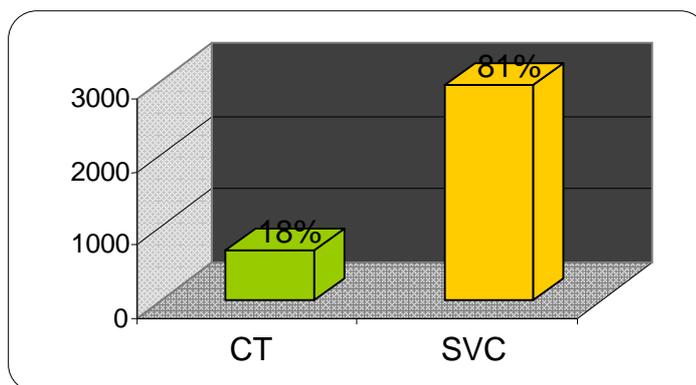


Gráfico nº 1: Percentagens de Construção de Tópico *versus* ordem Sujeito-Verbo-Complemento presentes na amostra.

²⁸ A opção *step* testa a significância de cada grupo de fatores, fornecendo informações sobre os “melhores” grupos de fatores (GUY & ZILLES, 2007, p. 164), ou seja, aqueles que favorecem a presença do fenômeno linguístico observado.

Ao observarmos dados de outras pesquisas também realizadas com as CT, encontramos percentagens relativamente próximas, como é o caso de Martins (2005, p. 74-75) que pesquisou o tópico na fala uberlandense e constatou que, de 2565 dados da amostra, 9% eram CT. Segundo a autora:

Os resultados obtidos, de acordo com o *cópus* investigado, parecem mais favoráveis a uma inferência de que o PB é uma língua que admite o uso de tópico, uma vez que as estruturas com sujeito foram significativamente mais frequentes. (MARTINS, 2005, p. 75)

Outros autores também apresentaram resultados semelhantes, nos quais o tópico não representa nem 20% da amostra: Salles (2004) ao realizar pesquisa sobre o uso do duplo sujeito, identificou uma frequência de 3%, de um total de 2400 sentenças. Martins (2005) ao pesquisar o Tópico *latu sensu* na cidade de Uberlândia, analisou um *cópus* constituído de 45 inquéritos, das 2565 sentenças abstraídas da amostra, 9% eram tópicos. Já Belford (2006) identificou em 22 inquéritos 15% DE (totalizando 230 oc) e 18% de Top (totalizando 328 oc). Vasco (2006), por sua vez, não colocou total de ausência e presença em percentagens, mas dos 30 inquéritos analisados, foram identificadas 1321 ocorrências de CT.

Com base nestes dados, constatamos que PB é uma língua que admite o tópico enquanto esquema de organização frasal, assim como Pontes (1987) e Vasco (2006) não classificaríamos PB como uma língua de tópico, mas como uma língua com orientação para o sujeito e o tópico (em menos escala).

4.2 Variáveis do Tópico

Para atender ao segundo objetivo da nossa pesquisa, averiguar qual das variantes de CT é mais recorrente na fala dos nossos alunos, fizemos uma rodada à parte com o programa GoldVarb 2001, na qual eliminamos as sentenças SVO, para que obtivéssemos somente as porcentagens de CT.

Como já mencionamos no capítulo 2, as CT são divididas em quatro grupos, porém para esta pesquisa nos limitamos somente a três: Anac, Top, e DE. Relacionamos, em forma de tabela e gráfico, os valores das porcentagens e total de ocorrências para esses grupos:

	oc	%
DE	352	51
Anac	263	38
Top	67	9
Total de CT	682	100

Tabela nº 4: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda.²⁹

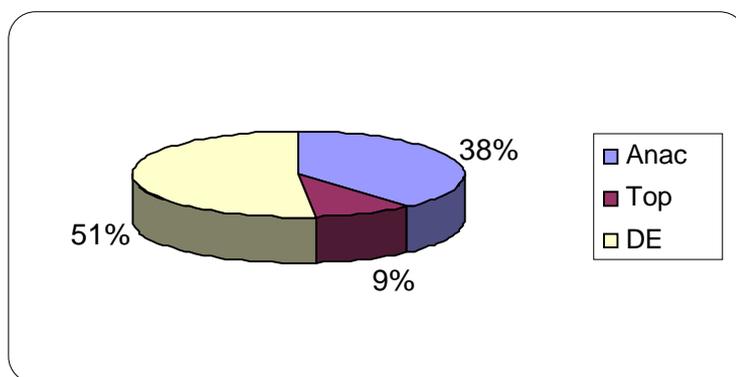


Gráfico nº 2: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda.

²⁹ Na tabela nº 4 não colocamos os pesos relativos, pois a versão GoldVarb 2001 somente executa análise binomial, e não foi divulgada a versão multinomial.

O gráfico nº 2 mostra a diferença entre as variáveis de CT. As informações do gráfico se complementam com as da tabela nº 4, nos quais apresentam 352 ocorrências para DE, compondo pouco mais da metade das ocorrências 51%; seguido de Anac com 263 ocorrências, compondo 38% do total; e por último com 67 ocorrências de Top, compondo 9% dos dados da amostra.

Outros autores, como já citados anteriormente, veem contribuindo com estudos sociolinguísticos sobre o tópico. Na pesquisa realizada por Vasco (2006), ao observar a distribuição das CT na fala carioca, das 1321 ocorrências de CT, 38% foram de Top, 34% DE, 21% Anac. Já em Orsini (2004), observamos dados analisados em dois períodos, a década de 70 e a década de 90, com base no acervo sonoro do Projeto NURC-RJ, nos quais 46% são Top, 42% são DE e 12% para Anac. Mesmo sendo da mesma metrópole, por serem informantes diferentes em épocas diferentes, as ocorrências oscilaram, porém Top permanece com maior índice em ambas amostras, o que não acontece nesta pesquisa.

Nossos resultados confrontam ambos trabalhos, apresentando DE como variante mais recorrente nas CT. Esta diversidade pode ser justificada se observada a própria estrutura do DE, uma vez que o falante tem necessidade em deixar claro o mote frasal, utiliza o tópico como recurso de ênfase e também o pronome-cópia como recurso sintático, reforçando mais uma vez o tema de que trata, como constatamos em

(53) **A mula-sem-cabeça** ela mata com o fogo da cabeça *dela*. (Luo, 1834)

No qual o informante usa o pronome para fazer referência ao mote. Esta preferência por DE também pode estar relacionada à tendência do preenchimento

do sujeito em PB, uma vez que, em determinados períodos, o mote não é o mesmo que o sujeito da sentença-comentário.

(54) **A mãe da minha mãe**, então eu sou mais apegada com *e/a* lá. (Pat, l266)

Em (54), o tópico (a mãe da minha mãe) não coincide com o sujeito do verbo da sentença-comentário (eu), assim a organização da sentença seguindo o esquema DE contribui para clareza da mensagem, evitando que o interlocutor não confunda tópico com sujeito.

Assim, ao utilizar estes recursos, o falante garante que será compreendido por seu interlocutor, como forma de assegurar a qualidade da sua mensagem.

Elencamos algumas sentenças como exemplos das variáveis de CT:

a) Deslocamento à esquerda:

(55) **Minha família** *nós* foi no rio que tem aí no lado da Pedreira. (Ali, l49)

(56) É... tem **o homem mau** *e/e* tem uma caverna, tem o passarinho e tem a... a mãe da fada. (Tam, l111)

(57) Mais **o meu primo Frango** *e/e* pegou o meu dvd do Power Ranger (Lui, l496)

Em (56) e (57), o tópico é retomado na sentença comentário na forma do pronome *e/e(s)*, porém a pessoa a que se refere o pronome pode variar de acordo com o contexto de fala, como em (55) no qual o falante se inclui no tópico e usa o pronome *nós* no momento da retomada.

b) Exemplos de Anacoluto:

- (58) **URV** naquela época tudo aumentava todo dia né. (Mai, l137)
- (59) **O SUS** eu não sei se faz.. e aquele tal dia você vai lá pegar o resultado. (Mar, l685)
- (60) **As gírias** às vezes do jeito que eu falo, ele implica muito (Gab, l271)

Em (58), (59) e (60), constatamos que o tópico estabelece relações semânticas com a sentença-comentário, sem apresentar quaisquer vínculos sintáticos.³⁰

c) Exemplos de Topicalização:

- (61) ...mas **aqui** eu pensei primeiro na minha mãe Ø né. (Seb, l141)
- (62) **Jogo dos palitos** que eu tenho Ø também. (Luo, l775)
- (63) ...**uma infância de conhecimento** eu considero Ø. (Ari, l368)

Em (61), (62) e (63), verificamos que um dos complementos desloca-se do final para o início da sentença, assumindo a função de tópico, deixando uma categoria vazia (Ø), que poderia ser substituída pelo próprio tópico: “Eu tenho *jogo dos palitos* também.”, por exemplo.

Neste ponto do trabalho, vemos que as três questões iniciais foram respondidas: (1) (3) os falantes usam o tópico como recurso linguístico para organização frasal, mas a ordem canônica é de preferência da maioria dos falantes

³⁰ Alguns casos em Anac, porém, não couberam nos critérios estabelecidos:

(a) **Filme** ‘O amor não tira férias’ e ‘Como se fosse a primeira vez’ (Gab, l70) - Neste exemplo, constatamos o tópico “filme”, mas em sua sequência a sentença-comentário não corresponde a uma oração, mas sim a outros dois sintagmas nominais (os nomes dos filmes).

(b) **Mensagem** ‘ó, tô em tal lugar... ó, vamu levar o neném no médico... vamo sai?’ (Gab, l708) - Neste caso, o tópico “mensagem” é referência para uma representação de diálogo utilizada pelo falante, para demonstrar o conteúdo da mensagem.

entrevistados, com 82% dos dados da amostra e (2) das três variáveis de CT, a mais recorrente foi DE, compondo 51% das CT da amostra.

Porém, após leituras como as obras de Vasco (2006) e de Belford (2006), constatamos que as variações de CT podem ser mais exploradas, com base nos conceitos Sociolinguísticos e Funcionalistas. Assim sendo, realizamos mais de uma rodada com os dados da amostra, a fim de verificar outras características dentro desse fenômeno linguístico.

Trata-se da terceira análise do programa GoldVarb 2001³¹, no qual consideramos somente as variáveis Anac e DE, uma vez que foram as variantes mais recorrentes. A análise em questão apresentou como resultado da etapa *step-up/down* os grupos de fatores: Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda, Número e pessoa do verbo da sentença-comentário, elemento inicial (classe morfológica do núcleo do tópico) e a faixa etária dos informantes.

4.3 Análise de Anacoluto e Deslocamento à Esquerda

4.3.1 Fatores Linguísticos

a) Quanto ao elemento inicial:

Nesta etapa da pesquisa, procuramos observar as estruturas mórficas que compõem o tópico, para tal, levamos em consideração a classificação morfológica do núcleo do tópico:

³¹ Anexo nº 8.

I) Núcleo constituído de SN composto por pronome:

(64) ...**eu** qualquer serviço [eu] desenvolvo... (Ger, l364)

II) Núcleo constituído de SN composto por substantivo:

(65) **Aí a porta**.. eles abriram *a porta* e tem aquelas grades né... (Faa, l198)

III) Núcleo constituído de SN composto por outras categorias gramaticais, como demonstrativos, possessivos, advérbios e adjetivos:

(66) **Isso** aí..eu não concordo com *isso* aí e eu to achando fraco... (Ger, 920)

IV) Núcleo constituído de SV (oração):

(67) **Fazer uma faculdade** eu fico contente. (Ger, l1170)

Obtivemos os seguintes resultados:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
SN composto por pronome	15	13	93	86	108	17	.86
SN composto por substantivo	167	42	230	57	397	64	.58
SN composto por outras categorias	33	71	13	28	46	7	.28
SV	79	74	17	25	66	10	.27
totais	264	42	353	57	617	100	

Tabela nº 5: Elementos mórficos que constituem o tópicos nas Construções de Tópico Anacoluto e Deslocamento à Esquerda.

A tabela nº 5 mostra que das 617 concorrências de Anac e DE, 64% dos tópicos apresentam como núcleo palavras substantivas, seguidas dos pronomes, com 17%; SV com 10% e tópicos compostos por outras categorias compõem 7% do total.

Ao atribuímos como valor de aplicação ao uso de DE, verificamos que os pesos indicam que o falante tende a utilizar mais o pronome como núcleo do tópico (.86) do que os substantivos (.58).

No que tange exclusivamente ao uso do SN e SV para compor o tópico, nossos resultados estão consoantes com a pesquisa realizada por Vasco (2006, p.142), cujo objetivo era, em uma das etapas do seu trabalho, identificar os elementos mais recorrentes constituindo o tópico de Anac, em sua análise constam 58% dos tópicos compostos por SN, apenas 9% compostos por pronomes pessoais e 9% por orações (SV).

A maior recorrência de SN como núcleo do tópico está relacionada à própria função do tópico dentro da sentença, uma vez que o tema está relacionado, em grande parte, à pessoas, coisas e/ou lugares aos quais o falante faz referência, é natural que sejam colocados em destaque no momento da comunicação, seguindo dos comentários, ações e situações nos quais estejam envolvidos.

b) Transitividade verbal:

No que diz respeito à transitividade verbal, observamos verbos intransitivos, transitivos diretos e indiretos, bem como os verbos de ligação. Porém, constatamos que os verbos transitivos indiretos, ora eram preposicionados, ora não-

preposicionados, então julgamos necessário categorizar a transitividade verbal seguindo os critérios abaixo:

I) Sentença composta por verbo de ligação (VL):

(68) **A minha mãe** *ela* é doméstica (Gab, I339)

II) Verbo transitivo direto (VTD):

(69) **Irmã** (eu) não tenho. (Seb, I 20)

III) Verbo transitivo indireto preposicionado (VTI):

(70) **Do meu pai** que (eu) ganho. (Mea, I269)³²

IV) Verbo transitivo indireto não-preposicionado (VTI n-prep.):

(71) ... que **esse hino** até hoje eu gosto... (Son, I56)

V) Verbo transitivo direto e indireto (VTDI):

(72) **Do Lobisomem**... toda quinta tem que comprar uma roupa pra... *pro lobisomem nova*" (Tam, I568)

A seguir apresentamos a tabela com o resultado deste grupo de fatores:

³² Informante falando sobre jogos e vídeo game.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	%	oc	
VTI	31	47	34	52	65	10	.69
VTD	77	34	147	65	224	36	.66
VL	47	38	76	61	123	19	.61
VTDI	4	44	5	55	9	1	.56
VI	87	51	83	48	170	27	.49
VTI n-prep.	18	69	8	30	26	4	.31

Tabela nº 6: Transitividade verbal.

Assim, o verbo transitivo indireto favorece a presença do DE, com peso .69, seguindo do verbo transitivo direto com peso .66. Porém, é relevante observar que independente do valor de aplicação que atribuímos (DE), se observamos de uma forma geral, VTD tem maior percentagem de ocorrências, com 36% dos dados analisados, seguido de VI com 27% dos dados da amostra.

Esta preferência por verbos transitivos e intransitivos é inerente à própria estrutura da sentença e à qualidade da mensagem (ou seja, a compreensão satisfatória por parte do interlocutor) . Segundo Rocha Lima (2006, p. 340) “O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que sua supressão torna o predicado incompreensível, por omissos ou incompleto.” (grifo do autor), assim, com o intuito de comunicar-se com clareza, o falante dá preferência aos verbos transitivos para que, por meio dos complementos, as ações verbais estejam claras e sejam bem compreendidas por seu interlocutor.

c) Sujeito explícito ou implícito:

Com este grupo de fatores, objetivamos identificar se a presença do sujeito favorece ou não a presença do DE. Para tanto, esse grupo é organizado em dois fatores:

I) Sujeito explícito:

(73) **Curitiba** eu gostaria de morar. (Ger, l567)

II) Sujeito implícito:

(74) **A cobra cega** [você] coloca um pano aqui... (Vit, l185)

Na tabela nº 7, visualizamos os resultados obtidos sobre o sujeito nas orações:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Sujeito explícito	206	37	337	62	543	88	.62
Sujeito implícito	58	78	16	21	74	11	.22

Tabela nº 7: Sujeito explícito *versus* sujeito implícito.

Com peso .62, os falantes entrevistados tendem a preencher o sujeito nas CT, para peso .22 do sujeito implícito. Esta preferência pelo preenchimento do sujeito nas CT, nos remete aos conceitos de tópico e sujeito, enquanto o tópico é o assunto a ser tratado na sentença, o sujeito é o ser que age sobre o verbo, logo, tópico e sujeito nem sempre são os mesmos. Dentro deste contexto, deixar o sujeito

explícito na sentença evita qualquer comprometimento com a qualidade da mensagem.

Nossos dados estão de acordo com a pesquisa realizada por Belford (2006), com peso relativo .58, segundo a autora:

A presença do sujeito nesse caso pode ser explicada, considerando-se que, ao explicar-se o sujeito na oração, evita-se a confusão com o tópico e sujeito. Num primeiro momento, ao pronunciar-se o SN, dúvidas poderiam surgir para identificá-lo como tópico ou sujeito. (BELFORD, 2006, p.67)

Dessa forma, à função de sujeito é acrescida uma nova propriedade, a colaboração ou manutenção da inteligibilidade da mensagem.

Outra justificativa para a grande quantidade de sentenças com sujeito explícito é a tendência do preenchimento do sujeito que tem se revelado em estudos da modalidade oral do PB. Segundo Oliveira (1989),

De certo modo, ao transmitir a mensagem, o destinador tem interesse em que destinatário compreenda a mensagem. Isso pode ser a razão de os referentes aparecem reiterados, explicitados, interpretados, criticados (em ambos os sentidos) e, ainda, preenchidos. (OLIVEIRA, 1989, p. 147)³³

Em sua pesquisa com informantes de três capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), Oliveira (1989) aponta resultados favoráveis à preferência do falante do PB em preencher o sujeito, com 77% dos dados.

³³ Outros pesquisadores que observaram o fenômeno do sujeito expletivo: Kato e Negrão (2000), Duarte (2003), Bravin dos Santos (2005).

d) Contrastividade:

Para o grupo de fatores d), nosso objetivo foi identificar se a presença da contrastividade, ou seja, a presença de um elemento de contraste (como a conjunção adversativa *mas*) ou ainda um contexto adversativo, por exemplo; está corroborando para a ocorrência de DE:

I) Presença de contraste:

(75) **Minha irmã** é... ele é feio, velho, cricri, sistemático, mas *ela* gosta dele. (Gab, 1779)

(76) **Os jogadores** [eu] colocaria jogadores bons no lugar dos jogadores ruins... (Kar, 1163)

A presença do contraste, marcado pela conjunção adversativa *mas* em (75), e o nível semântico, no caso da CT (76), na qual o falante contrasta sua opinião entre a saída dos jogadores atuais que são ruins, e a troca por jogadores, segundo ele, bons.

II) Ausência de contraste:

(77) **Minha mãe**, *minha mãe* não trabalha mais... (Pat, 1828)

(78) Não, **os meus pais** *eles* se separaram. (Luc, 139)

Ao observarmos a tabela nº 8, verificamos índices de presença e ausência da contrastividade nas CT:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Ausência de contraste	219	45	260	54	479	77	.54
Presença de contraste	45	32	93	67	138	22	.67

Tabela nº 8: Presença do elemento contrastivo.

As percentagens na tabela nº 8 apontam maior recorrência de CT com ausência de contrastividade, levando em consideração os totais, com 77% para ausência, e 22% de presença. Porém, ao marcarmos como valor de aplicação DE, o programa GoldVarb 2001 nos aponta a preferência pelo uso de DE quando CT for contrastiva, com peso relativo .67.

Nossos resultados estão em conformidade com a pesquisa de Belford (2006), que, ao analisar a fala carioca, encontrou peso relativo .68 para a marcação do contraste, demonstrando a relevância deste recurso.

A opção pelo uso do elemento contrastivo é um recurso coesivo recorrente em PB e que, Segundo Braga (2004), tem sido investigado sob a luz da Teoria da Variação. Independente da ausência/presença do conector, enunciados adversativos auxiliam o interlocutor, por meio de comparações e/ou relações, na compreensão da mensagem. A preferência pela estrutura tópica com elemento co-referencial (DE) está relacionada não só ao uso elemento contrastivo, mas também a extensão da sentença, uma vez que, ao criar um contexto de contraste, o falante usa períodos compostos, muitas vezes distanciam o mote da sentença-comentário, favorecendo a presença do pronome como recurso de recuperação/referência ao tópico.

e) Elemento de interferência no Deslocamento à Esquerda³⁴

Propusemos dois grupos de fatores nesse item. No qual nosso objetivo é verificar se a presença de elementos de interferência entre o tópico e a sentença-comentário favorece ou não a presença do pronome co-referencial, elemento que caracteriza DE.

Segundo Pontes (1987, p. 26), o pronome-cópia caracteriza-se como um co-referente ao sujeito da sentença e que, a princípio, parece redundante, mas contribui para caracterização do tópico. Para ela, o aparecimento do pronome co-referente também pode ser justificado se observada a distância entre o tópico e o verbo: quanto maior a distância entre estes elementos maior a necessidade de deixar claro o referente.

Diante do exposto, para este grupo selecionamos os seguintes fatores:

I) Ausência de elemento interferente entre o tópico e a sentença-comentário:

(79) aí **o homem** *e/le* tava drogado... (Faa, l64)

II) Presença de elemento interferente entre o tópico e a sentença-comentário:

(80) **a Juliana**, foi uma vez, no começo do ano, que eu discuti com *ela*... (Gab, l391)

Após a rodada do GoldVarb, obtivemos os seguintes resultados³⁵:

³⁴ Quanto ao termo, Salles (2004, 72-74) usa a nomenclatura “interveniente”, enquanto Belford (2006, 71-73) usa “interferente”, para essa dissertação adotamos a nomenclatura interferente.

	DE	
	oc	%
Ausência de elemento interferente	167	46
Presença de elemento interferente	186	71

Tabela nº 9: Elemento interferente.

Ao observarmos os dados da tabela nº 9, verificamos que as diferenças são consideráveis, no que diz respeito a presença e ausência do elemento interferente, pouco mais de 20 pontos. Uma vez que a presença deste elemento aumenta a distância entre o tópico e a sentença-comentário, favorece a presença co-referencial em DE.

O maior índice de ocorrências do pronome-cópia em períodos longos ou compostos, justifica-se pela preocupação do falante em se fazer entender por seu interlocutor, ou seja, o zelo pela qualidade da sua mensagem. O falante, ao perceber que o mote se distancia da sentença-comentário, faz com este um elo por meio do pronome, retomando o tema, evitando que seu interlocutor equivocadamente pense que mudou de assunto. Assim em sentenças compostas como

(81) **As pessoas** é.. pensando que aquilo é melhor, *elas* vão seguindo a novela. (Kar, l220),

o informante retoma o mote (as pessoas) por meio do pronome (elas) para que seu interlocutor não perca o referente.

³⁵ O pronome-lembrante é uma característica de DE e não aparece nas outras variáveis de CT, o que impossibilita a análise binomial do GoldVarb 2001, logo não colocamos pesos relativos para esta categoria.

Nossos resultados são consoantes com a pesquisa de Vasco (2006, p.160), na qual há uma frequência maior de CT com “material interveniente”, 60%; para somente 40% sem “material interveniente”, de um total de 334 sentenças com DEsubj.

Belford (2006, p. 72), ao estudar a relação do DE com presença *versus* ausência do elemento de interferência afirma que: “Tais resultados, bastante polarizados, comprovam que a presença de elementos interferentes entre o SN e a sentença-comentário favorece o aparecimento do elemento co-referencial”.

É relevante ressaltar aqui que em estudos referentes à língua falada, os resultados variam de acordo com o contexto de fala e sócio-cultural: na pesquisa desenvolvida por Salles (2004, p.72-74) sobre a presença ou ausência do elemento interveniente, com falantes da cidade de Cascavel/PR, os dados mostraram que é neutra a influência destes elementos, uma vez que o peso relativo está muito próximo a .50.

f) Dimensão do tópico:

Pretendemos, com esse grupo de fatores, determinar se há influência da extensão do SN³⁶ para a presença da CT. Selecionamos três fatores para esse grupo, a saber:

I) SN com até três sílabas:

(82) **Meu pai e/e** tem mais filme... eu tenho um pouco de dvd... (Mea, I40)

³⁶ Medido aqui em sílabas, seguindo o modelo em Belford (2006, p. 74-75).

II) SN contendo de quatro a seis sílabas:

(83) ...aí **o Peter Pano** aí *e/e* saiu correnu... (Vit, l250)

III) SN com sete sílabas ou mais:

(84) ... **meu amigo lá do Rio de Janeiro**, *e/e* chama Sebastião também. (Seb, l166)

Assim, apresentamos os seguintes resultados:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Tópico até três sílabas	90	30	210	70	300	48	.70
Tópico de 4 a 6 sílabas	107	54	91	45	198	32	.46
Tópico com mais de 7 sílabas	67	56	52	43	119	19	.44

Tabela nº 10: Dimensão do tópico.

A tabela nº 10 mostra que o tamanho do sintagma que compõe o tópico não contribui para a presença da CT, pois os tópicos menores, com até três sílabas, são mais recorrentes nas CT, com peso relativo .70.

Pesquisas citadas indicam diferentes resultados, como é o caso de Belford (2006), que consideraram favorável a presença de DE quando o SN for mais longo, enquanto Vasco (2006, p. 88), por sua vez, considerou que no PB os DE não parecem estar vinculados ao tamanho do SN.

Em nossa análise, observamos que com o peso .44, os sintagmas longos não influenciam a ocorrência de CT.

g) Número e pessoa do verbo:

O objetivo da análise deste grupo de fatores é verificar qual o número e pessoa do discurso são mais recorrentes nos verbos da sentença-comentário da CT. Ressaltamos que este número é observado independente se o sujeito da sentença é expletivo ou elidido, conforme mencionamos no início deste capítulo (p. 63).

Para esse grupo selecionamos os seguintes fatores:

I) 1ª pessoa do singular:

(85) **Esse aí** eu não me lembro Ø... (Tai, I97)

II) 2ª pessoa do singular – você:

(86) Porque **conversinha** você fica de conversinha, conversinha, não dá certo, sabe, eu não gosto disso. (Pat, I334)³⁷

III) 3ª pessoa do singular:

(87) ... e **eles** o pneu *deles* furaram... (Faa, I175)

IV) 1ª pessoa do plural – nós:

(88) porque **a morte** [nós] temos que aceitar. (Ger, I801)

V) 1ª pessoa do plural – a gente:

(89) Não porque assim...**eu e meu pai** *agente* não tem diálogo (Gab, I363)

³⁷ Podemos observar que em (79), temos duas sentenças-comentário para o mesmo tópico “conversinha”, a primeira “você fica de conversinha” e a segunda “eu não gosto disso”, que também se refere ao mesmo tópico.

VI) 2ª pessoa do plural – vocês:

Pretendíamos investigar este item antes da primeira rodada com os dados, porém ao detectarmos que não houve nenhuma ocorrência com a segunda pessoa do plural, eliminamos este item do grupo de fatores.

VII) 3ª pessoa do plural:

(90) Aí ficam **a Fabiane e a Jéssica**... *e/as* ficam falando, comentando da Edilaine... (Fab, I280)

Neste grupo de fatores é relevante esclarecer que na variante popular da língua é comum somente no primeiro elemento do sintagma, seja ele verbal ou nominal, aparecer flexionado, como exemplificou Tarallo (1999) *as meninas bunitaØ* ou *as meninaØ bunitaØ*, no qual “o falante utiliza-se da variante não-padrão [Ø] nas duas posições finais do SN, retendo a marca de plural somente na posição inicial” (TARALLO, 1999, p. 9)³⁸. Neste caso, para análise deste grupo de fatores, optamos pelo número “contextualizado” do verbo, ou seja, mesmo que o verbo não esteja flexionado, mas seu sentido é plural, nós o classificamos no grupo plural. Assim sendo sentenças como:

(91) **Os Power Ranges do SBT** *e/e* lutam pela justiça. (Luo, I485)

foram classificadas como 3ª pessoa do plural, mesmo que o falante não tenha concordado o pronome, entendemos pelo tópico e pelo verbo que se trata de mais de uma pessoa.

Assim, abstraímos os seguintes valores da amostra:

³⁸ Outra pesquisadora que se dedicou aos estudos da variação na marcação do plural em SN foi Almeida (2008), que observou a fala dos moradores da comunidade ribeirinha de Corumbá/MS.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
1ª pessoa do plural (nós)	2	14	12	85	14	2	.86
3ª pessoa do singular (ele/ela)	126	34	239	65	365	59	.65
3ª pessoa do plural (eles/elas)	17	37	28	62	45	7	.62
1ª pessoa do plural (a gente)	10	45	12	54	22	3	.55
1ª pessoa do singular (eu)	99	61	61	38	160	25	.38
2ª pessoa do singular (você)	10	90	1	9	11	1	.09
2ª pessoa do plural (vocês)	-	-	-	-	-	-	-

Tabela nº 11: Número e pessoa do verbo na sentença-comentário.

A tabela nº 11 mostra que a 1ª pessoa do plural apresenta maior peso relativo, com .86, seguida da 3ª pessoa do singular, com peso .65.

Nota-se que a 1ª pessoa do plural está subdividida em nós e a gente, pois ambas variedades são válidas em PB. Segundo Muniz (2008), a forma *a gente* está concorrendo com a forma *nós* como representação da 1ª pessoa, mesmo que muitos gramáticos não reconheçam essa forma como expressão válida em PB, diversas pesquisas com o vernáculo atestam o uso das duas formas. Analisando os totais, em nossa amostra, houve uma sensível preferência pelo uso da variante *a gente* nas CT analisadas, corroborando com outros autores no que tange a alternância *nós / a gente*.³⁹

³⁹ Para saber mais sobre a variação entre *nós* e *a gente*, indicamos Bueno (2003), Muniz (2008), Braga (2003) e Lopes (1998).

h) Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda

O objetivo da análise deste grupo de fatores é observar quais elementos compõem a estrutura das CT do tipo DE, uma vez que se caracterizam pela retomada do tópico na sentença-comentário. Porém, ao selecionarmos todas as CT com DE, constatamos percebemos que, em algumas sentenças, o tópico poderia ser retomado, não somente por um pronome (seja pessoal ou demonstrativo), mas também por outro SN. Logo, para esse grupo, selecionamos os seguintes fatores, sendo que o primeiro elemento compõe o tópico e o segundo, a retomada na sentença-comentário:

I) Pronome e pronome (PN+PN)

- (92) ...porque **elas** *elas* jogaram bastante, só que não conseguiram e nem por isso desistiram. (Faa, l122)

Em (92), o tópico apresenta-se em forma de pronome (elas), que também é repetido na sentença-comentário.

II) Sintagma nominal e pronome (SN+PN)

- (93) ... e **a dona Teresinha** que *ela* não tem filha aí eu sou vizinha dela... (Tai, l177)

Neste segundo fator, o tópico é composto pelo SN (a dona Teresinha) que é retomado na sentença-comentário como pronome (ela).

III) Sintagma nominal e sintagma nominal (SN+SN)

- (94) **Gurizada no escuro** *uns doze guris* tudo cheirando maconha, tudo assim doze anos treze anos. (Ger, l528)

Neste exemplo, observamos que a retomada do tópico não ocorreu por meio do pronome, mas por outro SN.

IV) Pronome e sintagma nominal (PN + SN)

- (95) Agora **ele** *o Silvio Santos* inventou aquele que passa as pegadinhas lá, das provas. (Ale, l512)

V) Sintagma nominal e pronome indefinido (SN+Q)

- (96) Daí aquela hora que tocou **aquela parte** assim que... que ficou uma parte bem espiritual do filme que eu vi, em relação a toda a parte, eu vi uma parte espiritual *ali*. (Son, l64)

VI) Pronome e sintagma nominal e pronome ((PN+SN)+PN)

- (97) Mais com a Débora... **a Débora e eu**, *a gente* é muito legal. (Gab, l426)

Ressaltamos que, neste item, não colocamos peso relativos, pois DE é a única variável das CT que apresenta estrutura, logo não é possível compará-la à outra para exprimir sua probabilidade em forma de peso relativo.

	DE	
	oc	%
SN+PN	182	51
PN+PN	100	28
SN+SN	45	12
PN+SN	10	3
SN+Q	5	1
(PN+SN)+PN	6	1

Tabela nº 12: Elementos mórficos que compõem Deslocamento à Esquerda.

Os dados da tabela nº 12 indicam que a estrutura mais recorrente entre DE é composta por um SN constituindo o tópico, sendo retomado na sentença-comentário na forma de pronome, com 51% dos dados; seguido estrutura PN+PN, ou seja, tópico constituído de pronome, sendo retomado na sentença-comentário também por um pronome.

A preferência pelo substantivo como núcleo do tópico está relacionada à sua função de evocação do novo tema. Uma vez que, o substantivo nomeia seres, pessoas, objetos e lugares, o falante o usa como recurso para introdução de novos assuntos, ou seja, o tópico novo. Já o pronome como tópico da sentença, faz menção a um tema já evocado na mensagem ou numa sentença anterior, por exemplo.

Nossos resultados são consoantes com a pesquisa de Vasco (2006, p.151), referente ao sujeito da sentença-comentário em DE (DESuj), na qual 77% são compostas por pronomes do caso reto e 13% por outros elementos e 10% por

um SN idêntico. Já na pesquisa de Salles (2004, p. 81), a estrutura de DE apresenta maior incidência em PN+PN.

4.3.2 Fatores Sociais:

Quanto aos fatores sociais, selecionamos três grupos: sexo, idade e escolaridade, os quais apresentaram os resultados a saber:

a) Sexo do informante:

Ao observamos a tabela nº 14, constatamos que o sexo do falante não influencia muito pouco na presença ou na ausência da CT, pois seu peso relativo e percentagens são muito próximos e/ou equivalentes. No Deslocamento à Esquerda nota-se um leve favorecimento na construção do tópico, 57% e 56% para homens e mulheres, respectivamente.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Masculino	129	42	175	57	304	49	.57
Feminino	135	43	178	56	313	50	.57

Tabela nº 13: Sexo do informante.

É consenso entre estudiosos da língua que mulheres e homens têm falares diferentes, estas diferenças são visíveis independente do fenômeno linguístico que se estude, como em Monteiro (2000), Paiva (2004), Rocha e Onofre

(2009) e Cazarotto e Onofre (2009), falantes de sexo feminino tendem à variedade culta da língua e falantes do sexo masculino tendem à variedade inovadora.

Porém, nossos resultados apresentam-se equilibrados quanto ao uso das variedades observadas, nota-se a preferência pelo uso do DE, 57% para o gênero masculino e 56% para o gênero feminino. Em relação ao Anacoluto que apresentou percentuais menores de realização em nosso estudo.

Esta neutralidade foi encontrada nos dados de Salles (2004) e em Vasco (2006). Porém Vasco (*idem*, op. 138) destacou que sua amostra não era homogênea, o corpus é constituído por entrevistas de treze homens e dezessete mulheres, em suas conclusões o autor relacionou as diferenças de ocorrências de CT, relacionadas às diferenças também na quantidade de informantes.

b) Faixa etária do informante:

Conforme mencionamos ao final do capítulo 3, dividimos os falantes entrevistados em três faixas etárias: informantes com menos de 15 anos, informantes entre 15 e 25 anos e informantes com mais de 25 anos de idade, como verifica-se na tabela nº 14:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Menos de 15 anos	84	30	189	69	273	44	.69
Entre 15 e 25 anos	60	41	84	58	144	23	.58
Mais de 25 anos	120	60	80	40	200	32	.40

Tabela nº 14: Faixa etária do informante.

Constatamos que as diferenças entre as faixas etárias não são muito grandes, sendo que falantes com idade inferior aos 15 anos tendem a utilizar CT com DE, com peso relativo .69; seguidos de falantes com idade entre 15 e 25 anos, com .58; e por último, com peso .40, falantes com mais de 25 anos de idade.

Esta preferência pela variedade padrão da língua na fase adulta está relacionada ao contato com a norma por intermédio da escola, meios de comunicação e/ou ambiente de trabalho (que tende a ser mais ou menos formal de acordo com o contexto), assim, o falante polígia sua fala e tende a produzir enunciados mais próximos à norma.

c) Nível escolar do informante:

Para este grupo, selecionamos três níveis escolares: 1ª etapa do Nível Fundamental, que compreende do 1º ao 5º ano regular; 2ª etapa do Nível Fundamental, que compreende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; e Ensino Médio regular⁴⁰.

⁴⁰ A nomenclatura *regular* é comumente utilizada no ambiente escolar para distinguir o curso de doze anos (nove fundamental e três médio) dos cursos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), também conhecidos como aceleração, que tem menor duração, visando “recuperar” alunos que estão há muito tempo fora da escola. Porém, como a Escola José Ferreira não oferece mais salas de EJA, não incluímos este nível escolar dos dados da pesquisa.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
1ª etapa Ensino Fundamental	49	29	115	70	164	26	.70
2ª etapa Ensino Fundamental	17	37	28	62	45	7	.62
Ensino Médio	198	48	210	51	408	66	.51

Tabela nº 15: Nível escolar do informante.

Verificamos que os falantes iniciantes na vida escolar, tendem mais ao uso de DE como forma de organização frasal, com peso relativo .70; já falantes que estão cursando o Ensino Médio apresentam menor recorrência de DE, com peso .51.

Salles (2004) também constatou uma predominância do sujeito duplicado nos informantes de ensino fundamental.

Nossa análise mostrou que essas diferenças também estão relacionadas ao tempo de contato com a variedade padrão da língua, e com o papel social da escola, enquanto entidade difusora desta variedade linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho, analisamos o tópico na fala de alunos da Escola Estadual José Ferreira Barbosa. Partindo da hipótese que PB é uma língua com proeminência de tópico e de sujeito, verificamos a frequência do tópico na fala dos alunos; levantamos quais as construções mais recorrentes, averiguamos se há predomínio da ordem TSVC ou SVC, ou se ambas coexistem de maneira equilibrada na língua, e realizamos um estudo com Anacoluto e Deslocamento à Esquerda, as duas modalidades de tópico mais recorrentes em nosso corpus.

No que tange à organização da estrutura sintática dentro do grupo de falantes em questão, verificamos que as Construções de Tópico são recorrentes e compreendem 18% dos dados da amostra, porém há a predominância da ordem Sujeito-Verbo-Complementos, com 82% dos dados analisados.

Quanto às variáveis de CT, constatamos que as mais recorrentes são Deslocamento à Esquerda, com 51%, seguidos de Anacoluto, com 38%, e Topicalização em menor quantidade, com 9%. Como pontuamos nos capítulos anteriores, optamos por um estudo aprofundado das variáveis de CT mais recorrentes, uma vez que a versão GoldVarb 2001, nos permite somente análise binomial de dados linguísticos.

Quanto aos fatores linguísticos, observamos oito variáveis: classificação morfológica do tópico, transitividade verbal, sujeito explícito ou implícito, presença do elemento contrastivo, presença do elemento de interferência, dimensão do tópico, número e pessoa do verbo, e estrutura de DE.

Para o primeiro grupo, verificamos que substantivos e pronomes são mais recorrentes no tópico, sendo que os pronomes apresentam maior peso em DE, .89, e o substantivo apresenta peso relativo .58. Se observarmos o SN *versus* SV, verificamos que o SN é muito mais expressivo.

Quanto à transitividade verbal, VTD apareceram maiores percentagens (36%), seguido de VI (27%), mas ao atribuímos DE como valor de aplicação, constatamos que as sentenças-comentário cujo núcleo verbal é composto por VTI tendem mais à ocorrência de DE, com peso relativo .69, seguido de VTD com peso .66.

No grupo três, buscamos averiguar se o sujeito explícito ou o sujeito implícito favorece a presença de DE. Tanto em percentagens totais (88%) ou em peso relativo (.62), o sujeito explícito mostrou-se uma variante representativa para a ocorrência do fenômeno em questão. Este resultado está consoante com a tendência de preenchimento do sujeito recorrente em PB que tem se mostrado com base em estudos da modalidade falada.

Quanto à variável elemento contrastivo, é relevante notar que, de uma forma geral, a ausência de contraste, seja marcada sintática ou semanticamente, foi mais recorrente na fala dos nossos informantes, compreendendo 77% dos dados. Ao marcarmos DE como valor de aplicação, constatamos que a presença do elemento contrastivo favorece a presença de DE, com peso relativo .64.

No que diz respeito à variável elemento interferente, analisamos apenas DE, pois somente essa variável de CT apresenta em sua estrutura o pronome-lembrante ou pronome-cópia, assim nosso objetivo foi verificar se a distância entre o tópico e a sentença-comentário favorece a presença de DE, uma vez que o falante sente necessidade de fazer referência ao tópico para que o seu interlocutor não

perca o mote frasal. Constatamos que 71% de DE apresentavam elemento interferente, confirmando nossa hipótese de que a distância entre tópico e sentença-comentário favorece a variável DE.

Já a extensão do tópico não mostrou-se relevante para a presença de DE, pois tópicos menores com até três sílabas apresentaram peso relativo .70, tópicos de quatro a seis sílabas apresentaram peso .46, e os tópicos maiores representam a menor parte dos dados, com peso .44. Com isso, concluímos que tópicos menores favorecem DE e tópicos maiores favorecem Anac.

Quanto ao número e pessoa do verbo, verificamos que, de uma forma geral, a 3ª pessoa do singular é muito mais recorrente, compondo 59% dos dados, seguida da 1ª pessoa do singular, com 25%. Já os pesos relativos revelam que a 1ª pessoa do plural (nós) favorece a presença de DE (.89), seguida da 3ª pessoa do singular (.65).

Nosso último grupo de fatores linguísticos, refere-se à estrutura de DE. Nesta etapa constatamos que nem sempre o elemento de referência ao tópico que aparece na sentença-comentário é obrigatoriamente um pronome, em alguns casos o tópico foi retomado através de um SN. Porém, esta estrutura foi pouco recorrente (entre 12 e 3%). As duas estruturas mais encontradas foram SN+PN, em que o tópico é composto por um sintagma nominal retomado por um pronome (51%) e PN+PN (28%) em que o tópico é formado por um pronome que é retomado por outro pronome na sentença-comentário.

Quanto às variáveis sociais, percebemos que quanto menor o contato com a norma, maior é a ocorrência da variante popular. Assim os alunos que estão em seus primeiros anos do ensino fundamental tendem mais ao uso de DE, com peso relativo .70, os alunos na segunda etapa do ensino fundamental apresentam

peso .62, e os alunos do ensino médio, já com muitos anos de contato com a escola, apresentam menor tendência ao uso de DE, com peso relativo .51.

A variável faixa etária, acompanha o nível escolaridade no que tange à tendência de uso de DE, a variável de CT mais recorrente no grupo de falantes entrevistados. Os informantes menores de 15 anos, tendem mais ao uso de DE como estrutura organizadora da sentença; seguidos dos informantes com idade entre 5 e 25 anos, com peso relativo .58; os alunos que estão cursando o ensino médio, apresentaram peso relativo .40.

Já a variável sexo do informante, mostrou-se equilibrada, apresentando peso relativo .57, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. Diferente de outras pesquisas sociolinguísticas, as quais apontaram o uso maior da variedade padrão pelas mulheres e a variedade popular mais recorrente entre os homens.

Por fim, constatamos que a presença do tópico está relacionada à função da língua enquanto fato social: comunicar. Para que a comunicação aconteça com qualidade e a mensagem seja clara, o falante usa recursos linguísticos para destacar o tema a ser tratado e/ou retomá-lo em determinado momento da fala. Assim, a presença do tópico está relacionada a este destaque que o falante dá ao mote, colocando-o no início da sentença e sua retomada acontece por meio do pronome-lembrete, característica do DE, variável de CT mais recorrente em nossa amostra.

Acreditamos que é de suma importância a descrição das variações língua, para que estas possam subsidiar pesquisas e análises do idioma no futuro. A compreensão e a interpretação dos fenômenos da linguagem oral auxiliarão diretamente o professor no ensino da língua materna, pois já está comprovado que as variações linguísticas interferem no aprendizado da modalidade culta do idioma,

priorizada na educação escolar. Assim, esperamos que esta pesquisa contribua para a compreensão da língua enquanto instrumento de comunicação social por excelência, que reflete a sociedade em que está inserida, variando em tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Deusdélia Pereira de; VILLA da SILVA, Rosângela. *A linguagem dos pescadores de Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2008

BRAGA, Maria Luiza. *Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação*. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 101 - 116.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELFORD, Elaine de Moraes. *Topicalização de objetos e deslocamento e sujeito na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Dissertação de Mestrado em Linguística. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/eliaine_%20de_morais_belford.pdf> Acessado em: 01.11.2006.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. *O sujeito de 3ª pessoa: um estudo em tempo real*. Rio de Janeiro: Cadernos CNLF, série IX, nº 2, 2005. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/4/14.htm>>, acessado em 01.02.2009.

BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, a gente e o bóia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CALLOU, Dinah, et alii. *Topicalização e Deslocamento á esquerda: sintaxe e prosódia*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol. III. 3.ed. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 315-630.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Castelar de. *Saussure e a Língua Portuguesa*. UFRJ, ABF. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>>, acessado em 01.05.2008.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino do português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CAZAROTTO, Suely Aparecida; ONOFRE, Diana Pilatti. *Rotacismo: em final de sílaba, no interior da palavra: um estudo do comportamento linguístico de falantes da cidade de Angélica – MS*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. vol. 2: ensino médio. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 9 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Construções de Tópico em Português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal*. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p.113-139.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI *et alii* (orgs.) *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/fbonfim/biblioteca/artigos/O%20sujeito%20expletivo%20e%20as%20construcoes%20existenciais.pdf>>, acessado em 01.02.2009.

GUY, Gregory R. e ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa – instrumento de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e escritas*. São Paulo: Scipione, 2004.

KATO, Mary Aizawa. *et alii*. *Preenchimento sintático nas fronteiras de constituintes*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol. III. 3.ed. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 235-269.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Tradução José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

LEITE, Yonne, *et alii*. *Tópicos e adjuntos*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol IV. 2.ed. rev. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 313-330.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA* [on-line]. 1998, vol.14, n.2, p. 405-422. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006>, acessado em 02.02.2009.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MARTINS, Maria Luísa Aparecida Resende. *Uma análise sociolinguística das construções de tópico na fala uberlandense*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Uberlândia, MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2005, 130 p. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/dissertacoes/DISSERT181.PDF>>. Acessado em: 03.11.2006.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. *Abordagens Funcionalistas*. Revista Letra Magma: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 03, n. 04, 1º semestre de 2006. Disponível em <<http://www.letramagma.com/Abordagens.pdf>> acessado em 20.07.2009.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não-linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luíza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27 - 31.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUNIZ, Cleuza Andréa Garcia. *Nós e a gente: traços sociolinguísticos no assentamento*. Campo Grande (MS): UFMS, 2008. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *Constituintes Sentenciais: preenchimento, queda e ordenação*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1989.

_____. *O Tópico em Língua Escrita*. Uberlândia/MG: Revista Letras & Letras, v. 12, 1, 2, Jul./Dez. 1996, p. 149-161.

_____. (orgs) *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: UFMS, 2007.

_____. *A variação linguística no Brasil*. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, EdUFF, 2008, p. 93-100.

OMENA, Nelize Pires de, DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis Morfosintáticas. In MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 81 - 88.

ORRICO, Helio Ferreira, FERNANDES, Edicléia Mascarenhas. *Preconceito linguístico e exclusão social: a Sociolinguística como uma ciência inclusiva*. Cadernos do CNFL, série X, número 11, 2006. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/17/12.htm>>, acessado em 23.02.2009.

ORSINI, Mônica Tavares. *Análise entonacional das construções de tópico*. Rio de Janeiro: UFRJ, IX CNLF, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/06.html>>. Acessado em: 03.09.2008.

_____. *As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva em tempo real*. Rio de Janeiro: UFRJ, VIII CNLF, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-07.html>>. Acessado em: 01.11.2006.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33 - 42.

PEZATTI, Erolde Goreti; CAMACHO, Roberto Gomes. Functional AspeCT of Order of Constituents. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01.06.2008.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986. (Ensaio 125)

PRETI, Dino. *Passado e presente na linguagem dos idosos: um problema de estruturação tópico discurso*. In: PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, ano?, p. 75-101.

_____. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: Editora nacional, 1987.

PRETI, Dino & URBANO, Hudnilson (orgs) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, FADESP, 1990, vol. IV.

RAND, David. & SANKOFF David. *GoldVarb: A variable rule application for Macintosh*. Manual on-line, 1990. Disponível em <<http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/GoldVarb/GoldManual.dir/index.html>>, acessado em 22.07.2009.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen & TAGLIAMONTE, Sali. *GoldVarb 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows*. User's manual. October 2001. Disponível em <<http://courses.essex.ac.uk/lq/lq654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>> acessado em 22.07.2009.

ROCHA, Ioneide Negromente de Vasconcelos, ONOFRE, Diana Pilatti. *Apagamento do /r/ final na fala de estudantes universitários na região da Grande Dourados*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 45 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SALLES, Adriana Amaral Flores. *O fenômeno "sujeito duplo" no PB*. Londrina: UEL, 2004. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000100651>>. Acessado em: 01.11.2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, [1975?], p. 139.

SILVA, Jair Barbosa da. *Sobre o tópico sentencial, algumas considerações*. Revista Letra Magna, Ano 03, nº 5, 2º semestre de 2006, ISSN 1807-5193. Disponível em <<http://www.letramagna.com/topico.pdf>> Acessado em 03.07.2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TOMANIN, Cássia Regina. *Fotografias da fala de Alto Araguaia – MT*. Campinas: Unicamp, Instituto de estudos da Linguagem, 2003. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000318257#search=%22TOMANIN%20C%20C3%81SSIA%20REGINA%20%22>>. Acessado em: 02.11.2006.

TONIOLI, Selma; BARUFFALDI, Vanda. *Sociolinguística: uso e norma na fala urbana*. Revista da Pós-Graduação, vol. 1, n. 2 (2007). Disponível em <<http://www.fieo.br/edifio/index.php/posgraduacao/article/viewFile/148/241>>, acessado em 02.02.2009.

TORRES-MORAIS, Maria Aparecida C.R.. *DELTA* [online]. 2001, vol.17, n.1, p. 155-168. Resenha: KATO, Mary Aizawa & Esmeralda Vailati NEGRÃO (eds.) (2000) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Vervuert – Iberoamericana. 270 pp. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100007>, acessado em 01.02.2009.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico na fala popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2006. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/VascoSL.pdf>> Acessado em: 03.07.2007

VILLA da SILVA, Rosângela. *Aspectos da pronúncia do <S> em Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2004.

ANEXOS

nº 1: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

nº 2: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

nº 3: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

Nº 4: Roteiro para entrevistas com informantes do nível F2 e EM.

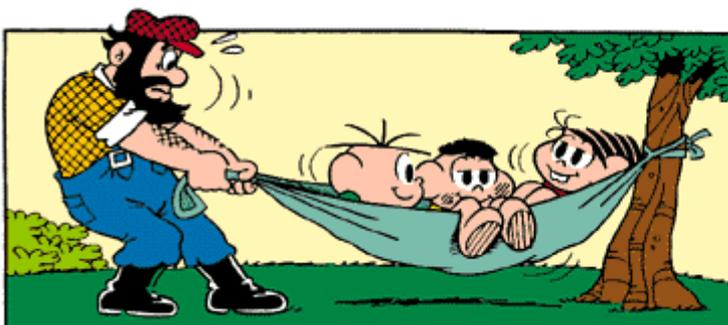
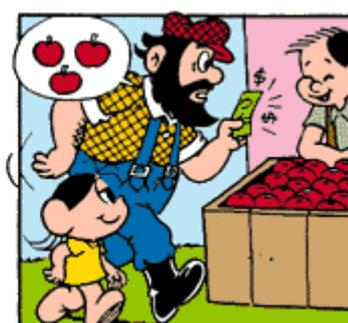
Nº 5: Relação de falantes entrevistados.

Nº 6: GoldVarb 2001 – Rodada 1.

Nº 7: GoldVarb 2001 – Rodada 2.

Nº 8: GoldVarb 2001 – Rodada 3 (final).

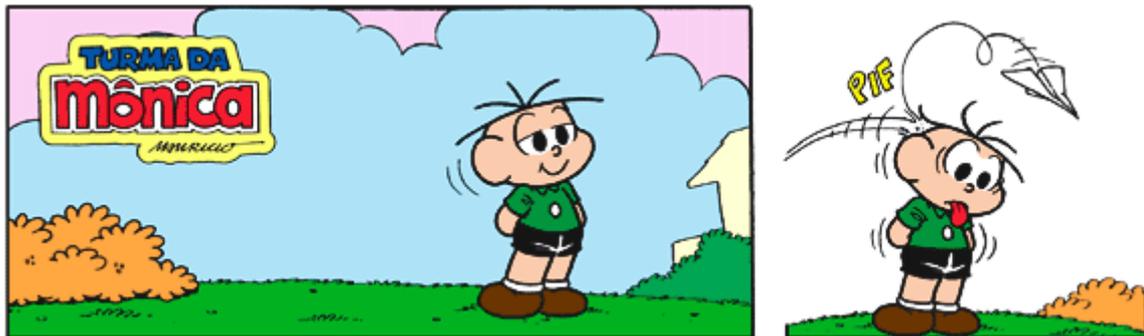
Anexo nº 1



Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tabloide/tab015.htm>>

Acessado em 05.08.2008.

Anexo nº 2



Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Disponível em <<http://tirinhastdm.blogspot.com/2007/09/cebolinha.html>>

Acessado em 05.08.2008.

Anexo nº 3



Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tabloide/tab006.htm>>

Acessado em 05.08.2009.

Anexo nº 4

Roteiro para entrevista⁴¹

1. Como você se vê ou se descreve?
2. Fale um pouco sobre sua família. Um fato que marcou ou alguma história engraçada?
3. O que você acha da situação econômica do país?
4. O que você acha do nosso presidente?
5. Se você fosse o Lula, o que faria?
6. O que você acha do jovem de hoje?
7. Você acha que as drogas ainda são um problema na sociedade? O que você faria para resolver esse problema?
8. E se você tivesse um filho que se envolvesse com drogas, o que faria?
9. Você já foi vítima de algum tipo de violência? Como você reagiu?
10. Se você pudesse mudar para outro lugar, para onde iria? Por quê?
11. Para quais cidades você já viajou?
12. Se você fosse dono de uma importante emissora de televisão, como seria a sua programação? O que você mudaria das emissoras atuais?
13. O que você faria se descobrisse que alguém está mentindo pra você?
14. Em que tipo de situação você mentiria?
15. Se você pudesse mudar alguma coisa do seu passado, o que mudaria?
16. Se você ganhasse sozinho na loteria, o que faria?
17. Se descobrisse que o mundo vai acabar em uma semana, o que você faria?

⁴¹ Adaptado de Martins (2005, anexos), com base em Villa da Silva (2004, p. 41).

18. Você gosta de esporte? Pratica algum tipo?
19. O que acha do desempenho da seleção nestas Olimpíadas?
20. Como foi sua infância? Existe algum fato que marcou sua vida quando era criança?
21. Você já se decepcionou com alguma pessoa muito conhecida? Ela pediu desculpas? Como você reagiu?
22. O que você acha que leva uma pessoa a cometer suicídio? Você conheceu alguém ou ouviu alguma história sobre isso?
23. Sobre segurança, você acha que nosso bairro é seguro? Qual sua opinião sobre o sistema penitenciário?
24. O que você acha da situação do idoso hoje?
25. Fale sobre algum filme que você gostou.
26. Você é uma pessoa supersticiosa? Você acredita em fantasmas?
27. Sonhos para o futuro...

Anexo nº 5

Relação de falantes entrevistados

Na tabela (A), apresentamos a relação de falantes entrevistados para este estudo. É importante observar aqui que os nomes apresentados na primeira coluna são fictícios, uma vez que buscamos resguardar a privacidade dos alunos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Na coluna dois, relacionamos a variante gênero: masculino ou feminino (representados por M e F, respectivamente); na terceira coluna relacionamos a idade do informante no momento da entrevista; e na quarta coluna relacionamos o nível escolar do informante: primeira etapa do ensino fundamental, de 1º ao 5º ano, segunda etapa do ensino fundamental, 6º ao 9º ano, e ensino médio (representado aqui por F1, F2 e EM, respectivamente).

Falante	Gênero	Idade	Escolaridade
1. Luo	M	06	F1
2. Mea	F	06	F1
3. Tai	F	06	F1
4. Vit	F	06	F1
5. Lui	M	06	F1
6. Fer / Tam	M	06	F1
7. Rod	M	10	F1
8. Kar	F	12	F2
9. Faa	F	12	F2

10. Joa	M	12	F2
11. Gab	F	13	EM
12. Raf	M	14	F2
13. Ari	F	16	EM
14. Luc	F	16	EM
15. Jes	F	16	EM
16. Ale	M	16	EM
17. Ali	M	17	EM
18. Pat	F	18	EM
19. Son	M	20	EM
20. Fab	F	30	EM
21. Ger	M	37	EM
22. Mar	F	39	EM
23. Seb	M	39	EM
24. Mai	F	40	EM

Tabela (A): Relação de falantes entrevistados para este trabalho.

Anexo nº 6

GoldVarb 2001 – Rodada 1

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodada_correto01.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

)

Number of cells: 36

Application value(s): 0

Total no. of factors: 12

Group	Apps	apps	Total	Non-
				%

1 (2)				
a	N	1	263	264
	%	0	99	7
c	N	1	353	354
	%	0	99	9
b	N	1	67	68
	%	1	98	1
s	N	2957	1	2958
	%	99	0	81
Total	N	2960	684	3644
	%	81	18	

2 (3)				
1	N	1238	299	1537
	%	80	19	42
2	N	808	159	967
	%	83	16	26
3	N	914	226	1140
	%	80	19	31
Total	N	2960	684	3644
	%	81	18	

3 (4)				
f	N	1663	344	2007
	%	82	17	55
m	N	1297	340	1637
	%	79	20	44
Total	N	2960	684	3644
	%	81	18	

```

-----
4 (5)
  1  N    782    181    963  26
     %     81     18
     .
     .
  2  N    182     47    229   6
     %     79     20
     .
     .
  3  N   1996    456   2452  67
     %     81     18
     .
     .
Total N   2960    684   3644
     %     81     18
-----
Total N   2960    684   3644
     %     81     18

```

Name of new cell file: Untitled.cel
CROSS TABULATION

=====
Cell file: Untitled.cel
Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.
Group #2 -- vertically.

	a	%	c	%	b	%	s	%	.	%
1 0:	1	1:	1	1:	1	4:	1235	100	1238	81
-:	84	99:	190	99:	24	96:	1	0	299	19
·:	85	:	191	:	25	:	1236		1537	
2 0:	0	0:	0	0:	0	0:	808	100	808	84
-:	60	100:	84	100:	15	100:	0	0	159	16
·:	60	:	84	:	15	:	808		967	
3 0:	0	0:	0	0:	0	0:	914	100	914	80
-:	119	100:	79	100:	28	100:	0	0	226	20
·:	119	:	79	:	28	:	914		1140	
· 0:	1	0:	1	0:	1	1:	2957	100	2960	81
-:	263	100:	353	100:	67	99:	1	0	684	19
·:	264	:	354	:	68	:	2958		3644	

Binomial Varbrul, 1 step
=====
Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.
Averaging by weighting factors.

- One-level analysis only:One-level binomial analysis:

Run # 1, 36 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0,997

Group	Factor	Weight	App/Total	Input	Weight
1:	a	0,000	0,00	0,00	

	c	0,000	0,00	0,00
	b	0,000	0,01	0,01
	s	0,941	1,00	1,00
2:	1	0,415	0,81	1,00
	2	0,596	0,84	1,00
	3	0,534	0,80	1,00
3:	f	0,684	0,83	1,00
	m	0,280	0,79	0,99
4:	1	0,882	0,81	1,00
	2	0,541	0,79	1,00
	3	0,309	0,81	0,99

Cell	Total	App'ns	Expected	Error
s3m3	340	340	339,662	0,338
s3f3	574	574	573,897	0,103
s2m3	388	388	387,700	0,300
s2f3	420	420	419,941	0,059
s1m2	106	106	105,935	0,065
s1m1	463	463	462,955	0,045
s1f3	274	274	273,921	0,079
s1f2	76	76	75,992	0,008
s1f1	317	316	316,994	179,591
c3m3	42	0	0,011	0,011
c3f3	37	0	0,055	0,055
c2m3	31	0	0,011	0,011
c2f3	53	0	0,102	0,102
c1m2	18	0	0,008	0,008
c1m1	83	0	0,230	0,230
c1f3	46	0	0,042	0,042
c1f2	10	0	0,024	0,024
c1f1	34	1	0,516	0,461
b3m3	16	0	0,028	0,028
b3f3	12	0	0,116	0,117
b2m3	10	0	0,022	0,023
b2f3	5	0	0,062	0,063
b1m2	2	0	0,006	0,006
b1m1	10	0	0,178	0,181
b1f3	7	0	0,042	0,042
b1f1	6	1	0,547	0,413
a3m3	55	0	0,029	0,029
a3f3	64	0	0,185	0,185
a2m3	24	0	0,016	0,016
a2m2	1	0	0,002	0,002
a2f3	35	0	0,130	0,130
a1m2	11	0	0,009	0,009
a1m1	37	0	0,198	0,199
a1f3	19	0	0,034	0,034
a1f2	5	0	0,023	0,024
a1f1	13	1	0,377	1,063

Total Chi-square = 184,0938

Chi-square/cell = 5,1137

Log likelihood = -24,988

Anexo nº 7

GoldVarb 2001 – Rodada 2

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodadaabc22.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

(13)

(14)

)

Number of cells: 601

Application value(s): abc

Total no. of factors: 45

Group		a	b	c	Total	%

1	(2)					
1	N	84	24	189	297	43
	%	28	8	63		
2	N	60	15	84	159	23
	%	37	9	52		
3	N	119	28	79	226	33
	%	52	12	34		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

2	(3)					
f	N	135	29	178	342	50
	%	39	8	52		
m	N	128	38	174	340	49
	%	37	11	51		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

3	(4)					
1	N	49	15	115	179	26
	%	27	8	64		
2	N	17	2	28	47	6
	%	36	4	59		

3	N	197	50	209	456	66
	%	43	10	45		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

4	(5)					
5	N	15	1	93	109	15
	%	13	0	85		
6	N	166	49	230	445	65
	%	37	11	51		
7	N	33	14	13	60	8
	%	55	23	21		
8	N	49	3	16	68	9
	%	72	4	23		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

5	(6)					
s	N	218	62	259	539	79
	%	40	11	48		
c	N	45	5	93	143	20
	%	31	3	65		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

6	(7)					
2	N	77	32	147	256	37
	%	30	12	57		
5	N	4	3	5	12	1
	%	33	25	41		
6	N	47	3	75	125	18
	%	37	2	60		
7	N	86	7	83	176	25
	%	48	3	47		
3	N	31	14	34	79	11
	%	39	17	43		
4	N	18	8	8	34	4
	%	52	23	23		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

7	(8)					
g	N	17	2	28	47	6
	%	36	4	59		
c	N	125	25	239	389	57
	%	32	6	61		

a	N	99	35	61	195	28
	%	50	17	31		
b	N	10	1	0	11	1
	%	90	9	0	* KnockOut *	
d	N	2	1	12	15	2
	%	13	6	80		
e	N	10	3	12	25	3
	%	40	12	48		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

8 (9)						
e	N	206	53	336	595	87
	%	34	8	56		
i	N	57	14	16	87	12
	%	65	16	18		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

9 (10)						
o	N	189	50	166	405	59
	%	46	12	40		
i	N	74	17	186	277	40
	%	26	6	67		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

10 (11)						
2	N	107	22	90	219	32
	%	48	10	41		
1	N	90	28	210	328	48
	%	27	8	64		
3	N	66	17	52	135	19
	%	48	12	38		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

11 (12)						
u	N	148	30	192	370	54
	%	40	8	51		
h	N	115	37	160	312	45
	%	36	11	51		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

12 (13)						
i	N	0	18	0	18	28
	%	0	100	0	* KnockOut *	

d	N	0	36	0	36	56
	%	0	100	0	* KnockOut *	
c	N	0	9	0	9	14
	%	0	100	0	* KnockOut *	
s	N	0	1	0	1	1
	%	0	100	0	* KnockOut *	
Total	N	0	64	0	64	
	%	0	100	0		

13	(14)					
3	N	3	0	182	185	51
	%	1	0	98	* KnockOut *	
1	N	1	0	10	11	3
	%	9	0	90	* KnockOut *	
2	N	3	0	99	102	28
	%	2	0	97	* KnockOut *	
4	N	1	0	45	46	12
	%	2	0	97	* KnockOut *	
6	N	1	0	6	7	1
	%	14	0	85	* KnockOut *	
5	N	0	0	5	5	1
	%	0	0	100	* KnockOut *	
Total	N	9	0	347	356	
	%	2	0	97		

Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

Name of new cell file: Untitled.cel

CROSS TABULATION

=====

Cell file: Untitled.cel

Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

	1	%	2	%	3	%	.	%
f a:	36	26:	35	38:	64	57	135	39
b:	12	9:	5	5:	12	11	29	8
c:	88	65:	53	57:	37	33	178	52
·:	136	:	93	:	113		342	
m a:	48	30:	25	38:	55	49	128	38
b:	12	7:	10	15:	16	14	38	11
c:	101	63:	31	47:	42	37	174	51

•:	161	:	66	:	113		340
+-----+-----+-----+-----							
• a:	84	28:	60	38:	119	53	263 39
b:	24	8:	15	9:	28	12	67 10
c:	189	64:	84	53:	79	35	352 52
•:	297	:	159	:	226		682

Anexo nº 8

GoldVarb 2001 – Rodada 3 (final)

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodadaab.tkn
 Name of condition file: Untitled.cnd

(
 (1)
 (2)
 (3)
 (4)
 (5)
 (6)
 (7)
 (8)
 (9)
 (10)
 (11)
 (12)
 (13)
 (14)
)

Number of cells: 538
 Application value(s): c
 Total no. of factors: 41

Group	Apps	apps	Total	Non- %

1 (2)				
1	N	189	84	273
	%	69	30	44
2	N	84	60	144
	%	58	41	23
3	N	80	120	200
	%	40	60	32
Total	N	353	264	617
	%	57	42	

2 (3)				
f	N	178	135	313
	%	56	43	50
m	N	175	129	304
	%	57	42	49
Total	N	353	264	617
	%	57	42	

3 (4)				
1	N	115	49	164
	%	70	29	26
2	N	28	17	45
	%	62	37	7

3	N	210	198	408	66
	%	51	48		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

4	(5)				
5	N	93	15	108	17
	%	86	13		
6	N	230	167	397	64
	%	57	42		
7	N	13	33	46	7
	%	28	71		
8	N	17	49	66	10
	%	25	74		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

5	(6)				
s	N	260	219	479	77
	%	54	45		
c	N	93	45	138	22
	%	67	32		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

6	(7)				
2	N	147	77	224	36
	%	65	34		
3	N	34	31	65	10
	%	52	47		
5	N	5	4	9	1
	%	55	44		
6	N	76	47	123	19
	%	61	38		
7	N	83	87	170	27
	%	48	51		
4	N	8	18	26	4
	%	30	69		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

7	(8)				
g	N	28	17	45	7
	%	62	37		
a	N	61	99	160	25
	%	38	61		

c	N	239	126	365	59
	%	65	34		
b	N	1	10	11	1
	%	9	90		
e	N	12	10	22	3
	%	54	45		
d	N	12	2	14	2
	%	85	14		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

8 (9)					
e	N	337	206	543	88
	%	62	37		
i	N	16	58	74	11
	%	21	78		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

9 (10)					
o	N	167	189	356	57
	%	46	53		
i	N	186	75	261	42
	%	71	28		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

10 (11)					
2	N	91	107	198	32
	%	45	54		
1	N	210	90	300	48
	%	70	30		
3	N	52	67	119	19
	%	43	56		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

11 (12)					
u	N	193	148	341	55
	%	56	43		
h	N	160	116	276	44
	%	57	42		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

12 (13) * No Factors *

```

-----
13 (14)
  6  N      6      1      7  1
     %      85     14
-----
  2  N     100     1     103 28
     %      97     2
-----
  1  N      10     1     11  3
     %      90     9
-----
  3  N     182     1     185 51
     %      98     1
-----
  4  N      45     1     46 12
     %      97     2
-----
  5  N       5     1     6  1
     %      83    16
-----
Total N     348     7     358
     %      97     2
-----
Total N     353     264     617
     %      57     42
-----

```

Name of new cell file: Untitled.cel

CROSS TABULATION

=====

Cell file: Untitled.cel

Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

```

      1  %      2  %      3  %      .  %
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - -
f c:  88 71:  53 60:  37 37 | 178 57
-:   36 29:  35 40:  64 63 | 135 43
.:  124   :   88   :  101   |  313
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - -
m c:  101 68:  31 55:  43 43 | 175 58
-:   48 32:  25 45:  56 57 | 129 42
.:  149   :   56   :   99   |  304
+-----+-----+-----+-----+
. c:  189 69:  84 58:  80 40 | 353 57
-:   84 31:  60 42:  120 60 | 264 43
.:  273   :  144   :  200   |  617

```

Binomial Varbrul, 1 step

=====

Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.

Averaging by weighting factors.

- One-level analysis only:One-level binomial analysis:

Run # 1, 540 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0,929

Group Factor Weight App/Total Input&Weight

1:	1	0,720	0,69	0,97
	2	0,245	0,58	0,81
	3	0,385	0,40	0,89
2:	f	0,412	0,57	0,90
	m	0,589	0,57	0,95
3:	1	0,362	0,70	0,88
	2	0,707	0,62	0,97
	3	0,533	0,51	0,94
4:	5	0,797	0,86	0,98
	6	0,452	0,58	0,92
	7	0,187	0,28	0,75
	8	0,490	0,27	0,93
5:	s	0,475	0,54	0,92
	c	0,585	0,67	0,95
6:	2	0,608	0,66	0,95
	3	0,144	0,52	0,69
	5	0,106	0,56	0,61
	6	0,546	0,61	0,94
	7	0,577	0,49	0,95
	4	0,182	0,31	0,74
7:	g	0,399	0,62	0,90
	a	0,815	0,38	0,98
	c	0,325	0,65	0,86
	b	0,472	0,09	0,92
	e	0,702	0,55	0,97
	d	0,916	0,86	0,99
8:	e	0,557	0,62	0,94
	i	0,154	0,22	0,70
9:	o	0,474	0,47	0,92
	i	0,536	0,71	0,94
10:	2	0,466	0,46	0,92
	1	0,623	0,70	0,96
	3	0,263	0,44	0,82
11:	u	0,465	0,57	0,92
	h	0,543	0,58	0,94
12:	d	0,500	0,50	0,93
	i	0,500	0,50	0,93
13:	6	0,027	0,86	0,27
	2	0,179	0,95	0,74
	1	0,187	0,91	0,75
	3	0,719	0,98	0,97
	4	0,675	0,98	0,96
5	0,341	0,83	0,87	

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Campo Grande – MS
Agosto-2009

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosangela Villa da Silva.
Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS
Agosto-2009

DIANA PILATTI ONOFRE

O TÓPICO NA FALA DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

APROVADA POR:

ROSANGELA VILLA DA SILVA, PÓS-DOCTORA (UFMS)

DERCIR PEDRO DE OLIVEIRA, DOUTOR (UFMS)

CELINA APARECIDA GARCIA DE SOUZA NASCIMENTO, DOUTORA (UFMS)

Campo Grande, MS, 25 de agosto de 2009.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde, força e coragem para lutar por um sonho.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens por seu por todo o apoio técnico.

À Professora Rosangela Villa da Silva, minha orientadora, pela compreensão e conselhos valiosos.

À professora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento por todas as orientações no exame de qualificação.

Ao Professor Dercir Pedro de Oliveira pelas sugestões e materiais que enriqueceram este trabalho.

Ao Professor Edson Carvalho que respondeu a todos os meus questionamentos estatísticos.

À Escola Estadual José Ferreira Barbosa, na pessoa da Professora Lúcia Costa, diretora no momento da pesquisa, pela acolhida e apoio, como amiga e profissional.

Aos meus alunos e informantes, que gentilmente atenderam ao meu pedido, pois sem eles este trabalho jamais existiria.

Ao meu esposo, que continuou ao meu lado, mesmo tudo parecendo tão difícil.

Às minhas companheiras de mestrado Andréa, Delinha, Eva e Maria Inês por todo o apoio, companheirismo e cumplicidade.

Às minhas amigas Sandra e Gerusa pelos conselhos e “puxões de orelhas”.

A todos aqueles que, mesmo tão distantes, me estimularam a persistir.

“Eu achu qui tudu na vida teim qui acontecê i... si a genti nãum errar na vida... a gente nãum sabi u qui vai acontecer depois... achu qui tudu qui aconteci na vida... passadu... presenti... até futuro... a genti teim qui passá... acontecer pra genti ver a realidadi... ou a genti ver algumas coisas... (risos)”

(Ari, informante sexo feminino, 17 anos, L290-293)

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 1: Características do tópico <i>versus</i> características do sujeito	31
Tabela nº 2: Distribuição de nº de falantes por idade, sexo e escolaridade	42
Tabela nº 3: Ausência e presença de tópico	51
Tabela nº 4: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda	53
Tabela nº 5: Elementos mórficos que constituem o tópico nas Construções de Tópico Anacoluto e Deslocamento à Esquerda	58
Tabela nº 6: Transitividade verbal	61
Tabela nº 7: Sujeito explícito <i>versus</i> sujeito implícito	62
Tabela nº 8: Presença do elemento contrastivo	64
Tabela nº 9: Elemento interferente	67
Tabela nº 10: Dimensão do tópico	69
Tabela nº 11: Número e pessoa do verbo na sentença-comentário	72
Tabela nº 12: Elementos mórficos que compõem Deslocamento à Esquerda	75
Tabela nº 13: Sexo do informante	76
Tabela nº 14: Faixa etária do informante	77
Tabela nº 15: Nível escolar do informante	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1: Percentagens de Construção de Tópico <i>versus</i> ordem Sujeito-Verbo-Complemento presentes na amostra	51
Gráfico nº 2: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à Esquerda	53

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
CAPÍTULO 1	
1 O Tópico e a Tradição Gramatical	17
1.1 O Pleonasma	17
1.2 O Anacoluto	18
1.3 A inversão	20
CAPÍTULO 2	
2 O Tópico, a Linguística Funcional e a Sociolinguística	24
2.1 Estudos e pesquisadores das Construções de Tópico	28
CAPÍTULO 3	
3 Procedimentos teórico-metodológicos	
3.1 Referencial teórico	37
3.2 Referencial metodológico	39
3.2.1 Critérios para seleção de dados	46
3.2.2 Critérios para uso do programa GoldVarb 2001	48
CAPÍTULO 4	
4 Descrição e interpretação dos dados	50
4.1 Variável dependente	50

4.2 Variáveis do Tópico	53
4.3 Análise de Anacoluto e Deslocamento à Esquerda	
4.3.1 Fatores Linguísticos	57
4.3.1.a Quanto ao elemento inicial	57
4.3.1.b Transitividade Verbal	59
4.3.1.c Sujeito explícito ou implícito	62
4.3.1.d Contrastividade	64
4.3.1.e Elemento de interferência no Deslocamento à Esquerda	66
4.3.1.f Dimensão do Tópico	68
4.3.1.g Número e pessoa do verbo	70
4.3.1.h Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda	73
4.3.2 Fatores Sociais	76
4.3.2.a Sexo do informante	76
4.3.2.b Faixa etária do informante	77
4.3.2.c Nível escolar do informante	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	90

LISTA DE ABREVIações

Anac – Anacoluto

C – complemento

CT – Construções de Tópico

DE – Deslocamento à esquerda

GT – Gramática Tradicional

oc – ocorrências

OD – Objeto direto

OI – Objeto Indireto

PR – Peso Relativo

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PN – pronome

Q – classes morfológicas como pronomes demonstrativos, indefinidos, possessivos.

S – Sujeito

SN – Sintagma Nominal

SV – Sintagma Verbal

SVC – Sujeito – Verbo – Complementos

T – tópico

Top – Topicalização

Tsuj – Tópico-sujeito

V – Verbo

VI – Verbo Intransitivo

VL – Verbo de Ligação

VTD – Verbo Transitivo Direto

VTI – Verbo Transitivo Indireto

VTI n-prep – Verbo Transitivo Indireto não preposicionado

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo das Construções de Tópico na fala dos alunos da Escola Pública Estadual José Ferreira Barbosa. Tem como objetivos averiguar com que frequência essa variante se manifesta na fala dos alunos; bem como qual de suas variáveis têm maior ocorrência (anacoluto, topicalização e deslocamento à esquerda); e verificar se há o predomínio das Construções de Tópico nas produções orais e se a ordem canônica da frase SVC (sujeito-verbo-complemento) é predominante, ou, ainda, observar se há o equilíbrio na coexistência dessas duas variações. Para a pesquisa em questão, usamos um cópulo constituído de gravações da modalidade falada da língua dos alunos da Escola Pública José Ferreira Barbosa, localizada na periferia da cidade de Campo Grande, MS, totalizando vinte e quatro informantes, de ambos os sexos. Nossa base teórica foi organizada a partir dos estudos de Kato *et alii* (2002), que classifica o Português como uma língua de tópico e de sujeito, e de Pontes (1987), que apontou o tópico como uma variante recorrente em todo o território nacional, se observada a fala espontânea, também tomamos como referências os trabalhos de Vasco (2006), Leite *et alii* (2002), Callou *et alii* (2002), Decat (1989) e Oliveira (1996), todos pesquisadores do tópico em Português falado no Brasil, seja sob um olhar sincrônico ou diacrônico. Na primeira parte do trabalho, tratamos da tradição gramatical e as regras de organização frasal; na segunda parte, abordamos o conceito do tópico e sua função dentro da língua, bem como pesquisadores que desenvolveram trabalhos em relação ao tópico e a sequência frasal dentro de uma perspectiva Sociolinguística e Funcional; na terceira parte, detalhamos a metodologia adotada para a coleta de dados, montagem do cópulo e critérios para análise do fenômeno; por fim, na quarta parte, apresentamos a descrição e análise das ocorrências do tópico na amostra. Assim, das tres mil, seiscentas e quarenta e quatro unidades sintáticas, seiscentas e oitenta e quatro apresentam sequência TSVC (tópico-sujeito-verbo-complementos), representando 18% do total da amostra, demonstrando que o Português do Brasil é uma língua sujeito-predicado, que admite o tópico como uma forma válida de organização sintática.

Palavras-chave: Português Brasileiro Falado, Sociolinguística, Sintaxe, Construções de Tópico.

ABSTRACT

This dissertation presents a Topic Construction study of the students' speech at José Ferreira Barbosa State Public School. It has as objectives to discover the frequency that variant shows in the students' speech; as well as which one of those variables has a greater occurrence (anacoluthon, topicalization and left displacement); and to verify if there is the prevalence of the Topic Constructions in the oral productions and if the canonical order of the sentence SVC (subject-verb-complement) is predominant, or, further, to observe if there is the balance in the coexistence of those two variations. For the research, it was used a constituted corpus of recordings of the students' speech at José Ferreira Barbosa State Public School, located in Campo Grande suburb, MS, totalizing twenty-four informers, of both sexes. Our theoretical base was organized from the studies of Kato et alii (2002), that classifies the Portuguese as a topic language and subject, and Pontes (1987), that pointed the topic a recurrent variant in the whole national territory, if the spontaneous speech was observed, we also took as references the works of Vasco (2006), Leite et alii (2002), Callou et alii (2002), Decat (1989) and Oliveira (1996), all the topic researchers in spoken Portuguese in Brazil, by a synchronous or diachronic look. In the first part of the work, we dealt with the grammatical tradition and the phrasal organization rules; in the second part it was approached the topic concept and its function inside the language, as well as the researchers that developed works in relation to the topic and the phrasal sequence inside a Functional and Sociolinguistics perspective; in the third part, we detailed the methodology adopted for the collection of data, corpus assembly and criteria for phenomenon analysis; finally, in the fourth part, we presented the description and analysis of the topic occurrences in the sample. Thus, from the three thousand, six hundred and forty four syntactic units, six hundred and eighty four present TSVC sequence (topic-subject-verb-complements), representing 18% of the sample total, demonstrating that the Portuguese from Brazil is a subject-predicate language, that admits the topic as a valid form of syntactic organization.

Key words: Spoken Brazilian Portuguese, Sociolinguistics, Syntax, Topic Constructions

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua materna é um meio de comunicação, por isso, costuma ser interpretada como fato social, ou seja, um produto e expressão da cultura de que faz parte, variando em função do tempo e do espaço, acompanhando a evolução da sociedade, refletindo seus padrões de comportamento. Neste sentido, a língua existe a partir da necessidade do homem de nomear o mundo que o rodeia.

O aspecto que mais destaca essa relação entre sociedade e linguagem é a variação linguística, que, segundo Calvet (2002), são duas ou mais formas de se dizer uma mesma coisa, em outras palavras, quando dois significantes têm o mesmo significado.

As variáveis linguísticas podem apresentar-se tanto no campo fonológico, morfológico, sintático, como no campo lexical. No campo fonológico, podemos citar exemplos como a troca da lateral [l] pela vibrante [r] em *bicicr~~e~~ta*, *bor~~s~~a*, *cr~~a~~ro* e até mesmo a ausência da vibrante, como em *p~~o~~brema*¹. No campo morfológico, um caso de variação recorrente em Língua Portuguesa é a concordância no sintagma nominal, como em *as casas arrumada~~o~~ ou os gato~~o~~ amarelo~~o~~*². Em nível sintático, encontramos o pronome cópia como elemento de retomada ao tópico frasal, como em *A minha casa ela é azul com portão branco.*, ou ainda o uso de *nós* ou *a gente* para a primeira pessoa do plural³. No campo lexical podemos citar: *mandioca*, *aipim*,

¹ Para mais informações sobre o rotacismo, sugerimos os trabalhos de Costa (2006) e Cazarotto e Onofre (2009).

² Para mais estudos sobre a concordância no sintagma nominal, sugerimos os estudos de Tarallo (1999) e (2008).

³ Vários estudiosos dedicaram-se ao fenômeno do pronome-cópia e o uso de *nós* e *a gente*, entre eles, destacamos Omena e Duarte (2004), Muniz (2008) e Bueno (2003).

macaxeira; pálpebras, capa dos olhos, capela, entre outros amplamente estudados nos Atlas Linguísticos desenvolvidos em todo o território nacional⁴.

Assim, cabe à Sociolinguística o estudo das variedades linguísticas em relação à sociedade. Em sua fase inicial, tinha por objetivo descrever as diferentes variedades linguísticas que coexistem dentro de uma comunidade, sua relação com as estruturas sociais. Atualmente, engloba tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem em seu contexto sociocultural.

Nesta pesquisa, procuramos observar e analisar as Construções de Tópico (doravante CT), variações linguísticas que ocorrem no nível sintático, caracterizadas por apresentar um sintagma externo à sentença funcionando como mote frasal, chamando a atenção do interlocutor para o tema da mensagem.

Com base em estudos como de Kato *et alii* (2002), que classifica o Português como uma língua de tópico e de sujeito, e de Pontes (1987), que apontou o tópico como uma variante recorrente em todo o território nacional, se observada a fala espontânea, partimos da hipótese que alunos da periferia de Campo Grande usam as CT em produções orais, a fim de enfatizar o mote da mensagem. Para tanto, foram realizados vinte quatro inquéritos, com informantes de ambos os sexos, entre os seis e quarenta anos de idade, todos alunos da Escola Pública Estadual José Ferreira Barbosa, em Campo Grande (MS).

Essa escola foi escolhida por localizar-se em uma região afastada da área central da cidade e por atender alunos de baixa renda, ora filhos de trabalhadores do curtume, ora de trabalhadores de pequenas propriedades agrícolas da região, e fábricas do núcleo industrial. Acreditamos que, em virtude desses fatores, há um

⁴ Para mais estudos sobre o léxico, sugerimos a leitura de Oliveira (2007): ALMS, Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, trabalhos e artigos desenvolvidos pelo ALiB, disponíveis em <www.alib.ufba.br>, bem como as coletâneas de artigos organizados por Isquierdo (2001, 2004, 2007) em *As ciências do Léxico*.

menor acesso à variante padrão da língua (que se dá somente pela própria escola ou em raros programas de televisão) e o que tornará possível a identificação das CT na fala desse grupo.

Relacionamos três objetivos para o desenvolvimento deste trabalho: (1) verificar com que frequência as CT se manifestam na fala dos alunos; (2) levantar quais as construções mais recorrentes e (3) averiguar se há predomínio da ordem TSVC ou SVC, ou se ambas coexistem de maneira equilibrada na língua.

Tomamos como base o modelo laboviano de pesquisa, sob uma perspectiva sincrônica, que analisa grupo de indivíduos, levando em consideração o vernáculo⁵ e os aspectos sociais que interferem na fala, uma vez que a língua não é um produto individual, mas sim coletivo, um produto da comunidade de fala. Também nos apropriaremos em alguns conceitos da abordagem Funcionalista, que também concebem a língua como um meio de comunicação, analisando as estruturas gramaticais levando em consideração a situação comunicativa. Uma vez que, estes dois modelos não se negam, mas completam-se dentro dos estudos linguísticos.

A esta introdução seguem quatro capítulos, o primeiro, aborda o tópico dentro da visão tradicional, seu conceito e situações prescritas para seu uso; no segundo capítulo, apresentamos o tópico dentro dos estudos funcionalistas e sociolinguísticos; no terceiro, os pressupostos teórico-metodológicos que alicerçaram a análise; e por fim, no quarto capítulo, a descrição e interpretação dos dados; seguido das considerações finais.

⁵ “A fala corrente, do dia-a-dia, numa determinada comunidade. O termo [...] é mais geralmente usado em contraste com a *língua padrão*. [...] quando essa fala é percebida como diferente da forma padrão da língua.” (TRASK, 2004, p. 304).

CAPÍTULO 1

1 O Tópico e a Tradição Gramatical

Nossa tradição gramatical concebe o Português como uma língua de ordem Sujeito–Verbo–Complementos (SVC)⁶, o tópico é classificado como recurso comunicativo, dando ênfase à ideia contida na frase, ou empregado como figura de sintaxe, com função literária, neste caso a noção de tópico fica fora dos estudos referentes à estrutura sentencial da língua, sendo destacado somente seu valor enquanto recurso literário. Dentre essas figuras podemos citar a inversão, o anacoluto e o pleonasma.

A seguir, abordaremos alguns conceitos consoantes na GT sobre a ordem sintática e o fenômeno tópico, para tal consultamos três gramáticos: Cunha (1983), Rocha Lima (2006) e Bechara (2009).

1.1 O Pleonasma

Segundo Cunha (1983), o pleonasma é um recurso de ênfase e caracteriza-se pela repetição de um termo da oração para reiterar a ideia.

Dentre os vários tipos de pleonasma, classificados por Cunha (1983) está o *objeto pleonástico*, segundo o autor, “para dar maior realce ao objeto, é costume

⁶ Alguns autores adotam a terminologia SVO - sujeito-verbo-objeto (ROCHA LIMA, 2006, p. 236), para este trabalho, optamos pelo termo SVC - sujeito-verbo-complementos (BECHARA, 2009, p. 582), abrangendo aqui todas as categorias de complementação sintática, sejam eles integrantes ou acessórios, desta forma, incluem-se aqui os complementos verbais (objetos), nominais e adjuntos.

colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal.” (CUNHA, 1983, p. 581).

- (1) **Letras vencidas**, urge pagá-*las*, disse eu ao levantar-me. (Machado de Assis)

Para Bechara (2009, p. 594), no pleonasma, o termo é repetido para mais clareza ou ênfase de uma idéia.

- (2) **Ao pobre** não *lhe* devo.

Em (2), o objeto indireto (ao pobre) é deslocado da sequência SVC para o início da frase, e retomado na sentença pelo pronome (*lhe*), assim como em (1), o objeto direto (letras vencidas) aparece na cabeça da sentença e é retomado posteriormente na forma do pronome oblíquo (*-las*).

1.2 O Anacoluto

Do grego *anakólouthous*, que significa sem sequência, caracteriza-se pela mudança da construção sintática, geralmente após uma pausa sensível. Segundo Cunha (1983, p. 581), é um fenômeno comum especialmente na língua falada.

- (3) **Aquela mina de ouro**, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos. (Camilo Castelo Branco)

Classificado por Rocha e Lima (2006) como um dos casos mais frequentes de *sintaxe afetiva*, o anacoluto consiste numa desconexão sintática, gerada pelo desvio da ordem frasal.

Quase sempre, o que determina o anacoluto é a colocação, no rosto do período, do elemento de maior relevo psicológico⁷. Nele se concentra por tal forma o nosso interesse, que não prestamos atenção a regularidade sintática e o deixamos valer por si, sem ligação com os demais membros da frase. (ROCHA LIMA, 2006, p. 490)

Assim, o anacoluto tem a função sintática de realce ou ainda pretende chamar atenção do interlocutor para determinado elemento da frase, recebendo destaque no início da sentença. Como podemos perceber nos exemplos citados por Rocha Lima (2006, *idem*):

- (4) **E o desgraçado**, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse. (Garrett)
- (5) Olha: **eu**, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana. (Guimarães Rosa)

Verificamos nos exemplos que o elemento que se deseja destacar vem ao início da sentença, acrescentando a ordem frasal um novo elemento, o tópico.

Bechara (2009, p. 595) afirma que, fora em situações especiais, aqueles que presam o falar e o escrever corretamente evitam o uso deste tipo de construção.

- (6) **Eu** que era branca e linda, eis-me medonha e escura. (Manuel Bandeira)

Bechara (2009, *idem*) também classifica como anacoluto as construções cujo elemento inicial é retomado durante a sentença em forma de pronome:

- (7) **A pessoa** que não sabe viver em sociedade, contra *ela* se põe a lei.
- (8) **Eu** parece-*me* que tudo vai bem.

Em (7), temos um período composto, no qual o tema (a pessoa) aparece na primeira oração, e é retomada na forma do pronome (ela) na segunda oração. Já em (8) temos uma sentença semelhante ao pleonasma, porém não é o objeto o

⁷ Daí o termo *sintaxe afetiva*.

elemento deslocado, mas o sujeito (eu) aparece duplicado na forma do oblíquo (-me).

1.3 A inversão

Bechara (2009, p. 582-583), ao abordar a *Sintaxe de colocação ou de ordem*, conceitua a inversão como qualquer ordem frasal que saia ao esquema SVC. A inversão que entra em choque com a norma geral de colocação é chamada de *anástrofe*:

(9) **De teus olhos** a cor vejo eu agora.

Vemos em (9) que, diferente do pleonasma, o mote frasal é deslocado para o início, porém não é retomado no decorrer da sentença, deixando uma categoria vazia após o verbo: “De teus olhos a cor eu vejo Ø.”, a sequência correta, mediante a ordem canônica, seria “Eu vejo a cor de teus olhos.”

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir *valor estilístico*. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional. Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. (BECHARA, 2009, p. 583 – grifo nosso)

No que se refere aos períodos compostos, Bechara (2009), ao abordar as *Figuras de Sintaxe* apresenta a **antecipação** que “é a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete” (BECHARA, 2009, p. 595):

(10) **O tempo** parece que vai piorar.

Em (10), temos a inversão dos termos dentro do período composto, no qual o sujeito da oração subordinada (o tempo) aparece no início da sentença.

Em Cunha (1983), a antecipação está conceituada junto com as demais Figuras de Sintaxe, denominada como *prolepse*. Assim como o pleonasma e o anacoluto, a prolepse tem função estilística, destacando um determinado elemento da frase e “consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra precedente, com a que se adquire excepcional realce.” (CUNHA, 1983, p. 583)

(11) **A Europa** dizem que é tão bonita, e a Itália principalmente. (Machado de Assis)

No exemplo (11), o autor inverte a ordem do período, no qual o sujeito da oração subordinada (a Europa), assim como em (10), é deslocado para o início da oração principal, deixando uma categoria vazia (**A Europa** dizem que Ø é tão bonita, e a Itália principalmente.).

Autores como Martins (2005, p. 34), Belford (2006, p. 13) e Vasco (2006, p. 25) ao tecerem comentários sobre o tópico na visão tradicional afirmaram que, de uma forma geral, as GT abordam o tópico como um recurso literário (*valor estilístico*), estudado juntamente com as figuras de linguagem, de sintaxe ou de estilo. Ao consultarmos Cunha (1983) e Rocha Lima (2006) confirmamos estas afirmações, pois somente localizamos o tópico como recurso estilístico. Porém, ao analisarmos a versão atualizada da *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara encontramos menções, mesmo que poucas, à topicalização de objeto, juntamente com os estudos sobre a estrutura frasal. Segundo o autor:

A transposição (*topicalização*) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto. (BECHARA, 2009, p. 417 – grifo nosso)

(12) **O lobo**, o caçador o viu. (BECHARA, 2009, *idem*)

Em (12) o objeto direto é deslocado para o início da sentença, ganhando destaque como mote frasal, seguido de uma sentença completa sem categoria vazia, pois o pronome oblíquo (o) atua como objeto fazendo referência ao mote (o lobo), este mesmo recurso aparece em outras gramáticas e é chamado de objeto pleonástico, porém Bechara (2009) usa a nomenclatura adotada pelos linguistas.

Da mesma maneira em orações com verbos transitivos indiretos, nas quais Bechara (2009), faz referência à topicalização ao abordar as possibilidades de uso do complemento indireto, afirma:

Acrescenta-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a *topicalizar-se*, isto é, a aparecer antecipado na oração (BECHARA, 2009, p. 422 – grifo nosso).

(13) **Ao aluno** sempre lhe dei muita atenção. (BECHARA, 2009, *idem*)

Vemos em (13) a topicalização do objeto indireto (ao aluno), sendo duplicado na sequência por meio do pronome (lhe).

No que tange ao tópico frasal na visão tradicional, observamos que não somente as gramáticas normativas abordam as CT como figuras de linguagem, como também algumas gramáticas escolares: “Quando ocorre a **inversão** da ordem dos termos da oração ou frase, o termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase” (INFANTE, 2004, p.720 – grifo do autor):

(14) **Professor** já não sou. (INFANTE, 2004, *idem*)

No exemplo (14), o predicativo do sujeito desvia-se da ordem canônica S-V-C e vai para a cabeça da sentença e, ao contrário do esquema de retomada que ocorre com o objeto pleonástico, deixa uma categoria vazia na sequência frasal.

Porém, algumas gramáticas escolares já apresentam alguma alteração se comparadas com as tradicionais, pois citam algumas pesquisas linguísticas atuais e abordam temas referentes à variação, ao regionalismo e ao preconceito linguístico, ou seja, levam em consideração também a língua em uso: “A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem” (INFANTE, 2004, *idem*).

Seguindo esta mesma tendência, Cereja e Magalhães (2005) abordam o objeto pleonástico:

Às vezes, para enfatizar o termo que funciona como objeto, costuma-se anuncia-lo por meio de um pronome obliquo com sentido e função equivalentes. A esse objeto de reforço dá-se o nome de **objeto pleonástico**. (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 275 – grifo dos autores)

(15) **Essas meninas**, já *as* vi em algum lugar.

(16) **Às minhas poesias**, mão *lhes* dava nenhuma atenção.

Porém, ao contrário de Bechara (2009), não é utilizada a nomenclatura *topicalização*.

Desta forma, nota-se que embora poucas gramáticas apresentem uma inovação quanto à variação linguística, a maioria dos gramáticos concorda com estes conceitos, abordando o tópico frasal como figura de linguagem, com função puramente estilístico-literária.

CAPÍTULO 2

2 O Tópico, a Linguística Funcional e a Sociolinguística

No século XX, surge dentro do estruturalismo um movimento que observava a linguagem a partir da sua multifuncionalidade, este novo olhar sobre os estudos linguísticos denominou-se Funcionalismo (LYONS, 1988, p. 207). Segundo a perspectiva funcional da sentença, determina-se a estrutura do enunciado de acordo com o seu contexto de uso.

Segundo Modesto (2006), “o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo”, dentro dessa concepção, o tópico não é visto como um desvio da língua (que deva ser evitado), mas um recurso usado pelo falante e determinado pelo contexto comunicativo.

Dentro desta perspectiva, a autora Orsini (2004), as CT caracterizam-se por apresentarem um “sintagma nominal anterior, externo à sentença, normalmente já ativado pelo contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de uma sentença-comentário”, sua função dentro da sentença é chamar a atenção do ouvinte destacando o tema da mensagem que o falante irá introduzir. Este esquema foge às regras SVC defendidas pela GT e estabelece uma nova ordem a TSVC:

(17) *A professora* ela é muito brava.

[[*A professora*] [[*ela*] [*é*] [*muito brava.*]]]
[[T] [[S][V][C]]]

(18) *O meu carro* roubaram a roda.

[[*O meu carro*] [[roubaram] [a roda Ø.]]]
[[T] [[V] [C]]

Em (17), temos o mote frasal [T] externo à sentença completa [SVC] sendo que o sujeito faz referência ao tópico por meio de um pronome (ela).

Já em (18), o tópico (*meu carro*) é deslocado do final da sentença, perdendo a preposição e a função de complemento (*Roubaram a roda do meu carro.*) e assumindo a função de mote frasal. A sentença comentário apresenta sujeito indeterminado (eles), porém respeita o esquema T(S)VC.

Tais construções não compõem um fenômeno linguístico novo, pesquisadores como Decat (1989) mostram registros datados de 1725 contendo elementos frasais topicalizados. Apesar disso, somente nos anos 70 do século XX, a partir dos estudos de Li & Thompson (1976)⁸, essa variação passou a despertar o interesse da comunidade acadêmica, tanto em estudos no nível sintático como no discursivo⁹.

De acordo com Linguística Funcional, as CT podem ser classificadas em quatro grupos em uso em PB, não como figura de linguagem em manifestações literárias, mas como organização sintática na fala espontânea. Essa classificação foi proposta por Pontes (1987) e retomada por Vasco (2006) e Orsini (2004):

a. Anacoluto: caracteriza-se por não apresentar nenhuma relação argumental, ou seja, vínculo sintático entre o tópico e o comentário, mas sim uma relação semântica, onde o falante anuncia o mote sobre o qual vai falar e depois faz

⁸ *Apud* Pontes (1987).

⁹ Callou (2002, p. 315) afirma que foi Ross (1967) a introduzir os estudos sobre as CT, porém para este trabalho tomamos como referência os estudos de Li & Thompson, citados em autores como Pontes (1987), Vasco (2006) e Belford (2006).

um comentário por meio de uma sentença completa (na gramática tradicional esse fenômeno também é chamado anacoluto). “De fato, tal tipo constitui a construção mais típica das línguas de tópico, até mesmo referido como verdadeiro tópico”, ao estilo chinês como mencionado por Chafe (1976, p.20, *apud* BELFORD, 2006, p.6 20).

(19) **Eu** agora, acabo a desculpa de concurso, né? (PONTES, 1987, p. 13)

(20) **Doce** eu gosto de gelatina, gosto de pudim... (ORSINI, 2004, p. 1)

Verificamos que os SN no início da sentença (eu / doce) não apresentam nenhum vínculo sintático com a sentença-comentário, sua relação é puramente semântica, onde o contexto contribuirá para um entendimento completo da sentença.

b. Topicalização: caracteriza-se pela existência de uma categoria vazia (\emptyset) dentro do comentário que poderia ser preenchida pelo tópico. Na visão dos gramaticistas é tradicionalmente chamada de inversão ou de antecipação (se em períodos compostos), pois os complementos verbais, objeto direto e indireto (OD e OI, respectivamente) são deslocados para o início da oração, invertendo a ordem canônica SVC:

(21) **Dessa cerveja** eu não bebo \emptyset . (PONTES, 1987, p. 12)

(22) **Aquilo** a Marinha ergueu \emptyset com um sacrifício brutal. (ORSINI, 2004, p. 1)

Em (21) e (22), constatamos que houve a movimentação dos OD (*dessa cerveja / aquilo*) do final da sentença para o início, deixando uma categoria vazia, assim a ordem tradicional seria: Eu não bebo *dessa cerveja*. e A Marinha ergueu *aquilo* com um sacrifício brutal.

c. Deslocamento à Esquerda: neste caso há a retomada do elemento inicial na sentença comentário, essa retomada acontece, em geral, por de um pronome, chamado de pronome-cópia ou pronome-lembrete, comumente 3ª pessoa *ele(s)*:

(23) **Os livros**, *eles* estão em cima da mesa. (PONTES, 1987, p. 12)

(24) **O avô do meu marido** *ele* é italiano. (ORSINI, 2004, p. 2)

Em (23) e (24), os tópicos (os livros / o avô do meu marido) foram retomados na sentença-comentário por meio do pronome pessoal, caracterizando o DE (conceituado na GT como *pleonasm*o).

d. Tópico-Sujeito: o tópico apresenta em si as funções de tópico frasal e de sujeito. Segundo Orsini (2005), “tópico e sujeito se fundem e o tópico passa a reunir traços de ambas as categorias”, uma das características compartilhadas é a concordância verbal.

Trata-se de um processo de gramaticalização, em que o tópico é reanalisado como sujeito, instaurando-se inclusive a concordância verbal, o que colabora para a manutenção da ordem canônica no Português do Brasil: SVO. É uma estratégia decorrente da tendência atual do PB de preencher o sujeito. (ORSINI, 2005, p.3).

Vejamos nos exemplos:

(25) **O Guaraná Antártica**, ___ é muito antigo. (VASCO, 2006, p.36)

(26) **A Tijuca** ___ já tem bastante prédio. (ORSINI, 2004, p. 2)

Dentro dos estudos do tópico, encontramos um conceito comum entre os autores, que o tópico-sujeito apresenta dificuldades de identificação e análise, pois,

num primeiro momento, pode-se confundi-lo com uma sentença SVC. (BELFORD, 2006, p.20).

Vasco (2006) em sua tese de doutoramento faz um estudo comparativo PB *versus* PE, ao exemplificar o tópico-sujeito, por ele chamado “topicalização de sujeito”, afirma que os excluiu das tabelas comparativas “pela dificuldade no reconhecimento destas CT a partir da distinção em relação às sentenças SVO”¹⁰, pois, numa primeira análise, há possibilidade de interpretar “O Guaraná Antártica” e “A Tijuca” como sujeitos da oração, pois essa CT apresenta semelhanças quanto a ordem dos elementos frasais, bem como sua concordância.

2.1 Estudos e pesquisadores das Construções de Tópico

Eunice Pontes, pioneira no estudo das CT em Língua Portuguesa no Brasil, analisa o português oral em paralelo com o escrito, onde na GT aparecem como figuras de linguagem, na verdade são CT. Sua obra, publicada nos anos 80, traz uma compilação de textos escritos com base nos resultados de seus estudos sobre CT, que também podem ser lidos individualmente. Seu *cópus* é composto por informantes da classe alta de Belo Horizonte, de nível universitário, entre 25 e 30 anos. Além de levantar a importância da CT na Língua Portuguesa, aponta sua semelhança com outras línguas. Pontes (1987) inicia seu trabalho abordando os estudos de Li & Thompson, reforçando a proposta da importância de uma classificação das línguas de acordo com as relações tópico-comentário ou sujeito-predicado. Segundo essas autoras, as línguas podem ser classificadas em quatro tipos (PONTES, 1987, p. 11):

¹⁰ VASCO, 2006, p. 36 (nota de rodapé).

a) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças segue a ordem sujeito-predicado (SVC). As línguas de origem indo-européias são exemplos de línguas com proeminência de sujeito;

b) línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como tópico-comentário (TSVC), como é o caso do chinês, por exemplo;

c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes vivendo harmonicamente. A língua japonesa é um exemplo de língua com proeminência de tópico e sujeito, assim o falante pode escolher entre uma ordem ou outra, de acordo com a mensagem;

d) línguas de proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclam e não se distinguem mais os dois tipos, como é o caso do tagalog, uma língua falada nas Ilhas Filipinas.

Segundo Pontes, o português sempre foi considerado uma língua com proeminência de sujeito, porém, com um olhar mais atento sobre o vernáculo, é possível perceber as ocorrências das CT, levantando, então, a hipótese de que a língua portuguesa esteja em outro grupo, o das línguas de proeminência de tópico e sujeito. Para a autora, ainda não são suficientes os estudos do português falado para que se possa determinar com exatidão a legitimidade dessa afirmação, mas quando passamos a observar a língua em seu uso diário, percebemos que as construções de tópico são recorrentes e ainda podem apresentar-se em vários tipos, tanto na língua oral como na escrita:

(27) **A Maria**, essa não quer nada com o serviço. (PONTES, 1987, p.12).

bem como na língua oral:

(28) Quanto a **mim**, estou me lixando. (PONTES, 1987, *idem*)

No estudo desenvolvido por Pontes (1987, p. 19-21), também é apresentado um levantamento das características das CT, com base na obra de Li & Thompson, características estas comparadas às do sujeito:

a) Definição: o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser definido ou indefinido;

b) Relações seletivas: o tópico não precisa ser relações seletivas (concordância) com o verbo, o sujeito obrigatoriamente necessita.

c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico, uma vez que o tópico não mantém relação com o verbo;

d) Papel funcional: uma vez que o sujeito nem sempre desempenha um papel semântico, pois muitas vezes pode ser uma categoria vazia, o tópico sempre traz em si o tema do discurso ou da sentença que segue;

e) Concordância verbal: relacionada com as características b e c, é raro encontrarmos um caso de tópico que concorde com o verbo;

f) Posição inicial na sentença: uma vez que sua função essencial é anunciar o discurso, o tópico sempre aparece no início da sentença, ao contrário do sujeito, que pode tanto aparecer no início, no meio, no final, ou ainda ser elíptico (quando está subentendido no contexto);

g) Processos gramaticais: como a reflexivização ou a passivação (verbos na voz reflexiva ou na voz passiva, respectivamente) não são possíveis em uma CT, pois o tópico é independente do sintagma, logo não pode governar tais processos gramaticais.

Tais características podem ser melhor visualizadas na tabela comparativa que segue:

Características	Tópico	Sujeito
Definição	+	-
Relações seletivas	-	+
Determinação pelo verbo	-	+
Papel funcional	+	-
Concordância verbal	-	+
Posição inicial na sentença	+	-
Processos gramaticais	-	+

Tabela nº 1: Características do tópico *versus* características do sujeito.

Em suma, o tópico é dependente do discurso, e tem liberdade para estender-se além dos limites frasais de acordo com o contexto de fala; enquanto que o sujeito é dependente da sentença, estando restrito às suas regras convencionadas na GT.

No que diz respeito às características das línguas com proeminência de tópico, Pontes (1987, p. 21-25) afirma:

1. a construção passiva é rara ou não existe (mas, segundo a autora, ainda não foram feitas pesquisas quanto ao uso da passiva na fala espontânea, fato este que dificulta a determinação do índice de ocorrências);

2. sujeitos vazios (como “*it*” em inglês ou “*il*” em francês) não são encontrados nas línguas de tópico, assim como em português que não há sujeito para frases existenciais pessoais ou que reflitam fenômenos da natureza;

3. presença do duplo-sujeito, os casos mais claros de construções do tipo tópico-comentário, de fácil identificação, não tem relação com o verbo;

4. controle de co-referência é feito pelo tópico e não pelo sujeito, ou seja, o tópico permite a presença do pronome-cópia;

5. nas línguas de tópico não há restrições quanto a qual elemento da sentença pode ou não, ser topicalizado: sujeito, objetos, adjuntos e predicativos, podem aparecer como tópicos em uma sentença;

6. sentenças básicas: as CT não devem ser consideradas transformações de outros tipos básicos de sentenças, mas elas mesmas são sentenças básicas, não podendo, assim, derivarem-se de outras.

Dessa forma, Pontes (1987, p. 25) demonstra, a importância da CT no português coloquial, concluindo seu trabalho classificando a língua portuguesa como sendo uma língua do tipo proeminência de tópico e sujeito, na qual tanto organizações sintáticas do tipo tópico-comentário e sujeito-predicado são coexistentes.

Sérgio Leitão Vasco (2006, p. 197-207) realizou pesquisas com as CT comparando a fala culta do PB e do Português Europeu (PE) e investigou as CT na fala popular carioca¹¹. Analisando as quatro variáveis das CT: anacoluto, deslocamento à esquerda, topicalização e tópico-sujeito (e suas variáveis) e discutindo a abordagem tradicional dos tópicos pelos gramáticos, Vasco (2006) levanta a questão: *PB: Língua de Tópico?* Buscando avaliar se o PB pode ser classificado como uma língua de proeminência de tópico dentro dos critérios elaborados por Li & Thompson (VASCO, 2006, p. 168).

¹¹ Tese de doutorado, UFRJ, 2006.

Seu *cópus* é composto por trinta falantes de ambos os sexos entrevistados em diversos bairros da área metropolitana do Rio de Janeiro, divididos em três faixas etárias, dos 15 aos 25 anos, dos 26 aos 49 anos e acima dos 50 anos de idade, sem curso superior. Das 1321 ocorrências de CT abstraiu os seguintes resultados:

Para Topicalização, 38% das ocorrências:

(29) **De infância** tenho... tenho uma amiga Ø...

(30) Porque **ditadura** só um manda Ø.¹²

Para Deslocamento à Esquerda obteve 34% dos dados da amostra:

(31) Olha, eu acho que **a violência**, *ela* nasce com cada um...

(32) **A gente**, às vezes de nós mesmos *nós* sabemos pouco.¹³

Anacoluto compõe 21% dos dados:

(33) ... mas agora **ser contra** eu não sou.

(34) **A gente** é bom ficar todo mundo ali junto.¹⁴

E tópico-sujeito somente 7%:

(35) **Essas casas** cabem muita gente.

(36) **Meus óculos** entraram água.¹⁵

Em sua conclusão, Vasco (2006, p. 207) dirige um olhar para o PB inserido em um contexto de mudança, analisando-o como uma variedade mais

¹² VASCO, 2006, p. 174-177.

¹³ VASCO, 2006, p. 151-155.

¹⁴ Exemplos de Anac, VASCO, 2006, 142-145.

¹⁵ Exemplos citados por VASCO, 2006, p. 185-186, para Tópico-sujeito.

próxima do tópico do que o PE, mas não caracterizou nossa variedade como língua de tópico pura.

Ainda no âmbito dos estudos da língua falada, porém sob uma perspectiva *sintaxe – fonologia*, estão os trabalhos de *Yonne Leite et alli* (2002) e *Dinah Callou et alli* (2002), que realizaram análises buscando averiguar a variação prosódica das CT. Assim, Leite (2002) realizou uma descrição das CT observando a curva entonacional, a pausa e a congruência sintática, bem como aspectos referentes á forma (número de sílabas, classe gramatical, oração finita ou reduzida, etc.) e funções semânticas. Callou (2002) buscou verificar se existem diferenças entre o nível sintático e o nível prosódico em Top e DE, observando fatores linguísticos, extralinguísticos e prosódicos, também comparados à estrutura sujeito-predicado.

Além dos estudos sincrônicos da CT na modalidade falada da língua, também tomamos como referência estudos da modalidade escrita da língua, como é o caso de *Maria Beatriz Nascimento Decat* (1989) que realizou um estudo diacrônico das CT com base em dados extraídos de correspondências (pessoais e oficiais) e diários dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX. As cartas e diários, neste tipo de trabalho, são escolhidas por sua natureza pessoal

(...) o que faz com que, mesmo escritos, se aproximem um pouco mais da oralidade, permitindo, por um lado, que se tenha uma possível recuperação dos padrões da língua falada em séculos anteriores ao nosso e, por outro lado, entrever aspectos que, já presentes na língua oral, estão sendo incorporados pela língua escrita de uma determinada época. (DECAT, 1989, p. 115).

Assim, com esta abordagem, a autora busca apontar as possíveis causas e mudanças no PB, e os fatores que corroboraram para estas alterações.

Em seu estudo, Decat (1989, p. 118 e 125) considera dois tipos de CT: as de sujeito e as de complemento (englobando aqui objeto direto, indireto e outros complementos pós-verbais). Assim, de um total de 244 textos, foram identificadas 99 CT, tais como:

- (37) **Os mares da Bahia** parece que foram escolhidos para o teatro das novas proezas.
- (38) **As fortalezas todas** achei Ø muito bem reedificadas.

Em (37), verificamos que as funções de tópico e sujeito se fundem, caracterizando a *CT de sujeito*. Já em (38) o objeto direto (as fortalezas todas) é deslocado para o início da sentença deixando uma categoria vazia após o verbo, caracterizando *CT de complemento*.

Na categoria *CT de complemento*, Decat (1989) também engloba os complementos topicalizados que foram retomados por meio de um pronome na sentença-comentário, com é o caso de:

- (39) **O corpo dos Ministros** achei-os em uma tal desunião, uma intriga entre si. (DECAT, 1989, p. 130)

No decorrer do seu trabalho, Decat (1989, p. 119, 124-125, 130-133) faz comparações entre as CT encontradas em seu corpus com as analisadas por Pontes (1987), verificando as construções frequentes em PB atual e as existentes nos dados diacrônicos, a fim de identificar as possíveis mudanças na organização sintática da língua.

Outro trabalho também realizado com a língua escrita sob uma perspectiva diacrônica é de autoria de *Dercir Pedro de Oliveira* (1996), com o objetivo de verificar se as CT recorrentes na modalidade oral, também são

frequentes em língua escrita, e se é possível, dessa forma, classificar PB como uma língua de proeminência de tópico.

Seu *cópus* é constituído por textos de origens e finalidades diversas, desde correspondências comerciais datadas da primeira metade do século XVIII, crônicas de Rosário Congro (Campo Grande/MS), páginas amarelas da Revista Veja e monografias da Especialização do Centro Universitário de Três Lagoas, visando averiguar a presença do tópico marcado (uma vez que o não-marcado confunde-se com o sujeito). Assim, da obra de Oliveira (1996, p. 155) podemos citar as seguintes ocorrências de CT:

(40) **da esposa**, ele nada mais sabia.

(41) **Casta e importante na sobriedade de suas linhas**, ele é um monumento.

Após análise das variáveis, Oliveira (1996) encontrou uma frequência de 9% para o tópico marcado, concluindo que PB é uma língua com predomínio de sujeito, porém admite o tópico.

CAPÍTULO 3

3 Procedimentos teórico-metodológicos

3.1 Referencial teórico

A Sociolinguística Variacionista, se comparada com as demais abordagens teórico-metodológicas, é muito nova, tendo início com os trabalhos de Willian Labov, nos anos 70 do século XX. Seu objetivo é o estudo da língua em uso, observando, descrevendo e sistematizando as variações da língua dentro de uma determinada comunidade de fala.

Entendemos a variação linguística como duas ou mais formas de dizer a mesma coisa dentro de um determinado contexto, cada uma dessas possibilidades ou formas constitui uma variante. O emprego da variante está relacionado a fatores intralinguísticos, também chamados de estruturais (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos) e extralinguísticos (que são as características sociais dos falantes como sexo, idade, escolaridade, classe social e grau de formalidade).

Assim, a Sociolinguística observa e descreve a língua em uso e identificando em quais situações os falantes optam por uma e outra variedade, demonstrando “a co-variação entre fenômenos linguísticos e sociais, procurando estabelecer entre eles uma relação de causa e efeito” (MARTINS, 2005, p. 82).

Também tomaremos como base alguns conceitos da Teoria Funcionalista que analisa a estrutura gramatical tomando como referência a situação comunicativa

(o propósito da fala, os falantes e contexto de fala), uma vez que estes elementos exercem grande influência sobre a estrutura linguística. Segundo Modesto (2006), a produção de um enunciado implica na interação de diversos fatores que contribuirão para o comunicar-se de maneira eficiente.

Desta forma, analisaremos três dos quatro tipos de CT identificadas no nosso corpus, levando em consideração fatores sociais e linguísticos, seguindo a classificação proposta por Pontes (1987), iniciando pelas construções nas quais o tópico apresenta somente vínculo semântico com a sentença-comentário, e não vínculo sintático que é o caso do **anacoluto (Anac)**:

(42) **O Titanic** eu gostei. (Son, I152)¹⁶

No exemplo (42), o tópico “eu” introduz o sintagma, seguido dele temos uma sentença-comentário (composta por uma sentença completa SVC) sobre o referido tópico. Entre a sentença-comentário e o tópico não há nenhum tipo de vínculo sintático, somente um vínculo semântico.

Em seguida veremos, a **topicalização (Top)** na qual há a mudança da ordem dos elementos da sentença:

(43) **Do primeiro casamento** dela ela tem dois filhos Ø. (Gab, I537)

Observamos que o objeto direto aparece no início da frase, seguido do verbo com o sujeito elíptico “eu”, assim, temos uma ordem TSVØ, que é diversa da canônica SVC.

¹⁶ O código “Son, I152” entre parênteses, corresponde ao nome do informante, que fora codificado para manter sua integridade, e ao nº da linha onde o dado aparece na transcrição do inquérito, respectivamente. Esta nomenclatura foi adotada para todos os informantes mencionados neste trabalho.

E o terceiro grupo analisado será o **deslocamento à esquerda (DE)**, que caracteriza-se pela retomada do tópico na sentença-comentário, por intermédio de um pronome.

(44) **Eu, a Marinês** né, *nóis* não esquentá não, deixo levar... (Mar, l346)

Neste exemplo, o SN “eu, a Marinês” inicia a frase indicando mote da mensagem, porém na sentença-comentário o falante retoma este mote por meio do pronome “nós”.

Nesta dissertação, optamos por não analisar o tópico-sujeito, seguindo as orientações de Vasco (2006) devido à dificuldade de identificação e análise desse tipo de tópico (como já mencionamos anteriormente).

3.2 Referencial metodológico

O *cópus* desta análise foi constituído por meio de gravações da modalidade falada da língua dos alunos de uma escola pública estadual da cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Por ser uma pesquisa de área urbana, decidimos realizá-la (delimitando dessa forma) com os alunos de uma escola pública de periferia, **Escola Estadual José Ferreira Barbosa**¹⁷.

Criada em 8 de julho de 1974¹⁸, a Escola Estadual José Ferreira Barbosa, a princípio oferecia ensino fundamental (na época chamado de 1º grau), hoje atende aproximadamente trezentas crianças e adolescentes, oferecendo-lhes não só o ensino fundamental, mas também o ensino médio. Destinada a atender a

¹⁷ A Escola Estadual José Ferreira Barbosa localiza-se na Rua Comandante Elias Ferreira, nº 55, Vila Bordon, Campo Grande - MS, CEP: 79104-695, telefone: (67) 3314 7057, e-mail: eejfb@sed.ms.gov.br.

¹⁸ Criada pelo Decreto nº 2.085 de 08 de julho de 1974, publicado no Diário Oficial de 12 de julho de 1974, do então estado de Mato Grosso.

comunidade da Vila Bordon - construída exclusivamente para os funcionários do curtume -, e região, Vila Popular, Vila Romana, Jardim Santa Mônica e Jardim Itália.

As entrevistas foram realizadas baseadas nas orientações de Tarallo (1999) de forma que os alunos falassem de assuntos do seu cotidiano da forma mais espontânea possível, emitindo opiniões e refletindo sobre temas que os levem a preocupar-se com o *que* falam, e não com o *como* falam, usando assim o vernáculo que é a fonte para os dados da pesquisa Sociolinguística.

Dentre as várias possibilidades temáticas para entrevistas gravadas escolhemos algumas das citadas por Villa da Silva (2004, p.41), em sua pesquisa realizada na comunidade corumbaense, dentre elas estão: perigo de vida, jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, medos, família, amigos, serviços públicos, violência nas ruas, o preço dos gêneros de primeira necessidade, escola e trabalho, interação com os outros membros da comunidade, viagens. Também consultamos o roteiro para entrevista elaborado por Martins (2005, p. 119) e o adaptamos a nossa realidade¹⁹.

Destacamos que os temas foram escolhidos de acordo com a faixa etária do informante, uma vez que, ao entrevistarmos uma criança de 6 anos, por exemplo, não poderíamos lhe fazer perguntas sobre trabalho, já que ainda não vivenciou essa experiência, e não há o que falar sobre o tema; da mesma forma que não perguntamos aos adultos e adolescentes sobre desenhos animados que assistem na televisão, uma vez que estão trabalhando e/ou já não se interessam mais por esse tipo de entretenimento. Assim, adaptações foram feitas, e para adolescentes e adultos utilizamos um roteiro fixo com perguntas multitemáticas (anexo nº4), para as crianças entre seis e nove anos simplificamos o roteiro (limitando-nos às perguntas

¹⁹ O roteiro usado para a entrevista com os informantes adolescentes e adultos está anexo a este trabalho.

do mundo infantil: desenhos animados, brincadeiras, família e escola) e utilizamos como recurso/apoio histórias em quadrinhos (anexos nº 1, 2 e 3), assim, em determinado momento do inquérito a criança tinha a liberdade de ler história e recontá-la com suas palavras.

A amostra em questão foi gravada nos meses de agosto e setembro de 2007, na Escola Estadual José Ferreira Barbosa, com alunos entre 6 e 40 anos²⁰, de ambos os sexos, totalizando vinte e quatro informantes. As entrevistas têm em média de 30 a 55 minutos e a transcrição dos textos foi realizada na íntegra, seguindo as normas para transcrição de entrevistas de pesquisas sociolinguísticas, adaptadas do Projeto NURC pelo Prof. Doutor Pedro Caruso²¹. Obviamente que, em alguns casos, os minutos iniciais de gravação são descartados, uma vez que o informante ainda está inibido pela situação de ser entrevistado.

Na tabela nº 2, apresentamos a distribuição dos falantes dentro das variantes sociais, uma vez que o número de falantes por grupo de fatores não é homogêneo. Estas diferenças são justificáveis, já que não é possível encontrarmos alunos com mais de vinte e cinco anos cursando o ensino fundamental regular, tampouco alunos com menos de quinze anos cursando o ensino médio. Na tabela em questão os códigos -15, 15-25 e +25, equivalem aos falantes com menos de quinze anos, de quinze anos a vinte e cinco anos, e mais de vinte e cinco anos, respectivamente; F1 corresponde aos alunos cursando a primeira etapa do ensino fundamental, F2 aos alunos que cursam a segunda etapa do ensino fundamental e EM são alunos do ensino médio:

²⁰ A Escola José Ferreira Barbosa oferece à comunidade a primeira e segunda etapas do Ensino Fundamental (correspondendo do 1º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 2º ano), como as salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram fechadas, a aproximadamente dois anos, é comum encontrarmos alunos com idade entre 30 e 40 anos retomando as atividades escolares, depois de muitos anos sem estudar.

²¹ Preti e Urbano (1990, p. 7-8).

Faixa etária	- 15		15 - 25		+ 25		Total
	M	F	M	F	M	F	
F1	4	3					7
F2	2	2					4
EM		1	3	4	2	3	13
total	6	6	3	4	2	3	24

Tabela nº 2: Distribuição de nº de falantes por idade, sexo e escolaridade.

Com os dados coletados, realizamos avaliações estatísticas a fim de medir a frequência do uso das CT na fala dos alunos, bem como quais as construções mais recorrentes. Esta avaliação foi possível, por meio do programa GoldVarb 2001²², versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRuI²³. Os grupos de fatores que compõem o Envelope de Variação são organizados em variáveis dependente e independente²⁴, sendo que esta última apresenta variantes linguísticas e extralinguísticas²⁵:

²² GoldVarb 2001 é um aplicativo .exe (programa formado por um único arquivo) de análise binomial, com base na versão anterior GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff (1990) para Macintosh. O GoldVarb 2001 foi desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação. (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001)

²³ Do inglês *Variable Rules analysis*, “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, 105).

²⁴ Existem dois tipos de variáveis: “as dependentes, que configuram o fenômeno variável, e as independentes, grupos de fatores, de natureza interna ou externa à língua e que podem exercer pressão sobre o fenômeno linguístico, determinando a frequência de sua ocorrência. São as variáveis, portanto, que vão condicionar positiva ou negativamente os parâmetros linguísticos indicadores de variação ou mudança linguística; são elas que, estando em competição na língua, no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra (NARO, 2003), possibilitam identificar uma série de categorias independentes que influem nas escolhas linguísticas.” (SALLES, 2004, p. 62)

²⁵ Para análise com o programa GoldVarb 2001, foi atribuído a cada fator um código aleatório, que aparece relacionado na frente do referido fator.

Variável dependente:

0 – ausência de tópico

1 – presença de tópico

1 Variantes Linguísticas:

1 Variantes das Construções de Tópico:

a – Tópico-anacoluto (Anac)

b – Topicalização (Top)

c – Deslocamento à esquerda (DE)

2 Quanto ao elemento inicial:

5 – SN composto por pronome

6 – SN composto por substantivo

7 – SN composto por outros

8 – SV (sintagma verbal)

3 Dimensão do SN:

1 – até três sílabas

2 – de 4 a 6 sílabas

3 – mais de 7 sílabas

4 Tipos de sujeito:

e – Explícito

i – Implícito

5 Quanto à transitividade verbal:

2 – verbo transitivo direto

3 – verbo transitivo indireto

4 – verbo de ligação

6 Número e pessoa do verbo na sentença-comentário

a – 1ª singular

b – 2ª singular (você)

c – 3ª singular

d – 1ª plural (nós)

e – 1ª plural (a gente)

f – 2ª plural

g – 3ª plural

7 Contrastividade:

c – presença de contraste

s – ausência de contraste

8 Elemento de interferência:

o – sem elemento de interferência

i – com elemento de interferência

9 Variante de Top - Classificação do objeto:

d – Top de objeto direto

i – Top de objeto indireto

10 Variante de DE - Estrutura do DE:

2 – pronome + pronome

3 – SN + pronome

4 – SN + SN

5 – SN + q (outra categoria não relacionada)

6 – (pronome + SN) + pronome

Variantes Sociais:

1 Faixa etária:

1 – menos de 15 anos

2 – entre 15 e 25 anos

3 – maiores de 25 anos

2 Sexo:

M – sexo masculino

F – sexo feminino

3 Grau de escolaridade:

1 – Primeira etapa do Ensino Fundamental

2 – Segunda etapa do Ensino Fundamental

3 – Ensino Médio

3.2.1 Critérios para seleção de dados

Ao analisarmos as vinte e quatro entrevistas, levamos em consideração um total de 3644 unidades sintáticas. Porém, antes de iniciarmos nosso estudo propriamente dito, faz-se importante esclarecer alguns pontos quanto à seleção dos dados que compõem a amostra: convencionamos que uma unidade sintática é uma sentença de sentido completo, independente da quantidade de verbos presentes, uma vez que encontramos CT, tanto em períodos simples, ou seja, sentenças compostas por uma única oração:

(45) **A minha filha de doze anos**, *ela* é terrível... (Mai, I299);

como também encontramos CT em períodos com mais de um verbo, como podemos perceber em

(46) **Embalá**, quase o mesmo né, *embalá* tem que ter muita agilidadi né, ou seja, tem que fazê muito rápido né... (Mai, I770)

Na sentença (46), temos o tópico constituído por um sintagma verbal SV (embalar) seguido por uma sentença-comentário, formada por duas orações, cujos núcleos verbais são diversos do SV que compõe o tópico (ter e fazer).

Outro ponto a esclarecer, é quanto ao núcleo do tópico. Seguindo alguns exemplos de Vasco (2006, p. 163), analisamos também CT cujo tópico é formado por SV, como podemos perceber no exemplo do referido autor:

(47) E só que aqui no Rio, **os pessoal que vem lá do Norte**, não sei o quê, *eles* chama tudo o pessoal de nana, né? (VASCO, 2006, p. 163)

Este tipo de sentença também foi encontrado nos dados da nossa amostra:

- (48) ... aí **você tem que esconder**, *escondo* o álco é tudinho escondido. (Fab, l194)²⁶

Seguindo exemplos do mesmo autor, também consideramos nesta análise, os tópicos cuja sentença-comentário aparece mais adiante numa oração subordinada ou coordenada:

- (49) **Muita liberdade**, [eu acho [que *muita liberdade* atrapalha qualquer jovem...]] (VASCO, 2006, p. 157).
- (50) **As duas mais novas**, [quando ia pra festa, [*elas às vezes acompanhavam né ela, [mas não era toda a vez não.]*]] (Mar, l252).

Em suma, consideramos neste trabalho, enunciados com sentido completo (independente se períodos simples ou compostos), contando como uma unidade sintática. Em contra partida, não consideramos como unidades sintáticas válidas para este trabalho, enunciados que não tenham em sua composição os elementos que compõem o tópico ou a sentença tradicional (TSVC ou SVC, salvo os casos do sujeito elidido). Com base nisso foram descartados enunciados truncados, em que o falante interrompe o discurso por algum motivo, geralmente para tentar lembrar ou para (re)organizar o enunciado, uma forma de auto-correção ou um policiamento na fala:

- (51) É... eu sou alegre mas assim.. um pouco alegre... um pouco... sei lá... (Mai, l58).

²⁶ Informante comentando sobre a convivência com alcoólatra.

Em (44), a informante apresenta dificuldade para explicar sua própria personalidade, então sua fala aparece truncada e um “sei lá” no final indicando sua insegurança em responder,

(52) Tem só eu... eu e a minha tia só... só minha mãe e minha tia só de parente (Raf, I34).

Já neste exemplo, o falante reorganiza sua fala três vezes para responder com exatidão a pergunta do inqueridor.

3.2.2 Critérios para uso do programa GoldVarb 2001

Antes que o capítulo quatro se inicie, com a apresentação dos resultados obtidos na análise, julgamos importante esclarecer alguns critérios para uso do programa GoldVarb 2001, de acordo com nossos objetivos e com fatos identificados durante o estudo.

Para atender nossos objetivos (1) e (3) fizemos uma rodada preliminar onde obtivemos as quantidades de ocorrências de TSVC *versus* SVC e as percentagens das mesmas; para atender nosso objetivo (2) excluimos todas as ocorrências de SVC em nossa amostra para que pudéssemos observar somente as variantes de CT, porém sendo três as variantes, não pudemos obter pesos relativos, uma vez que o programa GoldVarb 2001 não nos permite realizar análise multinomial, somente binomial. Sendo assim, para que pudéssemos prosseguir com a análise, selecionamos as duas variantes de CT mais recorrentes na amostra: Anacoluto e Deslocamento à esquerda. Outro fator que nos levou excluir as

ocorrências de SVC para a rodada final foram os *KnockOut*²⁷ em quase todos os grupos de fatores, uma vez que muitas características TSVC, não se aplicam à SVC.

Em suma, nossa análise e apresentação dos dados seguiram a ordem:

- i. Apresentação da variável dependente: presença e ausência de CT (item 4.1);
- ii. Apresentação das variantes das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à Esquerda (item 4.2);
- iii. Análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos levando em consideração Anacoluto e Deslocamento à Esquerda (item 4.3).

Solucionando, desta forma, os problemas encontrados durante a análise binomial.

²⁷ *KnockOut* ou *nocaute* é uma terminologia de análise do GoldVarb (utilizada em todos os programas da série VarbRul) “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). O nocaute é um problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que um grupo de fatores é zero, não há variação e o programa não tem com o *que* exprimir pesos e frequências.

CAPÍTULO 4

4 Descrição e interpretação dos dados

Analisar um fenômeno sob a luz da Sociolinguística é observar a língua como um instrumento social, adaptada a fatores internos e externos, ou seja, observar fatores linguísticos e sociais que podem influenciar a língua, criando assim novas variantes e variáveis, de acordo com o contexto de fala.

Como já mencionamos no referencial teórico-metodológico deste trabalho, analisamos a frequência do uso das CT, primeiramente, de uma forma geral, e em seguida a frequência de suas variantes Anac, Top e DE. Lembrando que a variante tópico-sujeito (Tsu), não foi analisada neste trabalho, uma vez que levanta muita polêmica e divergências em sua análise, devido a sua semelhança aparente com a sequência SVC (como já mencionamos anteriormente).

Ao analisarmos as vinte e quatro entrevistas, levamos em consideração um total de 3644 unidades sintáticas.

4.1 Variável dependente

Após observância dos critérios mencionados anteriormente, para as vinte e quatro (24) entrevistas, encontramos uma ocorrência de três mil, seiscentas e quarenta e quatro (3644) unidades sintáticas, sendo que seiscentas oitenta e quatro (684) com presença de tópico e duas mil, novecentas e sessenta (2960) seguindo a

ordem SVC. Apresentamos na tabela nº 3, os resultados totais obtidos pelo programa GoldVarb 2001, para presença e ausência de CT:

	oc	%	
Ausência de CT	2960	81	
Presença de CT	684	18	
Total da amostra	3644	100	<i>Input ,812</i>

Tabela nº 3: Ausência e presença de tópico.

Como é verificado a ausência de tópico, ou seja, a ordem SVC foi mais recorrente, com 81% de uso, sendo que as CT aparecem em menor número, ocupando somente 18% na fala dos informantes. Mesmo com uma percentagem relativamente baixa, a análise *binomial up/down*²⁸ nos forneceu um *input* de 0,812, demonstrando a relevância da variante popular na fala espontânea.

Também elaboramos um gráfico para melhor visualização das porcentagens referentes à realização de CT e SVC:

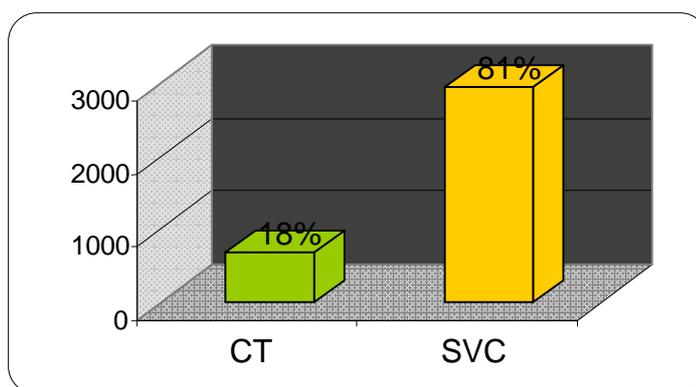


Gráfico nº 1: Percentagens de Construção de Tópico *versus* ordem Sujeito-Verbo-Complemento presentes na amostra.

²⁸ A opção *step* testa a significância de cada grupo de fatores, fornecendo informações sobre os “melhores” grupos de fatores (GUY & ZILLES, 2007, p. 164), ou seja, aqueles que favorecem a presença do fenômeno linguístico observado.

Ao observarmos dados de outras pesquisas também realizadas com as CT, encontramos percentagens relativamente próximas, como é o caso de Martins (2005, p. 74-75) que pesquisou o tópico na fala uberlandense e constatou que, de 2565 dados da amostra, 9% eram CT. Segundo a autora:

Os resultados obtidos, de acordo com o *cópus* investigado, parecem mais favoráveis a uma inferência de que o PB é uma língua que admite o uso de tópico, uma vez que as estruturas com sujeito foram significativamente mais frequentes. (MARTINS, 2005, p. 75)

Outros autores também apresentaram resultados semelhantes, nos quais o tópico não representa nem 20% da amostra: Salles (2004) ao realizar pesquisa sobre o uso do duplo sujeito, identificou uma frequência de 3%, de um total de 2400 sentenças. Martins (2005) ao pesquisar o Tópico *latu sensu* na cidade de Uberlândia, analisou um *cópus* constituído de 45 inquéritos, das 2565 sentenças abstraídas da amostra, 9% eram tópicos. Já Belford (2006) identificou em 22 inquéritos 15% DE (totalizando 230 oc) e 18% de Top (totalizando 328 oc). Vasco (2006), por sua vez, não colocou total de ausência e presença em percentagens, mas dos 30 inquéritos analisados, foram identificadas 1321 ocorrências de CT.

Com base nestes dados, constatamos que PB é uma língua que admite o tópico enquanto esquema de organização frasal, assim como Pontes (1987) e Vasco (2006) não classificaríamos PB como uma língua de tópico, mas como uma língua com orientação para o sujeito e o tópico (em menos escala).

4.2 Variáveis do Tópico

Para atender ao segundo objetivo da nossa pesquisa, averiguar qual das variantes de CT é mais recorrente na fala dos nossos alunos, fizemos uma rodada à parte com o programa GoldVarb 2001, na qual eliminamos as sentenças SVO, para que obtivéssemos somente as porcentagens de CT.

Como já mencionamos no capítulo 2, as CT são divididas em quatro grupos, porém para esta pesquisa nos limitamos somente a três: Anac, Top, e DE. Relacionamos, em forma de tabela e gráfico, os valores das porcentagens e total de ocorrências para esses grupos:

	oc	%
DE	352	51
Anac	263	38
Top	67	9
Total de CT	682	100

Tabela nº 4: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda.²⁹

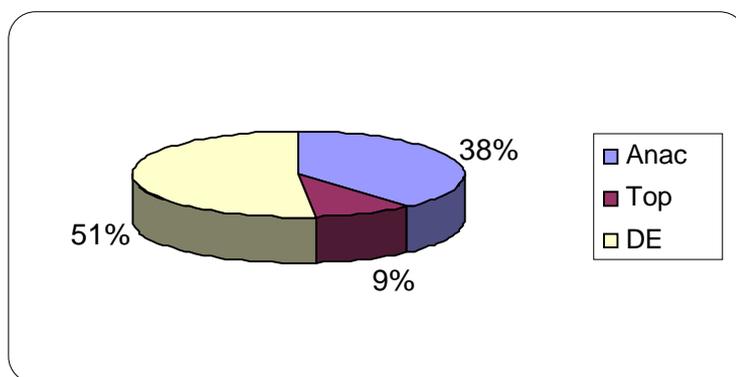


Gráfico nº 2: Percentagens das variáveis das Construções de Tópico: Anacoluto, Topicalização e Deslocamento à esquerda.

²⁹ Na tabela nº 4 não colocamos os pesos relativos, pois a versão GoldVarb 2001 somente executa análise binomial, e não foi divulgada a versão multinomial.

O gráfico nº 2 mostra a diferença entre as variáveis de CT. As informações do gráfico se complementam com as da tabela nº 4, nos quais apresentam 352 ocorrências para DE, compondo pouco mais da metade das ocorrências 51%; seguido de Anac com 263 ocorrências, compondo 38% do total; e por último com 67 ocorrências de Top, compondo 9% dos dados da amostra.

Outros autores, como já citados anteriormente, veem contribuindo com estudos sociolinguísticos sobre o tópico. Na pesquisa realizada por Vasco (2006), ao observar a distribuição das CT na fala carioca, das 1321 ocorrências de CT, 38% foram de Top, 34% DE, 21% Anac. Já em Orsini (2004), observamos dados analisados em dois períodos, a década de 70 e a década de 90, com base no acervo sonoro do Projeto NURC-RJ, nos quais 46% são Top, 42% são DE e 12% para Anac. Mesmo sendo da mesma metrópole, por serem informantes diferentes em épocas diferentes, as ocorrências oscilaram, porém Top permanece com maior índice em ambas amostras, o que não acontece nesta pesquisa.

Nossos resultados confrontam ambos trabalhos, apresentando DE como variante mais recorrente nas CT. Esta diversidade pode ser justificada se observada a própria estrutura do DE, uma vez que o falante tem necessidade em deixar claro o mote frasal, utiliza o tópico como recurso de ênfase e também o pronome-cópia como recurso sintático, reforçando mais uma vez o tema de que trata, como constatamos em

(53) **A mula-sem-cabeça** ela mata com o fogo da cabeça *dela*. (Luo, 1834)

No qual o informante usa o pronome para fazer referência ao mote. Esta preferência por DE também pode estar relacionada à tendência do preenchimento

do sujeito em PB, uma vez que, em determinados períodos, o mote não é o mesmo que o sujeito da sentença-comentário.

(54) **A mãe da minha mãe**, então eu sou mais apegada com *e/a* lá. (Pat, l266)

Em (54), o tópico (a mãe da minha mãe) não coincide com o sujeito do verbo da sentença-comentário (eu), assim a organização da sentença seguindo o esquema DE contribui para clareza da mensagem, evitando que o interlocutor não confunda tópico com sujeito.

Assim, ao utilizar estes recursos, o falante garante que será compreendido por seu interlocutor, como forma de assegurar a qualidade da sua mensagem.

Elencamos algumas sentenças como exemplos das variáveis de CT:

a) Deslocamento à esquerda:

(55) **Minha família** *nós* foi no rio que tem aí no lado da Pedreira. (Ali, l49)

(56) É... tem **o homem mau** *e/e* tem uma caverna, tem o passarinho e tem a... a mãe da fada. (Tam, l111)

(57) Mais **o meu primo Frango** *e/e* pegou o meu dvd do Power Ranger (Lui, l496)

Em (56) e (57), o tópico é retomado na sentença comentário na forma do pronome *e/e(s)*, porém a pessoa a que se refere o pronome pode variar de acordo com o contexto de fala, como em (55) no qual o falante se inclui no tópico e usa o pronome *nós* no momento da retomada.

b) Exemplos de Anacoluto:

- (58) **URV** naquela época tudo aumentava todo dia né. (Mai, l137)
- (59) **O SUS** eu não sei se faz.. e aquele tal dia você vai lá pegar o resultado. (Mar, l685)
- (60) **As gírias** às vezes do jeito que eu falo, ele implica muito (Gab, l271)

Em (58), (59) e (60), constatamos que o tópico estabelece relações semânticas com a sentença-comentário, sem apresentar quaisquer vínculos sintáticos.³⁰

c) Exemplos de Topicalização:

- (61) ...mas **aqui** eu pensei primeiro na minha mãe Ø né. (Seb, l141)
- (62) **Jogo dos palitos** que eu tenho Ø também. (Luo, l775)
- (63) ...**uma infância de conhecimento** eu considero Ø. (Ari, l368)

Em (61), (62) e (63), verificamos que um dos complementos desloca-se do final para o início da sentença, assumindo a função de tópico, deixando uma categoria vazia (Ø), que poderia ser substituída pelo próprio tópico: “Eu tenho *jogo dos palitos* também.”, por exemplo.

Neste ponto do trabalho, vemos que as três questões iniciais foram respondidas: (1) (3) os falantes usam o tópico como recurso linguístico para organização frasal, mas a ordem canônica é de preferência da maioria dos falantes

³⁰ Alguns casos em Anac, porém, não couberam nos critérios estabelecidos:

(a) **Filme** ‘O amor não tira férias’ e ‘Como se fosse a primeira vez’ (Gab, l70) - Neste exemplo, constatamos o tópico “filme”, mas em sua sequência a sentença-comentário não corresponde a uma oração, mas sim a outros dois sintagmas nominais (os nomes dos filmes).

(b) **Mensagem** ‘ó, tô em tal lugar... ó, vamu levar o neném no médico... vamo sai?’ (Gab, l708) - Neste caso, o tópico “mensagem” é referência para uma representação de diálogo utilizada pelo falante, para demonstrar o conteúdo da mensagem.

entrevistados, com 82% dos dados da amostra e (2) das três variáveis de CT, a mais recorrente foi DE, compondo 51% das CT da amostra.

Porém, após leituras como as obras de Vasco (2006) e de Belford (2006), constatamos que as variações de CT podem ser mais exploradas, com base nos conceitos Sociolinguísticos e Funcionalistas. Assim sendo, realizamos mais de uma rodada com os dados da amostra, a fim de verificar outras características dentro desse fenômeno linguístico.

Trata-se da terceira análise do programa GoldVarb 2001³¹, no qual consideramos somente as variáveis Anac e DE, uma vez que foram as variantes mais recorrentes. A análise em questão apresentou como resultado da etapa *step-up/down* os grupos de fatores: Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda, Número e pessoa do verbo da sentença-comentário, elemento inicial (classe morfológica do núcleo do tópico) e a faixa etária dos informantes.

4.3 Análise de Anacoluto e Deslocamento à Esquerda

4.3.1 Fatores Linguísticos

a) Quanto ao elemento inicial:

Nesta etapa da pesquisa, procuramos observar as estruturas mórficas que compõem o tópico, para tal, levamos em consideração a classificação morfológica do núcleo do tópico:

³¹ Anexo nº 8.

I) Núcleo constituído de SN composto por pronome:

(64) ...**eu** qualquer serviço [eu] desenvolvo... (Ger, I364)

II) Núcleo constituído de SN composto por substantivo:

(65) **Aí a porta**.. eles abriram *a porta* e tem aquelas grades né... (Faa, I198)

III) Núcleo constituído de SN composto por outras categorias gramaticais, como demonstrativos, possessivos, advérbios e adjetivos:

(66) **Isso** aí..eu não concordo com *isso* aí e eu to achando fraco... (Ger, 920)

IV) Núcleo constituído de SV (oração):

(67) **Fazer uma faculdade** eu fico contente. (Ger, I1170)

Obtivemos os seguintes resultados:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
SN composto por pronome	15	13	93	86	108	17	.86
SN composto por substantivo	167	42	230	57	397	64	.58
SN composto por outras categorias	33	71	13	28	46	7	.28
SV	79	74	17	25	66	10	.27
totais	264	42	353	57	617	100	

Tabela nº 5: Elementos mórficos que constituem o tópico nas Construções de Tópico Anacoluto e Deslocamento à Esquerda.

A tabela nº 5 mostra que das 617 concorrências de Anac e DE, 64% dos tópicos apresentam como núcleo palavras substantivas, seguidas dos pronomes, com 17%; SV com 10% e tópicos compostos por outras categorias compõem 7% do total.

Ao atribuímos como valor de aplicação ao uso de DE, verificamos que os pesos indicam que o falante tende a utilizar mais o pronome como núcleo do tópico (.86) do que os substantivos (.58).

No que tange exclusivamente ao uso do SN e SV para compor o tópico, nossos resultados estão consoantes com a pesquisa realizada por Vasco (2006, p.142), cujo objetivo era, em uma das etapas do seu trabalho, identificar os elementos mais recorrentes constituindo o tópico de Anac, em sua análise constam 58% dos tópicos compostos por SN, apenas 9% compostos por pronomes pessoais e 9% por orações (SV).

A maior recorrência de SN como núcleo do tópico está relacionada à própria função do tópico dentro da sentença, uma vez que o tema está relacionado, em grande parte, à pessoas, coisas e/ou lugares aos quais o falante faz referência, é natural que sejam colocados em destaque no momento da comunicação, seguindo dos comentários, ações e situações nos quais estejam envolvidos.

b) Transitividade verbal:

No que diz respeito à transitividade verbal, observamos verbos intransitivos, transitivos diretos e indiretos, bem como os verbos de ligação. Porém, constatamos que os verbos transitivos indiretos, ora eram preposicionados, ora não-

preposicionados, então julgamos necessário categorizar a transitividade verbal seguindo os critérios abaixo:

I) Sentença composta por verbo de ligação (VL):

(68) **A minha mãe** *ela* é doméstica (Gab, I339)

II) Verbo transitivo direto (VTD):

(69) **Irmã** (eu) não tenho. (Seb, I 20)

III) Verbo transitivo indireto preposicionado (VTI):

(70) **Do meu pai** que (eu) ganho. (Mea, I269)³²

IV) Verbo transitivo indireto não-preposicionado (VTI n-prep.):

(71) ... que **esse hino** até hoje eu gosto... (Son, I56)

V) Verbo transitivo direto e indireto (VTDI):

(72) **Do Lobisomem**... toda quinta tem que comprar uma roupa pra... *pro lobisomem nova*" (Tam, I568)

A seguir apresentamos a tabela com o resultado deste grupo de fatores:

³² Informante falando sobre jogos e vídeo game.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	%	oc	
VTI	31	47	34	52	65	10	.69
VTD	77	34	147	65	224	36	.66
VL	47	38	76	61	123	19	.61
VTDI	4	44	5	55	9	1	.56
VI	87	51	83	48	170	27	.49
VTI n-prep.	18	69	8	30	26	4	.31

Tabela nº 6: Transitividade verbal.

Assim, o verbo transitivo indireto favorece a presença do DE, com peso .69, seguindo do verbo transitivo direto com peso .66. Porém, é relevante observar que independente do valor de aplicação que atribuímos (DE), se observamos de uma forma geral, VTD tem maior percentagem de ocorrências, com 36% dos dados analisados, seguido de VI com 27% dos dados da amostra.

Esta preferência por verbos transitivos e intransitivos é inerente à própria estrutura da sentença e à qualidade da mensagem (ou seja, a compreensão satisfatória por parte do interlocutor) . Segundo Rocha Lima (2006, p. 340) “O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que sua supressão torna o predicado incompreensível, por omissos ou incompleto.” (grifo do autor), assim, com o intuito de comunicar-se com clareza, o falante dá preferência aos verbos transitivos para que, por meio dos complementos, as ações verbais estejam claras e sejam bem compreendidas por seu interlocutor.

c) Sujeito explícito ou implícito:

Com este grupo de fatores, objetivamos identificar se a presença do sujeito favorece ou não a presença do DE. Para tanto, esse grupo é organizado em dois fatores:

I) Sujeito explícito:

(73) **Curitiba** eu gostaria de morar. (Ger, I567)

II) Sujeito implícito:

(74) **A cobra cega** [você] coloca um pano aqui... (Vit, I185)

Na tabela nº 7, visualizamos os resultados obtidos sobre o sujeito nas orações:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Sujeito explícito	206	37	337	62	543	88	.62
Sujeito implícito	58	78	16	21	74	11	.22

Tabela nº 7: Sujeito explícito *versus* sujeito implícito.

Com peso .62, os falantes entrevistados tendem a preencher o sujeito nas CT, para peso .22 do sujeito implícito. Esta preferência pelo preenchimento do sujeito nas CT, nos remete aos conceitos de tópico e sujeito, enquanto o tópico é o assunto a ser tratado na sentença, o sujeito é o ser que age sobre o verbo, logo, tópico e sujeito nem sempre são os mesmos. Dentro deste contexto, deixar o sujeito

explícito na sentença evita qualquer comprometimento com a qualidade da mensagem.

Nossos dados estão de acordo com a pesquisa realizada por Belford (2006), com peso relativo .58, segundo a autora:

A presença do sujeito nesse caso pode ser explicada, considerando-se que, ao explicar-se o sujeito na oração, evita-se a confusão com o tópico e sujeito. Num primeiro momento, ao pronunciar-se o SN, dúvidas poderiam surgir para identificá-lo como tópico ou sujeito. (BELFORD, 2006, p.67)

Dessa forma, à função de sujeito é acrescida uma nova propriedade, a colaboração ou manutenção da inteligibilidade da mensagem.

Outra justificativa para a grande quantidade de sentenças com sujeito explícito é a tendência do preenchimento do sujeito que tem se revelado em estudos da modalidade oral do PB. Segundo Oliveira (1989),

De certo modo, ao transmitir a mensagem, o destinador tem interesse em que destinatário compreenda a mensagem. Isso pode ser a razão de os referentes aparecem reiterados, explicitados, interpretados, criticados (em ambos os sentidos) e, ainda, preenchidos. (OLIVEIRA, 1989, p. 147)³³

Em sua pesquisa com informantes de três capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), Oliveira (1989) aponta resultados favoráveis à preferência do falante do PB em preencher o sujeito, com 77% dos dados.

³³ Outros pesquisadores que observaram o fenômeno do sujeito expletivo: Kato e Negrão (2000), Duarte (2003), Bravin dos Santos (2005).

d) Contrastividade:

Para o grupo de fatores d), nosso objetivo foi identificar se a presença da contrastividade, ou seja, a presença de um elemento de contraste (como a conjunção adversativa *mas*) ou ainda um contexto adversativo, por exemplo; está corroborando para a ocorrência de DE:

I) Presença de contraste:

(75) **Minha irmã** é... ele é feio, velho, cricri, sistemático, mas *ela* gosta dele. (Gab, 1779)

(76) **Os jogadores** [eu] colocaria jogadores bons no lugar dos jogadores ruins... (Kar, 1163)

A presença do contraste, marcado pela conjunção adversativa *mas* em (75), e o nível semântico, no caso da CT (76), na qual o falante contrasta sua opinião entre a saída dos jogadores atuais que são ruins, e a troca por jogadores, segundo ele, bons.

II) Ausência de contraste:

(77) **Minha mãe**, *minha mãe* não trabalha mais... (Pat, 1828)

(78) Não, **os meus pais** *eles* se separaram. (Luc, 139)

Ao observarmos a tabela nº 8, verificamos índices de presença e ausência da contrastividade nas CT:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Ausência de contraste	219	45	260	54	479	77	.54
Presença de contraste	45	32	93	67	138	22	.67

Tabela nº 8: Presença do elemento contrastivo.

As percentagens na tabela nº 8 apontam maior recorrência de CT com ausência de contrastividade, levando em consideração os totais, com 77% para ausência, e 22% de presença. Porém, ao marcarmos como valor de aplicação DE, o programa GoldVarb 2001 nos aponta a preferência pelo uso de DE quando CT for contrastiva, com peso relativo .67.

Nossos resultados estão em conformidade com a pesquisa de Belford (2006), que, ao analisar a fala carioca, encontrou peso relativo .68 para a marcação do contraste, demonstrando a relevância deste recurso.

A opção pelo uso do elemento contrastivo é um recurso coesivo recorrente em PB e que, Segundo Braga (2004), tem sido investigado sob a luz da Teoria da Variação. Independente da ausência/presença do conector, enunciados adversativos auxiliam o interlocutor, por meio de comparações e/ou relações, na compreensão da mensagem. A preferência pela estrutura tópica com elemento co-referencial (DE) está relacionada não só ao uso elemento contrastivo, mas também a extensão da sentença, uma vez que, ao criar um contexto de contraste, o falante usa períodos compostos, muitas vezes distanciam o mote da sentença-comentário, favorecendo a presença do pronome como recurso de recuperação/referência ao tópico.

e) Elemento de interferência no Deslocamento à Esquerda³⁴

Propusemos dois grupos de fatores nesse item. No qual nosso objetivo é verificar se a presença de elementos de interferência entre o tópico e a sentença-comentário favorece ou não a presença do pronome co-referencial, elemento que caracteriza DE.

Segundo Pontes (1987, p. 26), o pronome-cópia caracteriza-se como um co-referente ao sujeito da sentença e que, a princípio, parece redundante, mas contribui para caracterização do tópico. Para ela, o aparecimento do pronome co-referente também pode ser justificado se observada a distância entre o tópico e o verbo: quanto maior a distância entre estes elementos maior a necessidade de deixar claro o referente.

Diante do exposto, para este grupo selecionamos os seguintes fatores:

I) Ausência de elemento interferente entre o tópico e a sentença-comentário:

(79) aí **o homem** *e/le* tava drogado... (Faa, l64)

II) Presença de elemento interferente entre o tópico e a sentença-comentário:

(80) **a Juliana**, foi uma vez, no começo do ano, que eu discuti com *ela*... (Gab, l391)

Após a rodada do GoldVarb, obtivemos os seguintes resultados³⁵:

³⁴ Quanto ao termo, Salles (2004, 72-74) usa a nomenclatura “interveniente”, enquanto Belford (2006, 71-73) usa “interferente”, para essa dissertação adotamos a nomenclatura interferente.

	DE	
	oc	%
Ausência de elemento interferente	167	46
Presença de elemento interferente	186	71

Tabela nº 9: Elemento interferente.

Ao observarmos os dados da tabela nº 9, verificamos que as diferenças são consideráveis, no que diz respeito a presença e ausência do elemento interferente, pouco mais de 20 pontos. Uma vez que a presença deste elemento aumenta a distância entre o tópico e a sentença-comentário, favorece a presença co-referencial em DE.

O maior índice de ocorrências do pronome-cópia em períodos longos ou compostos, justifica-se pela preocupação do falante em se fazer entender por seu interlocutor, ou seja, o zelo pela qualidade da sua mensagem. O falante, ao perceber que o mote se distancia da sentença-comentário, faz com este um elo por meio do pronome, retomando o tema, evitando que seu interlocutor equivocadamente pense que mudou de assunto. Assim em sentenças compostas como

(81) **As pessoas** é.. pensando que aquilo é melhor, *elas* vão seguindo a novela. (Kar, l220),

o informante retoma o mote (as pessoas) por meio do pronome (elas) para que seu interlocutor não perca o referente.

³⁵ O pronome-lembrado é uma característica de DE e não aparece nas outras variáveis de CT, o que impossibilita a análise binomial do GoldVarb 2001, logo não colocamos pesos relativos para esta categoria.

Nossos resultados são consoantes com a pesquisa de Vasco (2006, p.160), na qual há uma frequência maior de CT com “material interveniente”, 60%; para somente 40% sem “material interveniente”, de um total de 334 sentenças com DEsubj.

Belford (2006, p. 72), ao estudar a relação do DE com presença *versus* ausência do elemento de interferência afirma que: “Tais resultados, bastante polarizados, comprovam que a presença de elementos interferentes entre o SN e a sentença-comentário favorece o aparecimento do elemento co-referencial”.

É relevante ressaltar aqui que em estudos referentes à língua falada, os resultados variam de acordo com o contexto de fala e sócio-cultural: na pesquisa desenvolvida por Salles (2004, p.72-74) sobre a presença ou ausência do elemento interveniente, com falantes da cidade de Cascavel/PR, os dados mostraram que é neutra a influência destes elementos, uma vez que o peso relativo está muito próximo a .50.

f) Dimensão do tópico:

Pretendemos, com esse grupo de fatores, determinar se há influência da extensão do SN³⁶ para a presença da CT. Selecionamos três fatores para esse grupo, a saber:

I) SN com até três sílabas:

(82) **Meu pai e/le** tem mais filme... eu tenho um pouco de dvd... (Mea, I40)

³⁶ Medido aqui em sílabas, seguindo o modelo em Belford (2006, p. 74-75).

II) SN contendo de quatro a seis sílabas:

(83) ...aí **o Peter Pano** aí *e/e* saiu correnu... (Vit, l250)

III) SN com sete sílabas ou mais:

(84) ... **meu amigo lá do Rio de Janeiro**, *e/e* chama Sebastião também. (Seb, l166)

Assim, apresentamos os seguintes resultados:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Tópico até três sílabas	90	30	210	70	300	48	.70
Tópico de 4 a 6 sílabas	107	54	91	45	198	32	.46
Tópico com mais de 7 sílabas	67	56	52	43	119	19	.44

Tabela nº 10: Dimensão do tópico.

A tabela nº 10 mostra que o tamanho do sintagma que compõe o tópico não contribui para a presença da CT, pois os tópicos menores, com até três sílabas, são mais recorrentes nas CT, com peso relativo .70.

Pesquisas citadas indicam diferentes resultados, como é o caso de Belford (2006), que consideraram favorável a presença de DE quando o SN for mais longo, enquanto Vasco (2006, p. 88), por sua vez, considerou que no PB os DE não parecem estar vinculados ao tamanho do SN.

Em nossa análise, observamos que com o peso .44, os sintagmas longos não influenciam a ocorrência de CT.

g) Número e pessoa do verbo:

O objetivo da análise deste grupo de fatores é verificar qual o número e pessoa do discurso são mais recorrentes nos verbos da sentença-comentário da CT. Ressaltamos que este número é observado independente se o sujeito da sentença é expletivo ou elidido, conforme mencionamos no início deste capítulo (p. 63).

Para esse grupo selecionamos os seguintes fatores:

I) 1ª pessoa do singular:

(85) **Esse aí** eu não me lembro Ø... (Tai, I97)

II) 2ª pessoa do singular – você:

(86) Porque **conversinha** você fica de conversinha, conversinha, não dá certo, sabe, eu não gosto disso. (Pat, I334)³⁷

III) 3ª pessoa do singular:

(87) ... e **eles** o pneu *deles* furaram... (Faa, I175)

IV) 1ª pessoa do plural – nós:

(88) porque **a morte** [nós] temos que aceitar. (Ger, I801)

V) 1ª pessoa do plural – a gente:

(89) Não porque assim...**eu e meu pai** *agente* não tem diálogo (Gab, I363)

³⁷ Podemos observar que em (79), temos duas sentenças-comentário para o mesmo tópico “conversinha”, a primeira “você fica de conversinha” e a segunda “eu não gosto disso”, que também se refere ao mesmo tópico.

VI) 2ª pessoa do plural – vocês:

Pretendíamos investigar este item antes da primeira rodada com os dados, porém ao detectarmos que não houve nenhuma ocorrência com a segunda pessoa do plural, eliminamos este item do grupo de fatores.

VII) 3ª pessoa do plural:

(90) Aí ficam **a Fabiane e a Jéssica**... *e/as* ficam falando, comentando da Edilaine... (Fab, I280)

Neste grupo de fatores é relevante esclarecer que na variante popular da língua é comum somente no primeiro elemento do sintagma, seja ele verbal ou nominal, aparecer flexionado, como exemplificou Tarallo (1999) *as meninas bunitaØ* ou *as meninaØ bunitaØ*, no qual “o falante utiliza-se da variante não-padrão [Ø] nas duas posições finais do SN, retendo a marca de plural somente na posição inicial” (TARALLO, 1999, p. 9)³⁸. Neste caso, para análise deste grupo de fatores, optamos pelo número “contextualizado” do verbo, ou seja, mesmo que o verbo não esteja flexionado, mas seu sentido é plural, nós o classificamos no grupo plural. Assim sendo sentenças como:

(91) **Os Power Ranges do SBT** *e/e* lutam pela justiça. (Luo, I485)

foram classificadas como 3ª pessoa do plural, mesmo que o falante não tenha concordado o pronome, entendemos pelo tópico e pelo verbo que se trata de mais de uma pessoa.

Assim, abstraímos os seguintes valores da amostra:

³⁸ Outra pesquisadora que se dedicou aos estudos da variação na marcação do plural em SN foi Almeida (2008), que observou a fala dos moradores da comunidade ribeirinha de Corumbá/MS.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
1ª pessoa do plural (nós)	2	14	12	85	14	2	.86
3ª pessoa do singular (ele/ela)	126	34	239	65	365	59	.65
3ª pessoa do plural (eles/elas)	17	37	28	62	45	7	.62
1ª pessoa do plural (a gente)	10	45	12	54	22	3	.55
1ª pessoa do singular (eu)	99	61	61	38	160	25	.38
2ª pessoa do singular (você)	10	90	1	9	11	1	.09
2ª pessoa do plural (vocês)	-	-	-	-	-	-	-

Tabela nº 11: Número e pessoa do verbo na sentença-comentário.

A tabela nº 11 mostra que a 1ª pessoa do plural apresenta maior peso relativo, com .86, seguida da 3ª pessoa do singular, com peso .65.

Nota-se que a 1ª pessoa do plural está subdividida em nós e a gente, pois ambas variedades são válidas em PB. Segundo Muniz (2008), a forma *a gente* está concorrendo com a forma *nós* como representação da 1ª pessoa, mesmo que muitos gramáticos não reconheçam essa forma como expressão válida em PB, diversas pesquisas com o vernáculo atestam o uso das duas formas. Analisando os totais, em nossa amostra, houve uma sensível preferência pelo uso da variante *a gente* nas CT analisadas, corroborando com outros autores no que tange a alternância *nós / a gente*.³⁹

³⁹ Para saber mais sobre a variação entre *nós* e *a gente*, indicamos Bueno (2003), Muniz (2008), Braga (2003) e Lopes (1998).

h) Estrutura da Construção de Tópico com Deslocamento à Esquerda

O objetivo da análise deste grupo de fatores é observar quais elementos compõem a estrutura das CT do tipo DE, uma vez que se caracterizam pela retomada do tópico na sentença-comentário. Porém, ao selecionarmos todas as CT com DE, constatamos percebemos que, em algumas sentenças, o tópico poderia ser retomado, não somente por um pronome (seja pessoal ou demonstrativo), mas também por outro SN. Logo, para esse grupo, selecionamos os seguintes fatores, sendo que o primeiro elemento compõe o tópico e o segundo, a retomada na sentença-comentário:

I) Pronome e pronome (PN+PN)

- (92) ...porque **elas** *elas* jogaram bastante, só que não conseguiram e nem por isso desistiram. (Faa, l122)

Em (92), o tópico apresenta-se em forma de pronome (elas), que também é repetido na sentença-comentário.

II) Sintagma nominal e pronome (SN+PN)

- (93) ... e **a dona Teresinha** que *ela* não tem filha aí eu sou vizinha dela... (Tai, l177)

Neste segundo fator, o tópico é composto pelo SN (a dona Teresinha) que é retomado na sentença-comentário como pronome (ela).

III) Sintagma nominal e sintagma nominal (SN+SN)

- (94) **Gurizada no escuro** *uns doze guris* tudo cheirando maconha, tudo assim doze anos treze anos. (Ger, l528)

Neste exemplo, observamos que a retomada do tópico não ocorreu por meio do pronome, mas por outro SN.

IV) Pronome e sintagma nominal (PN + SN)

- (95) Agora **ele** *o Silvio Santos* inventou aquele que passa as pegadinhas lá, das provas. (Ale, l512)

V) Sintagma nominal e pronome indefinido (SN+Q)

- (96) Daí aquela hora que tocou **aquela parte** assim que... que ficou uma parte bem espiritual do filme que eu vi, em relação a toda a parte, eu vi uma parte espiritual *ali*. (Son, l64)

VI) Pronome e sintagma nominal e pronome ((PN+SN)+PN)

- (97) Mais com a Débora... **a Débora e eu**, *a gente* é muito legal. (Gab, l426)

Ressaltamos que, neste item, não colocamos peso relativos, pois DE é a única variável das CT que apresenta estrutura, logo não é possível compará-la à outra para exprimir sua probabilidade em forma de peso relativo.

	DE	
	oc	%
SN+PN	182	51
PN+PN	100	28
SN+SN	45	12
PN+SN	10	3
SN+Q	5	1
(PN+SN)+PN	6	1

Tabela nº 12: Elementos mórficos que compõem Deslocamento à Esquerda.

Os dados da tabela nº 12 indicam que a estrutura mais recorrente entre DE é composta por um SN constituindo o tópico, sendo retomado na sentença-comentário na forma de pronome, com 51% dos dados; seguido estrutura PN+PN, ou seja, tópico constituído de pronome, sendo retomado na sentença-comentário também por um pronome.

A preferência pelo substantivo como núcleo do tópico está relacionada à sua função de evocação do novo tema. Uma vez que, o substantivo nomeia seres, pessoas, objetos e lugares, o falante o usa como recurso para introdução de novos assuntos, ou seja, o tópico novo. Já o pronome como tópico da sentença, faz menção a um tema já evocado na mensagem ou numa sentença anterior, por exemplo.

Nossos resultados são consoantes com a pesquisa de Vasco (2006, p.151), referente ao sujeito da sentença-comentário em DE (DESuj), na qual 77% são compostas por pronomes do caso reto e 13% por outros elementos e 10% por

um SN idêntico. Já na pesquisa de Salles (2004, p. 81), a estrutura de DE apresenta maior incidência em PN+PN.

4.3.2 Fatores Sociais:

Quanto aos fatores sociais, selecionamos três grupos: sexo, idade e escolaridade, os quais apresentaram os resultados a saber:

a) Sexo do informante:

Ao observamos a tabela nº 14, constatamos que o sexo do falante não influencia muito pouco na presença ou na ausência da CT, pois seu peso relativo e percentagens são muito próximos e/ou equivalentes. No Deslocamento à Esquerda nota-se um leve favorecimento na construção do tópico, 57% e 56% para homens e mulheres, respectivamente.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Masculino	129	42	175	57	304	49	.57
Feminino	135	43	178	56	313	50	.57

Tabela nº 13: Sexo do informante.

É consenso entre estudiosos da língua que mulheres e homens têm falares diferentes, estas diferenças são visíveis independente do fenômeno linguístico que se estude, como em Monteiro (2000), Paiva (2004), Rocha e Onofre

(2009) e Cazarotto e Onofre (2009), falantes de sexo feminino tendem à variedade culta da língua e falantes do sexo masculino tendem à variedade inovadora.

Porém, nossos resultados apresentam-se equilibrados quanto ao uso das variedades observadas, nota-se a preferência pelo uso do DE, 57% para o gênero masculino e 56% para o gênero feminino. Em relação ao Anacoluto que apresentou percentuais menores de realização em nosso estudo.

Esta neutralidade foi encontrada nos dados de Salles (2004) e em Vasco (2006). Porém Vasco (*idem*, op. 138) destacou que sua amostra não era homogênea, o corpus é constituído por entrevistas de treze homens e dezessete mulheres, em suas conclusões o autor relacionou as diferenças de ocorrências de CT, relacionadas às diferenças também na quantidade de informantes.

b) Faixa etária do informante:

Conforme mencionamos ao final do capítulo 3, dividimos os falantes entrevistados em três faixas etárias: informantes com menos de 15 anos, informantes entre 15 e 25 anos e informantes com mais de 25 anos de idade, como verifica-se na tabela nº 14:

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
Menos de 15 anos	84	30	189	69	273	44	.69
Entre 15 e 25 anos	60	41	84	58	144	23	.58
Mais de 25 anos	120	60	80	40	200	32	.40

Tabela nº 14: Faixa etária do informante.

Constatamos que as diferenças entre as faixas etárias não são muito grandes, sendo que falantes com idade inferior aos 15 anos tendem a utilizar CT com DE, com peso relativo .69; seguidos de falantes com idade entre 15 e 25 anos, com .58; e por último, com peso .40, falantes com mais de 25 anos de idade.

Esta preferência pela variedade padrão da língua na fase adulta está relacionada ao contato com a norma por intermédio da escola, meios de comunicação e/ou ambiente de trabalho (que tende a ser mais ou menos formal de acordo com o contexto), assim, o falante policia sua fala e tende a produzir enunciados mais próximos à norma.

c) Nível escolar do informante:

Para este grupo, selecionamos três níveis escolares: 1ª etapa do Nível Fundamental, que compreende do 1º ao 5º ano regular; 2ª etapa do Nível Fundamental, que compreende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; e Ensino Médio regular⁴⁰.

⁴⁰ A nomenclatura *regular* é comumente utilizada no ambiente escolar para distinguir o curso de doze anos (nove fundamental e três médio) dos cursos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), também conhecidos como aceleração, que tem menor duração, visando “recuperar” alunos que estão há muito tempo fora da escola. Porém, como a Escola José Ferreira não oferece mais salas de EJA, não incluímos este nível escolar dos dados da pesquisa.

	Anac		DE		totais		PR
	oc	%	oc	%	oc	%	
1ª etapa Ensino Fundamental	49	29	115	70	164	26	.70
2ª etapa Ensino Fundamental	17	37	28	62	45	7	.62
Ensino Médio	198	48	210	51	408	66	.51

Tabela nº 15: Nível escolar do informante.

Verificamos que os falantes iniciantes na vida escolar, tendem mais ao uso de DE como forma de organização frasal, com peso relativo .70; já falantes que estão cursando o Ensino Médio apresentam menor recorrência de DE, com peso .51.

Salles (2004) também constatou uma predominância do sujeito duplicado nos informantes de ensino fundamental.

Nossa análise mostrou que essas diferenças também estão relacionadas ao tempo de contato com a variedade padrão da língua, e com o papel social da escola, enquanto entidade difusora desta variedade linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho, analisamos o tópico na fala de alunos da Escola Estadual José Ferreira Barbosa. Partindo da hipótese que PB é uma língua com proeminência de tópico e de sujeito, verificamos a frequência do tópico na fala dos alunos; levantamos quais as construções mais recorrentes, averiguamos se há predomínio da ordem TSVC ou SVC, ou se ambas coexistem de maneira equilibrada na língua, e realizamos um estudo com Anacoluto e Deslocamento à Esquerda, as duas modalidades de tópico mais recorrentes em nosso corpus.

No que tange à organização da estrutura sintática dentro do grupo de falantes em questão, verificamos que as Construções de Tópico são recorrentes e compreendem 18% dos dados da amostra, porém há a predominância da ordem Sujeito-Verbo-Complementos, com 82% dos dados analisados.

Quanto às variáveis de CT, constatamos que as mais recorrentes são Deslocamento à Esquerda, com 51%, seguidos de Anacoluto, com 38%, e Topicalização em menor quantidade, com 9%. Como pontuamos nos capítulos anteriores, optamos por um estudo aprofundado das variáveis de CT mais recorrentes, uma vez que a versão GoldVarb 2001, nos permite somente análise binomial de dados linguísticos.

Quanto aos fatores linguísticos, observamos oito variáveis: classificação morfológica do tópico, transitividade verbal, sujeito explícito ou implícito, presença do elemento contrastivo, presença do elemento de interferência, dimensão do tópico, número e pessoa do verbo, e estrutura de DE.

Para o primeiro grupo, verificamos que substantivos e pronomes são mais recorrentes no tópico, sendo que os pronomes apresentam maior peso em DE, .89, e o substantivo apresenta peso relativo .58. Se observarmos o SN *versus* SV, verificamos que o SN é muito mais expressivo.

Quanto à transitividade verbal, VTD apareceram maiores percentagens (36%), seguido de VI (27%), mas ao atribuímos DE como valor de aplicação, constatamos que as sentenças-comentário cujo núcleo verbal é composto por VTI tendem mais à ocorrência de DE, com peso relativo .69, seguido de VTD com peso .66.

No grupo três, buscamos averiguar se o sujeito explícito ou o sujeito implícito favorece a presença de DE. Tanto em percentagens totais (88%) ou em peso relativo (.62), o sujeito explícito mostrou-se uma variante representativa para a ocorrência do fenômeno em questão. Este resultado está consoante com a tendência de preenchimento do sujeito recorrente em PB que tem se mostrado com base em estudos da modalidade falada.

Quanto à variável elemento contrastivo, é relevante notar que, de uma forma geral, a ausência de contraste, seja marcada sintática ou semanticamente, foi mais recorrente na fala dos nossos informantes, compreendendo 77% dos dados. Ao marcarmos DE como valor de aplicação, constatamos que a presença do elemento contrastivo favorece a presença de DE, com peso relativo .64.

No que diz respeito à variável elemento interferente, analisamos apenas DE, pois somente essa variável de CT apresenta em sua estrutura o pronome-lembrante ou pronome-cópia, assim nosso objetivo foi verificar se a distância entre o tópico e a sentença-comentário favorece a presença de DE, uma vez que o falante sente necessidade de fazer referência ao tópico para que o seu interlocutor não

perca o mote frasal. Constatamos que 71% de DE apresentavam elemento interferente, confirmando nossa hipótese de que a distância entre tópico e sentença-comentário favorece a variável DE.

Já a extensão do tópico não mostrou-se relevante para a presença de DE, pois tópicos menores com até três sílabas apresentaram peso relativo .70, tópicos de quatro a seis sílabas apresentaram peso .46, e os tópicos maiores representam a menor parte dos dados, com peso .44. Com isso, concluímos que tópicos menores favorecem DE e tópicos maiores favorecem Anac.

Quanto ao número e pessoa do verbo, verificamos que, de uma forma geral, a 3ª pessoa do singular é muito mais recorrente, compondo 59% dos dados, seguida da 1ª pessoa do singular, com 25%. Já os pesos relativos revelam que a 1ª pessoa do plural (nós) favorece a presença de DE (.89), seguida da 3ª pessoa do singular (.65).

Nosso último grupo de fatores linguísticos, refere-se à estrutura de DE. Nesta etapa constatamos que nem sempre o elemento de referência ao tópico que aparece na sentença-comentário é obrigatoriamente um pronome, em alguns casos o tópico foi retomado através de um SN. Porém, esta estrutura foi pouco recorrente (entre 12 e 3%). As duas estruturas mais encontradas foram SN+PN, em que o tópico é composto por um sintagma nominal retomado por um pronome (51%) e PN+PN (28%) em que o tópico é formado por um pronome que é retomado por outro pronome na sentença-comentário.

Quanto às variáveis sociais, percebemos que quanto menor o contato com a norma, maior é a ocorrência da variante popular. Assim os alunos que estão em seus primeiros anos do ensino fundamental tendem mais ao uso de DE, com peso relativo .70, os alunos na segunda etapa do ensino fundamental apresentam

peso .62, e os alunos do ensino médio, já com muitos anos de contato com a escola, apresentam menor tendência ao uso de DE, com peso relativo .51.

A variável faixa etária, acompanha o nível escolaridade no que tange à tendência de uso de DE, a variável de CT mais recorrente no grupo de falantes entrevistados. Os informantes menores de 15 anos, tendem mais ao uso de DE como estrutura organizadora da sentença; seguidos dos informantes com idade entre 5 e 25 anos, com peso relativo .58; os alunos que estão cursando o ensino médio, apresentaram peso relativo .40.

Já a variável sexo do informante, mostrou-se equilibrada, apresentando peso relativo .57, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. Diferente de outras pesquisas sociolinguísticas, as quais apontaram o uso maior da variedade padrão pelas mulheres e a variedade popular mais recorrente entre os homens.

Por fim, constatamos que a presença do tópico está relacionada à função da língua enquanto fato social: comunicar. Para que a comunicação aconteça com qualidade e a mensagem seja clara, o falante usa recursos linguísticos para destacar o tema a ser tratado e/ou retomá-lo em determinado momento da fala. Assim, a presença do tópico está relacionada a este destaque que o falante dá ao mote, colocando-o no início da sentença e sua retomada acontece por meio do pronome-lembrete, característica do DE, variável de CT mais recorrente em nossa amostra.

Acreditamos que é de suma importância a descrição das variações língua, para que estas possam subsidiar pesquisas e análises do idioma no futuro. A compreensão e a interpretação dos fenômenos da linguagem oral auxiliarão diretamente o professor no ensino da língua materna, pois já está comprovado que as variações linguísticas interferem no aprendizado da modalidade culta do idioma,

priorizada na educação escolar. Assim, esperamos que esta pesquisa contribua para a compreensão da língua enquanto instrumento de comunicação social por excelência, que reflete a sociedade em que está inserida, variando em tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Deusdélia Pereira de; VILLA da SILVA, Rosângela. *A linguagem dos pescadores de Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2008

BRAGA, Maria Luiza. *Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação*. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 101 - 116.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELFORD, Elaine de Moraes. *Topicalização de objetos e deslocamento e sujeito na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Dissertação de Mestrado em Linguística. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/eliaine_%20de_morais_belford.pdf> Acessado em: 01.11.2006.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. *O sujeito de 3ª pessoa: um estudo em tempo real*. Rio de Janeiro: Cadernos CNLF, série IX, nº 2, 2005. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/4/14.htm>>, acessado em 01.02.2009.

BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, a gente e o bóia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CALLOU, Dinah, et alii. *Topicalização e Deslocamento á esquerda: sintaxe e prosódia*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol. III. 3.ed. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 315-630.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Castelar de. *Saussure e a Língua Portuguesa*. UFRJ, ABF. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>>, acessado em 01.05.2008.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino do português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CAZAROTTO, Suely Aparecida; ONOFRE, Diana Pilatti. *Rotacismo: em final de sílaba, no interior da palavra: um estudo do comportamento linguístico de falantes da cidade de Angélica – MS*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. vol. 2: ensino médio. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 9 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Construções de Tópico em Português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal*. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p.113-139.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI *et alii* (orgs.) *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/fbonfim/biblioteca/artigos/O%20sujeito%20expletivo%20e%20as%20construcoes%20existenciais.pdf>>, acessado em 01.02.2009.

GUY, Gregory R. e ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa – instrumento de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e escritas*. São Paulo: Scipione, 2004.

KATO, Mary Aizawa. *et alii*. *Preenchimento sintático nas fronteiras de constituintes*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol. III. 3.ed. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 235-269.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Tradução José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

LEITE, Yonne, *et alii*. *Tópicos e adjuntos*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (orgs). *Gramática do Português Falado*. vol IV. 2.ed. rev. Campinas/SP: Unicamp, 2002, p. 313-330.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA* [on-line]. 1998, vol.14, n.2, p. 405-422. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006>, acessado em 02.02.2009.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MARTINS, Maria Luísa Aparecida Resende. *Uma análise sociolinguística das construções de tópico na fala uberlandense*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Uberlândia, MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2005, 130 p. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/dissertacoes/DISSERT181.PDF>>. Acessado em: 03.11.2006.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. *Abordagens Funcionalistas*. Revista Letra Magma: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 03, n. 04, 1º semestre de 2006. Disponível em <<http://www.letramagma.com/Abordagens.pdf>> acessado em 20.07.2009.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não-linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luíza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27 - 31.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUNIZ, Cleuza Andréa Garcia. *Nós e a gente: traços sociolinguísticos no assentamento*. Campo Grande (MS): UFMS, 2008. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *Constituintes Sentenciais: preenchimento, queda e ordenação*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1989.

_____. *O Tópico em Língua Escrita*. Uberlândia/MG: Revista Letras & Letras, v. 12, 1, 2, Jul./Dez. 1996, p. 149-161.

_____. (orgs) *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: UFMS, 2007.

_____. *A variação linguística no Brasil*. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, EdUFF, 2008, p. 93-100.

OMENA, Nelize Pires de, DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis Morfosintáticas. In MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 81 - 88.

ORRICO, Helio Ferreira, FERNANDES, Edicléia Mascarenhas. *Preconceito linguístico e exclusão social: a Sociolinguística como uma ciência inclusiva*. Cadernos do CNFL, série X, número 11, 2006. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/17/12.htm>>, acessado em 23.02.2009.

ORSINI, Mônica Tavares. *Análise entonacional das construções de tópico*. Rio de Janeiro: UFRJ, IX CNLF, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/06.html>>. Acessado em: 03.09.2008.

_____. *As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva em tempo real*. Rio de Janeiro: UFRJ, VIII CNLF, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-07.html>>. Acessado em: 01.11.2006.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33 - 42.

PEZATTI, Erolilde Goreti; CAMACHO, Roberto Gomes. Functional AspeCT of Order of Constituents. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01.06.2008.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986. (Ensaio 125)

PRETI, Dino. *Passado e presente na linguagem dos idosos: um problema de estruturação tópico discurso*. In: PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, ano?, p. 75-101.

_____. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: Editora nacional, 1987.

PRETI, Dino & URBANO, Hudnilson (orgs) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, FADESP, 1990, vol. IV.

RAND, David. & SANKOFF David. *GoldVarb: A variable rule application for Macintosh*. Manual on-line, 1990. Disponível em <<http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/GoldVarb/GoldManual.dir/index.html>>, acessado em 22.07.2009.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen & TAGLIAMONTE, Sali. *GoldVarb 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows*. User's manual. October 2001. Disponível em <<http://courses.essex.ac.uk/lq/lq654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>> acessado em 22.07.2009.

ROCHA, Ioneide Negromente de Vasconcelos, ONOFRE, Diana Pilatti. *Apagamento do /r/ final na fala de estudantes universitários na região da Grande Dourados*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 45 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SALLES, Adriana Amaral Flores. *O fenômeno "sujeito duplo" no PB*. Londrina: UEL, 2004. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000100651>>. Acessado em: 01.11.2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, [1975?], p. 139.

SILVA, Jair Barbosa da. *Sobre o tópico sentencial, algumas considerações*. Revista Letra Magna, Ano 03, nº 5, 2º semestre de 2006, ISSN 1807-5193. Disponível em <<http://www.letramagna.com/topico.pdf>> Acessado em 03.07.2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TOMANIN, Cássia Regina. *Fotografias da fala de Alto Araguaia – MT*. Campinas: Unicamp, Instituto de estudos da Linguagem, 2003. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000318257#search=%22TOMANIN%20C%20C3%81SSIA%20REGINA%20%22>>. Acessado em: 02.11.2006.

TONIOLI, Selma; BARUFFALDI, Vanda. *Sociolinguística: uso e norma na fala urbana*. Revista da Pós-Graduação, vol. 1, n. 2 (2007). Disponível em <<http://www.fieo.br/edifio/index.php/posgraduacao/article/viewFile/148/241>>, acessado em 02.02.2009.

TORRES-MORAIS, Maria Aparecida C.R.. *DELTA* [online]. 2001, vol.17, n.1, p. 155-168. Resenha: KATO, Mary Aizawa & Esmeralda Vailati NEGRÃO (eds.) (2000) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Vervuert – Iberoamericana. 270 pp. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100007>, acessado em 01.02.2009.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico na fala popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2006. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/VascoSL.pdf>> Acessado em: 03.07.2007

VILLA da SILVA, Rosângela. *Aspectos da pronúncia do <S> em Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2004.

ANEXOS

nº 1: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

nº 2: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

nº 3: História em Quadrinhos utilizada para entrevista com informantes do nível F1.

Nº 4: Roteiro para entrevistas com informantes do nível F2 e EM.

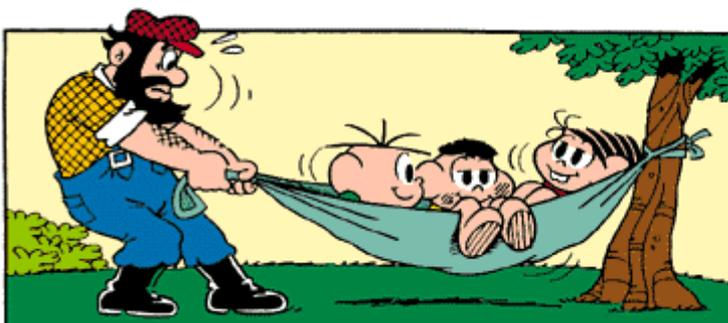
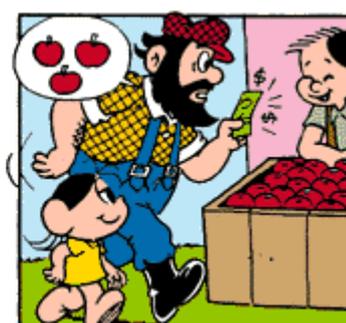
Nº 5: Relação de falantes entrevistados.

Nº 6: GoldVarb 2001 – Rodada 1.

Nº 7: GoldVarb 2001 – Rodada 2.

Nº 8: GoldVarb 2001 – Rodada 3 (final).

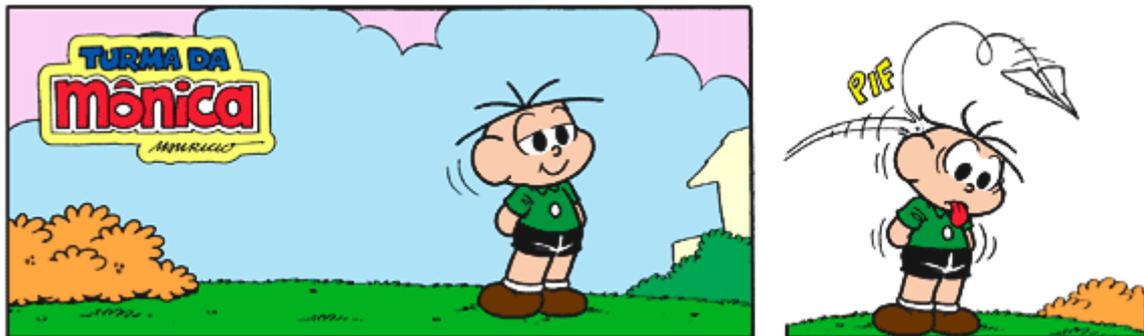
Anexo nº 1



Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tabloide/tab015.htm>>

Acessado em 05.08.2008.

Anexo nº 2

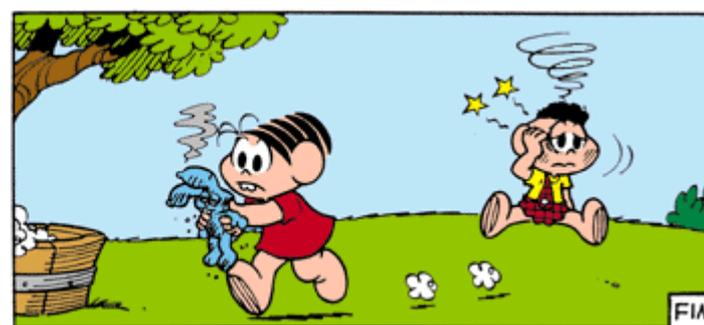
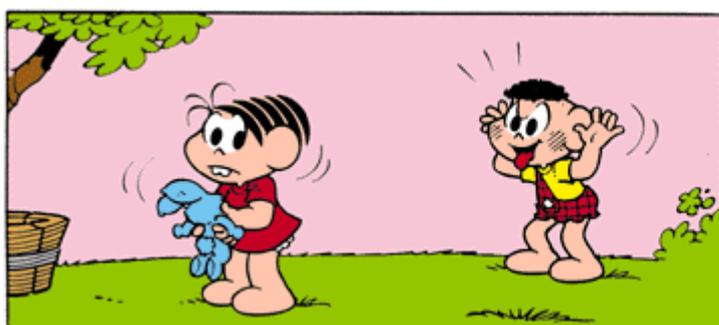


Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Disponível em <<http://tirinhastdm.blogspot.com/2007/09/cebolinha.html>>

Acessado em 05.08.2008.

Anexo nº 3



Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tabloide/tab006.htm>>

Acessado em 05.08.2009.

Anexo nº 4

Roteiro para entrevista⁴¹

1. Como você se vê ou se descreve?
2. Fale um pouco sobre sua família. Um fato que marcou ou alguma história engraçada?
3. O que você acha da situação econômica do país?
4. O que você acha do nosso presidente?
5. Se você fosse o Lula, o que faria?
6. O que você acha do jovem de hoje?
7. Você acha que as drogas ainda são um problema na sociedade? O que você faria para resolver esse problema?
8. E se você tivesse um filho que se envolvesse com drogas, o que faria?
9. Você já foi vítima de algum tipo de violência? Como você reagiu?
10. Se você pudesse mudar para outro lugar, para onde iria? Por quê?
11. Para quais cidades você já viajou?
12. Se você fosse dono de uma importante emissora de televisão, como seria a sua programação? O que você mudaria das emissoras atuais?
13. O que você faria se descobrisse que alguém está mentindo pra você?
14. Em que tipo de situação você mentiria?
15. Se você pudesse mudar alguma coisa do seu passado, o que mudaria?
16. Se você ganhasse sozinho na loteria, o que faria?
17. Se descobrisse que o mundo vai acabar em uma semana, o que você faria?

⁴¹ Adaptado de Martins (2005, anexos), com base em Villa da Silva (2004, p. 41).

18. Você gosta de esporte? Pratica algum tipo?
19. O que acha do desempenho da seleção nestas Olimpíadas?
20. Como foi sua infância? Existe algum fato que marcou sua vida quando era criança?
21. Você já se decepcionou com alguma pessoa muito conhecida? Ela pediu desculpas? Como você reagiu?
22. O que você acha que leva uma pessoa a cometer suicídio? Você conheceu alguém ou ouviu alguma história sobre isso?
23. Sobre segurança, você acha que nosso bairro é seguro? Qual sua opinião sobre o sistema penitenciário?
24. O que você acha da situação do idoso hoje?
25. Fale sobre algum filme que você gostou.
26. Você é uma pessoa supersticiosa? Você acredita em fantasmas?
27. Sonhos para o futuro...

Anexo nº 5

Relação de falantes entrevistados

Na tabela (A), apresentamos a relação de falantes entrevistados para este estudo. É importante observar aqui que os nomes apresentados na primeira coluna são fictícios, uma vez que buscamos resguardar a privacidade dos alunos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Na coluna dois, relacionamos a variante gênero: masculino ou feminino (representados por M e F, respectivamente); na terceira coluna relacionamos a idade do informante no momento da entrevista; e na quarta coluna relacionamos o nível escolar do informante: primeira etapa do ensino fundamental, de 1º ao 5º ano, segunda etapa do ensino fundamental, 6º ao 9º ano, e ensino médio (representado aqui por F1, F2 e EM, respectivamente).

Falante	Gênero	Idade	Escolaridade
1. Luo	M	06	F1
2. Mea	F	06	F1
3. Tai	F	06	F1
4. Vit	F	06	F1
5. Lui	M	06	F1
6. Fer / Tam	M	06	F1
7. Rod	M	10	F1
8. Kar	F	12	F2
9. Faa	F	12	F2

10. Joa	M	12	F2
11. Gab	F	13	EM
12. Raf	M	14	F2
13. Ari	F	16	EM
14. Luc	F	16	EM
15. Jes	F	16	EM
16. Ale	M	16	EM
17. Ali	M	17	EM
18. Pat	F	18	EM
19. Son	M	20	EM
20. Fab	F	30	EM
21. Ger	M	37	EM
22. Mar	F	39	EM
23. Seb	M	39	EM
24. Mai	F	40	EM

Tabela (A): Relação de falantes entrevistados para este trabalho.

Anexo nº 6

GoldVarb 2001 – Rodada 1

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodada_correto01.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

)

Number of cells: 36

Application value(s): 0

Total no. of factors: 12

Group	Apps	apps	Total	Non-	%

1 (2)					
a	N	1	263	264	7
	%	0	99		
c	N	1	353	354	9
	%	0	99		
b	N	1	67	68	1
	%	1	98		
s	N	2957	1	2958	81
	%	99	0		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

2 (3)					
1	N	1238	299	1537	42
	%	80	19		
2	N	808	159	967	26
	%	83	16		
3	N	914	226	1140	31
	%	80	19		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

3 (4)					
f	N	1663	344	2007	55
	%	82	17		
m	N	1297	340	1637	44
	%	79	20		
Total	N	2960	684	3644	
	%	81	18		

```

-----
4 (5)
  1  N    782    181    963  26
     %     81     18
     .
     .
  2  N    182     47    229   6
     %     79     20
     .
     .
  3  N   1996    456   2452  67
     %     81     18
     .
     .
Total N   2960    684   3644
     %     81     18
-----
Total N   2960    684   3644
     %     81     18
-----

```

Name of new cell file: Untitled.cel
CROSS TABULATION

=====
Cell file: Untitled.cel
Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.
Group #2 -- vertically.

	a	%	c	%	b	%	s	%	.	%
1 0:	1	1:	1	1:	1	4:	1235	100	1238	81
-:	84	99:	190	99:	24	96:	1	0	299	19
·:	85	:	191	:	25	:	1236		1537	
2 0:	0	0:	0	0:	0	0:	808	100	808	84
-:	60	100:	84	100:	15	100:	0	0	159	16
·:	60	:	84	:	15	:	808		967	
3 0:	0	0:	0	0:	0	0:	914	100	914	80
-:	119	100:	79	100:	28	100:	0	0	226	20
·:	119	:	79	:	28	:	914		1140	
· 0:	1	0:	1	0:	1	1:	2957	100	2960	81
-:	263	100:	353	100:	67	99:	1	0	684	19
·:	264	:	354	:	68	:	2958		3644	

Binomial Varbrul, 1 step
=====
Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.
Averaging by weighting factors.

- One-level analysis only:One-level binomial analysis:

Run # 1, 36 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0,997

Group	Factor	Weight	App/Total	Input&Weight
1:	a	0,000	0,00	0,00

	c	0,000	0,00	0,00
	b	0,000	0,01	0,01
	s	0,941	1,00	1,00
2:	1	0,415	0,81	1,00
	2	0,596	0,84	1,00
	3	0,534	0,80	1,00
3:	f	0,684	0,83	1,00
	m	0,280	0,79	0,99
4:	1	0,882	0,81	1,00
	2	0,541	0,79	1,00
	3	0,309	0,81	0,99

Cell	Total	App'ns	Expected	Error
s3m3	340	340	339,662	0,338
s3f3	574	574	573,897	0,103
s2m3	388	388	387,700	0,300
s2f3	420	420	419,941	0,059
s1m2	106	106	105,935	0,065
s1m1	463	463	462,955	0,045
s1f3	274	274	273,921	0,079
s1f2	76	76	75,992	0,008
s1f1	317	316	316,994	179,591
c3m3	42	0	0,011	0,011
c3f3	37	0	0,055	0,055
c2m3	31	0	0,011	0,011
c2f3	53	0	0,102	0,102
c1m2	18	0	0,008	0,008
c1m1	83	0	0,230	0,230
c1f3	46	0	0,042	0,042
c1f2	10	0	0,024	0,024
c1f1	34	1	0,516	0,461
b3m3	16	0	0,028	0,028
b3f3	12	0	0,116	0,117
b2m3	10	0	0,022	0,023
b2f3	5	0	0,062	0,063
b1m2	2	0	0,006	0,006
b1m1	10	0	0,178	0,181
b1f3	7	0	0,042	0,042
b1f1	6	1	0,547	0,413
a3m3	55	0	0,029	0,029
a3f3	64	0	0,185	0,185
a2m3	24	0	0,016	0,016
a2m2	1	0	0,002	0,002
a2f3	35	0	0,130	0,130
a1m2	11	0	0,009	0,009
a1m1	37	0	0,198	0,199
a1f3	19	0	0,034	0,034
a1f2	5	0	0,023	0,024
a1f1	13	1	0,377	1,063

Total Chi-square = 184,0938

Chi-square/cell = 5,1137

Log likelihood = -24,988

Anexo nº 7

GoldVarb 2001 – Rodada 2

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodadaabc22.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

(13)

(14)

)

Number of cells: 601

Application value(s): abc

Total no. of factors: 45

Group		a	b	c	Total	%

1	(2)					
1	N	84	24	189	297	43
	%	28	8	63		
2	N	60	15	84	159	23
	%	37	9	52		
3	N	119	28	79	226	33
	%	52	12	34		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

2	(3)					
f	N	135	29	178	342	50
	%	39	8	52		
m	N	128	38	174	340	49
	%	37	11	51		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

3	(4)					
1	N	49	15	115	179	26
	%	27	8	64		
2	N	17	2	28	47	6
	%	36	4	59		

3	N	197	50	209	456	66
	%	43	10	45		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

4	(5)					
5	N	15	1	93	109	15
	%	13	0	85		
6	N	166	49	230	445	65
	%	37	11	51		
7	N	33	14	13	60	8
	%	55	23	21		
8	N	49	3	16	68	9
	%	72	4	23		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

5	(6)					
s	N	218	62	259	539	79
	%	40	11	48		
c	N	45	5	93	143	20
	%	31	3	65		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

6	(7)					
2	N	77	32	147	256	37
	%	30	12	57		
5	N	4	3	5	12	1
	%	33	25	41		
6	N	47	3	75	125	18
	%	37	2	60		
7	N	86	7	83	176	25
	%	48	3	47		
3	N	31	14	34	79	11
	%	39	17	43		
4	N	18	8	8	34	4
	%	52	23	23		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

7	(8)					
g	N	17	2	28	47	6
	%	36	4	59		
c	N	125	25	239	389	57
	%	32	6	61		

a	N	99	35	61	195	28
	%	50	17	31		
b	N	10	1	0	11	1
	%	90	9	0	* KnockOut *	
d	N	2	1	12	15	2
	%	13	6	80		
e	N	10	3	12	25	3
	%	40	12	48		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

8 (9)						
e	N	206	53	336	595	87
	%	34	8	56		
i	N	57	14	16	87	12
	%	65	16	18		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

9 (10)						
o	N	189	50	166	405	59
	%	46	12	40		
i	N	74	17	186	277	40
	%	26	6	67		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

10 (11)						
2	N	107	22	90	219	32
	%	48	10	41		
1	N	90	28	210	328	48
	%	27	8	64		
3	N	66	17	52	135	19
	%	48	12	38		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

11 (12)						
u	N	148	30	192	370	54
	%	40	8	51		
h	N	115	37	160	312	45
	%	36	11	51		
Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

12 (13)						
i	N	0	18	0	18	28
	%	0	100	0	* KnockOut *	

d	N	0	36	0	36	56
	%	0	100	0	* KnockOut *	
c	N	0	9	0	9	14
	%	0	100	0	* KnockOut *	
s	N	0	1	0	1	1
	%	0	100	0	* KnockOut *	
Total	N	0	64	0	64	
	%	0	100	0		

13	(14)					
3	N	3	0	182	185	51
	%	1	0	98	* KnockOut *	
1	N	1	0	10	11	3
	%	9	0	90	* KnockOut *	
2	N	3	0	99	102	28
	%	2	0	97	* KnockOut *	
4	N	1	0	45	46	12
	%	2	0	97	* KnockOut *	
6	N	1	0	6	7	1
	%	14	0	85	* KnockOut *	
5	N	0	0	5	5	1
	%	0	0	100	* KnockOut *	
Total	N	9	0	347	356	
	%	2	0	97		

Total	N	263	67	352	682	
	%	38	9	51		

Name of new cell file: Untitled.cel

CROSS TABULATION

=====

Cell file: Untitled.cel

Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

	1	%	2	%	3	%	.	%
f a:	36	26:	35	38:	64	57	135	39
b:	12	9:	5	5:	12	11	29	8
c:	88	65:	53	57:	37	33	178	52
·:	136	:	93	:	113		342	
m a:	48	30:	25	38:	55	49	128	38
b:	12	7:	10	15:	16	14	38	11
c:	101	63:	31	47:	42	37	174	51

•:	161	:	66	:	113		340
+-----+							
• a:	84	28:	60	38:	119	53	263 39
b:	24	8:	15	9:	28	12	67 10
c:	189	64:	84	53:	79	35	352 52
•:	297	:	159	:	226		682

Anexo nº 8

GoldVarb 2001 – Rodada 3 (final)

CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\MEL\dissertação\1ª rodada\rodadaab.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

(13)

(14)

)

Number of cells: 538

Application value(s): c

Total no. of factors: 41

Group	Apps	apps	Total	Non- %

1 (2)				
1	N	189	84	273
	%	69	30	44
2	N	84	60	144
	%	58	41	23
3	N	80	120	200
	%	40	60	32
Total	N	353	264	617
	%	57	42	

2 (3)				
f	N	178	135	313
	%	56	43	50
m	N	175	129	304
	%	57	42	49
Total	N	353	264	617
	%	57	42	

3 (4)				
1	N	115	49	164
	%	70	29	26
2	N	28	17	45
	%	62	37	7

3	N	210	198	408	66
	%	51	48		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

4 (5)					
5	N	93	15	108	17
	%	86	13		
6	N	230	167	397	64
	%	57	42		
7	N	13	33	46	7
	%	28	71		
8	N	17	49	66	10
	%	25	74		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

5 (6)					
s	N	260	219	479	77
	%	54	45		
c	N	93	45	138	22
	%	67	32		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

6 (7)					
2	N	147	77	224	36
	%	65	34		
3	N	34	31	65	10
	%	52	47		
5	N	5	4	9	1
	%	55	44		
6	N	76	47	123	19
	%	61	38		
7	N	83	87	170	27
	%	48	51		
4	N	8	18	26	4
	%	30	69		
Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

7 (8)					
g	N	28	17	45	7
	%	62	37		
a	N	61	99	160	25
	%	38	61		

c	N	239	126	365	59
	%	65	34		
b	N	1	10	11	1
	%	9	90		
e	N	12	10	22	3
	%	54	45		
d	N	12	2	14	2
	%	85	14		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

8 (9)					
e	N	337	206	543	88
	%	62	37		
i	N	16	58	74	11
	%	21	78		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

9 (10)					
o	N	167	189	356	57
	%	46	53		
i	N	186	75	261	42
	%	71	28		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

10 (11)					
2	N	91	107	198	32
	%	45	54		
1	N	210	90	300	48
	%	70	30		
3	N	52	67	119	19
	%	43	56		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

11 (12)					
u	N	193	148	341	55
	%	56	43		
h	N	160	116	276	44
	%	57	42		

Total	N	353	264	617	
	%	57	42		

12 (13) * No Factors *

```

-----
13 (14)
  6  N      6      1      7  1
     %      85     14
-----
  2  N     100     1     103 28
     %      97      2
-----
  1  N      10      1     11  3
     %      90      9
-----
  3  N     182     1     185 51
     %      98      1
-----
  4  N      45      1     46 12
     %      97      2
-----
  5  N       5      1      6  1
     %      83     16
-----
Total N     348     7     358
     %      97      2
-----
Total N     353     264     617
     %      57      42
-----

```

Name of new cell file: Untitled.cel

CROSS TABULATION

=====

Cell file: Untitled.cel

Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

	1	%	2	%	3	%	.	%
f c:	88	71:	53	60:	37	37	178	57
-:	36	29:	35	40:	64	63	135	43
·:	124	:	88	:	101		313	
m c:	101	68:	31	55:	43	43	175	58
-:	48	32:	25	45:	56	57	129	42
·:	149	:	56	:	99		304	
· c:	189	69:	84	58:	80	40	353	57
-:	84	31:	60	42:	120	60	264	43
·:	273	:	144	:	200		617	

Binomial Varbrul, 1 step

=====

Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.

Averaging by weighting factors.

- One-level analysis only:One-level binomial analysis:

Run # 1, 540 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0,929

Group Factor Weight App/Total Input&Weight

1:	1	0,720	0,69	0,97
	2	0,245	0,58	0,81
	3	0,385	0,40	0,89
2:	f	0,412	0,57	0,90
	m	0,589	0,57	0,95
3:	1	0,362	0,70	0,88
	2	0,707	0,62	0,97
	3	0,533	0,51	0,94
4:	5	0,797	0,86	0,98
	6	0,452	0,58	0,92
	7	0,187	0,28	0,75
	8	0,490	0,27	0,93
5:	s	0,475	0,54	0,92
	c	0,585	0,67	0,95
6:	2	0,608	0,66	0,95
	3	0,144	0,52	0,69
	5	0,106	0,56	0,61
	6	0,546	0,61	0,94
	7	0,577	0,49	0,95
	4	0,182	0,31	0,74
7:	g	0,399	0,62	0,90
	a	0,815	0,38	0,98
	c	0,325	0,65	0,86
	b	0,472	0,09	0,92
	e	0,702	0,55	0,97
	d	0,916	0,86	0,99
8:	e	0,557	0,62	0,94
	i	0,154	0,22	0,70
9:	o	0,474	0,47	0,92
	i	0,536	0,71	0,94
10:	2	0,466	0,46	0,92
	1	0,623	0,70	0,96
	3	0,263	0,44	0,82
11:	u	0,465	0,57	0,92
	h	0,543	0,58	0,94
12:	d	0,500	0,50	0,93
	i	0,500	0,50	0,93
13:	6	0,027	0,86	0,27
	2	0,179	0,95	0,74
	1	0,187	0,91	0,75
	3	0,719	0,98	0,97
	4	0,675	0,98	0,96
	5	0,341	0,83	0,87